

**ANEXO A – ESTUDO COMPARATIVO DAS TRADUÇÕES DE
HELIODORA E NUNES**

Sonho de Uma Noite de Verão

Tradução de Carlos Alberto Nunes
Rio de Janeiro, Ediouro, 19__.

Personagens:

TESEU, Duque de Atenas.
EGEU, pai de Hérnia.
LISANDRO, apaixonado de Hérnia.

DEMÉTRIO, apaixonado de Hérnia.

FILÓSTRATO, diretor de festas na corte de Teseu.
QUINCE, carpinteiro.
SNUG, marceneiro.
BOTTOM, tecelão.
FLAUTA, remenda-foles.

SNOOT, caldeireiro.
STARVELING, alfaiate.
HIPÓLITA, rainha das amazonas, noiva de Teseu.
HÉRMIA, filha de Egeu, apaixonada de Lisandro.
HELENA, apaixonada de Demétrio.
OBERON, rei dos elfos.
TITÂNIA, rainha dos elfos.
PUCK, ou o Bom Robim.

FLOR-DE-ERVILHA, elfo

TEIA-DE-ARANHA, elfo

TRAÇA, elfo.
SEMENTE-DE-MOSTARDA, elfo.

Outros elfos do séquito de Oberon e Titânia.
Séquito de Teseu e Hipólita.

Sonho de Uma Noite de Verão

Tradução de Bárbara Heliodora
Rio de Janeiro, Lacerda, 2004.

Personagens:

TESEU, Duque de Atenas.
EGEU, pai de Hérnia.
LISANDRO, jovem cortesão apaixonado por Hérnia.
DEMÈTRIO, jovem cortesão apaixonado por Hérnia.
FILOSTRATO, mestre dos festejos de Teseu.

QUINA, o carpinteiro – Prólogo no Interlúdio.
JUSTINHO, o marceneiro – Leão no Interlúdio
BOBINA, o tecelão – Píramo no Interlúdio.
SANFONA, o remendão de foles – Tisbe no Interlúdio.
BICUDO, o funileiro – Parede no Interlúdio.
FOMINHA, o alfaiate – Luar no Interlúdio.
HIPÓLITA, rainha das Amazonas, noiva de Teseu.
HÉRMIA – apaixonada por Lisandro.

HELENA – apaixonada por Demétrio.
OBERON – Rei das Fadas.
TITÂNIA – Rainha das Fadas.
PUCK ou **ROBIN GOODFELLOW**, bobo e servidor de Teseu.
ERVILHA DE CHEIRO,
fada a serviço de Titânia.
TEIA DE ARANHA,
fada a serviço de Titânia.
MARIPOSA, fada a serviço de Titânia.
SEMENTE DE MOSTARDA,
fada a serviço de Titânia.
UMA FADA, a serviço de Titânia.
Outras fadas no séquito de Oberon e Titânia.

Nobres e criados dos séquitos de Teseu e Hipólita.

CENA

Atenas e um bosque próximo.

ATO I**Cena I**

*Atenas. O palácio de Teseu.
Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato e
pessoas do séquito.*

TESEU –

Depressa, bela Hipólita, aproxima-se
A hora de nossas núpcias. Quatro dias
felizes nos trarão uma outra lua.
Mas, para mim, como esta lua velha
se extingue lentamente! Ela retarda
meus anelos, tal como o faz madrasta
ou viúva que retém os bens do herdeiro.

HIPÓLITA –

Mergulharão depressa quatro dias
na negra noite; quatro noites, presto,
farão escoar o tempo como em sonhos.
E então a lua que, como arco argênteo.
No céu ora se encurva, verá a noite
Solene do esposório.

TESEU – Vai, Filóstrato,
concita os atenienses para a festa,
desperta o alegre e buliçoso espírito
da alegria, despacha para os ritos
fúnebres a tristeza, que essa pálida

hóspede não vai bem em nossas pompas.

(Sai Filóstrato)

De espada em mão te fiz a corte, Hipólita;
o coração te conquistei à custa
de violência; mas quero desposar-te
com música de tom mais auspicioso,
com pompas, com triunfos, com festejos.

*(Entram Egeu, Hérnia, Lisandro e
Demétrio).*

EGEU –

Salve, Teseu, nosso famoso duque!

TESEU –

Bom Egeu, obrigado. Que há de novo?

EGEU –

Cheio de dor, venho fazer-te queixa
de minha própria filha, Hérnia querida.
Vem para cá, Demétrio. Nobre lorde,
tem este homem o meu consentimento
para casar com ela. Agora avança,
Lisandro. E este, meu príncipe gracioso,
o peito de Hérnia traz enfeitiçado.
Sim, Lisandro, tu mesmo, com tuas rimas!

ATO I**Cena I**

(Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato e Séquito)

TESEU –

Aproxima-se a hora, bela Hipólita,
De nossas núpcias. Quatro alegres dias
Trarão a lua nova; mas, pra mim,
Como é lento o minguante! Ao meu desejo
Ele lembra a madrasta ou tia velha
Que custa a dar ao jovem a sua herança.

HIPÓLITA –

Quatro dias em breve serão noites;
Quatro noites do tempo farão sonhos:
E então a lua nova, arco de prata
Retesado no céu, verá a noite
De nossas bodas.

TESEU – Filostrato, vai!

Conclama a Atenas jovem pra a alegria;
Desperta o espírito do riso leve;
Melancolia é bom pra funerais:
Não quero gente triste em nossa festa.
(Sai Filostrato)

Querida, fiz-lhe a corte com uma espada,
E conquistei-lhe o amor com rudes golpes;
Mas vamos nos casar num outro tom,
Com pompas, com triunfos e com festas.

*(Entram Egeu, sua filha Hérnia, Lisandro e
Demétrio.)*

EGEU –

Salve Teseu, nosso afamado duque!

TESEU –

Bom Egeu, obrigado. O que há de novo?

EGEU –

Aqui venho vexado, pra queixar-me,
E acusar a Hérnia, minha filha.
Demétrio, vem aqui. Nobre senhor,
Este homem teve a minha permissão
Pra casar-me com ela. Aqui, Lisandro.
Mas este, meu senhor, com encantamentos,
Prendeu-me a filha. Tu lhe deste versos,
Trocaste juras com a minha Hérnia,

Prendas de amor com ela tu trocaste;
 sob a sua janela, à luz da lua,
 cantaste-lhe canções com voz fingida,
 versos de amor fingido, e cativaste
 as impressões de sua fantasia
 com cachos de cabelo, anéis, brinquedos,
 ramalhetes, docinhos, ninharias,
 mensageiros de efeito decisivo
 nas jovens ainda brandas. Com astúcia,
 à minha filha o coração furtaste,
 mudaste-lhe a filial obediência
 em dura teimosia. Por tudo isso,
 meu mui gracioso duque, se ela, agora,
 diante de Vossa Graça, com Demétrio
 não quiser se casar, eu me reporto
 à antiga lei de Atenas que confere
 aos pais direito de dispor dos filhos.
 É minha filha, posso dispor dela.
 Ou a entregarei para este cavaleiro,
 ou para a morte, o que, sem mais delongas,
 segundo nossa lei, deve ser feito.

TESEU –

Hérnia, que respondeis? Sede prudente,
 bela menina. Como a um deus devíeis
 ver sempre vosso pai, um deus que vossa
 formosura plasmou, pois sois apenas
 a cera a que ele conferiu a forma,
 restando-lhe o poder de conservá-la,
 ou de esfazer a imagem. É Demétrio
 cavaleiro mui digno.

HÉRMIA – E assim Lisandro.

TESEU –

Sim, em si mesmo; mas uma vez que ele
 com vosso pai não conta, deveríeis
 o outro considerar como mais digno.

HÉRMIA – Ah, se meu pai o visse com
 meus olhos!

TESEU – Com o juízo dele é que razoável
 fora

Que vosso olhos vissem.

HÉRMIA –

Vossa graça
 me perdoe, mas não sei que força oculta
 me dá tanta ousadia, nem compreendo
 como a minha modéstia me consente
 defender minha causa em tal presença.
 Suplico a Vossa Graça declarar-me
 o que de pior me tocará por sorte,
 se eu me negar a desposar Demétrio.

TESEU –

Fizeste-lhe serestas ao luar,
 Fingindo amor com voz esganiçada,
 Captando toda a sua fantasia,
 Com fios de cabelo, anéis, bobagens,
 Berloques, florzinhas e até doces
 (Que falam forte à fraca juventude).
 Com mil ardis roubaste o coração
 De minha filha, e sua obediência
 (Que era minha) agora é teimosia.
 Bom duque, se ela aqui, aos vossos olhos,
 Não aceitar casar-se com Demétrio,
 Invoco a antiga lei ateniense:
 Sendo minha filha, posso eu dela dispor;
 Ou ela vai pra este cavaleiro,
 Ou pra morte, segundo a nossa lei,
 Que abrange todo caso igual a este.

TESEU – O que diz, Hérnia? E pense bem,
 mocinha:

Seu dever é ter seu pai como um deus,
 Aquele que compôs sua beleza,
 Pra quem você não passou de uma cera
 Que ele mesmo moldou, com seu poder
 De dar-lhe forma ou de a desfigurar.
 Demétrio é um rapaz de grande mérito...

HÉRMIA – E Lisandro também.

TESEU –

Como pessoa.

Porém, não tendo o voto de seu pai,
 Temos de achar que o outro mais merece.

HÉRMIA – Se ao menos meu pai visse co'os
 meus olhos.

TESEU – Antes os seus devem julgar co'os
 dele.

HÉRMIA –

Eu rogo a Vossa Alteza que perdoe;
 Não sei que força encontro para ousar,
 Nem como ofendo, assim, o meu pudor,
 Por proclamar aqui meus pensamentos.
 Mas rogo a Vossa Graça que me informe
 Qual o pior castigo a que me arrisco,
 Se eu me recuso a desposar Demétrio.

TESEU –

Ou morrer morte crua, ou, para sempre,
Sair da sociedade. Por tudo isso,
formosa Hérnia, falai com vossas próprias
aspirações, pensai na mocidade,
examinai a fundo vosso sangue
e vede se é possível suportardes
um hábito de freira, para o caso
de recusardes a paterna escolha,
ficar encarcerada para sempre
num convento sombrio, como estéril
irmã passar a vida, hinos dolentes
cantar à lua infrutuosa e fria.
Abençoados três vezes os que podem,
dessa maneira, dominar o sangue
e a peregrinação fazer virgínea.
Mas muito feliz na terra é a rosa
que destilar se deixa do que quantas
no espinho virgem crescem, vivem,
morrem
em sua solitária beatitude.

HÉRMIA –

Assim crescer prefiro, meu bom lorde.
Viver e perecer, a ver os sacros
privilégios de minha mocidade
em poder de um senhor, cujo aborrido
jugo minha alma do íntimo repele.

TESEU –

Refleti mais um pouco. Na outra lua -
quando tiver de ser selado o liame
sempiterno entre mim e a minha amada -
nesse dia terei de decidir-vos
ou a morrer por desacato franco
à vontade paterna, ou a ser esposa
de Demétrio, ou a fazer no altar de Diana
juramento de eterna austeridade
num viver virginal e solitário.

DEMÉTRIO –

Hérnia, concorda; e tu, Lisandro, deixa
da pretensão de opor teus fracos títulos
ao meu direito certo e indiscutível.

LISANDRO – Do pai de Hérnia,
Demétrio, o afeto tendes;
casai com ele, então; seja ela minha.

EGEU – Lisandro zombador, é bem
verdade

que o meu amor é dele, e pois vai dar-lhe
tudo quanto possui: Hérnia pertence-me;
todo o direito que sobre ela tenho
a Demétrio o transfiro.

LISANDRO –

Ou a pena de morte ou o repúdio
Eterno da presença masculina.
Portanto, bela Hérnia, questione
Seus desejos de jovem e o seu sangue,
Pra saber se, negando a voz paterna,
Vai suportar o hábito de freira,
Preso pra sempre em obscuro claustro,
Vivendo irmã estéril toda a vida,
Cantando, à lua fria, frias loas.
Benditas as que o sangue assim dominam
E fazem casta peregrinação;
Porém é mais feliz aqui na Terra,
A rosa destilada do que aquela
Que, murchando no espinho, virgem cresce,
Vive e morre em solidão abençoada.

HÉRMIA –

Senhor, que assim eu cresça, viva e morra,
Antes que eu ceda a minha virgindade
À opressão de um amo indesejado,
que minh'alma não quer por soberano.

TESEU –

Refleta até chegar a lua nova,
Data que une a mim o meu amor
E faz-nos companheiros para sempre.
Esteja pronta, então para morrer
Por não querer obedecer seu pai.
Ou odebece e casa com Demétrio,
Ou no altar de Diana vai jurar
Viver pra todo o sempre casta e austera

DEMÉTRIO –

Concorde, Hérnia; e Lisandro, ceda
Sua posse louca ao meu direito certo

LISANDRO – Demétrio, você tem o amor do
pai,

Eu o de Hérnia; case-se com ele.

EGEU – Desdenhoso Lisandro, é bem verdade:

Ele tem meu amor; e o que é meu

O meu amor dará a ele; e ela

É minha e meus direitos sobre ela

Eu concedo a Demétrio.

LISANDRO –

Eu sou, milorde,
de família tão nobre quanto a dele;
de patrimônio igual somos herdeiros;
maior é o meu amor. Quanto aos favores
da fortuna mimoso sou como ele,
se não mais. Finalmente, o que suplanta
todas essas vanglórias: sou amado
da irresistível Hérnia. Por que causa
não me bater em prol do meu direito?
Demétrio –ao rosto lanço-lhe isto– a filha
de Nedar namorou e a alma ganhou-lhe.
E ela, coitada, piamente o adora,
adora até quase à loucura a este homem
volúvel e culpado

TESEU – Sim, já ouvira
falar por alto nisso e pretendia
conversar com Demétrio a esse respeito;
mas por excesso de negócios próprios
não me lembrou fazê-lo. Mas, Demétrio,
vinde comigo; e vós, também, Egeu.
Tenho de vos dizer duas palavras
muito em particular. No que respeita
vossa pessoa, irresistível Hérnia,
faizei esforço para que os caprichos
deixeis de acordo com o querer paterno;
se não, será forçoso vos dobrardes
às leis de Atenas que, de nenhum modo,
podemos atenuar: ou morte crua,
ou o juramento de viver solteira.
Minha Hipólita, vamos. Que se passa
contigo, meu amor? Vinde conosco,
Demétrio e Egeu; necessidade tenho
de ambos vós, não somente para afesta,
como também para tratar convosco
de algo que aos dois de perto diz respeito.

EGEU –
Alegres e obedientes vos seguimos.
*(Saem Teseu, Hipólita, Egeu, Demétrio e
séquito)*

LISANDRO –
Então, minha querida, por que as faces
tão pálidas assim? Qual o motivo
de murcharem tão rápido essas rosas?

HÉRMIA –
Talvez por falta de água que lhes viesse
da tempestade dos meus próprios olhos.

LISANDRO –
Oh Deus! Por tudo quanto tenho lido
ou das lendas e histórias escutado,
em tempo algum teve tranqüilo curso

Senhor, eu sou igual a ele em berço
E dotes; meu amor inda é maior;
Minha fortuna em tudo é semelhante,
Senão mais rica do que a de Demétrio.
E, mais que tudo que ele possa ter,
Eu sou amado pela bela Hérnia.
Não devo então buscar o meu direito?

Demétrio, e eu lhe digo isso na cara,
Antes de Hérnia namorou Helena,
Ganhou-lhe a alma e a pobre adora
Com devoção, e até com idolatria,
Esse homem infiel e inconstante.
TESEU – Confesso que já tive tal notícia
E pensei em falar disso a Demétrio;
Ocupado, porém, com assuntos meus,
Acabei esquecendo. Mas, Demétrio,
Venha comigo; e Egeu também. A ambos
Quero dar instruções particulares.
Hérnia, você precisa preparar-se
Pra submeter seus sonhos a seu pai;
Senão a lei de Atenas a entrega
(e não podemos nunca atenuá-la)
À morte ou ao voto de celibatária.
Vamos, Hipólita. O que foi, amor?

Demétrio e Egeu, venham comigo agora;
Quero dar-lhes tarefa que é ligada
Às nossas núpcias, e falar um pouco
De um outro assunto, que lhes diz respeito.

EGEU –
Nós o seguimos por dever e amor.
(Saem todos, menos Lisandro e Hérnia)

LISANDRO –
Então, amor? Por que ficou tão branca?
Por que já feneceram essas rosas?

HÉRMIA –
Talvez falta de chuva; mas eu posso
Regá-las com a torrente dos meus olhos

LISANDRO –
Em tudo aquilo que até hoje eu li,
Ou em lendas e histórias que eu ouvi,
O amor nunca trilhou caminhos fáceis:

o verdadeiro amor. Ou era grande
do sangue a diferença...

HÉRMIA –
Oh sofrimento!

nascer no alto e aceitar o cativo!

LISANDRO –

... ou mui disparatadas as idades....

HÉRMIA –

Oh dor! Unir-se a mocidade às cãs!

LISANDRO –

Ou tudo os pais, sozinhos, decidiam...

HÉRMIA –

Não há maior inferno: estranhos olhos
para escolher o amor!

LISANDRO –

... ou, quando havia
simpatia na escolha, a guerra, as doenças,
E a morte, conjuradas, o assaltavam,
qual simples som deixando-o, transitório,
tão curto como um sonho, movediço
como uma sombra instável, tão ligeiro
como raio de noite tempestuosa
que, de súbito, rasga o céu e a terra,
mas que antes de podermos dizer “Vede”
pelas fauces das trevas é tragado.

Tudo o que brilha, assim, em ruína acaba.

HÉRMIA –

Se sempre contrariados foram todos
os amantes sinceros, é que o próprio
destino o determina desse modo.

Que nos ensine, pois, a ser pacientes
a nossa provação, já que é desdita
final dos namorados, como os sonhos,
pensamentos, suspiros, dores, lágrimas,
do pobre amor são companheiros certos.

LISANDRO –

Isso consola. Porém, Hércia, escuta-me:

A sete léguas, só, de Atenas mora
minha tia, uma viúva muito rica
que, por filhos não ter, me considera
seu herdeiro exclusivo. Em casa dela,
minha Hércia encantadora, poderemos
casar-nos, por ficarmos, então, fora
das rigorosas leis dos atenienses.

Se me amas, foge da mansão paterna
na noite de amanhã. No bosquezinho
a uma légua distante da cidade
deverás encontrar-me, justamente
onde uma vez te vi em companhia

Seja por desavenças de família -

HÉRMIA –

Ó cruz, grande demais para ser leve -

LISANDRO –

ou por um desacerto nas idades -

HÉRMIA –

Ó ódio, que separa velho e jovem -

LISANDRO –

ou por interferência dos amigos -

HÉRMIA –

Ó inferno, ver o amor com olhos de outros -

LISANDRO –

Ou, quando existe acordo na escolha,
A guerra, a morte ou a doença atacam
E a transformam em som que mal se ouve,
Em sombra célere, em sonho rápido,
Em breve raio de negror da noite
Que em um momento mostra o céu e a terra,
Mas antes que alguém possa dizer “Veja!”
É devorado pela escuridão:
O que brilha num instante se confunde.

HÉRMIA –

Se o verdadeiro amor sempre sofreu,
Deve ser uma regra do destino.
Ensinemos então às nossas dores
A paciência, cruz que é costumeira,
Tão devida ao amor quanto lembrança,
Sonhos, suspiros, lágrimas, desejos,
Que são o séqüito da fantasia.

LISANDRO –

É bem lembrado, mas agora escute:
Tenho uma tia, de há muito viúva,
De grandes posses, mas que não tem filhos -
Que mora a sete léguas de Atenas
E que me tem como seu filho único.
Hércia, lá nós podemos nos casar
E lá não pode a rude lei de Atenas
Nos perseguir. Se, então, você me ama,
Foge amanhã da casa de seu pai
E à noite, já bem fora da cidade,
Na floresta (onde a encontrei um dia
Junto com Helena nos festins de maio)
Espero por você.

de Helena a realizar os sacros ritos
de uma manhã de maio.

HÉRMIA – Meu bondoso
Lisandro, eu juro pelo mais potente
arco do deus Cupido, por sua seta
melhor de penas de ouro, pelas meigas
pombas de Vênus, pelo que une as almas
e confere ao amor virentes palmas,
pelas chamas em que se abrasou Dido
após abandoná-la o Teucro infido,
pelas juras que a todos os instantes
violado têm os homens inconstantes,
mais do que numerosas, infinitas,
do que as que foram por mulheres ditas:
amanhã, sem faltar, no grato abrigo
de que falamos, estarei contigo.

LISANDRO –
Não faltes à palavra. Aí vem Helena.
(*Entra Helena*)

HÉRMIA –
Formosa Helena, por que tanta pressa?

HELENA –
Eu, formosa? Desmente-te depressa.
Ama Demétrio a tua formosura;
nesses olhos encontra a luz mais pura;
acha ele em tua voz mais melodia
do que o pastor na doce cotovia,
quando o trigo nos campos enverdece
E o pilriteiro de botões se tece.
Se, como as doenças, fosse contagiosa
também a formosura, eu, jubilosa,
me fizera infectar, ó Hérmia bela!
De teus encantos, sem maior cautela;
com tua voz ficara nos ouvidos;
teu olhar, nestes olhos combalidos;
tua fala de música esquisita
Consolidar viria a minha dita.
Se o mundo fosse meu, ficando fora
Demétrio, de todo ele, sem demora,
me desfizera, caso conseguisse
tua beleza obter, tua meiguice,
porque sendo, como és, o meu contraste,
seu coração bondoso conquistaste.

HÉRMIA –
Faço-lhe cara feia, ele me adora.

HELENA –
Tivesse eu risos feios desde agora!

HÉRMIA –
Digo-lhe doestos, e ele amor me vota.

HELENA –

HÉRMIA – Meu bom Lisandro,
Eu juro pelo arco de Cupido,
Pela ponta de ouro de sua flecha,
Pela pureza das pombas de Vênus,
Pelo que as almas une e o amor fomenta,
Pelo fogo que a Dido consumiu
Quando partiu o pérfido troiano,
Por toda jura por homem quebrada
(E são bem mais que a por mulher partida)
No local que você determinar,
Com você amanhã hei de encontrar.

LISANDRO –
Não falte, meu amor. Lá vem Helena.
(*Entra Helena*)

HÉRMIA –
Bela Helena, mas de onde vem correndo?

HELENA –
Disse bela? Pode ir se desdizendo.
Bela é você, que Demétrio aprecia:
Seus olhos são o norte, e a melodia
De sua língua é o canto do pastor
Quando o trigo está verde e o campo em flor.
Doença pega; por que não a face?
Quem me dera que a sua me pegasse!
O meu ouvido ia captar seu tom,
Meu olho o seu, a minha voz seu som.
Se o mundo fosse meu, eu só tirava
Pra mim Demétrio; o resto eu lhe entregava.
Diga que olhar... que foi... que jeito deu,
Que o coração de Demétrio prendeu?

HÉRMIA –
Fico emburrada e o amor dele cresce!

HELENA –
Se o meu sorriso esse efeito tivesse!

HÉRMIA –
É só xingar que ele fala de amor.

HELENA –

Quem me dera na voz tão doce nota!

HÉRMIA –

Vai de par seu ardor com o meu desdém.

HELENA –

Com o seu desprezo o meu amor também.

HÉRMIA –

De tal loucura a culpa não é minha.

HELENA –

É de tua beleza. Fosse a minha!

HÉRMIA –

Coragem! Por mais tempo ele não há de fazer juras com tal tenacidade, que eu e Lisandro, há um momento, apenas,

resolvemos fugir, sem mais, de Atenas.

Para mim era Atenas o paraíso,

quando não me encantara o seu sorriso.

Como é terrível este fogo interno

para, assim, transformar o céu no inferno!

LISANDRO –

Não queremos, Helena, ocultar nada:

amanhã, quando Febe a luz prateada

Nas águas refletir, cobrindo a relva

de pérolas e encanto dando à selva,

hora mais que propícia para a fuga

de quem, como nós dois, o amor conjuga,

eu e Hérnia combinamos da cidade

deixar as portas, rumo à liberdade.

HÉRMIA –

Naquele bosque em que, sobre canteiros

de primavera, instantes tão fagueiros

passamos tantas vezes, atenuando

com nossas confissões este ardor brando,

eu e Lisandro, que minha alma adora,

nos reuniremos ao raiar da aurora.

Se em Atenas não temos pouso amigo,

alhures acharemos grato abrigo.

Reza por nós, minha querida Helena,

e com Demétrio encontre vida amena.

Cumpre, Lisandro, agora o prometido

por mais que te angustie o dolorido

coração: do alimento dos amantes

privaremos a vista alguns instantes.

LISANDRO – O voto hei de cumprir,

minha Hérnia bela.

(Sai Hérnia)

Formosa Helena, adeus. Como eu a ela,

possa Demétrio ser-te dedicado,

transformando em ventura o teu cuidado.

(Sai)

Mas nem rezando eu consigo esse ardor.

HÉRMIA –

Mais o ódio, mais ele me rodeia.

HELENA –

Mais o rodeio, mais ele a mim odeia.

HÉRMIA –

Se ele está louco, a culpa não é minha.

HELENA –

Mas é bela, e a beleza não é minha.

HÉRMIA –

Alegre-se: o meu rosto vai sumir;

Lisandro e eu daqui vamos partir.

Até o dia em que o conheci,

Atenas era um céu que eu tinha aqui;

Não sei por que, mas este amor tão terno

Transformou o meu céu em inferno.

LISANDRO –

Nosso plano a você vou revelar:

Amanhã, quando a lua for olhar

No reflexo das águas seu semblante,

Para orvalhar a folha tremulante,

(Hora que esconde o amante foragido)

Nós dois de Atenas vamos ter fugido.

HÉRMIA –

E na floresta onde nós, unidas,

Deitávamos nas amplidões floridas,

Contando o que trazíamos no peito,

Lisandro e eu temos encontro feito;

Depois, Atenas nós não mais veremos.

Adeus, amiga. E se por nós orar,

A sorte o seu Demétrio há de lhe dar.

O nosso amor, Lisandro, vai jejuar

Até amanhã do alimento do olhar. *(Sai)*

LISANDRO – Sei disso, Hérnia. Helena,

agora adeus;

Que os sonhos de Demétrio sejam seus. *(Sai)*

HELENA –

Como é possível que a felicidade possa reinar em tal desigualdade! Em toda Atenas sou considerada tão formosa quanto Hérnia; mas a nada quer Demétrio atender. Ele, somente, ver não pode o que enxerga toda a gente. Erra ele ao se deixar pender do lindo semblante de Hérnia, tal como eu, caindo em igual erro, prendo o coração na sua compostura sem senão. As coisas baixas, sem valia alguma, de crassas deixa o Amor leves qual pluma. O Amor não vê com os olhos, mas com a mente; por isso é alado, e cego, e tão potente. Nunca deu provas de apurado gosto; cego e de asas: emblema de desgosto. Eterna criança: eis como é apelidado, por ser sempre na escolha malogrado. Como os meninos quebram juramentos, perjura o amor a todos os momentos. Assim Demétrio, quando Hérnia não via, me granizava juras noite e dia; mas ao calor do seu formoso riso dissolveu-se de súbito o granizo. Da formosa Hérnia vou contar-lhe a fuga. É certeza: no bosque ele madruga, para segui-la. A mim essa notícia vai ensejar de vê-lo a hora propícia. Se o vir na ida e na volta, de corrida, feliz me considero e enriquecida.

CENA II

O mesmo. Um quarto em casa de Quince. Entram Quince, Snug, Bottom, Flauta, Snout e Starveling

QUINCE –

Está aqui toda a nossa companhia?

BOTTOM –

Será melhor chamardes um por um, de acordo com a lista.

QUINCE – Aqui está o papel com a indicação do nome de todos os que em Atenas foram considerados capazes de representar o nosso interlúdio, diante do duque e da duquesa, na tarde do dia do seu casamento.

BOTTOM – Primeiro, Peter Quince,

HELENA –

Que bom alguém por outro ser feliz! Eu também sou bonita; é o que se diz; Mas Demétrio não acha. O que fazer? Só ele ignora o que não quer saber. Se ele é tolo ao amar o olhar dela, Ao amá-lo, eu caí numa esparrela. Às coisas vis, que não têm qualidade, O amor empresta forma e dignidade: Porque não vê co'os olhos, mas co'a mente, Cupido é alado e cego, à nossa frente: Amor não tem nem gosto nem razão; Asas sem olhos dão sofreguidão. Se Cupido é criança, a causa é certa:

Sua escolha muitas vezes é incerta. Como o menino rouba em brincadeira, Também Cupido trai, a vida inteira. Antes de pôr em Hérnia o seu olhar, Ele chovia juras de me amar; Mas quando Hérnia um vago alento deu, Parou a chuva e ele derreteu. Eu vou contar que Hérnia vai fugir, E amanhã pra floresta ele há de ir Atrás dela; e por essa informação, Hei de ter, de Demétrio, gratidão. Com isso a minha dor eu só aumento, mas terei seu olhar por um momento. *(Sai.)*

CENA II

(Entram Quina, o carpinteiro; Justinho, o marceneiro; Bobina, o tecelão; Sanfona, o remendão de foles; Bicudo, o funileiro; e Fominha, o alfaiate.)

QUINA –

A companhia está toda aqui?

BOBINA –

É melhor chamar todos em conjunto, de um em um, como está nos papéis.

QUINA – Esta é a lista do nome de todos os homens que Atenas inteira achou capazes de representar nosso drama, na frente do duque e da duquesa, no dia do casamento dele, de noite.

BOBINA – Primeiro, meu bom Quina, diga do

conta-nos o enredo da peça; depois, lê o nome dos atores, para entrarmos logo no assunto.

QUINCE – Ora bem, a nossa peça se intitula: A mais lamentável comédia, a mais cruel morte de Píramo e Tisbe.

BOTTOM – Uma bela peça, é o que vos digo, e divertida. E agora, meu bom Peter Quince, fazei a chamada dos atores, pela lista. Mestres, espalhai-vos!

QUINCE – Respondei à medida que eu for chamando. Nick Bottom, tecelão!

BOTTOM – Presente. Dizei qual seja a minha parte e prossegui.

QUINCE – Vós, Nick Bottom, estais inscrito para o papel de Píramo

BOTTOM – Que é Píramo? Amante ou tirano?

QUINCE – Amante, que se mata galantemente por questões de amor.

BOTTOM – Para sua execução será forçoso derramar algumas lágrimas. Se me toca esse papel, a assistência que tome conta dos olhos: provocarei tempestades, saberei de algum modo lamentar-me. Vamos aos outros. Contudo, ficaria melhor no papel de tirano; daria um Hércules de mão cheia, um rompe-e-rasga de partir um gato em dois.

O pico furioso
No mar estrondoso
Já vem tormentoso
Romper a prisão.
O carro nitente
De Fibo esplendente
Vencer não consente
O fado bufão.

Grandioso! Nomeai agora os outros comediantes. Essa é a verdadeira disposição de Ercles, a disposição de um tirano. Um apaixonado é mais sentimental.

QUINCE – Francisco Flauta, remenda-foles.

FLAUTA – Presente, Peter Quince.

QUINCE – Tereis de ficar com Tisbe.

FLAUTA – Quem é Tisbe? Cavaleiro andante?

QUINCE – É a mulher que Píramo deve amar.

que trata o drama, depois leia o nome dos atores, e no final faz ponto e pronto!

QUINA – Muito bem; o nosso drama é *A mui lamentável comédia e crudelíssima morte de Píramo e Tisbe*.

BOBINA – Palavra que é uma obra muito notável e muito alegre. E agora, Pedro Quina, chame os atores pela lista.

QUINA – Respondam quando eu chamar. Zé Bobina, o tecelão?

BOBINA – Pronto! Diga qual é o meu papel e vá em frente.

QUINA – Você, Zé Bobina, está marcado pra ser Píramo.

BOBINA – E o que é o Píramo? Amante ou tirano?

QUINA – Um amante que se mata muito galantemente por amor.

BOBINA – Isso vai exigir muita lágrima para ser bem representado. Se for eu, que a platéia cuide muito bem de seus olhos: vou abalar as tempestades e apresentar algumas condolências. Mas, mesmo assim, meu talento maior é pra tirano. Eu podia fazer muito bem de Hércules; e em papéis de rachar os peitos eu faço eles arrebentarem:

*“A pedra dura,
Da terra a tremura
Quebram a fechadura
Do portão da prisão.
E de Fibo a corrida,
Lá longe acendida,
Constrói ou liquida
O fado bobão.”*

QUINA – Juca Sanfona, consertador de foles!

SANFONA – ’Tou aqui, Pedro Quina.

QUINA – Sanfona, você tem de enfrentar Tisbe.

SANFONA – E Tisbe é o que? Um cavaleiro andante?

QUINA – É a dama pela qual Píramo se apaixonou.

FLAUTA – Ora, por minha fé, não me deis papel de mulheres; a barba já me está a apontar.

QUINCE – Pouco importa; representareis de máscara, ficando ao vosso arbítrio falar com voz tão fina quanto quiserdes.

BOTTOM – Se eu puder ocultar o rosto, dai-me também o papel de Tisbe; falarei com uma vozinha monstruosa: Tisne! Tisne! Ah, Píramo, meu grande amor! A tua querida Tisbe, a tua esposa idolatrada!

QUINCE – Não! Não! Representareis Píramo, e vós, Flauta, Tisbe.

BOTTOM – Está bem; prossegui.

QUINCE – Robim Starveling, alfaiate.

STARVELING – Presente, Peter Quince.

QUINCE – Robim Starveling, tereis de fazer o papel da mãe de Tisbe. Tom Snout, caldeireiro.

SNOUT – Presente, Peter Quince.

QUINCE – Vós, o pai de Píramo; eu, o pai de Tisbe; a Snug, marceneiro, tocará o papel do leão. Penso que desse modo fica bem arranjada a comédia.

SNUG – Já está escrita a parte do leão? Se a tiverdes aí, daí-ma logo, por obséquio, que eu sou um tanto lerdo para aprender as coisas.

QUINCE – Tereis de representá-la *ex tempore*, por consistir tudo apenas em rugir.

BOTTOM – Daí-me, também, o papel de leão. Hei de rugir de maneira que fiquem comovidos os corações; hei de rugir de modo tal, que o duque exclamará: Que ruja outra vez! Que ruja outra vez!

QUINCE – Se o fizerdes por maneira muito terrível, incutireis pavor na duquesa e nas demais senhoras, a ponto de soltarem gritos, o que seria mais que suficiente para nos enforcarem a todos.

TODOS – Para nos enforcarem. As nossas mães perderiam os filhos.

BOTTOM – Concordo, amigos, que, se de susto fizerdes as senhoras perder o juízo, só lhes restará a discrição de nos enforcar. Mas no meu caso agravarei de tal modo a voz, até rugir tão docemente como uma pombinha mamante; rugirei como um rouxinol.

SANFONA – Nada disso; de mulher eu não faço. Já está nascendo barba aqui nos queixos.

QUINA – Não faz diferença; você vai usar a máscara. E pode falar com a voz mais magrinha que arranjar.

BOBINA – Se pode esconder a cara, deixa eu fazer a Tisbe também. Eu sei falar com a voz monstruosamente fina. “Tisbe! Tisbe! Tisbe!”; “Ai, Píramo, meu amante adorado! Sou tua Tisbe querida, tua dama adorada!”

QUINA – Não; você faz o Píramo; e você, Sanfona, a Tisbe.

BOBINA – Então, continua.

QUINA – Beto fominha, o alfaiate!

FOMINHA – Presente, Pedro Quina.

QUINA – Fominha, você tem de fazer a mãe de Tisbe. Toninho Bicudo, o funileiro!

BICUDO – ’Tou aqui, Pedro Quina.

QUINA – Você é o pai de Píramo, eu, o de Tisbe. Justinho, o marceneiro, faz o papel de leão. E acho que com isso o drama está inteiro.

JUSTINHO – Você já tem aí escrito o papel do leão? Se tiver, me dá logo, que eu sou lento de estudo.

QUINA – Pode fazer de improviso; é só ficar rugindo.

BOBINA – Deixa eu fazer o leão também. Meu rugido é tão bom que alegra o coração de qualquer um. Vou rugir tanto que o duque vai gritar: “Ruge mais! Ruge de novo!”

QUINA – E se rugir assim de jeito tão terrível, vai assustar a duquesa e as outras senhoras, elas começam a gritar e nós acabamos na forca.

TODOS – Nós todos, até o último filho-da-mãe.

BOBINA – Eu sei muito bem, meus amigos, que se vocês deixarem aquelas senhoras todas malucas de medo, a melhor escolha que elas podem fazer é nos enforcar. Mas eu posso agravar minha voz de tal modo que vou rugir delicado, igual a uma pombinha; rugir que nem fosse um rouxinol.

QUINCE – Para vós só ficará bem o papel de Píramo, por ser Píramo indivíduo de fisionomia agradável, um tipo bem apessoado, próprio para ser visto em dias de verão, um cavalheiro encantador, em suma. Por isso, tereis de representar Píramo.

BOTTOM – Está bem; representarei Píramo. Que barba ficará melhor nesse papel?

QUINCE – Ora, a que quiserdes.

BOTTOM – Hei de desincumbir-me dele ou seja com a barba cor de palha, ou com a cor de laranja bronzeada, ou com a de púrpura legítima, ou com a da cor da coroa da França, vosso amarelo perfeito.

QUINCE – Algumas de vossas coroas francesas são desprovidas de pelos, motivo por que tereis de representar sem barba. Mas, senhores, aqui tendes os papéis. Suplico-vos, peço-vos e concito-vos a aprendê-los para amanhã à noite. Procurai-me no bosque do palácio, a uma milha da cidade, logo que a lua sair. Aí ensaiaremos; porque se nos reunirmos na cidade não faltaria quem nos farejasse, ficando conhecido todo o nosso plano. Nesse meio tempo farei uma relação dos artigos necessários para a nossa representação. Peço-vos que não falteis.

BOTTOM – Lá estaremos para ensaiarmos a peça por maneira obscena e corajosa. Esforçai-vos; sede perfeitos. Adeus.

QUINCE – O encontro é junto do carvalho do duque.

BOTTOM – É quanto basta. Ou vai ou racha! (Saem)

ATO II Cena I

Um bosque perto de Atenas. Uma fada e Puck entram por lados diferentes.

PUCK – Olá, espírito! Para onde vais?

FADA – Nos densos cerrados,
no bosque fagueiro,
nos belos gramados
por tudo me esgueiro
mais apressada que a lua
quando na mata flutua.

QUINA – Você não pode fazer papel nenhum a não ser Píramo, porque o Píramo era um moço de cara boa, um moço às direitas, um moço da mais fina finura: é por isso que você tem de fazer o papel de Píramo.

BOBINA – Pois então eu faço. Qual é a melhor barba para eu usar?

QUINA – Ora essa, a que quiser.

BOBINA – Eu vou realizar meu desempenho com uma barba bem vermelha; ou cor de ouro; ou então com uma barba de cabelo de milho.

QUINA – Cabelo de milho cai e você acaba careca de barba. Mas, seus mestres, aqui estão seus papéis, e eu vou pedir a vocês, implorar a vocês e solicitar a vocês que decorem tudo até amanhã; e me encontrem na floresta do palácio, um quilômetro pra fora da cidade, ao luar. Lá é que nós vamos ensaiar, porque se nos reunirmos na cidade vamos ser aperreados por um bando de gente, e nossos golpes de teatro acabam descobertos. Nesse meio tempo eu vou fazer a lista de todo o material de cena de que o espetáculo precisa. Por favor, não me deixem de aparecer.

BOBINA – Vamos nos reunir todos juntos, e lá vamos poder ensaiar com obscenidade e coragem. Façam muita força pra ficarem perfeitos. Adeus!

QUINA – O encontro é no carvalho do duque.

BOBINA – Combinado. Chova ou faça sol. (Saem)

ATO II Cena I

(Entra por um lado uma Fada e Puck pelo outro.)

PUCK – Salve, espírito! Aonde vai?

FADA – Por morros e por colinas,
Por arbustos e floradas,
Por parques e cercas finas,
Inundações e queimadas,
Eu vou por todo lugar,
Mais rápido que o luar.

Contente, sirvo à rainha
das fadas, senhora minha
E sobre o relvado faço
de seus círculos o traço.
As altivas primaveras
ela as adora deveras;
em seu doirado vestido
de traçado mui garrido,
há rubis, muito perfume,
de que as fadas têm ciúme.

Ora sacudo as pétalas das rosas
á procura das pérolas danosas
porque às orelhas ponha redolentes
das primaveras lúcidos pingentes.

Adeus, espírito travesso; é hora;
já vem a fada e os elfos; vou-me embora.

PUCK –

Para este ponto o rei já se encaminha.
Cuidado! Não se encontre com a rainha,
pois Oberon se mostra estomagado
deveras por lhe haver roubado
o gracioso menino da Índia oriundo.
Na opinião dela é o pajem sem segundo.

O ciumento Oberon desejaria
em seu séquito vê-lo noite e dia,
para, juntos, passearem na floresta.

Ela, porém, de nada se molesta;
retém o lindo pajem, venturosa,
E grinaldas lhe tece cor-de-rosa.

Nos olhos dele encontra a luz mais pura.
Assim, quando nas fontes, porventura,
os dois se vêem, num vergel umbroso
à luz do luar, num bosque nemoroso,
a tal ponto discutem, que, de medo,
nas bolotas os elfos ficam quedos.

FADA –

Se esquecida de todo não pareço,
tu és aquele espírito travesso
de nome Bom Robim. És tu que enleias
de noite as raparigas das aldeias,
tiras do leite a nata e, de mansinho,
desajustas as peças do moinho;
fazes que a batedora de manteiga
se esbofe sem proveito e que a taleiga
de cerveja, por vezes, não fermente;
que ris às gargalhadas, de inclemente,
do viajante noturno exausto e lasso,
pós o teres transviado um bom pedaço.
Mas quem de meigo Puck e de trasguinho
te chama, a esse auxílias com carinho,

Sirvo à rainha das fadas,
Deixo as flores orvalhadas;
Sua guarda de soldados
São buquês todos dourados,
E os que merecem louvor
Ela perfuma de cor.

Agora eu vou buscar gotas de orvalho
Pra jogar pérolas sobre este galho
Adeus, espírito, que eu vou embora;
A rainha e as fadas vêm agora.

PUCK –

Hoje de noite o rei vem festejar;
Melhor ela fugir deste lugar,
Pois Oberon ficou muito zangado
Depois que ela arranhou como criado
Um menino roubado do Oriente.

Nunca se viu tão lindo adolescente:
E por ciúmes Oberon deseja
Que ele em seu séquito bem logo esteja.

Ela o retém consigo na floresta,
Coroado de flores, sempre em festa.
Quando se encontram em floresta ou prado,
Em fonte clara ou campo enluarado,
Brigam tanto que a fada e o duende
Escondem-se em toda flor que pende.

FADA –

Será que eu me enganei completamente
Ou estou vendo aquele saliente
Que chamam Robin? Não é o canalha
Que espanta as moças e que o leite coalha,
Mete-se no pilão e na moenda,
Põe ranço na manteiga da fazenda,
Acaba com o fermento e com o lêvedo,
Ri-se de quem se perde e sente medo?
Só quem o chama Puck, o bem-amado,
É que tem sorte e ainda é ajudado.
Não é você?

fazes que refloresça quanto é dele,
lhe dás suma ventura. Dize: és ele?

PUCK –

Fada, acertaste. Eu sou, realmente, o ledo
vagabundo noturno que brinquedo
faço de tudo, porque a todo instante
alegre de Oberon deixe o semblante.
Como ele ri gostoso, ao ver o efeito,
sobre um cavalo gordo, do meu jeito
de relinchar qual égua calorosa.
Às vezes ponho tudo em polvorosa,
quando me escondo, qual maçã cozida,
no jarro de uma velha delambida:
tropeço-lhe nos beiços, sem que o veja,
E no regaço entorno-lhe a cerveja.
A sábia tia, às vezes, numa história
de enredo triste e perenal memória,
pensa me ter, qual um banquinho, à mão;
então me afasto e, bum! Vai ela ao chão,
E enxertando na história um disparate
reclama em altas vozes o alfaiate,
sem parar de tossir. Em gargalhadas
as comadres rebentam, de malvadas,
saltam de gozo e juram, da janela,
não terem visto uma hora como aquela.
Retira-te; Oberon vem com o seu bando.

FADA –

E a senhora também. Fosse ele andando!
*(Entra por um lado, Oberon com o seu
séqüito: por outro, Titânia com o dela.)*

OBERON –

Orgulhosa Titânia, é mau indício
assim nos encontrarmos ao luar.

TITÂNIA –

O ciumento Oberon! Fadas, partamos:
abjurei do seu leito e companhia.

OBERON – Detém-te, presunçosa; acata
as ordens de teu senhor.

TITÂNIA –

Então, senhora eu sou.
No entanto eu sei que do país das fadas
vieste furtivamente, após a forma
tomares de Corino, e o dia inteiro
Na avena rude versos amorosos
a Fílida cantavas. Por que causa
vieste aqui ter, deixando a Índia longínqua?
Certamente tão-só pela imperiosa
amazonas de botas elegantes,
vossa guerreira amada, que está a ponto

PUCK –

Minha resposta é esta:
Sou eu que alegre as noites da floresta.
Meu trabalho é fazer rir Oberon;
Sei enganar cavalo só com o som
De relincho de égua; e eu sei também
Me esconder em panela muito bem,
E parecer uma maçã assada;
E quando a cozinheira, esfomeada,
Me leva à boca, eu faço ela babar.
A velha, que tristezas vai contar,
Pensa que eu sou um banco de madeira -
Eu escapo, ela bate com a traseira!
É tanto grito que acaba tossindo;
E todo o mundo, então, começa rindo,
Co'um riso muito forte, de alegria,
Achando que é a melhor hora do dia.
Saia, fada; meu rei já vem chegando.

FADA –

Também Titânia; vê se vai andando.
*(Entra Oberon, o Rei das fadas, por uma porta,
com seu Séqüito; e Titânia, pela outra, com o
dela.)*

OBERON –

Desdenhosa Titânia, que infeliz
É esse nosso encontro à luz da lua.

TITÂNIA –

Mas isso são ciúmes? Vamos, fadas:
Repudiei seu leito e companhia.

OBERON – Um momento, mulher; não sou
seu amo?

TITÂNIA –

Então eu devo ser sua senhora;
Mas eu o vi fugir de nossa terra
Vestido de pastor, e o dia inteiro
Tocar canções de amor em sua flauta
A Fílida amorosa. E por que vir
Lá dos confins da Índia se não fosse
Só porque a Amazona sedutora,
Sua amante querida e toda armada,
Vai casar com Teseu, e o seu desejo
É abençoar seu leito com bons votos.

de casar com Teseu.

OBERON – Não te envergonhas, Titânia, de atirar-me esses remoques pelo interesse que eu dedico à Hipólita, se eu não ignoro que amas Teseu? Com tua ajuda, numa noite fosca, não pode ele fugir de Perigônia, que ele próprio raptara? Quem não sabe que o fizeste violar os juramentos feitos a Egle formosa, a Ariadne, a Antíopa?

TITÂNIA – Tudo isso é o ciúme que a inventar vos leva.

Desde aquele verão, nunca podemos nos reunir na floresta, pelos prados, nas colinas, nos bosques, junto às fontes em que os juncos vicejam, pelas praias sonoras do mar, para dançarmos em coro ao som dos ventos sibilantes, sem que em nossa alegria não nos víssemos perturbadas por tuas invectivas.

Por isso os ventos, como em represália de em vão nos assobiarem, do mar vasto aspiraram vapores contagiantes, e estes, pelo país se derramando, tanto deixaram túmidos os rios, que as margens inundaram, de orgulhosos. Em vão os bois no jugo se cansaram; perdeu o suor o lavrador; o verde trigo podre ficou antes de a barba juvenil lhe nascer; os currais se acham vazios nas campinas alagadas; cevam-se os corvos no pestoso gado; as quadras de pelota estão desertas E cobertas de lama; quase esfeitos na verde relva os belos labirintos, porque ora já ninguém neles transita. Falta aos homens mortais o frio inverno; com hinos e canções, as noites claras já não são anunciadas como outrora. E assim, a lua, que o mar vasto impera, pálida de rancor, todo o ar deixa úmido, abundando os catarros. Em tamanha desordem vemos as sações trocadas: do seio brando da virente rosa sacode a geada a cândida cabeça, enquanto sobre o queixo e nos cabelos brancos do velho inverno, por escárnio, brotam grinaldas de botões odoros do agradável estio. A primavera,

OBERON – É incrível, Titânia, que você Ouse falar comigo sobre Hipólita, quando eu sei que você ama Teseu. Não foi você que o fez fugir, à noite, Da Perígona, que ele violou? Ou que o ajudou a trair Aglaé Com Ariadne e até com Antíopa?

TITÂNIA – Isso tudo é mentira de ciúme:

E nunca, desde o meio do verão, Nós nos juntamos em floresta ou campo, Em fonte límpida, n'água de um rio, Ou em praia de areia junto ao mar, Para dançar em roda, ao som do vento, Sem que seus gritos, brigas e arruaças Viessem perturbar nossos folguedos. Por isso os ventos, que em vão cantavam, Por vingança assopraram, lá dos mares, Miasma doentio que, na terra, Inchou de orgulho todos os riachos E os transbordou para fora de seus leitões. Por isso os bois em vão fizeram força, E só perda alcançou o lavrador Quando suou no arado; e o milho verde Apodreceu sem ver crescida a barba; O aprisco sob as águas 'stá vazio E os gaviões comem ovelhas mortas; As sementeiras 'stão cheias de lama E os labirintos, que eram riscos verdes, Sem ter cuidados, nem se enxerga mais; As gentes têm invernos sem ter festas, As noites não têm músicas nem bênçãos. Por isso a lua, que governa as águas, Branca de fúria, inundou os ares Com enxurradas de catarro enfermo: E deste destempero as estações Se alteram, e a geada toda branca Pinga o vermelho do botão da rosa, Enquanto que nos cumes mais gelados, A ironia coloca uma guirlanda De flores perfumadas. Primavera, Verão, o morno outono e o triste inverno Trocam-se as roupas, e um mundo atônito Não os distingue, nessa confusão. Toda essa geração de malefícios Nasce de nossa briga e desacordo:

o estio, o outono procriador, o inverno furioso as vestes habituais trocaram, de forma tal que o mundo, de assombrado, para identificá-los não tem meios. Pois bem; toda essa prole de infortúnios de nossas dissenções, tão-só, provém; geradores e pais somos de todos.

OBERON –

Dai o remédio, então; tendes os meios. Por que há de contrariar, sempre, Titânia seu Oberon? Não peço muito, apenas uma criança perdida, para dela fazer meu pajenzinho.

TITÂNIA – Tal cuidado tirai do coração. Nem todo o reino das fadas me comprara este menino. Ao meu culto sua mãe era votada. Muitas e muitas vezes, na atmosfera perfumada das Índias, me aprazia ouvi-la disreterear, tê-la ao meu lado nas amarelas praias de Netuno a admirar os cargueiros balouçantes sobre as ondas inquietas. Como ríamos, ao ver as velas enfumar-se, grávidas ao parecer, sob os lascivos beijos dos ventos buliçosos! Imitando-as, a andar com irresistível gaiatice - grávida, então, do meu donoso pajem - por terra a velejar se punha, em busca de ninharias mil para ofertar-me, voltando após, como de viagem longa, de sua gentil carga mui vaidosa. Mas, porque era mortal, morreu no parto deste menino que, por amor dela, recolhi para criar. Por isso, agora, pela mesma razão dele não largo.

OBERON –

Neste bosque morar é vosso intento?

TITÂNIA –

Até o dia, talvez, do casamento de Hipólita e Teseu. Se com tratável disposição quiserdes tomar parte de nossa alegre ronda e ver os ludos à clara luz da lua, sois bem-vindo. Se não poupai-me, que eu terei cuidado de evitar vossos sítios preferidos.

OBERON –

Dá-me o menino e eu seguirei contigo.

TITÂNIA – Nem por todo o teu reino. Vamos, duendes!

Nós somos os seus pais e a sua origem.

OBERON –

Conserte tudo, então. É com você. Por que Titânia briga com Oberon? Eu só pedi que me desse o menino Pra ser meu pajem.

TITÂNIA – Pode estar tranqüilo: Essa criança nem seu reino compra Sua mãe sempre foi vestal das minhas; Nas perfumadas noites indianas Quantas vezes falamos, descansando Nas areias douradas de Netuno, Olhando as naus singrando pelos mares. Como rimos ao ver velas redondas, Engravidadas pelos livres ventos, Que ela, flutuando, já pesada, (Pois tinha então no ventre este meu pajem) Copiava e velejava sobre a terra Para trazer-me presentinhos lindos Como se fossem carga de valor. Mas como era mortal, morreu de parto, E é por ela que eu crio esse seu filho E não desejo separar-me dele.

OBERON –

Por quanto tempo fica na floresta?

TITÂNIA –

Até depois das bodas de Teseu. Se quiser, com respeito, ver as danças E nossas outras festas ao luar, Venha comigo; mas, se assim não for, Evite-me, como eu hei de evitá-lo.

OBERON –

Dê-me o menino que eu a acompanho.

TITÂNIA – Nem por todo o seu reino. Vamos, fadas;

A ser da paz amigo nunca aprendes.

(Sai Titânia com seu séqüito)

OBERON –

Bem; segue o teu caminho; deste bosque não sairás sem que por esta injúria te venha a atormentar. Vem para perto, meu gentil Puck. Certo ainda te lembras de quando eu me sentei num promontório, a ouvir uma sereia que se achava no dorso de um golfinho e que tão doces melodias cantava, que o mar bravo deixava apaziguado com seu canto, tendo várias estrelas loucamente suas órbitas deixado só com o fito de escutar a canção. Ainda te lembras?

PUCK – Perfeitamente.

OBERON –

Nesse mesmo instante pude ver, o que a ti fora impossível, como Cupido, inteiramente armado, se atirava entre a terra e a lua fria. A mira havia posto numa bela vestal que o trono tinha no Ocidente; com energia e decisão dispara do arco a flecha amorosa, parecendo que cem mil corações ferir quisesse. No entanto eu pude ver a ardente flecha do menino esfriar-se sob a influência da aquosa lua e de seus castos raios, continuando a imperial sacerdotisa seu virginal passeio, inteiramente livre de pensamentos amorosos. Vi bem o ponto em que caiu a flecha do travesso Cupido: uma florzinha do ocidente, antes branca como leite, agora purpurina, da ferida que do amor lhe proveio. “Amor ardente” É o nome que lhe dão as raparigas. Vai buscar-me essa flor; já de uma feita te mostrei essa planta. Se deitarmos um pouco de seu suco sobre as pálpebras de homem ou de mulher entregue ao sono, ficará loucamente apaixonado por quem primeiro vir, quando desperto. Vai buscar-me essa planta; mas retorna antes de duas léguas do mar vasto nadar o leviatã.

PUCK –

Porei um cinto na terra em quatro vezes dez minutos.

Ficando mais, temos brigas armadas.

(Saem Titânia e seu Séqüito)

OBERON –

Vá, mas não pense que deixa a floresta Sem ser punida por tamanha injúria. Meu bom Puck, venha cá. Você se lembra Da vez em que eu sentei num promontório E ouvi uma sereia, num golfinho, Cantar em tons tão doces da harmonia Que domou o mar rude com seu canto E as estrelas saltaram das esferas, Pra ouvir o canto da sereia?

PUCK – Eu lembro.

OBERON –

Naquele dia eu vi (mas você não), Flutuando entre a terra e a lua fria, Cupido todo armado: ele mirou Numa vestal que vive no Ocidente, E disparou a flecha de seu arco Com amor para matar cem corações. Porém a seta em fogo de Cupido Apagou-se nas águas do luar E a imperial donzela prosseguiu, Meditando com livre fantasia. Eu reparei onde caiu a flecha: Numa pequena flor, outrora branca, Que as feridas do amor fizeram roxa - As moças chamam-na de amor-perfeito. Busque-me uma flor dessas, cujo suco, Pingado em pálpebras adormecidas, Faz aquele que dorme apaixonar-se Pelo primeiro ser vivo que vir. Apanhe-me esta planta e volte aqui, Mais rápido que o monstro do oceano.

PUCK –

Eu dou a volta neste globo inteiro Em quarenta minutos.

(Sai)

OBERON –

De posse desse suco, hei de achar meio de surpreender Titânia adormecida, para nos olhos lhe deitar o líquido ao despertar, o que enxergar primeiro, seja leão, urso, lobo, touro, mono buliçoso ou irrequieto orangotango, perseguirá com alma enamorada. E antes de eu lhe tirar da vista o encanto, o que farei com o suco de uma outra erva, obrigá-la-ei a me entregar o pajem. Mas quem vem vindo aí? Sendo invisível, poderei escutar-lhes a conversa.

(Entra Demétrio, seguido de Helena.)

DEMÉTRIO –

Não te dedico amor; não me persigas, onde Lisandro se acha e Hérnia formosa? Quero matá-lo e ser por ela morto. Disseste que ambos nesta selva estavam; como selvagem, no entretanto, eu corro desesperado seus recantos todos sem poder encontrar Hérnia adorada. Vai-te! Fora daqui! Não me persigas!

HELENA –

Imã de coração endurecido, sou por vós atraída, mas de ferro não tenho o coração; como o aço é puro. Cessai de me aliciar e, incontinenti, deixarei de seguir-vos.

DEMÉTRIO -

Alicio-vos?

Acaso já vos disse galanteios? Ou com franqueza não vos falo sempre que não vos amo nem vos posso amar?

HELENA –

Por isso mesmo é que vos amo tanto. Vosso cãozinho sou. Demétrio altivo, quanto mais me baterdes, mais afável hei de me revelar. Como cãozinho me tratai; repeli-me, daí-me golpes, não vos lembreis de mim, deixa-me à toa; mas por mais que de tudo eu seja indigna, permiti que vos siga. Mais modesto lugar em vosso amor não me é possível. Mas para mim será título honroso como vosso cãozinho ser tratada.

DEMÉTRIO –

Não me forceis a repugnância da alma; sinto-me mal só de vos ver o rosto.

(sai.)

OBERON –

Tendo o suco,

Espero ver Titânia adormecida E derramo o licor sobre seus olhos. Seja o que for que veja, ao acordar (seja um leão, um touro, lobo ou urso, Seja um macaco ou seja até um mico), Ela o perseguirá apaixonada. E antes que de seus olhos tire o encanto (O que eu posso fazer com uma outra erva) Farei com que ela entregue a mim o pajem. Mas quem vem lá? Como eu 'stou invisível, Vou escutar o assunto em discussão.

(Entra Demétrio, seguido por Helena.)

DEMÉTRIO –

Eu não a amo; pare de seguir-me. Onde estão Lisandro e a linda Hérnia? A ele eu mato, e ela me faz morrer. Você disse que os dois vinham para cá E eu, perdido e louco na floresta, Não consigo encontrar a minha Hérnia. Saia, vá embora, e não me siga mais.

HELENA –

Você é o ímã que me atrai o coração, Que não é ferro; é aço verdadeiro. Quando você deixar de me atrair, Eu não terei mais forças para segui-lo.

DEMÉTRIO –

Eu a procuro? Ou eu tento agradá-la? Ou vai negar que, usando de franqueza, Digo em alto e bom som que não a amo?

HELENA –

E só por isso eu inda o amo mais. Demétrio, eu sou igual a um cachorrinho Que faz mais festas quando é espancado. Pois pode me tratar como um cachorro, Me bater, me ignorar; mas só me deixe Seguir você, mesmo que eu não mereça: Não posso pedir menos a você - Mas para mim só isso já é muito - Que ser tratada como seu cachorro.

DEMÉTRIO –

Não fique provocando assim meu ódio; Fico doente só de ver você.

HELENA –

E eu doente fico, quando não vos vejo.

DEMÉTRIO –

Comprometeis demais vosso recato
saindo da cidade, dessa forma,
para vos entregardes indefesa
a um homem que faz timbre em desprezar-
vos,
e assim confiando às tentações da noite
e aos maus conselhos de um lugar deserto
o tesouro de vossa virgindade.

HELENA –

Vossa virtude é a minha segurança.
Quando o rosto vos vejo, deixa a noite
de ser noite; por isso, não presumo
que seja noite agora. Nem me faltam
mundos de companhia nestes bosques,
por serdes para mim o mundo todo.
Como, pois, se dirá que eu estou sozinha,
se o mundo todo agora me contempla?

DEMÉTRIO –

Vou deixar-te, esconder-me pelas brenhas
E às feras impiedosas entregar-te.

HELENA –

Qualquer fera selvagem tem mais brando
coração do que vós. Fugi, embora,
que a história mudareis: Apolo corre
E Dafne lhe dá caça; a meiga pomba
persegue o abutre; a tímida gazela
corre apressada empós o imano tigre,
esforço inútil, quando o valor foge
e no seu rasto segue a covardia.

DEMÉTRIO –

Não quero discutir contigo; deixa-me
mas se me acompanhares, fica certa
de que no bosque te farei violência.

HELENA –

Ofendes-me no templo, na cidade,
no campo, em toda parte. Ora, Demétrio!
Tua atitude o sexo nos humilha.
Lutas de amor não são para mulheres;
no entanto a corte me fazer não queres. *(Sai
Demétrio)*

Vou te seguir e um céu fazer de inferno;
morta por ti, ganho terei eterno.

(Sai)

OBERON –

Adeus, ninfa! Este bosque ele não deixa
sem que de lhe fugires tenha queixa.
(Puck torna a entrar)

HELENA –

E eu doente quando não o vejo.

DEMÉTRIO –

Você já compromete a sua honra
Ao sair da cidade e se entregando
Nas mãos de alguém que não lhe tem amor,
Ao confiar à noite, que é propícia,

Ou ao convite de um lugar deserto,
A riqueza de sua virgindade.

HELENA –

É o seu próprio valor que me protege:
Nunca é noite quando eu lhe vejo o rosto,
Por isso, para mim, não é de noite;
E nem me falta muita companhia,
Já que você, para min, é o mundo inteiro.
Como posso dizer que estou sozinha
Se o mundo inteiro está aqui comigo?

DEMÉTRIO –

Eu vou embora, me esconder no mato,
E você que se arranje aqui com as feras.

HELENA –

Seu coração é bem pior que o delas.
Pode ir; eu só vou mudar a lenda:
Apolo foge, e Dafne corre atrás.
A pomba segue o grifo, e a pobre corça
Persegue o tigre – louca é a corrida
Em que o covarde sai caçando o bravo!

DEMÉTRIO –

Chega de discussão, eu vou embora;
Se você me seguir, pode estar certa
De que na floresta eu lhe farei mal.

HELENA –

Ora, no templo, na cidade ou no campo
Você só me faz mal. Sabe, Demétrio,
Você me faz envergonhar meu sexo;
A regra, pra mulher, no amor é dada:
Não cortejar, mas só ser cortejada.
(Sai Demétrio)

O inferno dele eu corro pra fazer,
Mesmo que seja só para eu morrer.

(Sai.)

OBERON –

Ninfa, antes de sair deste lugar,
Você há de fugir e ele te amar.
(Entra Puck.)

Trouxeste a flor? Sê, pois, bem-vindo,
espírito vagueante.

PUCK – Ei-la aqui.

OBERON – Agradecido.

Sei o lugar onde há belo canteiro
que o ar embalsama de agradável cheiro
do tomilho selvagem, da sincera
violeta e da graciosa primavera,
onde há latada de fragrantas rosas
E madressilvas nímio dulçorosas.
Titânia aí parte da noite dorme
sob gracioso dossel petaliforme,
por danças e canções acalentada.
A serpe aí deixa a pele variegada,
grande bastante para de vestido
a uma fada servir, fino e comprido.
Por-lhe-ei nos olhos este suco brando,
de odiosas fantasias lhe deixando
cheia a imaginação. Toma uma parte
dele também, e do poder comparte
que com ele te confio. Na floresta
te cumpre achar uma ateniense mesta
que, desprezada, de paixão se fina
por altivo rapaz de alma ferina.
Quando a dormir o achares, de mansinho
nas pálpebras lhe deita um bocadinho do
suco. Mas cuidado! É indispensável
que, ao despertar, tenha ele à vista a amável
dama que ora despreza. Muito fácil
te será conhecê-lo, que ele o grácil
traje dos atenienses apresenta.
Sendo tu cuidadoso, ele violenta
paixão há de sentir, mais acendrada
do que revela a jovem namorada.
Volta antes que primeiro cante o galo.

PUCK – Ficai tranqüilo; saberei achá-lo.
(*Saem.*)

CENA II

(*Outra parte do bosque.
Entra Titânia com seu séqüito.*)

TITÂNIA –

Vamos à ronda! Uma canção de fadas!
E, após um terço de minutos, fora!
Umás, para matar nos botões róseos
as lagartas nocivas; outras, para
fazer guerra aos morcegos e tirar-lhes
as asas, porque couro não nos falte
para os casacos dos pequenos elfos;
espantareis vós outras as corujas

Já tem aí a flor? Bem-vindo, amigo.

PUCK – Aqui está ela.

OBERON – Então pode me dar.

Conheço um campo onde dança a cravina,
Onde cresce a violeta e a bonina,
Que a madressilva cobre com seu manto,
junto à rosa muscada e o agapanto.
Titânia dorme ali, de vez em quando,
Com o acalanto de flores dançando,
Recoberta com a pele envernizada
Da cobra que protege cada fada.
Com este suco seus olhos vou pintar,
E com monstregos ela irá sonhar.
Leve um pouco; e procure, na galhada,
Uma moça de Atenas, maltratada
Por um rapaz vaidoso. É só pingar,
E garantir que o seu primeiro olhar
Seja pra moça! Por seu traje belo
De ateniense irá reconhecê-lo:
Eu quero... veja lá! Tome cuidado!
Que ele ame mais do que é hoje amado.
Esteja aqui de volta antes da aurora.

PUCK – Então, pra obedecer-lhe, eu vou
embora. (*Saem.*)

CENA II

(*Entra Titânia, Rainha das Fadas, com seu
Séqüito.*)

TITÂNIA –

Fadas, eu quero uma dança de roda;
E ao fim de um terço de minuto, saiam:
Algumas pra matar vermes nas rosas,
Ou bem arrancar asas de morcegos,
Pra fazer casaquinhos pros duendes.
Outras façam que calem as corujas
Que nos assustam. Cantem pr'eu dormir!
Andem logo, que eu quero descansar.

que piam toda a noite e o nosso bando
caprichoso contemplam espantadas.
Cantai até que eu durma e retirai-vos
a trabalhar, deixando-me em repouso.

(As fadas cantam)

I

Serpes manchadas, feios ouriços
sapos nojentos, fugi asinha;
que nossas vozes vos dêem sumiço
enquanto dorme nossa rainha.

Canta conosco, em porfia,
rouxinol, a melodia:
lula-lula-lulabia,
lula-lula-lulabia.

Que nossa orquestra
de nossa mestra
afaste qualquer magia.
Boa noite com lulabia.

II

Aranhas feias não fiqueis perto,
correi com vossas patas peludas;
fugi, besouros, para o deserto,
deixai-nos quietas nas matas mudas.

canta conosco, em porfia,
rouxinol, a melodia:
lula-lula-lulabia,
lula-lula-lulabia.

Que nossa orquestra
de nossa mestra
afaste qualquer magia.
Boa noite com lulabia.

FADAS – Saíamos com bem cautela;
fique uma de sentinela.

(Saem as fadas; Titânia dorme.)

*(Entra Oberon e espreme a planta nas
pálpebras de Titânia.)*

OBERON – O primeiro que enxergares
quando daqui despertares,
de gesto e forma alvares,
amarás de coração,
seja urso, gato ou leão.
Farás dele o teu querido;
terás o peito rendido
como às setas de Cupido. *(Sai.)*

(Entram Lisandro e Hérnia.)

LISANDRO –

De tanto andar, querida, estás cansada.
Para ser franco, erramos o caminho.
Hérnia, repousarás, se isso te agrada;
o escuro poderá te ser daninho.

(As fadas cantam.)

1ª FADA – Cobra de língua dobrada
Deve sumir, com a doninha;
Batráquios, não façam nada,
Fiquem longe da rainha.

CORO – O rouxinol vai cantar
Sua canção de ninar
Nana, nana, ninou; nana, nana, ninar
Nem feitiço, nem encanto,
Por aqui podem passar:
A noite é pra descansar.

1ª FADA – Larga a teia e vai-te embora
A aranha de perna torta;
O besouro dá o fora
E o verme se comporta.

CORO – O rouxinol etc., etc.

2ª FADA – Vão que tudo está aquietado.
Fique um só guarda postado.

(Titânia dorme.)

*(Entra Oberon e faz cair o suco nos olhos de
Titânia.)*

OBERON – O que vir ao acordar
Por amor tem de tomar,
E por ele suspirar.
Seja onça, urso ou gado,
Tenha pêlo arrepiado,
Aos seus olhos há de ser
Quando acordar, seu prazer.
Acorde, pr'um monstro ver. *(Sai.)*

(Entram Lisandro e Hérnia.)

LISANDRO –

Amor, você está quase sem sentidos,
E eu confesso que nós 'stamos perdidos.
Vamos deitar aqui, pra descansar,
E esperemos o dia recomeçar.

HÈRMIA –

Um leito, então, ajeita em qualquer ponto,
que neste banco o meu já se acha pronto.

LISANDRO –

De um punhado de relva, travesseiro
poderemos fazer. O verdadeiro
amor nunca divide: uma lealdade,
dois corações num leito, sem maldade.

HÈRMIA –

Não, Lisandro; nem mesmo num deserto
convirá que de mim tu durmas perto.

LISANDRO –

Ó querida, ofender-te não queria
com o que propus. É fruto da alegria
quanto avancei. Só disse que no peito
me bate um coração, a ti sujeito;
e que eles, juntos, formam neste instante
um coração apenas, muito amante.
Se nossas almas o amor forte as liga,
a vivermos unidos nos obriga.
Em teu leito, portanto, me consente,
porque contigo sempre estou presente.

HÈRMIA –

Lisandro se mostrou muito eloqüente.
Padecerá demais minha altivez,
se eu disser que ele fala com dobrez.
No entanto, amigo, prova o teu carinho.
Não falo em tom zangado ou de
escarninho.

Por cortesia e amor de mim te afasta.
Fala eloqüente, apenas, não nos basta;
mas neste instante, de o dizer não coro,
exige o imperativo do decoro
que entre um rapaz virtuoso e sua amada
barreira se interponha adiamantada.
Por isso, adeus; que dure quanto a vida
a lealdade de tua alma estremecida

LISANDRO –

Amém; eis como encerro essa oração.
Sem teu amor, me pare o coração.
(Afasta-se.)

Eis meu leito; que o sono te acalente.

HÈRMIA –

E te conceda um sonho sorridente.
(Dormem.)
(Entra Puck.)

PUCK – Todo o bosque hei percorrido,
sem que ateniense garrido
pudesse achar, porque o amor
transmudasse com essa flor.

HÈRMIA –

’Stá bem, Lisandro; encontre onde deitar
Que eu, neste canto, vou me recostar.

LISANDRO –

Vamos ambos usar a mesma grama;
Será um leito só pra quem se ama.

HÈRMIA –

Não, bom Lisandro; por mim faça o certo:
Deite mais longe, não assim tão perto.

LISANDRO –

Não interprete mal minha inocência;
Meu coração falou por conveniência.
Eu quis dizer que os nossos corações
São como um só nas minhas intenções.
O nosso peito e o nosso pensamento
’Stão ligados por nosso juramento.
Não me negue ficar hoje a seu lado;
Não serei falso por estar deitado.

HÈRMIA –

Lisandro fala bem.
Maldito seja o meu comportamento
Se o julguei falso por um só momento.
Mas, meu amigo, o amor, como o respeito,
Pede que seja mais pra lá seu leito.

Essa distância – e negue, se é capaz -
Convém a uma donzela e um rapaz.
Tenha, lá longe, noite bem dormida,
E amor que não se altere pela vida!

LISANDRO –

Eu digo amém a essa doce prece;
Que, co’a traição, a minha vida cesse!

Aqui eu vou dormir. Repouse bem!

HÈRMIA –

É o meu desejo pra você também.
(Eles dormem)
(Entra Puck.)

PUCK –Pela floresta eu corri
E ateniense eu não vi
Em cujos olhos pingar
Meu licor que faz amor.

Noite e silêncio. Que vejo?
Traje ateniense a varejo?
Eis o homem de que meu mestre
falou, de peito silvestre,
que de todo não se agrada
da ateniense apaixonada.
Coitadinha! Está tão longe
deste bruto e frio monge!

(Espreme a flor nas pálpebras de Lisandro.)

Ora nos olhos, maluco,
desta flor te deito o suco
porque, com sua magia,
não te consinta, de dia
nem de noite, o meigo sono
desses olhos ficar dono.

Acorda logo; já vou,
porque Oberon me chamou. *(Sai.)*
(Entram Demétrio e Helena a correr.)

HELENA –

Pára! Ainda mesmo que me dê a morte.

DEMÉTRIO –

Fora! Não me persigas desta sorte.

HELENA –

Deixas-me neste escuro e vais sozinho?

DEMÉTRIO –

Para trás! Não me cortes o caminho.

(Sai Demétrio.)

HELENA –

Esta caça amorosa me faz lassa;
aumento com os pedidos a desgraça.
Hérnia é feliz, esteja onde estiver;
olhos assim não os possui mulher.
Como pode ter olhos tão brilhantes?
Não de chorar; que a todos os instantes,
chorando como choro, eu deveria
ter nos olhos mais luz que o claro dia.
Sim, é certo: sou feia como um urso.
Para feiúra tal não há recurso.
As próprias feras que me vêm, de medo
afundam mais e mais pelo arvoredo.
Que muito, pois, que, em frente de tal
monstro,
fuja Demétrio, quando amor demonstro?
Qual infernal e enganador espelho
me disse que ao de Hérnia era semelho
meu deformado rosto? Mas, que vejo?
Lisandro aqui? Não pode ser gracejo.
Está dormindo ou morto? Nem ferida
percebo, nem qualquer arma homicida.

Mas, silêncio! Quem 'stá aqui?

Roupa de Atenas eu vi:

É ele que o meu patrão

Diz que não tem coração.

E ali a repudiada

Dorme na terra encharcada.

Nem pôde fazer a cama

Perto de quem não a ama.

Em seu olho indiferente

Jogo este suco potente:

Que o amor em seu olhar

Não o deixe descansar

Desperte quando eu partir.

Volto p'Oberon servir. *(Sai.)*

(Entram Demétrio e Helena, correndo.)

HELENA –

Demétrio, pare! Isto é morte para mim!

DEMÉTRIO –

Pois fique, ou vá, mas não me siga a mim!

HELENA –

Você vai-me deixar aqui, no escuro?

DEMÉTRIO –

Não sei, mas que só vou sozinho eu juro!

HELENA –

Eu estou sem ar, correndo atrás da caça,
Mais eu rezo, menos alcanço a graça.
Feliz é Hérnia, por aí, fugindo,
Que tem a bênção de um olhar tão lindo.
Por que seus olhos sempre brilham tanto?
Pois os meus brilham mais, se valer pranto.
Eu devo parecer um monstro horrendo:
Até fera, me olhando, sai correndo;
Não é surpresa que Demétrio fuja
De mim como uma fera feia e suja.
Mas que espelho lembrou de comparar
Com os olhos de Hérnia o meu olhar?
Mas o que é isso? Lisandro, no chão?

Morto ou dormindo? Não há sangue, não.
Lisandro! Amigo! Acorde, por favor!

Lisandro, despertai! Estais doente?

LISANDRO – (*Despertando*):

Ó transparente Helena! Incontinenti me atirarei por ti no próprio fogo. A natureza mostra, neste afôgo, sua arte sublimada. Permitindo que através deste peito casto e lindo teu coração eu veja. Dize-me: onde Demétrio, aquele vil, ora se esconde? Oh, que nome vilíssimo! De nada vale, senão para cortá-lo a espada.

HELENA - Não, bom Lisandro; não digais tal coisa.

Somente porque a Hérnia amar ele ousa? Ela vos tem amor; ficai contente.

LISANDRO – Com o amor de Hérnia? Não, não sou demente.

Como lastimo as horas que ao seu lado passei, cheias de tédio, a meu mau grado! Amo a Helena; a tal Hérnia me era estorvo.

Quem não troca uma rola por um corvo? O homem pela razão é conduzido; e esta me deixa ao seu valor rendido. Amadurece tudo em tempo certo. Eu era muito moço; ora liberto me acho da inexperiência e da ilusão. Homem feito, dirige-me a razão, que em teus olhos um livro me oferece onde leio do amor a ardente prece.

HELENA –

Por que nasci para tamanha afronta? Que vos fiz? Essa fala me amedronta. Não basta, jovem, nunca eu ter podido prender Demétrio ao meu coração fido, para que com tão grande inconveniência venhais zombar de minha insuficiência? Depõe contra vossa honra, sobremodo, a corte me fazerdes desse modo. Passai bem, confessar ser-me-á forçoso que nunca vos julguei tão desgracioso. Porque um moço despreza uma domzela, não se conclui que um outro abuse dela. (*Sai.*)

LISANDRO – A Hérnia não percebeu. Dorme até o dia, que em mim não tem poder tua magia. Pois, como a mais violenta indigestão nos vem dos doces que mais gratos são, e as heresias com maior fereza

LISANDRO – (*Acordando.*)

E até o inferno eu vou, por seu amor! A natureza, Helena, no seu peito A mim revela um coração perfeito. Demétrio, onde está? Eu juro agora Que a minha espada o mata, a qualquer hora!

HELENA – Mas nem pensar, Lisandro, em coisa assim!

Que importa ele amar Hérnia e não a mim? Hérnia ama a você! Eu compreendo!

LISANDRO – Hérnia me ama? Como eu me arrependo

Do tempo que atrás dela andei correndo. Não é Hérnia que eu amo, e sim Helena: Trocar corvo por pomba vale a pena!

Nossa vontade é a razão quem guia E ela diz que você tem mais valia. Nada fica maduro antes da hora E eu, também, só fiquei maduro agora; Pra chegar a agir com correção Minha vontade ouviu minha razão; E eu leio nos seus olhos, com fervor, Belas histórias do livro do amor.

HELENA –

Mas eu nasci pra ser desrespeitada? Que fiz pra merecer tal caçoada? Já não basta pra mim, seu atrevido, Eu nunca, nem jamais, ter conseguido De Demétrio um olhar mais carinhoso, E você inda vem pra mim com gozo? Palavra, é debochar da minha sorte Você fingir que é a mim que faz a corte. Vou embora! Mas eu vou dizer direto: Sempre pensei que fosse mais correto. É incrível que uma moça maltratada Ainda leve, de outro, essa patada. (*Sai.*)

LISANDRO – Nem viu Hérnia! Que durma muito assim!

E nunca mais se aproxime de mim. Até de muito doce a gente enjoa, E toma horror ao que era coisa boa, Assim como heresia renegada

odeia quem já delas se viu presa:
tu, minha indigestão, minha heresia,
serás por mim odiada noite e dia.
No amor vou revelar-me verdadeiro,
sendo de Helena bela o cavaleiro.

(Sai.)

HÉRMIA *(despertando)* -

Lisandro, acode! Tira-me a serpente
que no seio me causa dor pungente.
Só em ti, meu Lisandro, acho guarida;
vê como o medo me deixou transida.
Quis parecer-me que uma serpe o peito
me devorava, e tu tão satisfeito!
Lisandro! Fala! Já te foste embora?
Não me respondes? Fala sem demora.
Tremo de susto. Onde te ocultas? Onde?
Por todos os amores me responde.
Sinto que não te encontras ao meu lado;
pois vou te achar e dar remate ao fado.

(Sai.)

ATO III

Cena I

*Um bosque. Titânia está deitada, a dormir.
Entram Quince, Snug, Bottom, Flauta,
Snout e Starveling.*

BOTTOM – Estamos todos reunidos?

QUINCE – Sem faltar um. Aqui temos um
lugar maravilhosamente conveniente para
ensaiarmos. Este pedaço de chão verde
servirá de palco; esta sebe de madressilvas,
de camarim. Vamos representar como se
estivéssemos diante do duque.

BOTTOM – Peter Quince...

QUINCE – Que estás a dizer, valente
Bottom?

BOTTOM – Nesta comédia de Píramo e
Tisbe há coisas que jamais poderão
agradar. Primeiro: Píramo terá de sacar da
espada para se matar, espetáculo
insuportável para as senhoras. Que
respondeis a isso?

SNOUT – Por Nossa Senhora! É perigoso!

STARVELING – A meu ver, será
conveniente suprimirmos a mortandade.

BOTTOM – De forma alguma. Tenho uma

É por aquele que iludiu odiada;
Assim você de quem me empanturrei,
É a pior das coisas que odiei.

Vou dedicar o meu amor inteiro
A honrar Helena e ser seu cavaleiro.

(Sai.)

HÉRMIA – *(Acordando assustada.)*

Socorro, meu Lisandro! Sou tão fraca!

Salva-me da serpente que me ataca!

Que pavor! Foi um horrível pesadelo!

'Stou tremendo de medo de não vê-lo.

Sonhei que me atacava uma serpente

E que você sorria de contente.

Lisandro! Foi-se? Onde está, querido?

Não ouve? E eu não escuto um só ruído!

Onde está? Diga, se está escutando;

Fale, amor! Eu 'stou quase desmaiando.

Silêncio! Ele então não está por perto;

Vou buscá-lo – ou à morte – no deserto.

(Sai.)

ATO III

Cena I

*(Entram Quina, Bobina, Justinho, Sanfona,
Bicudo e Fominha.)*

BOBINA – Já estamos todos ajuntados?

QUINA – Na horinha, mesmo; este lugar é
marvilhosamente conveniente para o nosso
ensaio. O gramado, aqui, vai ser nosso palco,
esse arbusto de espinhos, nossa coxia, e vamos
poder fazer tudo com ação, do mesmo modo
como vamos fazer na frente do duque.

BOBINA – Pedro Quina!

QUINA – O que foi meu bobinão?

BOBINA – Tem umas coisas nessa comédia de
Píramo e Tisbe que nunca vão conseguir
agradar. Primeiro, Píramo tem de puxar da
espada para se matar, coisa que as madames
não suportam. O que é que você me diz disso?

BICUDO – É palavra que vão ter um medo
muito perigoso.

FOMINHA – Eu acho que, pensando bem,
temos que deixar as matanças de fora.

BOBINA – Nada disso; eu tenho uma idéia

idéia que reporá as coisas em seus eixos. Escreve-me um prólogo, de forma que o prólogo pareça dizer que não ocasionamos nenhum mal com as espadas e que Píramo não morre realmente. E para maior tranquilidade, digei-lhe que eu, Píramo, não sou Píramo, mas Bottom, o tecelão. Isso os deixará sem medo de todo.

QUINCE – Muito bem; havemos de ter esse prólogo, que deverá ser escrito em versos de seis sílabas e de oito.

BOTTOM – Não! Acrescenta mais duas sílabas e escreve-o em versos de oito e oito.

SNOUT – O leão não causará medo às senhoras?

STARVELING – Eu também já pensei nisso.

BOTTOM – Mestres, será conveniente refletir sobre o caso. Trazer um leão – Deus nos acuda! – para o meio de senhoras, é uma coisa pavorosa, pois não há fera volátil mais terrível do que um leão com vida. É isso que precisamos considerar.

SNOUT – Nesse caso será conveniente que outro prólogo declare ao público que não se trata de um leão de verdade.

BOTTOM – Nada disso; bastará dizerdes o nome de quem o representar e arranjar modo para que se lhe veja o rosto através do pescoço do leão, por onde ele próprio falará, mais ou menos com este defeito: “Senhoras”, ou “lindas senhoras”, “desejara”, ou “suplicara” ou “vos concito a não terdes medo e a não tremer. Minha vida pela vossa. Se pensais que eu venho aqui como um leão, não daria nada pela minha vida. Não, longe de mim tal coisa; sou um homem como os demais”. Nessa altura ele declinará seu verdadeiro nome, dizendo francamente que é Snug, o marceneiro.

QUINCE – Muito bem; faremos desse modo. Mas ainda temos duas outras coisas difíceis, a saber: trazer o luar para dentro do quarto, porque, como sabeis, Píramo e Tisbe se encontram à luz da lua.

SNUG – Haverá lua na noite de nossa representação?

BOTTOM – Um calendário! Um calendário! Vede no almanaque! Procurai o

para dar jeito em tudo. È só me escreverem um prólogo, e no prólogo avisamos todo mundo que não vamos fazer mal a ninguém com nossas espadas e que Píramo não é morto de verdade; e, para maior garantia, fica dito a eles, também, que eu, Píramo, não sou Píramo, mas sim Zé Bobina, o tecelão. Isso tira todo o medo deles.

QUINA – Muito bom; vamos arranjar um prólogo desses; tudo em versos com os pés muito bem contados.

BOBINA - Tudo igualzinho. Nada de um maior que o outro.

BICUDO – Será que as donas vão ficar com medo do leão?

FOMINHA – Palavra que eu tenho medo que vão.

BOBINA – Meus senhores, vocês precisam pensar com seus botões. Fazer um leão – que Deus nos proteja! – entrar perto das madames é uma coisa apavorantíssima, pois não existe dragão grifo mais amedrontante que um leão vivo; e nós temos de ficar de olho.

BICUDO – Então em outro prólogo tem de dizer que ele não é leão.

BOBINA – Não; você tem de dizer o nome dele, e metade da cara dele tem de ser vista através do pescoço do leão; e ele mesmo tem de falar pelo buraco, se contradizendo assim: “Senhoras” ou “Lindas senhoras, eu desejaria que vós” ou “eu requereria que vós” ou “eu imploraria que vós não vos amedrontásseis, que não tremêsseis: dou minha vida para garantir a vossa. Se pensásseis que eu vim aqui como leão, minha vida não valeria nada. Mas não sou nada disso, eu sou homem, igual a qualquer outro homem.” E aí, então, ele que diga o nome dele, falando com todas as letras que ele é Justinho, o marceneiro.

QUINA – Pois vamos fazer assim. Mas tem duas coisas muito difíceis; estou falando de trazer o luar para dentro de uma sala, já que vocês todos sabem que Píramo e Tisbe se encontravam ao luar.

BICUDO – E vai ter lua de luar na noite em que a gente representar a nossa peça?

BOBINA – Um calendário! Um calendário! Procurem em almanaque, descubram o luar!

lunar! Procurai o lunar!

QUINCE – Há lua, realmente, nessa noite.

BOTTOM – Nesse caso, bastará deixardes aberto um dos lados do janelão do quarto em que representarmos, para que o lunar penetre por ele.

QUINCE – Assim ficará bem; mas será melhor se alguém entrar em cena com uma lanterna e um feixe de espinhos, declarando que vem para desfigurar ou para representar a pessoa do lunar. Mas há outro ponto: precisamos de um muro no salão, porque a história diz que Píramo e Tisbe conversam através de uma frincha do muro.

SNUG – Não será possível trazer um muro. Que dizeis, Bottom?

BOTTOM – Alguém terá de fazer o papel de muro, com um pouco de greda, gesso ou argamassa na roupa, a fim de significar o muro, devendo colocar os dedos desse modo, para que Píramo e Tisbe falem através da fresta.

QUINCE – Desse jeito ficará bem. Agora, quem tiver mãe que se sente para ensaiar seu papel. Píramo, dai início; depois de recitardes a vossa parte, acolhei-vos à sebe; o mesmo farão os outros, de acordo com as respectivas deixas.

(Entra Puck, no fundo.)

PUCK – Quem são os cascas-grossas que assim gritam

tão perto do lugar em que repousa
Nossa rainha excelsa? Oh, novidade!

Um ensaio teatral! Ótimo. Ouvinte
Vou ser da peça, e ator, conforme o caso.

QUINCE –

Fala, Píramo! Tisbe, vem para a frente!

BOTTOM – “Tisbe, tal como as flores
horrorosas...”

QUINCE – Olorosas! Olorosas!

BOTTOM – “... as flores odorosas,
Tens o hálito, querida, perfumado.

Mas ouço vozes; um momento espera-me:
Depressa voltarei para o teu lado.”

(Sai.)

PUCK – Nunca se viu um Píramo como
este. *(Sai.)*

FLAUTA – Sou eu que falo agora?

Descubram o lunar!

QUINA – É. A lua brilha nessa noite, sim.

BOBINA – Nesse caso, é só deixar uma janela do salão em que a gente vai representar aberta, a lua brilha pela janela.

QUINA – Isso; ou então alguém tem de entrar com um feixe de gravetos e uma lanterna, dizendo que veio para representar a pessoa desfigurada da lua. E ainda tem mais: vamos precisar de um muro no salão, porque o que a história diz é que é por uma brecha do muro que Píramo e Tisbe conversavam.

BICUDO – Ah, mas muro não dá pra ninguém levar lá pra dentro. O que é que você acha, Bobina?

BOBINA – Um sujeito qualquer tem de ser o muro, e ele tem de ter um pouco de gesso, um pouco de barro e um pouco de argamassa, o que vai querer dizer muro, e ele tem de ficar com os dedos abertos, assim, para parecer a racha através da qual Píramo e Tisbe vão cochichar.

QUINA – Se conseguirmos fazer assim fica tudo bem. E agora, todos que forem filhos de mãe sentam aqui e começam a ensaiar seus papéis. Píramo, começa você; depois que você disser sua fala, vai para trás daquele arbusto. E todos vão fazer assim, de acordo com as deixas de cada um.

(Entra Puck ao fundo.)

PUCK –

Que fazem esses trapos barulhentos

Tão próximos do leito da rainha?

O que é isso? Uma peça? Eu vou ouvir

E, se achar que é preciso, viro ator.

QUINA –

Fala, Píramo. Tisbe, chega para a frente.

BOBINA – “Tisbe, são doces as odiosas
flores...”

QUINA – Olorosas! Olorosas!

BOBINA – “Olorosas flores,

Como o hálito seu, Tisbe querida.

Ouçõ um ruído! Aguarde sem tremores

Que eu vou e volto já, numa corrida!”

(Sai.)

PUCK – Píramo mais estranho eu nunca vi!
(Sai.)

SANFONA – É agora que eu falo?

QUINCE – Certo! Certo! Porque precisais compreender que ele saiu somente para verificar que barulho era aquele; mas, não demora, tornará a entrar.

FLAUTA – Ó Píramo radiante, ao branco lírio igual,
tão rubro quanto a rosa em cândida roseira,
esperto juvenil, judeu sacerdotal,
fiel qual potro altivo em rápida carreira.
No túmulo de Nico eu devo te encontrar.

QUINCE – “Túmulo de Nino”, homem!
Mas ainda não é hora de dizerdes isso. Só quando tiverdes de responder a Píramo.

Dizeis de uma só vez todo o vosso papel,
com deixa e tudo. Píramo, entrai. Vossa
deixa já passou; é “em rápida carreira”.

FLAUTA – Oh! “Fiel qual potro altivo em
rápida carreira.”

*(Torna a entrar Puck, seguido de Bottom,
com cabeça de burro.)*

BOTTOM – “Tudo isso, ó bela Tisbe, em
teu regaço eu ponho...”

QUINCE – Oh! Terrível! Monstruoso!
Estamos enfeitados! Fugi, mestres!
Socorro!

(Saem os comediantes.)

PUCK –

Vou perseguir-vos sem vos dar sossego,
por vales, montes, pela mata espessa;
ora como corcel, ora morcego,
ou sapo, ou chama, ou urso sem cabeça;
como cavalo, ou leão, macaco, ou burro,
relincho forte e rujo, guincho e zurro.

(Sai.)

BOTTOM – Por que terão corrido?

Decerto imaginaram alguma maroteira para
me meter medo.

(Volta Snout.)

SNOUT – Ó Bottom, estás mudado! Que
vejo em tua cabeça?

BOTTOM – Que vedes? Vedes uma
cabeça de burro, a vossa; não será isso?

(Sai Snout.) (Volta Quince.)

QUINCE – Deus te abençoe, Bottom!
Deus te abençoe! Estás transformado.

(Sai.)

BOTTOM – Compreendo a brincadeira.
Querem fazer-me de asno, para eu me
amedrontar, como se fosse possível

QUINA – Claro que fala. Vê se compreende
que ele só saiu pra ir ver um barulho que ele
ouviu, e volta já.

SANFONA – “Radioso Píramo, do tom do
lírio,

Cor da rosa vermelha ou da bonina,

Juvenoso judeu em seu delírio,

Qual um corcel que nunca desanima.

Vou encontrar-vos na tumba de Nina.”

QUINA – Tumba de Ninius, homem! Mas você
não pode dizer isso ainda ; isso é a resposta que
você dá a Píramo. Você está dizendo todo o seu
papel de uma vez só, deixas e tudo. Píramo,
entra! Sua deixa é “nunca desanima”.

SANFONA – “Qual um corcel que nunca
desanima.”

*(Entram Puck e Bobina, este com cabeça de
burro.)*

BOBINA – “Se eu fosse lindo, Tisbe, eu seria
vosso.”

QUINA – Que monstro! Que horror! É
assombração! Todo mundo reza e dá no pé!
Fujam! Socorro!

*(Saem Quina, Justinho, Sanfona, Bicudo e
Fominha.)*

PUCK –

Isso! Venham comigo passear!

Por bosque, pântano, ou por selva espessa;

Por cão ou por cavalo eu vou passar,

Ou fogo-fátuo, ou mula-sem-cabeça;

Com latido e grunhido, ou relinchando,

Em cão, urso ou corcel eu vou mudando.

(Sai.)

BOBINA – Por que fugiram? Isso é uma
safadeza deles para me assustar.

(Entra Bicudo.)

BICUDO – Bobina, você está diferente! O que
é isso que eu estou vendo em você?

BOBINA – O que é que você está vendo? Só
podia ser a sua cabeça de burro, ora essa.

(Sai Bicudo.) (Entra Quina.)

QUINA – Deus que o abençoe, Bobina! Você
está transmudado!

BOBINA – Estou vendo essa sujeira: vocês
estão vendo se conseguem me fazer de burro,
pra me assustar. Pois eu vou ficar aqui mesmo

semelhante coisa. Mas façam o que fizerem, não arredarei o pé daqui. Passearei de um lado para o outro, e pôr-me-ei a cantar, para que eles percebam que não estou com medo.

O melro negro e catita
De biquinho alaranjado,
O tordo de voz bonita,
O carricinho espantado...

TITÂNIA – (*acordando*) – Que anjo me desperta do meu leito de flores?

BOTTOM –

O pardal, a cotovia,
A rolinha, o tentilhão,
O cuco a cantar de dia

Sem que os homens digam “Não”,
Porque, em verdade, quem se poria a raciocinar com um pássaro tão estúpido? Quem diria a um pássaro que ele mente, por mais que repita: “Cuco”?

TITÂNIA –

Canta outra vez, gentil mortal, te peço.

Tua voz os ouvidos me enamora,
com teu corpo os olhos me arrebatava.

E de tal modo a tua formosura
me enleva e me comove, que eu proclamo,
sem mais desculpas procurar, que te amo.

BOTTOM – Quer parecer-me, senhora, que para tanto vos assiste razão muito minguada. No entanto, para dizer a verdade, hoje em dia a razão e o amor quase não andam juntos. É pena que alguns vizinhos honestos não se esforcem para deixá-los amigos. Como vedes, eu também posso ser espirituoso, em se oferecendo ocasião.

TITÂNIA – És tão sábio quanto belo.

BOTTOM – Nem tanto assim; se eu tivesse espírito suficiente para sair deste bosque, teria tudo o de que necessito.

TITÂNIA –

Não ponhas noutra parte o coração;
no bosque ficarás, queiras ou não.
Um espírito eu sou, de voz sincera;
verão perene em meu país impera,
e amor te voto. Por tudo isso, vem;
silfos belos vais ter, como eu, também,
que jóias te trarão do mar profundo,

andando de um lado para o outro, e cantando,
para eles ouvirem que eu não estou com medo.

(*Canta.*)

“O melro, negro no peito,
tem o bico alaranjado;
O tordo canta direito,

O pintassilgo é pintado.” (Seu
canto acorda Titânia.)

TITÂNIA –

Que anjo me tira do florido leito?

BOBINA – (*Cantando.*)

“O pardal e a cambaxirra,
O cuco que mal emposta,

Com quem todo mundo embirra
Mas que ninguém dá resposta.”

E, fora de brincadeira, quem haveria de querer se meter com um pássaro bobo daqueles? Quem é que vai poder saber se ele está dizendo a verdade ou não?

TITÂNIA –

Gentil mortal, canta de novo, eu peço:

O meu ouvido adora o teu cantar
E o meu olhar adora a tua forma;

São as tuas virtudes que me impelem
A sentir, desde logo, que eu te amo.

BOBINA – Minha madame, acho que a senhora não tem muita razão para isso. Mas, para falar a verdade, hoje em dia a razão e o amor não costumam andar muito juntos. É uma pena que algum amigo não obrigue os dois a serem amigos. Bem que de vez em quando minhas piadinhas são profundas.

TITÂNIA – Tu és tão sábio quanto translumbrante.

BOBINA – Nem tanto assim. Se eu fosse esperto o bastante para sair desta floresta, já era o suficiente para mim.

TITÂNIA –

Não desejes partir deste meu bosque:

Aqui hás de ficar, queiras ou não.

Eu não sou um espírito qualquer;

O verão inda é meu servidor

E eu te amo; vem comigo, então.

Fadas eu te darei para servir-te;

Elas te buscarão jóias no mar,

e te farão dormir sempre jucundo.
Da mortal grosseria vou livrar-te
e em espírito aéreo transformar-te.
Traça! Mostarda! Flor-de-ervilha! Teia!
(*Entram quatro silfos.*)

TRAÇA – Pronto!
SEMENTE-DE-MOSTARDA -
Eu também!
FLOR-DE-ERVILHA – Aqui!

TODOS QUATRO – Para onde iremos?
TITÂNIA –

Sede corteses com este gentil homem;
bailai em torno dele, dando saltos
graciosos, porque a vista se lhe agrade.
Daí-lhe damascos doces sem demora,
uvas rosadas, figo verde e amora.
Aliviai as abelhas em pletora.
De suas pernas aprestai candeeiro,
que acendereis depressa no luzeiro
dos vaga-lumes, e amarraí, ligeiro,
asas de mariposa transparente,
porque os raios da lua impertinente
não lhe causem aos olhos dor pungente.
Elfos, cumprimentai-o alegremente.

FLOR-DE-ERVILHA – Salve, mortal!

TEIA-DE-ARANHA – Salve!

TRAÇA – Salve!

BOTTOM – De todo o coração peço
perdão a Vossas Senhorias. Como é que
Vossa Senhoria se chama?

TEIA-DE-ARANHA – Teia-de-aranha.

BOTTOM – Desejo ficar vos conhecendo
mais de perto, meu bom mestre Teia-de-
aranha. Quando eu me cortar o dedo, terei a
ousadia de vos utilizar. Vosso nome,
honesto cavalheiro?

FLOR-DE-ERVILHA – Flor-de-ervilha.

BOTTOM – Peço-vos que me
recomendeis à senhora Vagem, vossa mãe,
e ao mestre Grão-de-bico, vosso pai.
Caro mestre Flor-de-ervilha, espero que em
futuro próximo estreitemos as relações.
Vosso nome, senhor, por obséquio?

SEMENTE-DE-MOSTARDA –
Semente-de-mostarda.

BOTTOM – Caro mestre Semente-de-
mostarda, conheço perfeitamente vossa

E hão de cantar junto ao teu leito em flor.
O teu corpo mortal eu purgarei,
Pra que cruces os ares co'os espíritos.
Mostarda, Mariposa, Ervilha, Teia!
(*Entram as quatro fadas, Semente de Mostarda,
Mariposa, Ervilha de Cheiro e Teia de
Aranha.*)

ERVILHA – Aqui!

TEIA – Aqui!

MARIPOSA – Aqui!

MOSTARDA – Aqui!

TODAS – O que quer?

TITÂNIA –

Sejam gentis com esse cavalheiro;

Saltem e dancem para que ele veja:
Dêem-lhe abricós e framboesas,
Uvas vermelhas, figos e morangos;
Vão roubar bagos de mel nas colméias
E cera, pra fazer tochas pras noites:
Acendam-nas co'a luz dos vaga-lumes,
Pro meu amor deitar e levantar.
De asas de borboletas façam leques
Para abanar seus olhos com luar,
Todo com reverências e medidas.

ERVILHA – Salve, mortal!

TEIA – Salve!

MARIPOSA – Salve!

BOBINA – Muito obrigado a Vossas
Senhorias, de coração. Como é o nome de
Vossa Senhoria?

TEIA – Teia de Aranha.

BOBINA – Vou desejar mais de vosso
conhecimento, senhora Teia: quando cortar o
dedo, hei de vos aproveitar. E o seu nome,
honrada Senhoria?

ERVILHA – Ervilha de Cheiro.

BOBINA – Peço que me recomende à senhora
Vagem, sua mãe, e ao senhor Cheiro, seu pai.
Senhoria Ervilha de Cheiro, também vou
desejar mais do vosso conhecimento. E o vosso
nome, senhoria?

MOSTARDA – Semente de Mostarda.

BOBINA – Senhoria Semente de Mostarda,
conheço bem a fama de vossa paciência. E sei

paciência. O covarde e agigantado Rosbife já devorou muitos cavaleiros de vossa casa. Podeis ficar certos de que os vossos parentes já me deixaram muitas vezes com os olhos cheios de lágrimas. Desejo travar conhecimento mais íntimo convosco, caro mestre Semente-de-mostarda.

TITÂNIA –

Levai-o para o quarto de boninas.
Úmida, a lua espalha a claridade.
Quando ela chora, as flores pequeninas a perda choram de uma virgindade.
A língua lhe amarra, mas com bondade.

(Saem.)

CENA II

Outra parte do bosque. Entra Oberon.

OBERON –

Saber eu desejara se Titânia já despertou, e mais: o que primeiro lhe caiu sob os olhos, de que esteja perdida de paixão. Mas eis que chega meu mensageiro.

(Entra Puck.)

Então, travesso espírito,
qual foi a brincadeira mais estranha
que aparelhaste neste bosque mágico?

PUCK –

A rainha se encontra loucamente de um monstro apaixonada. Quase em frente do sagrado lugar em que ela a sono mui tranqüilo se achava em abandono, uma tropa de artífices de Atenas, capazes de trabalho rude, apenas, para ganhar o pão com o suor do rosto, ensaiava uma peça de mau gosto, para o ida solene do himeneu da Amazona garbosa e o grão Teseu. o casca-grossa de mais rude engenho de todos eles, que, com muito empenho, de Píramo fazia, a cena deixa por um momento, à espera de sua deixa. Eu, então, da ocasião me aproveitando para um monstro o transformar, infando, sobre os ombros lhe pus, sem mais demora, de burro uma cabeça. Eis chegada a hora da resposta de Tisbe, o instante azado para na peça eu por o meu bocado.

que bois e vacas enormes têm devorado muitos integrantes honrados de vossa família: e confesso que muitos de seus parentes já me trouxeram lágrimas aos olhos. E vou desejar também mais de vosso conhecimento, minha boa mestria Semente de Mostarda.

TITÂNIA –

Levem-no agora para o meu recanto.
A lua em seu olhar está orvalhada
E, quando chora, as flores dão seu pranto,
Lamentando a pureza violada.
Que ele venha em silêncio, a língua atada.

(Saem.)

CENA II

(Entra Oberon, Rei das Fadas.)

OBERON –

Quero saber se Titânia acordou
E o que bateu primeiro em seu olhar,
Pra ser objeto de paixão sem fim.

(Entra Puck.)

Meu mensageiro! O que há, meu louco?
Que trouxe a noite à floresta encantada?

PUCK –

Um monstro traz Titânia apaixonada.
No bosque onde agora faz seu lar,

Na hora em que dormiu pra repousar,
Alguns artífices, sem condição,
Que nas lojas de Atenas ganham pão,
Ensaivavam um drama desastrado,
Pra ser no casamento apresentado.
O mais boçal de toda a triste escória,
Que fazia de Píramo na história,
Saiu de cena e entrou por um arbusto,
E eu, aproveitando, dei-lhe um susto:
Um focinho de burro para usar
E, como ele com Tisbe ia falar,
Voltou logo – e quando os outros viram,
Igual aos gansos que pavor sentiram,
Como um bando de gralhas assanhadas
Que, assustadas por armas disparadas,
Saem voando e sobem para o céu,
Co'os outros, só de vê-lo, é o que se deu.
Co'o meu pé eu alguns fiz tropeçar,

Ao vê-lo, os outros, tal como bulhento bando de patos bravos, no momento em que percebem caçador matreiro que para eles se arrasta sorrateiro, ou como gralhas de pés rubros, quando a um tiro súbito, a gritar, voando, se espalham pelo céu – cheios de medo também se afundam logo no arvoredo para mais assustá-los, sapateio sem parar, deles todos pelo meio: uns sobre os outros caem, por socorro gritando, em desespero: Atenas! Morro! Minguando-lhes o senso na medida que aumenta o medo, quanto não tem vida lhes causa dano, que, pelos caminhos vão deixando nas pontas dos espinhos aqueles membros do teatro imbele parte das roupas, dos chapéus, da pele. Dominados, assim, todos de medo, deixei-os ir. Só fica no brinquedo nosso Píramo, em burro transformado. Nesse instante, porém, tendo acordado Titânia, apaixonou-se perdidamente do belo monstro que lhe estava em frente.

OBERON –

Eu próprio melhor plano não teria podido excogitar. Mas a magia da planta no ateniense já puseste, conforme te falei, de peito agreste?

PUCK –

A dormir o encontrei. Já liquidado ficou também esse negócio. Ao lado dele estava a ateniense desprezada que por ele vai ser alcandorada.

(Entram Demétrio e Hérmia.)

OBERON – Põe-te de lado; eis o ateniense duro.

PUCK – Ela é a mesma; mas que este é outro eu juro.

DEMÉTRIO –

Por que tais expressões gastais comigo? Deixai rigores para o vosso imigo.

HÉRMIA –

Com censuras agora me contento, mas sobejas razões teu ardimento num crescendo me dá de amaldiçoar-te. Se de Lisandro a vida, em qualquer parte, no sono tu tiraste, e já manchado de sangue tens o pé, nenhum cuidado te cause prosseguir na foribunda

E todos começaram a gritar. Assim perdidos, tão amedrontados, Sentiam-se por tudo ameaçados. Suas roupas nos galhos agarraram, E o que estava jogado eles pegaram. Levei embora o grupo apavorado, Mas deixei lá o amante transformado. Titânia despertou nesse momento E 'stá louca de amor pelo jumento.

OBERON –

Isso saiu melhor do que eu sonhei. Mas já botou o sumo que eu lhe dei Nos olhos do rapaz, como eu pedi?

PUCK –

Está feito. Ele dormia e eu agi. E a moça estava logo ali ao lado. Quando acordou, só pode ter olhado.

(Entram Demétrio e Hérmia.)

OBERON – Lá vem o ateniense; fique esperto.

PUCK – É ela, sim; mas ele não está certo. *(Os dois afastam-se para um lado.)*

DEMÉTRIO –

Por que condena quem lhe tem amor? Reserve pro inimigo esse furor.

HERMIA –

Condeno agora, só pra começar: Se foi você, dá pr'amaldiçoar. Se assassinou Lisandro adormecido, Se num banho de sangue está metido, Mate-me a mim também: O sol nunca foi tão fiel ao dia Quanto ele a mim. Será que fugiria

devastação: a perna inteira afunda...
 Oh! Mata-me, também!
 O sol não era tão fiel ao dia,
 como ele a mim. Possível lhe seria
 fugir de mim, para fazer-me guerra?
 Mais fácil fora acreditar que a terra
 se deixasse furar por uma pua
 e que emitisse através dela a lua
 sua luz clara para, do outro lado,
 deixar o irmão ao meio-dia enfiado.
 Dúvida já não tenho: és assassino;
 esse rosto o proclama, o olhar ferino.

DEMÉTRIO –

O aspecto devo ter de assassinado,
 não de assassino, porque transpassado
 me deixou tua insólita crueldade.
 Mas brilhas com tão grande claridade,
 apesar da feição dura e severa,
 como a luzente Vênus na alta esfera.

HÉRMIA –

A que vem isso com Lisandro, agora?
 Ah, bom Demétrio, da-mo sem demora.

DEMÉTRIO –

Antes eu dera aos cães sua carcaça.

HÉRMIA –

Sai, monstro! Cão! Desfaçatez tão crassa
 minha paciência virginal esgota.
 Já não tenho esperança nem remota.
 Sei que o mataste; mas, como um bargante,
 dos homens fugir deves de hora em diante.
 Oh! Por amor de mim, conta-me tudo,
 que em minha grande dor encontro escudo.
 De frente a olhá-lo sempre te abtiveste,
 E, no sono, o mataste? Oh peito agreste!
 Poderia algum berme, alguma cobra, tão
 depressa causar tão hedionda obra?
 Víbora, disse, que ela mais pungente
 picada do que tu não dá, serpente!

DEMÉTRIO –

Funda-se nalgum erro o teu cuidado.
 Se Lisandro está mal, não sou culpado,
 nem sei que morto esteja ele, também.

HÉRMIA –

Dize, então, por favor, que ele está bem.

DEMÉTRIO –

Se o disser, que vantagem me vem disso?

HÉRMIA –

A de jamais me ver; maior serviço
 possível não será, como ora o faço,
 sejam ou não culpado em seu trespasso.

De Hércia adormecida? É mais provável
 A terra ficar sendo permeável
 E a lua atravessá-la, lado a lado,
 Pra brilhar no que era ensolarado.
 Só posso acreditar que o assassinou:
 Só fica com essa cara quem matou.

DEMÉTRIO –

Ou quem morreu. A sua ingratidão
 Cortou e destruiu meu coração.
 E no entanto você, que é assassina,
 É bela como a Vênus que a ilumina.

HÉRMIA –

E daí? Onde está Lisandro, enfim?
 Meu bom Demétrio, não quer dá-lo a mim?

DEMÉTRIO –

Prefiro dar seus ossos pro meu cão!

HÉRMIA –

Fora, cachorro! Nem educação
 Me serve agora. Então o assassinou?
 Pois sua vida, então, já terminou!
 Diga a verdade, se quer meu agrado:
 Você o enfrentaria, se acordado?
 Mas o matou dormindo; que beleza!
 Só mesmo cobra é que faz tal baixeza:
 Como uma cobra, agindo falsamente,
 Você o feriu, com língua de serpente.

DEMÉTRIO –

Você usa paixão em caso errado;
 Se Lisandro morreu, não sou culpado.
 E nem que esteja morto prova eu tive.

HÉRMIA –

Então garanta, eu peço, que ele vive.

DEMÉTRIO –

E pela garantia o que vou ter?

HÉRMIA –

A certeza de nunca mais me ver.
 Eu odeio você e vou sumir:
 Com ele vivo ou morto, eu vou fugir.

*(Sai.)***DEMÉTRIO** –

Nessa disposição não há segui-la.
 Vou esperar que fique mais tranqüila
 e procurar dormir. Quando em falência
 se acha o sono, menor é a resistência
 ao peso da tristeza. Desta sorte
 talvez melhor esse ônus eu suporte.

*(Deita-se e dorme.)***OBERON** –

Que fizeste? Houve engano manifesto;
 foi posto o suco em um amante honesto;
 deixaste falso um fido namorado,
 sem que o remisso fosse castigado.

PUCK –

O fado o quis; para um sincero amante,
 mil falsos há de haver a cada instante.

OBERON –

Percorre a mata, mais veloz que o vento,
 e acha Helena de Atenas num momento.
 De aqui trazê-la, ficas incumbido,
 enquanto o peito eu mudo ao moço infido.

PUCK –

Já vou! Já vou! Vê como eu vou ligeiro,
 tal qual seta de Tártaro guerreiro. *(Sai.)*

OBERON –

Botão de rosa ferido
 pela flecha de Cupido,
(Espreme a flor nos olhos de Demétrio.)
 no espírito entra vencido
 deste moço adormecido.
 Ao despertar, ao ruído
 que ela fizer, que rendido
 se lhe torne o peito fido.
(Volta Puck.)

PUCK – Capitão do nosso bando
 de duendes, já vem andando
 para cá Helena bela
 e o jovem da tal querela
 por mim causada, também.
 Ora disse se convém
 prosseguir na brincadeira,
 porque a tenhamos inteira.
 Oh mestre! Como são loucos
 os mortais! De senso há poucos.

OBERON – Retira-te; ao vir o par
 vai Demétrio despertar.

*(Sai.)***DEMÉTRIO** –

Não adianta seguir quem grita tanto;
 Vou ficar aqui mesmo, por enquanto.
 O peso da tristeza vai crescendo
 Porque o sono, na dor, fica devendo.
 Vou ver se acerto um pouco o pagamento,
 Deitando aqui ao menos um momento.

*(Deita-se e dorme. Oberon e Puck avançam.)***OBERON** –

Que foi fazer? Você fez tudo errado;
 Pingou no olhar de algum apaixonado,
 E o resultado dessa confusão
 Já não vai ser amor e, sim, traição.

PUCK –

Foi o destino; e lá, se um é honesto,
 Quebra palavra e juras todo o resto.

OBERON –

Vá como o vento pelo bosque afora,
 Pra encontrar Helena sem demora;
 Ela anda pálida e desanimada,
 Que é marca de que está apaixonada.
 Quero que a traga para aqui depressa:
 Preparo tudo e espero que apareça.

PUCK –

Eu vou, eu vou, vou pela brecha
 Eu vou mais rápido que a flecha.

OBERON –

(Pingando o sumo nos olhos d Demétrio.)
 Flor de roxo colorida
 Já por cupido ferida,
 No olho fique metida.
 Quando ela for pressentida,
 Que ela brilhe como a vida,
 Ou Vênus resplandecida.
 Quando acordar, em seguida,
 Há de implorar-lhe guarida.
(Entra Puck.)

PUCK – Capitão do nosso bando,
 Helena está aqui chegando,
 Junto co' o rapaz trocado
 Que se diz apaixonado.
 Vamos ver que fazem mais?
 Que tolos esses mortais!

OBERON – Quietos! Esses dois vão gritar
 Até Demétrio acordar.

PUCK – Dois namorados para uma só mulher! Não há nenhuma brincadeira que me agrade, como ciúme de verdade.

(Entram Helena e Lisandro.)

LISANDRO –

Por que dizes que tudo é só ironia?
Se assim fosse, tão fundo eu não chorara.
no meu pranto, comprova-se a magia
que exerce em mim tua figura rara.
Como haveria em meu amor suspeita,
se minha fé se encontra a ti sujeita?

HELENA –

Vossa ousadia aumenta; é uma querela
santa e infernal matar o amor com juras.
Vossa fé é só de Hérnia; abris mão dela?
Vossas juras são falsas e inseguras
como conto falaz é o juramento
que a ela e a mim fazeis num só momento.

LISANDRO –

Ao lhe jurar amor, não tinha eu senso.

HELENA –

E ao deixar dela, menos; é o que eu penso.

LISANDRO –

Demétrio a Hérnia idolatra e vos detesta.

DEMÉTRIO – *(despertando)*

Ó Helena, deusa, ninfa sublimada,
que há de mais fascinante que a alvorada
desses olhos tão lindos? Tosco e baço
é o cristal junto deles; um pedaço
de cereja esses lábios tentadores
que a toda hora me falam só de amores.
A neve virginal do Tauro altivo,
sempre apagada pelo vento estivo,
em corvo se transforma, forrente e feio,
quando agitas a mão, num galanteio.
Oh! Vou beijar a sede da ventura,
essa princesa feita de luz pura!

HELENA –

Oh dor! Vejo que estais de acordo, acinte,
para de mim zombar com tal requinte.
Se em vós houvesse sombra de respeito,
jamais me ofenderíeis desse jeito.
Odiar-me não vos basta; a zombaria
nesta farsa a vosso ódio se associa.
se fôsseis homens, como a forma o mostra,
não daríeis de vós tão triste mostra,
zombando assim de mim, com tantas juras,

PUCK – Os dois cortejando Helena

Não é diversão pequena;
Pra mim o mais engraçado
É aquilo que sai errado.

(Ambos afastam-se para um lado.)

(Entram Lisandro e Helena.)

LISANDRO –

Por que estaria eu só caçoando?
Desdém se cobre em pranto desde quando?
Veja que eu choro, e a jura em pranto dada
É verdade que nasce confirmada.
Como pode pensar que é brincadeira
Uma paixão assim tão verdadeira?

HELENA –

Você para mentir tem tal talento
Que o céu e o inferno vão se confundir.
E Hérnia? É esquecida, num momento?
Toda jura, em você, tende a sumir:
Suas juras, a nós, numa balança
Não merecem – nem dela – confiança.

LISANDRO – Amei Hérnia quando eu não
estava em mim.

HELENA –

E agora está pior, traindo assim.
É só a ela que Demétrio adora!

DEMÉTRIO – *(Despertando.)*

Helena! Deusa! Beleza sem-par!
A que seus olhos hei de comparar?
Cristal é opaco. E cerejas sem-par
São os seus lábios, feitos pra beijar!
A alvura da colina mais gelada
É negra como um corvo, comparada
Co'a sua mão. Princesa da brancura!
Deixe eu selar co'um beijo a minha jura!

HELENA –

Mas que inferno! Agora os dois vão fingir,
E à minha custa vão se divertir!
Se a sua educação 'stivesse inteira,
Não ia me ofender dessa maneira.
Por que não se contentam em me odiar?
Será que inda é preciso caçoar?
Se vocês fossem homens de verdade,
Não iam me tratar com essa maldade:
Me fazem juras, só ouço elogio,

porque me causem tão-somente agruras.
Sois rivais, porque tendes amor a Hércia,
e ainda rivais para zombar de Helena.
Oh feito altivo! Oh sublimada empresa!
Fazer chorar quem se acha ora indefesa.
Cavalheiro nenhum ofenderia
uma virgem qualquer, nem tiraria
a paciência dela, por folia.

LISANDRO –

Demétrio, sois cruel; tenho certeza
de que a Hércia amais. Usemos de
franqueza:

de todo o coração te cedo a parte
que eu ter pudesse em seu amor; desta arte
me cedereis também vosso quinhão
do amor de Helena, a quem estendo a mão.

HELENA –

Jamais se ouviu tão vã declaração.

DEMÉTRIO –

Lisandro, não me causas alegria;
de Hércia saber não quero. Se algum dia
lhe tive amor, está tudo acabado.
tal amor foi um simples convidado
que em seu peito morou, mas que, ao
presente,
para Helena retorna alegremente.

LISANDRO – Não creias nisso, Helena.

DEMÉTRIO –

Não permito
que menoscabes o meu peito aflito.
Se insistes, provarás a minha espada.
Mas eis que vem chegando a tua amada.

(Entra Hércia.)

HÉRMIA –

A noite que da vista tira tudo
deixa o ouvido dez vezes mais agudo.
Quanto parece a vista ter perdido,
em agudeza ganha o outro sentido.
Bom Lisandro, não foste ora encontrado
com o auxílio da vista. Se ao teu lado
me vejo, é que tua voz estremecida
de guia me serviu nesta corrida.
Por que me abandonaste tão sozinha?

LISANDRO –

Para ir ver meu amor, minha rainha.

HÉRMIA –

Que rainha ou amor de mim te aliena?

LISANDRO –

A amada de Lisandro, a bela Helena,

Mas ambos só me têm um ódio frio
Ambos rivais pro coração de Hércia,
Ambos rivais pra caçar de Helena.
Mas, pra dois homens, que façanha bela!
Fazer chorar assim uma donzela
Com caçadas. Não vejo nobreza
Em ofender uma moça indefesa:
Em divertir-se em tê-la como presa

LISANDRO –

Demétrio, você 'stá agindo errado,
Pois seu amor por Hércia é proclamado.

Neste instante, e de todo o coração,
Do amor de Hércia lhe dou meu quinhão.
Se o de Helena a mim você legar,
A ela, até morrer, eu hei de amar.

HELENA –

Como os dois falam, só pra caçar!

DEMÉTRIO –

Pode ficar com Hércia pra você;
Se eu gostei dela, eu nem sei mais por quê
Meu coração com ela se hospedou,
Mas com Helena, um lar ele encontrou
Onde morar.

LISANDRO – Isso não é verdade.

DEMÉTRIO –

Você não sabe o que é fidelidade
E, se metendo, arrisca a sua vida.
Aí vem seu amor, sua querida.

(Entra Hércia.)

HÉRMIA –

A escuridão tira a força do olhar,
Mas sempre faz o ouvido melhorar;
Se o olho fica assim prejudicado,
O ouvido fica mais que compensado.
Não pude achar Lisandro com o olhar,
Sou grata à sua voz por me guiar.
Por que me abandonou tão cruelmente...

LISANDRO –

Por que ficar? O amor apressa a gente.

HÉRMIA –

Que amor pode tirá-lo do meu lado?

LISANDRO –

O de Lisandro, que o fez apressado:

que ao teu lado ficar não me deixava
e que brilha, com sua coma flava,
por tudo iluminando a noite escura
mais do que esses luzeiros de luz pura.
Por que me buscas? Pois não viste ainda
que por ti sinto antipatia infinda?

HÉRMIA –

Não dizes o que pensas; é impossível.

HELENA –

Hérnia está ao lado deles; será crível?
Vejo que os três estão, de igual maneira,
mancomunados nesta brincadeira,
para rirem de mim. Ó ingrata Hérnia,
jovem maldosa, de comum acordo
vos pusestes com estes dois mancebos
para tamanho escárnio me atirardes?
As confidências que fazer sóíamos,
nossos votos de irmã, tantos momentos
de conversa amigável, quando o tempo
de passadas velozes nós culpávamos
por nos vir separar: tudo esqueceste?
A amizade dos bancos escolares?
A inocência da infância? Hérnia, nós duas
como deusas prendadas, muitas vezes
a mesma flor tecemos com agulhas,
de um modelo valendo-nos, sentadas
numa almofada só, cantarolando
sempre no mesmo tom iguais cantigas,
como se corpos, mãos, almas e vozes
em comum nós tivéssemos. Desta arte
crescemos juntas, aparentemente
separadas, mas, ainda assim, unidas;
dois frutos amorosos num só talo,
um coração apenas em dois corpos
ao parecer, tal como dois escudos
encimados por uma crista apenas.
Quereis romper uma amizade dessas,
para ao lado vos pordes desses moços
que escarnecem de vossa pobre amiga?
Não é procedimento de amizade,
nem é conduta feminina, tampouco.
Por mim, todo o meu sexo te condena,
muito embora eu, somente, a injúria sinta.

HÉRMIA – De espanto me enche esse
discurso insólito.

De vós não zombo; o que suponho certo,
é que alvo sou de vossa zombaria.

HELENA –

Instigado por vós não foi Lisandro
a me seguir e me fazer encômios

A bela Helena, que ilumina o céu
Mais do que os fogos com que ele nasceu.
Por que me procurou? Devia ver
Que foi o ódio que me fez correr.

HÉRMIA –

Você não pensa assim. Não é possível!

HELENA –

Ela também 'stá nessa trama horrível!
Já percebi que os três se reuniram
Pra ver de mim que gargalhada tiram.
Hérnia maldosa! Mas que moça ingrata!
Será que urdiu, que conspirou com eles
Pra me irritar com todo esse deboche?
Será que tudo que nós conversamos,
Nossa juras de irmãs, as horas juntas,
Chorando todo o tempo que corria
Pra separar-nos – tudo está esquecido?
Nós duas, Hérnia, parecendo deusas,
Fizemos, em bordado, a mesma flor,
De um mesmo risco e sobre a mesma tela:
Cantamos num só tom uma canção,
Como se nossas mãos, vozes e mentes
Se entrelaçassem. Juntas nós crescemos
Qual frutas gêmeas, meio separadas,
Mas sempre unidas na separação.
Duas cerejas de uma mesma haste,
Nós com dois corpos e um só coração,
Como um par de braços num mesmo escudo
Que são unidos por uma coroa.
E você vai matar todo esse amor
Ajudando esses dois a me humilhar?
Não é coisa que alguma amiga faça:
Eu e o nosso sexo a condenamos,
Embora só eu sofra toda a injúria.

HÉRMIA –

Eu me espanto de ouvir toda essa grita;
Se há caçoada aqui, ela é só sua.

HELENA –

Foi você que mandou Lisandro aqui,
Pra caçoar de mim com elogios;

por pura zombaria, enaltecendo-me os olhos e a figura? Não fizestes que este outro vosso admirador, Demétrio-que, até há pouco, com o pé me repelia - me chamasse de ninfa, deusa, rara, preciosa, celestial, irresistível? Por que fala desta arte a quem detesta? Por que razão Lisandro ora se mostra perjuro ao vosso amor que a alma lhe adorna, e afeição me protesta formalmente, se instigado por vós não se encontrasse? Por ser destituída dos encantos que vos são próprios e não ter nenhuma sorte no amor, amando como o faço, sem ser compreendida? Isso piedade despertar deveria, não desprezo.

HÉRMIA –

De vossa fala o nexa não percebo.

HELENA –

Continuai a fingir olhares tristes e, quando eu me virar, fazei caretas; um para o outro piscai; levai avante vossa pilhéria fina; a brincadeira bem planejada vai passar à história. Se de moral, piedade, ou sentimento fosseis dotados, não me escolheríeis para objeto de vosso passa-tempo. Mas passai bem; em parte é minha culpa; a ausência ou a morte ensejará o remédio.

LISANDRO – Não vás, gentil Helena; ouve-me os votos, amor, vida, minha alma, Helena linda!

HELENA – Admirável!

HÉRMIA – Meu bem, não troces dela.

DEMÉTRIO – Se com seus rogos Hérnia o não convence a força empregarei.

LISANDRO –

Tuas ameaças me obrigam tanto quanto o seu pedido. Amo-te, Helena. Sim, por minha vida, por esta vida que por ti arrisco, juro provar que falsidade afirma quem se atreve a dizer que eu não te adoro.

DEMÉTRIO –

Maior que o dele é o meu amor, afirmo-o.

LISANDRO – Então vinde comigo.

DEMÉTRIO – Neste instante.

E ainda fez seu outro amor, Demétrio, Que a pouco me tratava a pontapés, Me apelidar de deusa e ninfa rara, Celestial e preciosa. Que razão Ia levá-lo a falar dessa maneira A quem odeia? E por que Lisandro Renega o seu amor, tão raro outrora, Para ofertar a mim sua afeição, Se você não deixasse e não mandasse?

O que tem que eu não seja abençoada Como você, tão coberta de amor, Mas tenha o azar de amar sem ser amada? Eu devo inspirar pena, e não chacota.

HÉRMIA –

Eu não sei o que quer dizer com isso.

HELENA –

Continuem fingindo que estão tristes, Pra depois rir de mim nas minhas costas, Piscando, e sustentando a brincadeira, Pra mais tarde contar a história toda. Co'um pouco de piedade ou cortesia Nunca teriam feito isso comigo. Pois passem bem. Eu sei que a culpa é minha, E, pra pagar, desapareço ou morro.

LISANDRO – Helena, fique, e escute as minhas preces.

Meu amor, minha vida, Helena bela!

HELENA – Bonito!

HÉRMIA – Meu amor, não ria dela!

DEMÉTRIO –

Ela pediu, mas eu 'stou ordenando.

LISANDRO –

Nem ordem nem pedido escutarei: Ameaças nem preces têm valor. Por minha vida, Helena, eu a amo; Eu juro, e a minha vida arriscarei Contra aquele que nega o meu amor.

DEMÉTRIO –

Eu digo que eu a amo mais que ele.

LISANDRO – Pois, então, prove o que disse com a espada.

DEMÉTRIO – Vamos, depressa!

HÉRMIA –

A que tende, Lisandro, a brincadeira?

LISANDRO – Para trás, negra etíope!

DEMÉTRIO – Ele finge

que está furioso mas, realmente, abstém-se de me seguir. Homem pacato, vamos!

LISANDRO – *(a Hérnia)*

Gata, vai te enforcar! Bardana! Monstro!

Senão, serás tratada como víbora.

HÉRMIA –

Por que tão rude assim ficais de súbito?

Qual a causa, meu bem, dessa mudança?

LISANDRO –

Teu bem, Tártara escura? Para trás, vomitório! Veneno odioso, fora!

HÉRMIA – Estais brincando?

HELENA – Sim, e vós com ele.

LISANDRO –

Demétrio, mantereí minha palavra.

DEMÉTRIO –

Quisera ter a obrigação escrita por vossa própria mão, pois estou vendo que obrigação mui fraca ora vos prende. Vossa palavra para mim não vale.

LISANDRO –

Como! Devo bater-lhe? Assassiná-la?

Embora a odeie, mal não lhe desejo.

HÉRMIA –

Como! É possível maior mal do que isso de me odiardes assim? Ódio votardes-me? Por quê? Por quê? Oh Deus! Amor, que houve?

Hérnia não sou e vós não sois Lisandro?

Sou tão formosa agora quanto era antes.

Amáveis-me esta noite, e nesta mesma noite me rejeitais. Serei forçada, pois, a pensar – oh! Deus tal não permita! – que de caso pensado me deixastes.

Dizei: é isso?

LISANDRO – Sim, por minha vida, e não te quero ver nunca jamais.

Perde, pois, a esperança; não te iludas, não me faças perguntas sem sentido.

Não é pilhéria, podes estar certa; nada há mais verdadeiro; tenho-te ódio e apaixonadamente a Helena adoro.

HÉRMIA –

Ai de mim! Feiticeira! Vil gusano, ladra de amor! Durante a noite viestes

HÉRMIA –

O que é isso, Lisandro?

LISANDRO – Saia você, etíope!

DEMÉTRIO – Não, não, ele...

Vai parecer lutar. *(Para Lisandro)* Grita que ataca,

Mas não ataca! Você é um covarde!

LISANDRO –

Pra fora, gata, lixo! Larga, droga!

Ou eu torço você como uma cobra.

HÉRMIA –

Por que tal grosseria? O que mudou, Meu amor?

LISANDRO –

Seu amor, fora encardida!

Remédio ruim, veneno amargo, fora!

HÉRMIA – Está brincando?

HELENA – Assim como você.

LISANDRO –

Demétrio, eu lhe dou minha palavra.

DEMÉTRIO –

Eu preferiria um contrato escrito:

A palavra que dá não vale nada.

LISANDRO –

Você quer que a espanque, ou que a mate?

Isso eu não faço, mesmo que a odeie.

HÉRMIA –

E existe mal maior do que o seu ódio?

Odiar-me? Por quê? Que é isso, amor?

Eu não sou Hérnia, nem você Lisandro?

Em tudo eu sou tão bela quanto era.

Ontem você me amava – e me deixou.

Mas, então, me deixou – Deus me proteja-

A sério, mesmo?

LISANDRO – Sim, por minha vida!

E não desejo vê-la nunca mais.

Não tenha dúvida nem esperanças:

Pode estar certa que não estou brincando;

Eu odeio você e amo Helena.

HÉRMIA – Ai de mim! *(para Helena)*

Saltimbanca! Erva daninha!

Ladra de amor! Você veio, de noite,

para roubar o coração do peito
do meu amado?

HELENA –

Fina, realmente!

Pudor não tendes virginal, modéstia,
resquíio de vergonha? Será crível?
Quereis forçar-me a gentil boca a dar-vos
respostas impacientes? Oh! Que opróbio!
Fora, boneca falsa!

HÉRMIA –

É assim: boneca!

Esclarece-se agora a brincadeira.
Começo a perceber que ela o confronto
fez de nossas alturas, insistindo
no seu porte mais alto, na aparência
mais elevada, em sua alta compostura,
e desse modo pode seduzi-lo.
Subistes tanto em sua estima, apenas
por eu ser anãzinha e diminuta?
Qual é minha estatura? Vamos, fala,
varapau rebocado. Sou pequena,
não é verdade? Mas não tanto, ainda,
que com as unhas os olhos não te alcance.

HELENA –

Senhores, muito embora estejais todos
de mim fazendo troça, por obséquio
não consentais que mal ela me cause.
nunca fui má, nem queda jamais tive
para essas discussões; mulher me sinto
até mesmo na minha covardia.
Não deixeis que me bata, pois decerto
não pensais que por ela ser mais baixa
do que eu, serei capaz de dominá-la.

HÉRMIA – Baixa, baixa outra vez.

HELENA -

Hérmia bondosa,
não vos mostreis zangada assim comigo.
Sempre vos tive amor; ofensa alguma
jamais vos fiz e sempre fui discreta
com relação a vossas confidências.
Sim, por amor, apenas, de Demétrio,
lhe revelei que havíeis combinado
fugir para este bosque; ele seguiu-vos;
eu o segui, também, por amor dele,
mas fui por ele repelida, sobre
me ver ameaçada de pancada
e até mesmo de morte. Mas agora,
se deixardes que em paz eu me retire,
não mais vos seguirei; torno com a minha

Roubar o coração do meu amor!

HELENA –

É o cúmulo! Você não tem vergonha?
Nem traço de pudor? Quer provocar
Minha língua a dizeres respostas feias?
Arremedo de gente! Sua anã!

HÉRMIA –

Anã! Ah, é? Então o jogo é esse?
’Stou vendo que ela faz comparação
Co’ a minha altura! E que usou seu tamanho,
E que foi com a estampa, o tamanhão,
Foi com a altura que ela o conquistou!
E ele? Só a tem em alta conta
Porque eu sou baixa como uma anãzinha?
Eu sou tão baixa, varapau pintado?
Sou baixa? Fale! Baixa, mas não tanto
Que não dê para unhar a sua cara!

HELENA –

Embora vocês dois riam de mim,
Não deixem que me bata. Eu não sou má;
Nunca tive talento pra megera;
A minha cobardia é feminina.
Não deixem que me bata. É bem possível
Que pensem, que por ela ser baixinha.
Eu seja igual a ela.

HÉRMIA – Viu? “Baixinha!”

HELENA –

Hérmia, não fique amarga assim comigo.
Toda a vida a amei, Hérmia querida.
Guardei os seus segredos, fui fiel,
A não ser quando, por amar Demétrio,
Contei-lhe a sua fuga pra floresta.
Ele a seguiu e eu, por amor, a ele;
Mas ele me enxotou, me ameaçou
De me bater e até de me matar.
Se agora você deixa eu ir embora,
Minha loucura eu levo para Atenas
E não a sigo mais. Deixe-me ir:
Verá que eu sou tão dócil quanto boa.

loucura para Atenas. Sim, deixa-me;
bem vedes como eu sou simples e dócil.

HÉRMIA –

Voltai logo; quem é que vos retém?

HELENA –

O louco coração que atrás eu deixo.

HÉRMIA – Com Lisandro, não é?

HELENA – Não, com Demétrio.

LISANDRO – Não tenhas medo, Helena;
nenhum dano ela te causará.

DEMÉTRIO –

De nenhum modo,
senhor, ainda mesmo que do lado
dela vos coloqueis.

HELENA –

Quando zangada,
sarcástica ela fica e arrebatada.
Verdadeira raposa era na escola;
apesar de pequena, é perigosa.

HÉRMIA – “Pequena”, sempre; é só
“pequena” e “baixa”.

Permitis que me insulte desse modo?
Deixai-me segurá-la um só momento.

LISANDRO –

Para trás, anãzinha! Dedo mínimo,
ser composto de grama retardante,
semente, conta de rosário, fora!

DEMÉTRIO –

Insistis por demais junto a uma dama
que não desce a aceitar-vos os serviços.
Deixai-a só; não mais faleis de Helena,
nem tomeis seu partido, pois se a mínima
demonstração de amor lhe revelardes,
pagareis caro.

LISANDRO – Ela já não me prende.

Se tens coragem, segue-me; vejamos
qual de nós dois a Helena tem direito.

DEMÉTRIO –

Seguir-te? Não! Irei junto contigo,
rosto com rosto.

(Saem Lisandro e Demétrio.)

HÉRMIA –

Vós, senhora, a causa
sois dessa briga; não convém sairdes.

HELENA –

Em vós eu não confio; não me agrada
ficar em companhia amaldiçoada.
Se dessas mãos me podem vir feridas,
para correr tenho eu pernas compridas.
(Sai.)

HÉRMIA –

Ora essa, pois vá! Quem a impede?

HELENA –

Meu tolo coração que aqui eu deixo.

HÉRMIA – Ah, deixa? Com Lisandro?

HELENA – Com Demétrio.

LISANDRO –

Não tema que ela não lhe fará mal.

DEMÉTRIO –

Não fará mesmo; nem com a sua ajuda.

HELENA –

Ela, zangada, fica que nem fera;
No tempo do colégio era uma peste
E, embora pequenina, é violenta.

HÉRMIA – De novo? É só “pequena”, é só
“baixinha”?

Como deixa que ela me ofenda assim?
Se nela eu ponho a mão...

LISANDRO –

Sai fora anã;
Sua coisinha, grama e emaranhada,
Seu caroço!

DEMÉTRIO –

Você está muito afoito
Pra defender aquela que o despreza.
Deixe-a em paz! E não fale de Helena,
Não a defenda, pois se tem vontade
De lhe mostrar qualquer sinal de amor
Pagará caro.

LISANDRO – Ela não me segura.

E agora siga-me, se quer lutar,
Pra saber quem tem mais direito a Helena.

DEMÉTRIO –

Segui-lo? Vamos juntos, lado a lado.

(Saem Lisandro e Demétrio.)

HÉRMIA –

A culpa disso tudo é da senhora.
Não fuja, não.

HELENA –

Não confio em você,
Nem quero sua maldita companhia.
Suas mãos gostam muito de bater,
Mas minhas pernas são para correr.

(Sai.)

HÉRMIA – Não sei o que pensar dessas mexidas. *(Sai.)*

OBERON –

Tudo provém de tua negligência sempre te enganas, caso não se trate de alguma brincadeira voluntária.

PUCK – Ó rei das sombras, podeis crer-me: houve erro.

Não disseste que fácil me seria reconhecer o moço, pelas vestes de modelo ateniense? Não mereço censura desta vez, pois encantado deixei de Atenas jovem namorado.

Mas alegra-me ver tudo assim torto, que para mim não há melhor desporto.

OBERON –

Viste que os dois rivais foram em busca de uma clareira para duelo. Embrusca depressa a noite, bom Robim; defronte deles espalha as trevas do Aqueronte; aparta um do outro os moços namorados e os faz andar por diferentes lados.

Imita de Lisandro a voz aguda, porque mais a Demétrio o ódio sacuda; ou de Demétrio finge a voz, de modo que não se encontrem nunca e, sobremodo cansados, possa o sono, irmão da morte, surpreendê-los com seu pesado porte, infundido-lhes plácido sossego com suas tenras asas de morcego.

Depois, nos olhos de Lisandro espreme desta outra plantazinha o suco estreme que apresenta a virtuosa propriedade de lhe restituir a claridade, da ilusão lhes deixando inteiramente liberta a vista, o coração e a mente.

Despertos, pensarão que esta balbúrdia tivesse sido, tão-somente, estúrdia visão, talvez um simples sonho, apenas.

Voltarão, desse modo, para Atenas os dois casais de fidos namorados, em laços sempiternos amarrados.

Enquanto isso fizeres com carinho, pedirei a Titânia o pajenzinho, da vista logo lhe tirando o encanto que a faz de um monstro apaixonar-se tanto.

PUCK – Meu rei dos duendes, isso vai ser feito

com toda a pressa, como o pede o pleito,

HÉRMIA – Estou tonta e não sei o que dizer. *(Sai.) (Oberon e Puck avançam.)*

OBERON –

Mas isso é negligência. Foi descaso, Ou quis fazer das suas, de propósito?

PUCK –

Rei das sombras, eu juro, foi engano. O senhor não mandou que eu procurasse Um tal rapaz com roupa ateniense? Pois pra provar que eu não trapaceei, Foi num ateniense que eu pinguei. Mas gostei muito do que aconteceu E achei gozada a confusão que deu.

OBERON –

Os dois rapazes vão querer brigar: Pois veja se escurece esse lugar; Cubra a luz das estrelas com fumaça, E negro como inferno esse céu faça; Os dois rivais confunda sem cessar E impeça que eles possam se encontrar. Use a voz de Lisandro pra falar, Provocando Demétrio sem parar; Fale como Demétrio em outro canto E assim a cada um confunda um tanto, Até que um sono calmo como a morte Envolve a ambos num abraço forte. Nos olhos de Lisandro passe, então, Esta planta, cujas virtudes são As de apagar os erros desta hora E o fazer ver com o mesmo olhar de outrora. Quando os dois acordarem pensarão Que esta loucura foi uma ilusão; E para Atenas todos vão voltar Co' o compromisso eterno de se amar. Enquanto você põe tudo na linha Eu vou pedir o pajem à rainha; Depois, do encanto eu livro o seu olhar E, sem o monstro, a paz há de reinar.

PUCK – Meu senhor, é preciso andar depressa;

Pelas nuvens a noite já se apressa.

com os velozes dragões da noite escura não cessam de apartar com a viatura aquelas nuvens negras. Não demora, vai nos surgir o anunciar da aurora, ante o qual os espíritos nefandos procuram logo o cemitério, aos bandos; os espectros de quantos pelas ondas, ou nas encruzilhadas, as hediondas sepulturas tiveram, para os leitos de vermes já se foram, com trejeitos; de medo de mostrar suas vergonhas, escondem da luz clara as carantonhas, ocultando de grado o aspecto impuro na negra noite de sobrolho escuro.

OBERON –

Nossa essência, porém, é diferente. Com o amante da Aurora, no nascente rubicundo costume divertir-me; às vezes, como caçador, a firme terra me apraz cortar, até que a rubra porta eoa a Netuno nos descubra, com amarelo de ouro colorindo a verde superfície do mar lindo. Mas apressa-te; a mágica abrevia; urge fazer tudo isso antes do dia.

(Sai Oberon.)

PUCK – Com toda a velocidade vou trazê-los. Nenhum há de me escapar. Minha vontade nas choupanas, na cidade, por tudo tem validade. Trazê-los vou, sem maldade, com toda a velocidade. Lá vem um.

(Entra Lisandro.)

LISANDRO –

Tua fúria, Demétrio, deu em nada?

PUCK –

Aqui, vilão! Arranca logo a espada!

LISANDRO – Já vou! Já vou!

PUCK – Então, para a clareira me acompanha.

(Sai Lisandro, na direção da voz.)

(Volta Demétrio.)

DEMÉTRIO – Lisandro, essa carreira de veloz gamo impede que eu conheça em que buraco escondes a cabeça.

PUCK –

Covarde, com as estrelas é tua briga?

Ou com as árvores? Mandas que te siga,

Lá longe já cintila a madrugada,
Que obriga o espírito e alma penada
A voltar para o tumba. O condenado,
Que no mar ou na estrada é enterrado,
Já foi de volta pro seu leito imundo,
Pra não mostrar sua vergonha ao mundo;
Ele mesmo abandona a luz diurna
Pra viver na escuridão noturna.

OBERON –

Mas nós somos de classe diferente
Que co' a manhã brinca frequentemente,
E pode pelos bosques passear
Quando o portão do leste, a flamejar,
Lança sobre Netuno suas rajadas
Tornando as águas verdes em douradas
Mesmo assim não quero mais demora;
Quero acabar com tudo antes da aurora.

PUCK – Pra lá, pra cá, pra lá, pra cá,
Eu vou guiar pra lá, pra cá;
O mundo já com medo está.
Duende, vai pra lá, pra cá.
Lá vem um.

(Entra Lisandro.)

LISANDRO –

Para onde foi, Demétrio presunçoso?

PUCK –

Pr'aqui, vilão. Armado e ansioso.

LISANDRO – Eu vou pegá-lo.

PUCK – É só seguir atrás

Até o campo.

(Sai Lisandro, seguindo a voz.)

(Entra Demétrio.)

DEMÉTRIO – Lisandro, fale mais,
Fujão, covarde, onde está metido?
Fale mais, em que arbusto está escondido?

PUCK –

Covardão, é você que grita e berra

Que está maluco pra entrar em guerra,

e te escondes de mim? Bonito duelo!
Vem, menino; uma vara de marmelo
tenho aqui, pois vergonha fora, imensa,

com ferro te punir por esta ofensa.

DEMÉTRIO – Já vais ver. Onde estás?

PUCK – É muito fácil
seguir-me a voz tua figura grácil!

(Saem.)

(Volta Lisandro.)

LISANDRO –

Sempre me vai à frente em meu caminho;
mas, ao querer pegá-lo, estou sozinho.

Corro a valer, mas ele é mais veloz;
só tem forças nas pernas e na voz.

Exausto estou de tanta correria.

Vou descansar. *(Deita-se.)* Vem,
abençoado dia!

Se eu vir de novo a tua luz risonha,
me pagará Demétrio essa vergonha.

(Dorme.)

(Voltam Puck e Demétrio.)

PUCK – Olá, covarde! Em que lugar te
escondes?

DEMÉTRIO –

Pára, se tens coragem. Não respondes?

Por tudo corres, a mudar de posto,
sem que jamais eu possa ver-te o rosto.
Onde estás?

PUCK – Aqui mesmo; não me fujas.

DEMÉTRIO –

Vamos brigar no claro; só corujas
podem ver em tamanha escuridão.
Se eu te pegar de dia... A lassidão
me constrange a medir a compostura
em qualquer parte... nesta pedra dura.

(Deita-se e dorme.)

(Volta Helena.)

HELENA –

Ó noite tediosa e cansativa,
passa depressa! Vem, radiante aurora!
Porque a Atenas eu possa chegar viva,
livre de quem minha alma em vão implora.
Sono, que esquecer fazes a agonia,
liberta-me da minha companhia.

(Deita-se e dorme.)

PUCK –

Somente três? Falta gente
porque o outro par descontente

Mas nega fogo! Venha aqui, pamonha!
Eu vou dar-lhe uma surra, que é vergonha
Usar arma com você

DEMÉTRIO – Os sons já somem?

PUCK –

Venha logo saber quem é mais homem.

(Saem os dois.)

(Entra Lisandro.)

LISANDRO –

Ele me desafia e sai correndo,

Eu só o vejo desaparecendo.

Ele tem pé mais rápido que o meu:

Mais eu corria, mais ele correu.

Neste caminho escuro estou caindo,

Aqui vou descansar. *(deita-se.)* Vem, dia lindo:

Se um fiapo de luz eu encontrar,

Vejo Demétrio e hei de me vingar.

(Dorme.)

(Entram Puck e Demétrio.)

PUCK – Como é, covarde; então, não aparece?
(Os dois se perseguem correndo pelo palco.)

DEMÉTRIO –

Espere, se tem peito. A mim parece

Que você corre pra mudar de posto,
Porque não ousa me encarar no rosto.
Onde está?

PUCK – Mas por que não chega perto?

DEMÉTRIO –

Pode brincar, mas vai pagar bem caro

Se eu enxergar seu rosto em dia claro.

Vá embora; eu, por fraqueza, sou forçado

A me estender neste leito gelado.

(Deita e dorme.)

(Entra Helena.)

HELENA –

Oh noite de cansaço e longas penas,
Acaba logo! E brilha amigo, oh dia,
Para eu poder, com a luz, voltar a Atenas;
Aqui não querem minha companhia.
Que o sono feche um pouco meu olhar,
Preciso de mim mesma me afastar.

(Deita e dorme.) (Entra Hérnia.)

fique completo. Coitada!
como vem triste e cansada,
por cupido transtornada!

(Volta Hérnia.)

HÈRMIA –

Jamais tal dor senti, tanto cansaço;
toda molhada estou, dilacerada;
não me é possível dar mais um só passo;
os pés não me obedecem quase nada.
Aqui esperarei o dia belo;
Deus proteja a Lisandro nesse duelo.

(Deita-se e dorme.)

PUCK –

No solo duro
dorme, conjuro
de grande efeito
transforme o peito
também deste namorado.
(Deita o suco da planta nos olhos de Lisandro.)

Quando acordares
com novos ares,
fiques rendido
de peito fido
de que já foste afeiçoado.
Cada mulher com um varão,
proclama velho rifão
com muita boa intenção.
Com prosa lhana
João pega Joana.
Quem boa potranca tem,
acha que tudo está bem.
(Sai.)

HÈRMIA –

Morrendo de tristeza e de cansaço,
Pingando orvalho e toda machucada,
Eu não consigo dar mais nem um passo:
Minha perna não anda nem mandada.
Até o amanhecer vou me deitar. *(Deita.)*
E Deus guarde Lisandro, se lutar.

(Dorme.)

PUCK –

No chão duro
Dorme puro;
No olhar
Vou pingar,
Amante, sua cura agora.
(Pinga nos olhos de Lisandro.)

Hoje acorda
E recorda
O prazer
De rever
A sua amada de outrora.
É costume de dizer
Todo ser quer outro ser;
Quando acordarem, vão ver:
Maria vai ter João:
Acabou-se a confusão.
Toda corda vai ter sua caçamba, e tudo vai dar
muito certo.

(Sai.)

ATO IV
CENA I

Bosque. Lisandro, Demétrio, Helena e Hércia dormem. Entram Titânia e Bottom, com o séqüito de silfos. Oberon, atrás, invisível.

TITÂNIA –

Vem sentar-te entre as flores odorosas, porque o rosto eu te alise como dantes; a cabeça te cubra só de rosas e te beije as orelhas elegantes.

BOTTOM – Onde está Flor-de-ervilha?

FLOR-DE-ERVILHA – Presente!

BOTTOM – Flor-de-ervilha, coça-me a cabeça. Onde está monsieur Teia-de-aranha?

TEIA-DE-ARANHA – Presente!

BOTTOM – Monsieur Teia-de-aranha, meu caro monsieur, tomai de vossas armas, matai-me a abelha de ancas vermelhas que se acha naquele cardo e trazei-me, caro monsieur, e tende cuidado, meu bom monsieur, para que o saco de mel não venha a se romper. Pesar-me-ia, signior, ver-vos inundado de mel. Onde está monsieur Semente-de-mostarda?

SEMENTE-DE-MOSTARDA – Presente!

BOTTOM – Dai-me o punho, monsieur Semente-de-mostarda. Por obséquio, deixai esses cumprimentos, meu caro monsieur.

SEMENTE-DE-MOSTARDA – Que ordenais?

BOTTOM – Nada, meu caro monsieur a não ser que queiras ajudar o Cavaleiro Teia-de-aranha a me coçar. Estou precisando ir ao barbeiro, monsieur, pois quer parecer-me que estou com o rosto maravilhosamente peludo. Sou um asno tão delicado, que se um pêlo, que seja, me faz cócegas, sou obrigado a me arranhar.

TITÂNIA – Amor, desejas ouvir boa música?

BOTTOM – Sou dotado de ouvido razoavelmente musical. Que venha, pois, o bombo e os martelos.

TITÂNIA –

ATO IV
CENA I

*(Lisandro, Demétrio, Hércia e Helena continuam deitados, dormindo.)
(Entram Titânia, Rainha das Fadas, com Bobina, Ervilha de Cheiro, Teia de Aranha, Mariposa, Semente de Mostarda e outras fadas. Oberon, ao fundo, sem ser visto.)*

TITÂNIA –

Senta-te aqui, neste leito florido.

Enquanto afago as tuas lindas faces, Prendo rosas no teu crânio polido, Beijando-te as orelhas, se o deixasses.

BOBINA – Onde está Ervilha de Cheiro?

ERVILHA – Pronto!

BOBINA – Coce minha cabeça, Ervilha. Onde anda a madame teia de Aranha?

TEIA – Aqui!

BOBINA – Madame Teia, boa senhora, pegue as suas armas e mate-me uma abelha vermelha que esteja pousada em uma flor; e, senhora, traga um bago de mel. Não mexa muito na hora, senhora, para a senhora tomar cuidado para o bago não se quebrar; eu não gostaria de vê-la toda derramada com mel. Onde está a senhoria Semente de Mostarda?

MOSTARDA – Presente!

BOBINA – Dê-me aqui a sua pata, senhoria Mostarda. Por favor, nada de cerimônias, senhora madame.

MOSTARDA – O que deseja?

BOBINA – Nada, madaminha, a não ser que queira ajudar a senhora Teia a coçar. Eu preciso ir ao barbeiro, porque parece que fiquei muito derrepentemente cabeludo pelas faces. Mas eu sou uma bestão tão delicada que mal um cabelinho faz cócegas, preciso logo me coçar.

TITÂNIA – Não quer ouvir um pouco de música, meu amor?

BOBINA – Eu tenho o ouvido muito bom pra música. Podem tocar com ferro e osso.

TITÂNIA – Diz, meu doce amor, o que desejas

Ou dize, amor, o que comer preferes.

BOTTOM – Magnífico! Uma quarta de forragem. Mastigaria, também, com muito gosto aveia seca. Parece-me que aceitaria de bom grado um bom feixe de feno. Não há o que se compare ao feno perfumado!

TITÂNIA –

Disponho de um travesso e esperto silfo, capaz de, num momento, trazer nozes Do celeiro do esquilo irrequieto.

BOTTOM – Preferira um ou dois punhados de ervilhas secas. Mas, por obséquio, não permitais que vossa gente me perturbe. Sinto-me tomado por uma grande exposição de dormir.

TITÂNIA – Dorme, enquanto estes braços te acalentam.

Elfos, parti depressa; dispersai-vos!

(Saem os elfos.)

Assim se enlaçam, gentilmente, a rude madressilva e a dos bosques, perfumada; a hera, desta arte, com meiguice, os dedos nodosos do olmo docemente afaga.

Quanto te quero! Quanto te idolatro!

(Adormecem.)

(Entra Puck.)

OBERON –

Bem-vindo, Bom Robim. Vê que beleza! Sua loucura, agora, me dá pena.

Quando a encontrei, há pouco, atrás do bosque,

procurando para este odioso lorpa presentes e regalos, repreendi-a, chegando a me zangar, por lhe haver ela as fontes circundado cabeludas com grinalda de flores odorosas.

As próprias gotas do mimoso orvalho, que nos róseos botões, por vezes, ficam como redondas pérolas do Oriente, então nos lindos cálices estavam como doloridas lágrimas, que a própria desgraça lastimassem. Pós havê-la censurado e haver-me ela em brandos termos

impetrado paciência, o pajenzinho

lhe requeri, o que ela de boamente me concedeu, mandando que seus elfos para os meus aposentos o levassem, no domínio das fadas. Então vendo-me

comer?

BOBINA – Para dizer a verdade, um tantinho de forragem; e bem que eu mastigava uma boa aveia seca. Mas o que ia gostar, mesmo, era de um amarrado de feno; não há quitute que se compare a um feninho doce.

TITÂNIA –

As minhas fadas buscarão, velozes,
As nozes dos tesouros dos esquilos.

BOBINA – Eu prefiro um ou dois punhados de ervilhas partidas. Mas o que peço é que não deixe a sua gente me perturbar. Estou com disposição para dormir.

TITÂNIA – Dorme, que eu te aconchego nos meus braços;

Fadas, saiam, e fiquem bem para longe.

(Saem as fadas.)

Assim se abraçam duas madressilvas
Com suavidade; e a hera, feminina,
Enlaça os dedos fortes do carvalho.
Como eu te amo, oh! Como eu te adoro!

(Eles dormem.)

(Entra Puck.)

OBERON –

Meu Robin, já viu quadro mais bonito?
Mas desse amor começo a ter piedade;
Pois acabo de vê-la, na floresta,

Mendigando o amor desse idiota;
Eu reclamei, e nos desentendemos:
Pois ela, essa cabeça assim peluda,
Vinha de coroar com lindas flores;
E aquele orvalho que, por vez, nas rosas
Repousa como pérola oriental,
Nos olhos dessas flores parecia
Lágrimas pra chorar sua vergonha.
Quando eu, ao teu prazer, a atormentei
E ela implorou, tão doce, paciência,
Eu lhe pedi o jovem pajenzinho,
Que ela, sem hesitar, me deu na hora,

Mando-o pro meu reino co'uma fada, agora que ele é meu, vou apagar

A imperfeição terrível de seus olhos.
E, doce Puck, arranque esse focinho
Do escalpo desse pobre ateniense,
Para que ele e os outros, acordando,

de posse do menino, vou tirar-lhe dos olhos a cegueira intolerável. Gentil Puck, retira o inadequado capacete da frente do ateniense, para que, ao despertar, junto com os outros voltem para a cidade convencidos de que os vários sucessos desta noite não passaram de simples pesadelos num sono atormentado. Mas primeiro desencantar me apraz nossa rainha.

(Tocando os olhos de Titânia com uma erva.)

Como eras antes, serás;
como antes vias, verás;
pois o botão de Diana
de Cupido esfaz a liana.

Titânia, minha flor, desperta logo!

TITÂNIA –

Meu Oberon, que pesadelo horrível!
Quis parecer-me que eu apaixonada
Era de um asno.

OBERON – Ali, vede, se encontra
Vosso amor.

TITÂNIA – Como foi possível isso?
Como a vista me ofende esta figura!

OBERON –

Silêncio alguns instantes. Sem demora
Transforma-o, bom Robim. Titânia, agora
Manda vir música e em profundo sono
O sentido mergulha deles todos.

TITÂNIA – Música, olá! Para encantar o
sono!

(Música.)

PUCK –

De um bobo, ao despertares, serás dono.

OBERON –

Músicos, prossegui! Vamos, querida,
As mãos nos demos. Ora esforço envida
Para que todos quantos na comprida
Noite sonharam tenham feliz vida.
Já que nossa discórdia malsofrida
Em harmonia se mudou garrida,
Iremos amanhã, solenemente,
Danças, à meia-noite, bem em frente
Do quarto de Teseu, porque ridente
Lhe seja a grande prole e, alegremente,
Compareça ante o altar toda esta gente
Para cultuar Amor, o deus potente.

PUCK – Rei dos duendes, já anuncia
A manhã a cotovia.

OBERON – Então, querida, a ventura

Já possam todos retornar a Atenas,
Sem se lembrar dos feitos desta noite
A não ser como um sonho um tanto estranho.
Porém, devo acordar minha rainha!

(Pinga o sumo nos olhos dela.)

Sê como costuma ser,

Vê como costuma ver;

O amor-perfeito aqui prensado

É com essa força abençoado.

Minha rainha, acorda, está na hora.

TITÂNIA –

Meu rei, mas que visões eu tive agora!
Pensei que o meu amor era um jumento.

OBERON – Eis seu amor.

TITÂNIA – Como houve um tal evento?
Como ele enoja agora o meu olhar!

OBERON –

Silêncio. Robin, tire essa cabeça.
Titânia, ordene música que mate
Mais que o sono os sentidos dessa gente.

TITÂNIA – Quero criar um sono musical!

PUCK – Acorde como burro ao natural.
(Tirando a cabeça de burro de bobina.)

OBERON – Toquem!

(Começa uma música de dança.)

Minha rainha, dê-me a mão,
Para embalar os que dormem no chão.

(Oberon e Titânia dançam.)

Somos agora amigos novamente
E à noite de amanhã, solenemente,
Nas bodas dançaremos triunfantes,
Levando bênçãos e prosperidade.
E, junto com Teseu, os namorados
Com muita festa se verão casados.

PUCK – Meu rei, atenção agora:
É a cotovia, da aurora.

OBERON – Então, rainha, é melhor

Sigamos da noite escura;
Podemos dar volta ao mundo
Em pouco mais de um segundo.
TITÂNIA – Vamos, amor; em caminho
Me relata com carinho
De que modo me encontraste
A dormir neste contraste. *(Saem.)*
*(Ouve-se toque de trompa. Entram Teseu,
Hipólita, Egeu e séqüito.)*

TESEU –
Um de vós vá chamar o guarda-caça
Já completamos o ritual sagrado;
E uma vez que a manhã vamos ter livre,
Vai minha amada apreciar a orquestra
De meus fortes lebréis. Desatrelai-os
No vale do oeste; corram livremente.
Depressa! Ide chamar o guarda-caça.
Minha rainha, daquele alto monte
Ouviremos melhor a conjugação
Dos ecos, a ladrar em confusão.

HIPÓLITA –
Presente eu fui com Hércules e Cadmo,
Quando, com cães de Esparta, o urso
caçavam

Na floresta de Creta. Tão galante
Barulheira jamais havia ouvido;
O bosque, o céu, as fontes, tudo, tudo,
Era em torno uma crebra gritaria.
Em parte alguma nunca ouvira música
Tão discorde, trovão tão agradável.

TESEU – Estes meus cães também provém
de Esparta;

Pêlo manchado todos têm, queixada
Muito larga, as orelhas derrubadas,
Sempre a varrer o orvalho matutino;
De pernas tortas e papadas, todos,
Fazem lembrar os touros da Tessália.
Um tanto lerdos são no encalço às feras,
É verdade; mas, quando todos ladram,
Lembram toque de sinos; gritaria
Mais harmoniosa nunca foi sentida
Nem provocada pelo som dos cornos
Ouidos na Tessália, em Creta e Esparta.
Ide julgar vós mesma, após ouvi-los.
Mas, devagar! Que ninfas serão estas?

EGEU –
Esta, milorde, é minha filha; dorme
Profundamente; aquele, ali, pe Lisandro;

Correremos, antes do albor.
O globo vamos cruzar,
Mais depressa que o luar.
TITÂNIA – Enquanto vamos voando,
À noite vá explicando.
Conte-me qual a razão
Daqueles mortais no chão.
*(Saem. Os namorados e Bobina continuam
dormindo.)*

*(Ao som de trompas – nos bastidores – entram
Teseu, Hipólita, Egeu e Séqüito.)*

TESEU –
Alguém procure o guarda-florestal,
Pois nosso ritual já foi cumprido;
E como o dia ainda mal começa
Meus cães irão cantar pro meu amor.
Podem soltar a matilha do oeste!
Vão logo ver o guarda-florestal!
(Sai um Servo.)

E nós, rainha, do alto da montanha
Vamos ouvir a confusão sonora
Dos latidos e ecos desta hora.

HIPÓLITA –
Eu fui com Hércules e Cadmo um dia,
Para a caça de um grande urso de Creta,

Com cães de Esparta; e eu jamais ouvi
Uivar tão lindo; pois, além dos bosques,
Os céus e as fontes, como tudo em volta,
Eram um grito só; nunca escutei
Discórdia e trovoadas tão melódicas.

TESEU – Meus cães também tem raças de
espartanos

Na queixada, na cor, e na cabeça;
Têm imensas orelhas orvalhadas
E barbelas de touros da Tessália.
São lentos; mas na voz têm campainhas
De todo tom; mais bela melodia
Jamais soou, em voz ou em trombeta,
Em Esparta ou em Creta ou na Tessália.
Julgue ao ouvi-los. Mas, o quê, são ninfas?

EGEU –
Senhor, eis minha filha adormecida,
E aqui Lisandro, e aqui, também, Demétrio;

Aquele outro, Demétrio; Helena, aquela,
Helena, filha de Nedar, o velho.

Espanta-me encontrá-los aqui juntos.

TESEU –

Decerto madrugaram, para os ritos
observarem de maio e, tendo ouvido
Falar de nossas intenções, vieram,
Para dar maior graça a estes festejos.
Mas Egeu, uma coisa eu desejara
Que me dissesse: hoje não é o dia
Em que prometeu Hérnia decidir-se
Sobre a escolha do noivo?

EGEU - Sim, milorde.

TESEU –

Mandai que os caçadores os despertem
Com seus toques de trompa.

(No interior, toque de trompas e alaridos.

*Lisandro, Demétrio, Hérnia e Helena
despertam e se levantam.)*

Então, amigos?

Bom dia! Já passou São Valentim;

Só agora é que estes pássaros se casam?

LISANDRO – Perdão, milorde.

(Lisandro e os demais se ajoelham.)

TESEU – Levantai-vos, peço.

Sei que rivais sois ambos e inimigos.
Onde se viu no mundo tal concórdia,
Chegando o ódio a ficar tão sem ciúme,
Que calmamente durma ao lado do ódio?

LISANDRO –

Confuso, meu bom lorde, é que vos falo,
Meio a dormir, ainda, e mal desperto.
Não saberei dizer com segurança
Como vim ter aqui. Mas se não erro -
Que é meu desejo ser veraz em tudo...
Sim, é isso mesmo; agora me recordo -
Fugi com Hérnia, sendo intenção nossa
Ir para algum lugar longe de Atenas,
Por fugirmos às leis dos atenienses.

EGEU –

Basta, basta, milorde! É o suficiente.
Exijo que sobre ele a lei recaia.
Iam fugir. Demétrio, tencionavam
A mim e a ti burlar; a ti, privando-te
Da esposa; a mim, deixando-me em estado
De não poder cumprir o prometido.

DEMÉTRIO –

Milorde, revelou-me a linda Helena
Que eles iam fugir e tencionavam

E esta é Helena, filha de Nedar.

É uma surpresa vê-los aqui juntos.

TESEU –

Na certa madrugaram pra cumprir
Os festejos de maio; e, à nossa espera,
Vieram pr'ajudar o nosso rito.
Mas diga, Egeu, não era este o dia
Em que Hérnia daria sua resposta?

EGEU – Era, senhor.

TESEU – Que a trompa da caçada soe, então.

*(Gritos e toques de trompas nos bastidores. Os
namorados acordam e levantam-se assustados.)*

Bom-dia; já não é São Valentim;

'Stão atrasados pra acasalar-se.

LISANDRO – Perdão, senhor.

(Os namorados ajoelham-se.)

TESEU – Todos de pé, eu peço.

E sei que os dois são rivais inimigos;
Como se explica, então, essa harmonia,
Que tanto apaga o ódio do ciúme,
Que dorme, junto a ele, sem temê-lo?

LISANDRO –

Senhor, vou responder meio espantado,
Inda meio dormindo, mas eu juro
Que não sei bem como eu cheguei aqui.
Pra falar a verdade, eu acredito
Que vim com Hérnia e que nossa intenção
Era fugir de Atenas pra um lugar
Onde escapar à lei ateniense.

EGEU –

Chega, senhor! Isso já é o bastante!
Quero o peso da lei sobre esse homem!
Os dois iam fugir, não vês, Demétrio,
Para poder roubar a mim e a ti:
A tua esposa e a minha autoridade,
Autoridade que te dava a esposa.

DEMÉTRIO –

Senhor, a bela Helena me contou
Que os dois iam fugir para a floresta;

Neste bosque ocultar-se. Transtornado
 Como me achava, vim no enlaço deles,
 Por amor me seguindo a linda Helena.
 Mas milorde, não sei por que potência -
 Mas que foi algo superior, é certo -
 Toda a paixão que a Hérnia eu dedicava
 Se derreteu qual neve, só restando
 Dela a memória como um brinquedo
 Que na infância me houvesse deleitado.
 A alegria exclusiva dos meus olhos,
 A inabalável fé, minha virtude
 É Helena, simplesmente. Nós, milorde,
 Já éramos noivos antes de eu ver Hérnia;
 Mas, tal como a um doente, repugnava-me
 Esse alimento. Agora, tendo o gosto
 Natural recobrado com a saúde,
 Desejo-a, adoro-a, só por ela anseio,
 E ser prometo eternamente fido.

TESEU –

Belos amantes, como vos achastes
 No momento preciso! Com mais calma
 Me contareis o resto desta história.
 Egeu, vou contrariar tua vontade:
 No templo, agora mesmo, estes dois pares
 Vão se unir para sempre. E, pois a meio
 Já se encontra a manhã, será forçoso
 Adiarmos nosso plano de caçada.
 Voltemos para Atenas; três a três,
 Bela festa farão de um só vez.

(Saem Teseu, Hipólita, Egeu e séqüito.)

DEMÉTRIO –

Tudo quanto passou se me afigura
 Pequenino e indistinto, como ao longe
 Montanhas que com as nuvens se
 confundem.

HÉRMIA –

Pareço ter a vista perturbada,
 Todas as coisas enxergando em dobro.

HELENA –

É o que eu digo, também. Achei Demétrio
 Como jóia que, embora pertencendo-me,
 Parece não ser minha.

DEMÉTRIO – Tens certeza

De que estamos despertos? Só parece
 Que ainda dormimos, que tudo isto é
 sonho.

O duque não esteve aqui? Não disse
 Que fôssemos com ele?

HÉRMIA – Esteve, e junto
 Meu pai também se achava.

Eu, furioso, vim atrás dos dois,
 E a bela Helena, por amor, comigo.
 Mas, meu senhor, não sei por que poder -
 Mas poder foi – o meu amor por Hérnia
 Derreteu como a neve e hoje parece
 A lembrança de alguma brincadeira
 Que eu tivesse adorado em minha infância.
 Toda a fé que hoje tem meu coração,
 O objeto e a atração do meu olhar,
 São só Helena. Dela, meu senhor,
 Estive noivo antes de amar Hérnia;
 Doente, eu recusei este alimento
 Mas, com saúde, o gosto já voltou
 E agora a quero, a amo e a desejo,
 E ao meu gosto eu serei sempre fiel.

TESEU –

Amantes, este encontro foi feliz
 E disso falaremos brevemente.
 Egeu, vou suplantar sua vontade:
 No templo, daqui a pouco, junto a nós,
 Os dois casais serão pta sempre unidos.
 Como a manhã 'stá quase terminando,
 Vamos juntos pr' Atenas; três e três
 Farão a sua festa de uma vez.
 Vamos, Hipólita.

(Saem Teseu, Hipólita, Egeu e Séqüito.)

DEMÉTRIO -

Tudo parece vago e pequenino,
 Como os altos dos cumes entre as nuvens.

HÉRMIA –

Eu vejo tudo só com meio olhar;
 Vejo tudo dobrado.

HELENA – É o que parece.

E a Demétrio eu vejo como jóia
 Que é minha e não é minha.

DEMÉTRIO – Têm certeza

De que estamos despertos? Me parece
 Que ainda dormimos e sonhamos.

O duque esteve aqui? Nos convidou?

HÉRMIA – Este, sim; co' o meu pai.

HELENA – E assim Hipólita.

LISANDRO – Mandou que ao tempo todo o seguíssimos.

DEMÉTRIO –

Então tudo é verdade; não estamos dormindo. Acompanhemos logo o duque. E em caminho contemos nossos sonhos.

(Saem.)

BOTTOM – *(despertando.)* Quando chegar a minha vez, chamem-me, que eu responderei. Minha próxima fala é: “Formosíssimo Píramo!” Olá, Peter Quince! Flauta, remenda foles! Snout, caldeireiro! Starveling! Deus do céu! Foram-se todos, e me deixaram a dormir. Tive uma visão extraordinária. Tive um sonho, que não há entendimento humano capaz de dizer que sonho foi. Não passará de um grande asno quem quiser explicar este sonho. Parece-me que eu era... Não há quem seja capaz de dizer o que eu era. Parece-me que eu era... e parece-me que eu tinha... Só um bufão maltrapilho seria capaz de tentar explicar o que me pareceu que eu era. Não há olho de homem que tenha visto, nem orelha de homem que tenha ouvido, nem mãos de homem que tenham gostado, nem língua que haja concebido, nem coração que haja relatado o que foi meu sonho. Vou pedir a Peter Quince que escreva uma balada a respeito desse sonho, que receberá o título de “O Sonho de Bottom”, por ser um sonho embotado, e a cantarei no fim da peça, diante do duque. É possível, até, que, para deixá-la mais graciosa, eu a cante depois da morte de Tisbe. *(Sai.)*

CENA II

Atenas, um quarto em casa de Quince.

Entram Quince, Flauta, Snout e Starveling

QUINCE – Mandastes alguém a casa de Bottom? Ele já voltou para casa?

STARVELING – Não há notícias dele; decerto foi levado para alguma parte.

FLAUTA – Se ele não voltar, ficará estragada a comédia; não poderá ser representada, não é verdade?

QUINCE – De jeito nenhum; em toda Atenas não tendes ninguém como ele para fazer o papel de Píramo.

HELENA – E com Hipólita.

LISANDRO – Ele nos disse para segui-lo ao templo.

DEMÉTRIO –

Então estamos despertos; vamos logo, E a caminho contemos nossos sonhos.

(Saem.)

BOBINA – *(Acordando.)* Quando for a minha deixa. É só chamar que eu respondo. A próxima é “Meu belo Píramo.” Olá! Pedro Quina? Sanfona, o consertador de foles? Bicudo, o funileiro? Fominha? Meu Deus, que vida! Fugiram e me deixaram dormindo! Eu tive uma visão de grande raridade. Tive um sonho que foge a capacidade dos homens dizer que sonho foi. Mas qualquer homem é burro se sair por aí expondo um sonho desses. Me parece que estava... ninguém sabe dizer o quê! Me parece que eu era... me parece que eu tinha... mas qualquer homem não passa de um bobo rematado se se oferecer para dizer que me parece que eu tinha. O olho do homem não ouviu, o ouvido do homem não viu, a mão do homem não provou, sua língua não concebeu, nem seu coração relatou o que foi o meu sonho. Eu vou pedir a Pedro Quina para escrever uma balada com o meu sonho: e ela vai se chamar “Sonho de Bobina”, porque foi uma bobinada; e eu canto ela no final do drama, na festa do duque. É até capaz de, para tornar as coisas mais bonitas, eu a cantar na hora da morte dela.

(Sai)

CENA II

(Entram Quina, Sanfona, Bicudo e Fominha.)

QUINA – Mandaram ver na casa do Bobina? Ele já chegou em casa?

FOMINHA – Ninguém teve nenhuma notícia dele. Não há dúvida de que ele foi transportado.

SANFONA – Se ele não aparecer, o drama empaca e não vai mais para adiante, não é?

QUINA – É impossível. Não há homem em Atenas capaz de se descarregar de Píramo, a não ser ele.

FLAUTA – É a pura verdade; ele é simplesmente o maior engenho dos artesãos de Atenas.

QUINCE – E a melhor pessoa, também; quanto à doçura da voz, é um verdadeiro fenício.

FLAUTA – “Fênix”, homem é o que quereis dizer! Fenício – Deus nos acuda! – não é coisa nenhuma.

(Entra Snug.)

SNUG – Mestres, o duque vem vindo do templo, onde casaram, juntamente com ele, mais três senhores e três senhoras. Se nossa peça não houvesse ficado apenas em ensaio, seríamos hoje gente grande.

FLAUTA – Oh, o nosso valente Bottom! Desse modo ele perde uma renda vitalícia de seis pences por dia. Sim, não poderia deixar de ganhar seis pences por dia. Quero que me enforcuem, se o duque não lhe desse seis pences diários pela representação de Píramo. É o que ele merecia para representar Píramo: ou seis pences por dia, ou nada.

(Entra Bottom.)

BOTTOM – Onde estão os rapazes? Onde estão esses corações?

QUINCE – Bottom! Oh dia corajoso! Que hora felicíssima!

BOTTOM – Mestres, tenho coisas maravilhosas para vos contar, mas não me pergunteis nada, porque se eu vo-las referisse, não seria um ateniense da gema. Hei de vos contar tudo, tintim por tintim, exatamente como se passou.

QUINCE – Conta-nos o que houve, amável Bottom.

BOTTOM – Não direi uma só palavra. Tudo o que vos posso dizer é que o duque já jantou. Ide buscar as roupas, ponde bons atacadores nas barbas e fitas novas nos escarpins. Reunamo-nos no palácio; que todos repassem os seus papéis, porque, para dizer tudo em poucas palavras, a nossa peça foi a preferida. Em todo o caso, que Tisbe se apresente de roupa limpa; o que tiver de fazer o papel de leão não deve cortar as unhas, a fim de parecerem garras. Finalmente, meus caros Atores, será conveniente não comerem alho

SANFONA – Não, mesmo. Ele é simplesmente o mais esperto de todos os artesãos de Atenas.

QUINA – Isso; e a melhor pessoa, também; e ele é o parabelo das vozes doces.

SANFONA – Você quer dizer paradigma. Parabelo, que Deus me abençoe, é uma bobagem muito leve.

(Entra Justinho, o Marceneiro.)

JUSTINHO – Mestres, o duque está vindo do templo e haverá mais dois ou três nobres e nobrezas se casando. Se nossa festa tivesse ido adiante, estávamos todos feitos.

SANFONA – Ah, Bobina querido! Deu jeito de perder seis moedas por dia pro resto da vida; menos de seis, nem pensar. Queria que me enforcassem se o duque não tivesse dado seis moedas diárias de pensão pelo modo dele representar Píramo. E merecido: para um Píramo daqueles, ou seis moedas ou nada.

(Entra Bobina.)

BOBINA – Onde está a rapaziada? Onde estão, meus corações?

QUINA – Bobina! Que dia corajoso! Que momento feliz!

BOBINA – Mestres, vou discursar maravilhas: mas não me perguntem quais, pois que se eu contar não sou ateniense de verdade. Eu vou dizer tudo, tudo, direitinho como foi acontecendo.

QUINA – Conte logo, Bobina querido.

BOBINA – De mim, nem uma só palavra. O que digo a vocês é que o duque já ceou. Preparem seus trajes, com barbantes fortes para as barbas, laços novos no sapato. Vão depressa pro palácio; e todo o mundo torna a passar muito bem seu papel; pois, pra falar a verdade, o que tenho a dizer é que o nosso drama foi promovido. De qualquer modo, Tisbe que esteja com a roupa bem limpa; e não deixem quem faz o leão cortar as unhas, porque elas têm de ficar para fora, feito garra de leão. E, meus atores queridos, ninguém pode comer alho, porque é preciso ficar de hálito doce; e eu tenho a certeza

nem cebola, pois será preciso que exalemos um doce alento, não tendo eu dúvida de que todos vão achar a nossa comédia muito doce. E agora nem mais uma palavra. Adiante! Marchai! Adiante!

(Saem.)

de que eles vão dizer que é uma comédia deliciosa. Chega de falar! Vamos logo!

(Saem.)

ATO V
CENA I

Atenas. Uma sala do palácio de Teseu.
Entram teseu, Hipólita, Filóstrato, fidalgos
e séqüito.

ATO V
CENA I

(Entram Teseu, Hipólita, Nobres e Servos, entre
eles Filostrato.)

HIPÓLITA – Estranha história, meu Teseu, nos contam todos esses amantes.

TESEU –

Mais estranha

Do que verás, decerto. É-me impossível
Acreditar em fábulas antigas
E em histórias de fadas. Os amantes
E os loucos são de cérebro tão quente,
Neles a fantasia é tão criadora,
Que enxergam o que o frio entendimento
Jamais pode entender. O namorado,
O lunático e o poeta são compostos
Só de imaginação. Um vê demônios
Em muito maior número de quantos
Comportar pode a vastidão do inferno:
Tal é o caso do louco. O namorado,
Não menos transtornado do que aquele,
Enxerga a linda Helena em rosto egípcio.
O olho do poeta, num delírio excelso,
Passa da terra ao céu, do céu à terra,
E como a fantasia dá relevo
A coisas até então desconhecidas,
A pena do poeta lhes dá forma,
E a essa coisa nenhuma aérea e vácuo
Empresta nome e fixa lugar certo.
É a imaginação tão caprichosa,
Que para qualquer mostra de alegria
Logo uma causa inventa de alegria;
E se medo lhe vem da noite em curso,
Transforma um galho à-toa em feroz urso.

HIPÓLITA –

Contudo, as ocorrências desta noite,
Tal como eles as contam, e as mudanças
Por que todos passaram, testificam
Algo mais do que simples fantasia,
Que certa consistência acaba tendo,
Conquanto seja tudo estranho e raro.

TESEU –

Alegres e felizes, os amantes
Vêm vindo para cá.

(Entram Lisandro, Demétrio, Hérnia e Helena.)

Muita alegria,

Gentis amigos; alegria e belos
Dias de amor vos sejam companheiros
Dos ternos corações.

LISANDRO – Maior ventura
Possais achar em vossos reais passeios,

HIPÓLITA – É estranho, meu Teseu, o que eles contam.

TESEU –

Bem mais que verdadeiro; eu nunca fui
De crer em fadas ou em fantasias.
Loucos e amantes têm mentes que fervem.
Com idéias tão fantásticas, que abrangem
Mais que a razão é capaz de compreender.
O poeta, o lunático e o amante
São todos feitos de imaginação;
Um vê mais demos do que há no inferno:
É o louco; o amante, alucinado,
Pensa encontrar Helena em uma egípcia;
O olho do poeta, revirando,
Olha da terra ao céu, do céu à terra,
E enquanto o seu imaginar concebe
Formas desconhecidas, sua pena
Dá-lhes corpo e, ao ar inconsistente,
Dá local de morada e até um nome.
Tal é a força da imaginação.

HIPÓLITA –

Mas, toda a história dessa longa noite
E das mudanças conjuntas de suas mentes
Testemunha algo mais que fantasia
E transformou-se em algo mais constante
Mas, mesmo assim, estranho e admirável.

(Entram os amantes, Lisandro, Demétrio, Hérnia e Helena.)

TESEU – Ei-los cá, estourando de contentes:

Amigos, alegria e muito amor
Cerquem seus corações.

LISANDRO – E, mais que os nossos,
Os caminhos reais, sua mesa e leito!

No leito nupcial e nos banquetes.

TESEU –

Ora bem; que folias ou bailados
Teremos para encher estas três horas
Tão longas que medeiam entre a ceia
E a hora de ir repousar? Onde se encontra
Nosso chefe habitual de distrações?
Que passatempos há? Não há nenhuma
Peça teatral para aliviar a angústia
Desta hora infinda? Ide chamar Filóstrato.

FILÓSTRATO – Presente, grão Teseu.

TESEU –

Com o que contamos
Para nos divertirmos esta noite?
Que música? Que peça? De que modo
Mataremos o tempo preguiçoso,
Se não tivermos diversão alguma?

FILÓSTRATO –

Neste papel vereis em breves linhas
o que foi ensaiado. Vossa Alteza
dirá o que deseja ver primeiro.

(Dá-lhe um papel.)

TESEU –

“A luta dos Centauros, ao som de harpa
Cantada por eunuco ateniense.”
Nada disso; não serve, que essa história
Já foi por mim contada a minha noiva
Para glorificar meu parente Hércules.
“A orgia das bacantes embriagadas;
Como o vate de Trácia estraçalharam.”
É peça antiga; foi representada,
Quando voltei de Tebas, vitorioso.
“As nove musas lastimando a morte
Da Ciência, falecida na miséria.”
Decerto é alguma sátira mordente,
Que não ficará bem em nossas núpcias
“Cena curta e tediosa do mancebo
Píramo e sua amada, a bela Tisbe;
Tragédia divertida.” Ora! Tragédia
Divertida! Tediosa, a um tempo, e curta!
É o mesmo que dizer: fogo gelado,
Neve cor de azeviche. Como acordo
Poremos em tão grande discordância?

FILÓSTRATO –

É uma peça, senhor, de dez palavras.
Jamais vi coisa que tão curta fosse.
Mas, milorde, ainda assim, com dez
palavras,
Tem palavras demais, por ser tediosa,
Pois não contém palavra alguma certa,

TESEU –

Vamos! Que danças e que mascaradas
Teremos pra gastar as longas horas
Depois da ceia e antes de deitar?
Onde está nosso mestre de festas?
Quais os festejos? Há alguma peça
Pra afastar as tristezas uma hora?
Onde está Filostrato?

FILÓSTRATO – Aqui, meu duque.

TESEU –

O que temos para encantar a noite,
Teatro ou música? Como encurtar
Esta demora senão com prazeres?

FILÓSTRATO –

Aqui temos a lista dos festejos;
Qual deles meu senhor quer ver primeiro?

(Entrega-lhe um papel.)

TESEU – *(Lendo.)*

“Balada do Centauro, a ser cantada,
Com harpa, pelo eunuco ateniense?”
Nem pensar; já contei à minha amada
Essa aventura de meu primo Hércules.

(Lendo.)

“O Desvario das Bacantes Bêbadas,
Quando matam Orfeu em sua fúria?”
É tragédia já velha e apresentada
Quando voltei de Tebas, vencedor.

HIPÓLITA - *(Lendo.)*

“As Nove Musas, lamentando a morte
Do Saber, falecido de pobreza?”
Parece sátira, aguda e crítica,
Nada adequada à festa nupcial.

(Lendo.)

“Breve Cena de Tédio Sobre Píramo
E Tisbe, Seu Amor; Tragédia Alegre?”
Alegre e trágica, tediosa e breve?
Isso é gelo queimando, neve estranha!
Como haverá acordo em tal discórdia?

FILÓSTRATO –

É uma peça, senhor, de dez palavras,
Sendo a peça mais curta que eu já vi.
Pois essas dez, no entanto, são demais

E causam tédio, pois na peça inteira
Não há palavra e nem ator correto.

Nem ator que vá bem. É muito trágica,
Sem dúvida, milorde, porque Píramo
Acaba por matar-se. Ao ver o ensaio,
Me vieram lágrimas aos olhos, força
Me será confessar; mas nunca soube
Que jamais a risada barulhenta
Tivesse provocado tantas lágrimas.

TESEU – Quais são os comediantes?

FILÓSTRATO – Gente rude,

Senhor, de mãos calosas, que em Atenas
Exercem seus ofícios e que nunca
Haviam trabalhado com o espírito.
Pela primeira vez, com esta peça
A memória assaz débil martirizam,
Para brilho de vosso casamento.

TESEU – Então vamos ouvi-la.

FILÓSTRATO – Não, milorde;
Não é digna de vós; já vi o ensaio;
Não vale nada, nada em todo o mundo,
A menos que possais encontrar causa
De distração no zelo doloroso
Com que se martirizam, tão-somente
Para vos distrair.

TESEU – Desejo ouvi-los,
Pois nunca poderá ser ofensivo
Quanto a felicidade e o zelo ditam.
Fazei-os vir. Senhoras, assentai-vos.

(Sai Filóstrato.)

HIPÓLITA –

Tais situações me causam sempre pena,
Quando a incapacidade se maltrata
E o zelo a morrer vem nos seus esforços.

TESEU –

Ora, querida, não vereis tal coisa.

HIPÓLITA –

Mas se os coitados nada entendem de arte!

TESEU –

Tanto mais generosos haveremos
De ser, quando por nada os aplaudirmos.
Prazer nos causarão seus próprios erros.
Quando o pobre dever nada consegue,
Busca o nobre respeito unicamente
A intenção, não o mérito.
À minha vinda, sábios eminentes
Determinaram me saudar com longos
Discursos estudados. Tive o ensejo
De os ver tartamudear e ficar pálidos,
Interromper uma sentença em meio,
O nervoso afogar-lhes a palavra

É bem certo, senhor, que seja trágica,
Pois, nela, Píramo se suicida,
Fato que, no ensaio, eu lhe confesso,
Trouxe-me lágrimas – de riso – aos olhos,
Pois nunca vi paixão tão engraçada.

TESEU – Mas quem são os atores?

FILÓSTRATO –

Atenienses de mãos calejadas
Que estréiam hoje no trabalho o cérebro,
Aplicando memórias destreinadas
Nesse espetáculo pras suas bodas.

TESEU – É o que veremos.

FILÓSTRATO – Não, meu bom senhor;
Não é para os senhores; eu a vi,
E não é nada, não é nada, mesmo,
A não ser que divirta a intenção -
Toda troncha, e de parto doloroso -
Que foi honrá-lo.

TESEU – Eu quero ver a peça;
Pois nunca pode haver nada de errado
No que é criado por dever singelo.
Faça-os entrar; senhoras, seus lugares.
(Sai Filóstrato.)

HIPÓLITA –

Não gosto que se abuse de quem sofre,
Nem que se fira o que o respeito faz.

TESEU –

Ora, querida, aqui não verá disso.

HIPÓLITA –

Mas já foi dito que eles não são bons.

TESEU –

Maior nossa bondade em agradecer-lhes:
Tomemos por encantos os seus enganos;
O que o respeito tenta e não consegue,
No olhar do nobre é mérito.
Por onde andei, tantos sábios tentaram
Saudar-me com discursos preparados,
Quando eu os vi tremer, ficando pálidos,
Fazer parágrafos em meio à frases,
Só de medo engrolar sua dicção,
Ficando, às vezes, mudos no caminho,
Sem dar as boas-vindas. Pois, amor,
Em tais silêncios sei que fui bem-vindo,

Já tão exercitada, até que mudos
Se tornaram, sem dar-me as boas-vindas.
Podeis crer-me, querida: do silêncio
Tirei a saudação, e ali na própria
Modéstia da lealdade temerosa
Mais do que falar podea língua fácil
E a eloquência audaciosa e petulante.
Fala mais o dever, com língua atada,
Muito mais, quando é mudo e não diz nada.

(Volta Filóstrato.)

FILÓSTRATO –

Vossa graça o permite? Aí vem o Prólogo.

TESEU – Deixai-o vir.

(Toque de trombetas.)

(Entra Quince, no papel de Prólogo.)

PRÓLOGO –

Se ofendemos, não é porque o queiramos.
Deveis pensar que se vos ofendemos
É com boa vontade. Ora aqui estamos
Só com o fim de mostrar o que queremos.
O que nos traz é o vosso desagrado;
Toda nossa intenção será somente
Dar-vos mais alegria e mais enfado.
Deixando arrependida tanta gente,
Nosso grupo aqui chega; só em vê-lo,
Podereis conhecer nosso desvelo.

TESEU – Este camarada não faz muito caso da pontuação.

LISANDRO – Montou no prólogo como um potro xucro, que não pára de correr. A moral é boa, milorde: não basta falar, mas saber falar.

HIPÓLITA – Realmente, tocou no prólogo como o fazem as crianças com o flajolé, produzindo apenas sons, que não chegam a fazer música.

TESEU – O discurso dele parece uma cadeia enleada: os elos estão inteiros, mas numa grande desordem. De quem é a vez, agora?

(Entram Píramo e Tsibe, o Muro, o Luar e o Leão, como em uma pantomima.)

PRÓLOGO –

Senhores e senhoras, porventura
Vos causa espanto a vista desta gente;
Vedes aqui de Píramo a figura
E da formosa Tisbe; é bem patente.
Este homem com calíça, representa

E na modéstia do respeito tímido
Eu já li tanto quanto em língua ativa.
Em eloquência audaz ou atrevida.
O amor e a singeleza que sufocam
Justo por falar menos mais me tocam.

(Entra Filostrato)

FILÓSTRATO –

Senhor, o prólogo já se prepara.

TESEU – Que lê entre.

(Clarínada)

(Entra Quina como Prólogo.)

PRÓLOGO –

Se ofendemos, é de todo coração;
Não pensem que viemos ofender,
Mas contentes por mostrar nosso talento:
Esse é o princípio desse nosso fim.
Creiam, pois, que aqui estamos por desprezo.
Não pensem que viemos para agradá-los,
Pois é o que queremos. Pro seu prazer
Não estamos aqui. Para entristecê-los,
Eis os atores. Pelo que farão
Saberão tudo o que há oara saber.

TESEU – Ele não é muito de pontuação.

LISANDRO – Cavalgou seu prólogo como um potro bravio, sem saber onde ia parar. Uma boa moral para a história, senhor: não basta falar, é preciso falar certo.

HIPÓLITA – Na verdade ele fez com o prólogo o que uma criança faz com uma flauta: emite sons, porém desgovernados.

TESEU – Ele fala como uma corrente emaranhada: não está estragada, mas está confusa. E agora?

(Entram precedidos por um trombeteiro, Bobina como Píramo, Sanfona como Tisbe, Bicudo como o Muro, Fominha como o Luar e Justinho como o Leão.)

PRÓLOGO –

Talves a peça vos confunda, ó nobres;
Tudo é confuso, até que fique claro.
Se vós queirais saber, aquele é Píramo
E aquela ali é a bela dama Tisbe.
Esse homem de argamassa representa

O muro que separa os namorados,
 Por cuja fresta sempre pachorrenta
 Eles desabafam seus cuidados.
 Este outro de lanterna, cão e espinhos,
 Representa o luar, pois é sabido
 Que os amantes trocavam seus carinhos
 No sepulcro de Nino falecido.
 Este é o leão de juba atrapalhada,
 Que faz Tisbe fugir apavorada
 Por ter vindo à entrevista antecipada.
 Mas, ao fugir, deixou cair o manto,
 Que o leão, logo, sujou tudo de sangue;
 Píramo, ao vir, sem ter corrido tanto,
 Vendo ferido o manto, fica exangue.
 A espada, então, sangrenta, enfia inteira
 No peito em que fervia o sangue ardente;
 Tisbe, que estava sob uma amoreira,
 Saca o punhal e morre. O subsequente
 Vos será relatado pelo Luar,
 O Muro e o Leão, que ides ouvir falar.
(Saem o Prólogo, Píramo, Tisbe, o Leão e o Luar.)

TESEU –

Admiro-me de ouvir falar um leão.

DEMÉTRIO – Não há de que se admirar, milorde; se tantos asnos falam, por que um leão não há de poder fazer a mesma coisa?

MURO –

Vê-se neste entremez de enredo obscuro
 Que eu, de nome Snout, represento um muro,

Um muro, podeis crer – coisa estupenda! -
 Que apresenta um buraco, frincha ou fenda,
 Por onde Tisbe e Píramo a amargura
 Reclamavam da vida, a sorte dura.

Estas pedras e esta áspera argamassa
 Dizem que muro eu sou, muro de raça,
 E este é o buraco, de um e de outro lado,
 Por onde fala o par enamorado.

TESEU – Pode-se exigir melhor discurso
 de cal e cabelos?

DEMÉTRIO – É o tabique mais
 espirituoso, milorde, de que já ouvi falar.

TESEU – Píramo se aproxima do muro.
 Silêncio!

(Volta Píramo.)

PÍRAMO –

Ó noite de olhar negro, ó noite escura,
 Que sempre estás onde não se acha o dia!
 Ó noite negra! Ó minha desventura!

O cruel Muro que separa os dois;
 Os dois, pelo buraco aqui do Muro,
 Contentam-se em falar, o que é incrível.
 Aquele ali, com cão, lanterna e espinhos,
 Representa o Luar, pois sabereis
 Que era ao luar que os dois se rebaixavam
 A se ver e se amar no cemitério.
 Esse monstro, que chamam de Leão,
 Assustou certa noite a pobre Tisbe,
 Que chegou antes, mas saiu correndo,
 Perdendo na corrida o seu manto,
 Que o Leão deixou todo ensangüentado.
 Chega depois o belo e jovem Píramo
 E encontra, assassinado, o manto dela;
 E então, com horrenda e cabulosa espada,
 Ele varou se peito efervescente;
 E Tisbe, escondida atrás da moita,
 Morreu da própria faca. Quanto ao resto,
 Leão, Luar, o Muro e os dois amantes
 Dirão, com palavrório, à vossa frente.
(Saem Prólogo, Píramo, Teseu, Leão e o Luar.)

TESEU –

Será que o Leão vai falar?

DEMÉTRIO – Não será de espantar, senhor,
 quando os burros já falam.

MURO –

Neste interlúdio acontece, aqui juro,
 Que eu, Bicudo, represento o Muro.

E esse Muro que eu sou, fiquem sabendo,
 Tinha uma fresta ou buraquinho horrendo
 Por onde Píramo e Tisbe, amantes,
 Vinham sempre falar por uns instantes.

A pedra e a argamassa que eu aperto
 São provas de que eu sou um Muro certo;
 E esta frestinha aqui é o lugar
 Onde os mortais amantes vão falar.

TESEU – Quem poderia esperar que pedra e
 cal falassem melhor?

DEMÉTRIO – é o Muro mais espirituoso que
 já ouvi discursar, senhor.

TESEU – Píramo já chega ao Muro; quietos!

(Entra Píramo.)

PÍRAMO –

Oh noite horrível, preta de tão negra!
 Noite que sempre vem se não é dia!
 Ó noite, ó noite, ó noite, ai, ai, ai!

Tisbe não chega! A pobre desvaria.
 E tu, muro querido, ó doce muro,
 Que entre o terreno meu e o do pai dela
 Te levantas cruel, não sejas duro,
 Uma fresta me mostra ou uma janela.
 (O Muro afasta os dedos.)
 Graças, bom muro; Jove há de amparar-te.
 Mas, que vejo? Em vão Tisbe ora procuro.

Possas, muro, rachar-te em toda parte,
 Por me deixares espiar no escuro.

TESEU – A meu ver, o muro deveria
 também amaldiçoar, por ser dotado de
 sensibilidade.

PÍRAMO – Não, senhor; isso ele não faz,
 posso asseverar-vos. “Espiar no escuro” é a
 deixa de Tisbe. Está na hora de ela entrar, e
 eu devo espiá-la através do muro. Aí vem
 ela.

(Volta Tisbe.)

TISBE –

Ó muro, que meu pranto tens ouvido,
 Por de Píramo doce me afastares,
 Quantas vezes beijei, muro querido,
 Tuas faces de cal, irregulares.

PÍRAMO –

Ouçõ voz; vou correndo para a fresta,
 Porque de Tisbe a bela face eu veja.
 Tisbe!

TISBE –

Amor! Que alegrão tua voz me apresta.

PÍRAMO – Alegre ou não, que amado
 sempre eu seja e, qual Limandro, eterno
 namorado.

TISBE – E eu, outra Helena, até que o
 queira o fado.

PÍRAMO –

Como Sáfalo e Proco sou constante

TISBE –

Como Sáfalo e Proco eu, fiel amante.

PÍRAMO –

Dá-me um beijo através deste vil muro.

TISBE –

Não te beijei; beijei o barro duro.

PÍRAMO –

Ao sepulcro de Nino vais agora?

TISBE –

Ou viva ou morta, estarei lá numa hora.

(Saem Píramo e Tisbe.)

MURO –

Tisbe esqueceu-se, eu temo, deste encontro!
 E tu, ó Muro, ó doce e lindo Muro,
 Tu separas as terras do meu pai
 Das do pai dela, doce Muro lindo.
 Quero espiar por esse buraquinho.
 (O Muro estica os dedos separados.)
 Muito obrigado, Muro: Zeus te guarde!
 Mas o que vejo? Tisbe é que não vejo. Muro
 mau, que não mostrao paraíso.
 Maldigo as tuas pedras, que me neganam!

TESEU – Parece-me que o Muro, tão sensível,
 devia, por sua vez, maldizê-lo também.

PÍRAMO – Não, senhor, não devia. “Que me
 enganam” é a deixa de Tisbe: agora ela tem de
 entrar e eu tenho de espiar pelo Muro. Vão ver
 como vai sair tudo como eu disse: lá vem ela.

(Entra Tisbe)

TISBE –

Muro, que tanto escutas meus gemidos,
 Por que separas meu Píramo de mim?
 Meus lábios rubros beijam tuas pedras,
 Pedras que a argamassa é que grudou.

PÍRAMO – Vejo uma voz! Já vou para o
 buraco

Para escutar o rosto da Tisbinha.

Tisbe!

TISBE – Tu és o meu amor querido!

PÍRAMO –

Seja o que for, eu sou a tua graça;
 Como Leandro eu mereço confiança

TISBE –

E como Ilena eu juro sem fiança.

PÍRAMO –

Nem Romão e Julita amaram tanto.

TISBE –

Mais que Julita e Romão, garanto.

PÍRAMO –

Beija-me aqui, por esse buraquinho.

TISBE –

Porém é o Muro quem ganha o beijinho.

PÍRAMO –

Vamos à tumba de Nina depressa.

TISBE – ou vida, ou morte, eu vou com toda
 pressa.

(Saem por direções diversas.)

MURO – E assim eu, Muro, fiz a minha parte;

Desta arte eu, muro, minha parte fiz;
Ora o muro retira-se feliz.

(Sai.)

TESEU – Já foi derrubado o muro que separava os dois vizinhos.

DEMÉTRIO – Não há remédio, milorde, uma vez que as paredes se obstinam em ouvir sem aviso prévio.

HIPÓLITA –

É a peça mais tola que eu já vi.

TESEU – As melhores produções desta classe não passam de simples sombra, e as piores deixarão de o ser, se a imaginação vier em seu auxílio.

HIPÓLITA – Mas nesse caso é a vossa imaginação que trabalha, não a deles.

TESEU – Se não pensarmos deles mais mal do que eles próprios pensam, poderão passar por excelentes pessoas. Eis que nos chegam dois nobres animais, um homem e um leão.

(Voltam o Leão e o Luar.)

LEÃO –

Senhoras minhas que tremeis de medo,
Quando um ratinho vedes, monstruoso;
Que faríeis, se ouvísseis no arvoredo
Rugir, de longe embora, o leão raivoso?
Sabei, pois, que sou Snug, o marceneiro;
Nem leão, nem leoa, homem verdadeiro.
Se agora eu fosse fera que intimida,
Nada daria pela minha vida.

TESEU – Eis um animal verdadeiramente cortês e de boa consciência.

DEMÉTRIO – É o melhor animal, milorde, que eu já vi em toda a minha vida.

LISANDRO – Este leão, quanto ao valor, é raposa legítima.

TESEU – E quanto à discrição, um verdadeiro ganso.

DEMÉTRIO – Não é assim, milorde, porque o seu valor não pode carregar a discrição, como o faz a raposa com o ganso.

TESEU – O de que tenho certeza é que sua discrição não pode carregar o seu valor, porque o ganso não carrega a raposa. Muito bem; entreguemo-lo à sua discrição e ouçamos a lua.

LUA –

Eis na lanterna a lua com seus chifres...

Vou-me embora, que acabou minha arte. *(Sai)*

TESEU – Caiu o Muro entre os dois vizinhos.

DEMÉTRIO – Não é de espantar que muros tão caprichosos assim caíam sem avisar.

HIPÓLITA – Isso tudo é a maior tolice que eu já vi.

TESEU – Os melhores nesse ofício são apenas sombras; e os piores não são piores, se a imaginação os emendar.

HIPÓLITA – Terá de ser então a sua imaginação, não a deles.

TESEU – se não imaginarmos, deles, nada pior do que eles imaginaram de si mesmos, passarão por atores excelentes. Aí vem duas bestas soberbas, um homem e um leão.

(Entram o Leão e o Luar.)

LEÃO –

Senhoras, cujos corações têm medo
De um monstro de um ratinho pelo chão,
É possível que tremam e sacudam
Quando rugir este Leão selvagem.
Mas eu sou só Justinho, o marceneiro,
Nem leão, nem leoa, a sua mãe.
Se eu fosse um leão mesmo, fera brava,
Vivo deste lugar não escapava.

TESEU – Uma fera muito delicada e conscienciosa.

DEMÉTRIO – Pelo menos a melhor fera a que já assisti.

LISANDRO – O Leão é uma raposa de bravura.

TESEU – Sem dúvida; e o discernimento de um ganso.

DEMÉTRIO – Não, meu senhor, pois sua bravura não dá para ganhar de seu discernimento, mas a raposa sempre ganha do ganso.

TESEU – Seu discernimento, estou certo, não tem condições de ganhar de sua bravura, pois não há ganso que ganhe de raposa. Tudo está bem: ele que fique com seu discernimento; vamos ouvir a Lua.

LUA – Esta lanterna são os cornos da Lua...

DEMÉTRIO – O ator devia trazer os chifres na cabeça.

TESEU – Mas é lua cheia; os cornos estão invisíveis na circunferência.

LUA –

Eis na lanterna a lua com seus chifres,
Tal como eu, que pareço o homem da lua.

TESEU – De todos os erros esse é o mais aberrante; o homem deveria pôr-se dentro da lanterna; se não, como poderá passar pelo homem da lua?

DEMÉTRIO – Não tem coragem de entrar na lanterna, só de medo da vela; bem vedes que já está inflamado.

HIPÓLITA – Já estou enfarada dessa lua; quem dera que ela se alterasse!

TESEU – Pela pouca luz de sua discrição, podemos concluir que está na fase minguante. Apesar disso, por delicadeza e todas as espécies de razão, teremos de agüentá-la o tempo todo.

LISANDRO – Adiante, lua!

LUA – Tudo o que tenho a vos dizer é comunicar que esta lanterna é a lua; este feixe de espinhos, meu feixe de espinhos, e este cachorro, meu cachorro.

DEMÉTRIO – Nesse caso, tudo isso deveria estar dentro da lanterna, por se encontrarem na lua. Mas, silêncio! Tisbe vem chegando.

(Volta Tisbe.)

TISBE – Eis a tumba de Nino; onde está Píramo?

LEÃO – *(rugindo)* – R-r-r-ó-ó-ó!!!
(Tisbe foge.)

DEMÉTRIO – Bem rugido, Leão!

TESEU – Bem corrido, Tisbe!

HIPÓLITA – Bem iluminado, lua!
Realmente, a lua brilha com bastante graça.

(O Leão estraçalha o manto de Tisbe e sai.)

TESEU – Bem rasgado, Leão!

DEMÉTRIO – Agora entra Píramo.

LISANDRO – E assim desaparece o leão.
(Volta Píramo.)

PÍRAMO – Ó lua, brilhas com clarão solar!

Eu te agradeço, ó lua, a luz fulgente,
Porque pretendo Tisbe ora avistar

DEMÉTRIO – Ele devia ter posto os cornos na própria cabeça.

TESEU – Como ele não é crescente, os cornos desaparecem na circunferência.

LUA –

Esta lanterna são os cornos da Lua,
E eu 1stou parecendo o homem dela.

TESEU – Este é o maior erro de todos; o homem tinha de ficar dentro da Lua, senão como poderá ser o homem que vive nela?

DEMÉTRIO – Ele não entra por causa da vela; parece que já está meio queimado.

HIPÓLITA – Estou cansada dessa Lua. Ela bem podia mudar de fase!

TESEU – Parece, pela modéstia de sua luz, que está no minguante; portanto, por questão de cortesia, temos de ficar.

LISANDRO – Continue, Lua.

LUA – Só o que tenho que dizer é que a lanterna é a lua, que estes gravetos são meus gravetos e que esse cachorro é meu cachorro.

DEMÉTRIO – Deveriam todos ficar na lanterna para formar a Lua, ao que parece. Quietos! Lá vem Tisbe!

(Entra Tisbe.)

TISBE – Esta é a tumba; onde estás, amor?

LEÃO – Oh...

(O Leão ruge. Tisbe, deixando cair o xale, sai correndo.)

DEMÉTRIO – Bem rugido, Leão!

TESEU – Bem corrido, Tisbe!

HIPÓLITA – Bem brilhado, Lua! Realmente a Lua brilha muito bem!

(O Leão fuça várias vezes o xale, depois sai.)

TESEU – Bem fuçado, Leão!

DEMÉTRIO – E então chegou Píramo...

LISANDRO – E o Leão desapareceu.
(Entra Píramo.)

PÍRAMO –

Lua, obrigado pelo sol que trazes;
Muito obrigado porque brilhas tanto.
Só teus raios dourados, tão vivazes,

À clara luz de tua áurea corrente.
 Mas pára! Oh dor!
 Donzel do amor!
 Oh, visão cruel e horrorosa!
 Estou desperto?
 Pode ser certo?
 Oh, minha franga formosa!
 Teu rubro manto
 Me aumenta o pranto.
 Aproximai-vos, Fúrias!
 Tudo acabou!
 Fado, aqui estou!
 Vem por fim a estas lamúrias!

TESEU – Essa lamentação, motivada pela morte de um ente querido, quase daria para entristecer a gente.

HIPÓLITA – Por minha alma, faz-me pena o pobre homem.

PÍRAMO –

Por que fizestes leões, ó Natureza?
 Um leão me estraçalhou a namorada,
 A mais linda mulher da redondeza,
 Que vive, isto é, viveu sempre adorada.
 Nada conforta-me.
 Lâmina; corta-me
 O coração.
 Sim, deste lado
 Vai ser varado
 Por esta mão. (*Apunhala-se.*)
 Já tenho calma;
 ao céu minha alma
 Foi-se a correr.
 Some-te língua!
 Lua, essa minguia
 Me faz morrer,
 Morrer, morrer... (*Sai a Lua.*)

DEMÉTRIO – Não teve sorte; tirou um ás, por ter ficado só

LISANDRO – Menos do que um ás, homem; que ele está morto; agora é nada.

TESEU – Com a ajuda de um cirurgião, poderia tornar à vida e provar que é um asno.

HIPÓLITA – Por que motivo o luar foi embora antes de Tisbe voltar e encontrar o amante?

TESEU – Há de acha-lo à luz das estrelas. Aí vem ela; suas lamentações põem fim à peça.

(*Volta Tisbe.*)

Me mostram do rosto de Tisbe o encanto.

Oh, que desgraça!

O que se passa?

Que tragédia espantada!

Não quero ver.

Não posso crer.

Ai, querida, ai, amada!

O xale achei;

Sangue encontrei?

Fúria, vem me matar!

Venha fado

Excomungado

Me bater e amassar!

TESEU – Uma tal paixão, aliada à morte de um ente querido, já quase que dá para deixar qualquer um entristecido

HIPÓLITA – Pobre coitado; o homem merece piedade.

PÍRAMO –

Por que a Natureza fez leões?

Um leão deflorou a minha amada

Que é – não, era – a dama mais bonita,

Bela boa, brilhante e abençoada.

O pranto adere,

A espada fere

Desse Píramo o peito.

Na bateção

No coração

Essa morte eu aceito.

Agora morri,

Agora eu parti,

A minh'alma ao céu corre,

Me calo agora.

Lua, vai embora.

(*A Lua sai.*)

E aqui jaz e morre. (*Morre.*)

DEMÉTRIO – O rapaz que jaz é um ás da morte.

LISANDRO – Ás que jaz é incapaz. Está morto; é um zero à esquerda.

TESEU – com a ajuda de um médico é capaz de se recuperar e voltar a ser um asno.

HIPÓLITA – como é que o Luar foi embora antes de Tisbe voltar e encontrar seu amante?

TESEU – Ela encontrará pela luz das estrelas. (Entra Tisbe.) Aí vem ela, e com sua paixão a peça acaba.

HIPÓLITA – Segundo o meu gosto, ela não deveria lastimar a perda de um Píramo como este. Espero que seja breve.

DEMÉTRIO – Se pesássemos Píramo e Tisbe, uma palhinha faria pender a balança. Ele, como homem, Deus nos acuda! Ela, como mulher, Deus nos proteja!

LISANDRO – Seus belos olhos já descobriram Píramo.

DEMÉTRIO – Vai começar a se lamentar, videlicet:

TISBE – Dormes, querido?

Como! Ferido?

Píramo, acorda!

Fala, estás mudo?

Acabou tudo;

Da voz rompeu-se-me a corda.

Sinto-me louca.

A essa tua boca,

Essa boca açucarada,

Levou a Morte

De negro porte,

Deixando-me abandonada.

Chorei bastante.

Parca gigante,

De aparência falsa e treda,

Já lhe cortaste

Do belo engaste

O fio vital de seda.

Língua, calada!

Vem, bela espada,

Coloca-me aos pés de Deus.

A que foi linda,

Tisbe, aqui finda,

A todos dizendo adeus,

Adeus, adeus... *(Morre.)*

TESEU – O Luar e o Leão ficaram para enterrar os mortos.

DEMÉTRIO – Sim, e o Muro, também.

BOTTOM – Não, posso asseverar-vos; já foi derrubado o muro que separava os pais deles. Desejais agora ver o epílogo, ou preferis uma dança bergamasca, executada por dois homens de nossa companhia?

TESEU – Não, por obséquio; nada de epílogo. Vossa peça não necessita de escusas, porque quando morrem todos os atores, nenhum merece censuras. Por

HIPÓLITA – A mim parece que por um Píramo desses a paixão não deve se prolongar muito. Espero que seja breve.

DEMÉTRIO – Um fio de cabelo desfaz o equilíbrio da balança se pusermos Píramo em um prato e Tisbe no outro para saber, que Deus nos livre, qual o melhor: se ele como homem, ela como mulher.

LISANDRO – Ela já o viu, com aqueles seus doces olhos.

DEMÉTRIO – E assim começa ela a gemer, se lhe permitem....

TISBE – Dormiu, amado?

Meu bem, matado?

Meu Píramo, desperta!

Mudo, sem fala?

Morto, na vala?

Lábios de lírio,

Nariz vermelho,

Face de flor de ouro.

Tudo vai embora,

O amante chora,

Tinh'olhos verde-louro.

Trio de fado,

Vem pro meu lado,

Com mãos brancas de leite;

Sangue as molhou,

Já quecortou

Sua vida com um estilete.

Língua, calada!

Vem, cara espada,

Entra nos peitos meus!

(Enfiando a faca no peito.)

Vejam! Já vou!

Tisbe acabou!

Adeus, adeus, adeus! *(Morre.)*

TESEU – Restam o Luar e o Leão para enterrar os mortos.

DEMÉTRIO – É; e o Muro, também.

BOBINA – (Levantando-se repentinamente.) Isso é que não; o Muro que separava os dois caiu. (Sanfona se levanta.) Preferem ver o epílogo ou ouvir dois ou três dos nossos atores dançando uma bergamasca?

TESEU – Epílogo não, por favor; pois sua peça não necessita de escusas. Nunca de escusas, pois quando os atores estão mortos, ninguém precisa ser culpado. Para falar a verdade, se

minha fé, se o autor da peça houvesse representado o papel de Píramo e se tivesse enforcado com uma liga de Tisbe, teria feito uma linda tragédia, como de fato o fez, e muito bem representada. Que venha, então, a dança bergamasca, ficando de lado vosso epílogo.

(Dança.)

Com a língua de ferro a meia noite
 Já deu doze batidas. Para a cama,
 namorados! É quase hora das fadas.
 Receio muito que amanhã passemos
 Dormindo a sono solto, como, espertos,
 Uma parte da noite desfrutamos.
 Serviu bastante esta grosseira peça
 Para entreter a noite preguiçosa.
 Caros amigos, todos para o leito.
 Vamos ter de festejos quinze dias,
 Com representações e outras folias.

(Saem.)

CENA II

Entra Puck.

PUCK – Ruge o leão a cada passo,
 Uiva o lobo para a lua,
 Ressoa o campônio lasso,
 Deslembrado da charrua.
 Consomem-se na lareira
 As últimas acendalhas;
 O pio da ave agoureira
 Fala ao doente em mortalhas.
 Nesta hora da noite escura
 As pobres almas andejas
 Se esgueiram da sepultura
 Rumando para as igrejas.
 Nós, os elfos, que a parelha
 De Hécate sempre seguimos,
 E da luz do sol, vermelha,
 Como num sonho, fugimos,
 De guarda estamos agora.
 Nenhum rato, em qualquer hora,
 A paz deixe perturbada
 Desta casa abençoada.
 Com vassoura eu vim na frente
 Para limpar o batente
 E jogar nesta hora morta
 Todo o pó atrás da porta.

(Entram Oberon, Titânia e séquito.)

quem escreveu a peça tivesse feito o papel de Píramo, e se enforcado com a cinta de Tisbe, teria sido uma ótima tragédia – como aliás foi mesmo; e muito notavelmente executada. Mas, vamos! A sua bergamasca! Deixe o seu epílogo em paz.

(Entram Quina, Justinho, Bicudo e Fominha, dois dos quais dançam uma bergamasca, depois saem os artesãos, inclusive Bobina e Sanfona.)

A meia-noite já cantou as doze:
 Ao leito, amantes, que é hora das fadas.

Temo que não veremos a manhã,
 Como hoje já tardamos pela noite.
 Essa peça grosseira fez passar
 A lentidão da noite; ao leito, amigos.
 Por quinze dias nós teremos festas;
 Toda noite alegrias como estas.

(Saem.)

(Entra Puck.)

PUCK – Agora ruge o Leão,
 O lobo uiva ao luar;
 O roceiro ronca, são,
 Exausto de trabalhar.
 Mal brilha no fogo a lenha,
 Enquanto a coruja grita
 E assusta o que culpas tenha,
 Que sua mortalha fita.
 Esta é a hora sem lua
 Em que os túmulos abertos
 Põem espíritos na rua
 Em cemitérios desportos.
 Nós, duendes, que corremos
 Com o trio da maldição,
 E o que do sol esquecemos
 No sonho da escuridão,
 Vamos brincar. Nem ratinho
 Vai perturbar este ninho.
 Minha vassoura, ligeira,
 Vai limpar toda a poeira.

(Entram Oberon e Titânia, rei e rainha das

OBERON – Por tudo a luz espalhai
Do quase extinto carvão.
Elfos e fadas, dançai,
Aproveitando o clarão,
E, seguindo o meu caminho,
Cantai comigo baixinho.

TITÂNIA – Aprendei, primeiro, a toada
Com letra bem cadenciada;
Depois, com graça, dancemos
E esta casa abençoemos.

(Cantam e dançam.)

OBERON – Enquanto a aurora se atrasa,
Rondai todos esta casa,
Que ao tálamo principal
Vou lançar a bênção real.
Sua prole numerosa
Será sempre venturosa.
Os três casais que aqui estão
Em concórdia viverão;
Seus filhos não serão presa
Das manchas da Natureza.
Beiço de lebre, sinais
E outros defeitos que tais,
Que deixam triste o aleijão,
Seus filhos nunca terão.
Com orvalho consagrado
Cada elfo cumpra o recado,
este palácio abençoando
E paz por tudo espalhando.
Jamais caia em abandono,
Feliz seja sempre o dono.
Mãos à obra, agora,
Sem mais demora!
Ide ver-me antes da aurora.

(Saem Oberon, Titânia e séqüito.)

PUCK – Se vos causamos enfado
Por sermos sombras, azado
Plano sugiro: é pensar
Que estivestes a sonhar;
Foi tudo mera visão
No correr desta sessão.
Senhoras e cavalheiros,
Não vos mostreis zombeteiros;
Se me quiserdes perdoar,
Melhor coisa hei de vos dar.
Puck eu sou, honesto e bravo;
Se eu puder fugir do agravo
Da língua má da serpente,
Vereis que Puck não mente.

(fadas, com todo seu Séqüito.)

OBERON – Encham de luz toda esta casa,
Façam queimar de novo o fogo;
Todo elfo e fada que tem asa
Entre, qual pássaro, no jogo;
E esta canção cantem comigo,
Com dança alegre e som amigo.

TITÂNIA – É preciso decorar
Pra letra toda cantar;
De mãos dadas e bom grado
Deixar tudo abençoado.

(Oberon liderando, as fadas dançam e cantam.)

OBERON – Agora, até de madrugada
Aqui teremos cada fada.
O próprio leito do noivado
Será por nós abençoado:
E quem dali vier ao dia
Terá fortuna e alegria.
E assim os três casais de amantes
Sempre serão no amor constantes;
E os erros vis da natureza
Não mancharão sua beleza;
Nenhum defeito ou cicatriz
Lhes virá dar prole infeliz,
Ou desprezada por nascer -
Como acontece a tanto ser.
Com este orvalho consagrado,
Fadas, fazei o ordenado!
E, - abençoado em cada sala -
Neste palácio a paz se instala:
Todos terão doce repouso
E o seu senhor será ditoso.
Parti agora,
E sem demora,
Vinde encontrar-me à luz da aurora.

(Saem todos, menos Puck.)

PUCK – Se nó, sombras, ofendemos,
Acertar tudo podemos:
É só pensar que dormiam
Se visões apareciam,
E que esse tema bisonho
Apenas criou um sonho.
Platéia, não repreenda;
Com perdão, tudo se emenda.
Puck afirma, sem mentir:
Se conseguirmos sair
Daqui sem ninguém vaiar,
Prometemos melhorar:
Juro que não ‘stou mentindo;
Boa-noite, eu vou saindo.

Liberto ,assim, dos ápodos,
Eu digo boa-noite a todos.
Se a mão me derdes, agora,
Vai Robim, alegre, embora.
(*Sai.*)

FIM

Se aplaudirem, como amigos,
Puck os salva de perigos.
(*Sai.*)

FIM

**ANEXO B - ESTUDO COMPARATIVO DAS VERSÕES DO
TEXTO PARA AS ENCENAÇÕES DE 1971 E 2006**

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

**Tradução de Maria Saudade Cortesão
Adaptação de Luiz Arthur Nunes
1971²⁹**

Personagens:

TESEU

EGEU

LISANDRO

DEMÉTRIO

PEDRO PINHO

ESMERADO

ZÉ BOBINA

CHICO FLAUTA

JOÃO CALDEIRA

HIPÓLITA

HÉRMIA

HELENA

OBERON

TITÂNIA

PUCK

GRÃO DE MOSTARDA

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO

**Tradução e adaptação de Patrícia
Fagundes
2006³⁰**

Personagens:

TESEU

EGEU

LISANDRO

DEMÉTRIO

SARRAFO

FAMINTO

PROFUNDO

FLAUTA

HIPÓLITA

HÉRMIA

HELENA

OBERON

TITÂNIA

PUCK

SEMENTE DE MOSTARDA

FLOR DE ERVILHA

TEIA DE ARANHA

²⁹ A fonte desta versão é uma fotocópia da versão datilografada do texto cedida pelo diretor, Luiz Arthur Nunes. Foram perdidas duas páginas deste manuscrito e, por isso, há uma lacuna na cena I do Ato III; além de um curto trecho ilegível na cena I do Ato II. Foram mantidas algumas anotações sobre marcações de cena. As partes em tachado correspondem às anotações de corte no texto.

³⁰ As fontes desta versão são duas: a tradução da diretora, entregue no início dos ensaios; e a transcrição do registro da apresentação de estréia do espetáculo. Os trechos em itálico são cantados na montagem.

ATO I

Cena I

(Atenas, o palácio de Teseu. Entram Teseu, Hipólita, Filóstrato e a comitiva.)

TESEU – Eis, bela Hipólita, que a hora de nossas núpcias se aproxima. Ainda quatro dias venturosos, e uma outra lua surgirá. Mas como esta velha lua me parece lenta a declinar! ~~Alonga os meus desejos, tal madrasta que vai consumindo vagarosa o patrimônio dum jovem herdeiro.~~

HIPÓLITA – Quatro dias que em breve afundarão na noite; quatro noites que, breves, passarão como um sonho, e então a lua-arco de prata - ~~há pouco recurvado no céu~~ - contemplará a noite dos sponsais solenes.

TESEU - ~~Vai Filóstrato, incita aos folguedos a mocidade ateniense, desperta o espírito alado da alegria; expulsa a melancolia para aos funerais; essa pálida comparsa não será da festa. (Filóstrato sai).~~ Hipólita, cortejei-te com a espada e

ATO I

Cena I

ATOR –

Florestas escuras

Somos feitos da mesma matéria dos sonhos

Lembrar de coisas que não existem

Há mais coisas entre o céu e a terra

Do que sonha nossa vã filosofia

Arriscar-se em florestas

Arriscar

Amores e aventuras

Fabricamos fantasias

ATORES –

Hoje, eu quero a rosa mais linda que houver

E a primeira estrela que vier

Para enfeitar a noite do meu bem

Hoje eu quero paz de criança dormindo

E o abandono de flores se abrindo

Para enfeitar a noite do meu bem

Quero a alegria de um barco voltando

Quero a ternura de mãos se encontrando

Para enfeitar a noite do meu bem

Ah, eu quero o amor e o amor mais profundo

Eu quero toda a beleza do mundo

Para enfeitar a noite do meu bem

Do meu bem

TESEU – Agora, bela Hipólita, a hora do nosso casamento

Está quase chegando; quatro dias trarão

Outra lua: mas ah, que devagar

Essa velha lua morre!

HIPÓLITA –

Quatro dias irão depressa virar noite

Quatro noites farão o tempo virar sonho

Aí então a lua no céu verá chegar a noite

Do nosso casamento.

TESEU –

Convidem os jovens para a nossa festa

Despertem o espírito da alegria

Mandem a tristeza aos funerais.

Hipólita, te cortejei com a minha espada,

Te ferindo com meu amor

conquistei teu amor fazendo-te violência; mas quero desposar-te em tom mais harmonioso: com alegres banquetes e cortejos triunfantes.

(Entram Egeu, Hérnia, Lisandro e Demétrio.)

EGEU – Mil venturas desejo ao ilustre Teseu!

TESEU – Obrigado, Egeu amigo. Que há de novo?

EGEU – Mortificado compareço ante vós, trazendo queixa de Hérnia, a minha própria filha. Levanta-te, Demétrio. Meu senhor, este jovem tem o meu consentimento para casar com ela. Avança agora tu Lisandro. Mas, bom duque, este aqui enfeitiçou-a. Tu, sim, Lisandro, tu, mandaste-lhe versinhos e trocaste com ela prendas de amor. Sob a sua janela cantaste ao luar, com voz fingida, trovas de fingido amor. Cativaste-lhe a imaginação com braceletes ~~feitos com teu cabelo~~, anéis, arrebiques, frioleiras, ramalhetes, confeitos, bugigangas - ~~mensageiros de forte persuasão junto da inculta mocidade~~. Furtaste o coração da minha filha com tuas manhas, transformando a obediência que me deve em teimosa rebeldia. Meu bom senhor, se diante de voz ela não consentir agora em casar com Demétrio, então invoco o antigo privilégio de Atenas, que, sendo filha minha, me deixa dispor dela, o que farei, ou para dar a este gentil-homem ou para entregá-la à morte. Pois tal prevê a lei expressamente.

TESEU – Que tens a dizer, formosa

Mas irei casar contigo de outro jeito, Com honra, com pompa, com triunfo

(Entram Egeu, Hérnia, Lisandro e Demétrio.)

EGEU –

Feliz seja Teseu, nosso famoso duque!

TESEU – Obrigado, bom Egeu. Quais são as novas?

EGEU – Cheio de vergonha eu venho reclamar

De minha filha, minha querida Hérnia.

Um passo a frente Demétrio. Meu caro senhor,

Este homem tem meu consentimento para casar com ela.

Um passo a frente Lisandro. E esse, meu caro duque,

Este enfeitiçou o coração da minha criança:

Tu, Lisandro. Tu com teus poemas, trocando juras de amor com minha criança. Tu, sob a luz da lua cantaste em sua janela

Com voz derramada versos de amor fingido

E tomou conta de suas fantasias

Com anéis, jóias, poemas,

Presentes, bombons, ursinhos

Mensageiros de influência fatal na inexperiente juventude.

Com artificios ele roubou o coração de minha filha,

Transformando sua obediência, que é devida a mim,

Em dura teimosia. E, meu querido duque,

Se ela não quiser aqui, diante de sua graça,

Aceitar casar com Demétrio,

Eu conclamo a antiga lei de Atenas:

TODOS: Que?

EGEU –

Como ela é minha, dela disponho;

Ou casa com este cavaleiro

Ou morre de acordo com a lei,

Imediatamente aplicável neste caso.

TODOS: Ah! A antiga lei de Atenas!

HÉRMIA – Pô, pai!

TESEU – O que dizes, Hérnia? Seja

Hérmia? Pensa bem. Deverias considerar teu pai como um Deus, pois que é o único autor da tua beleza. ~~Para ele sois apenas a cera em que imprimiu a sua forma. E está em meu poder conservá-la ou destruí-la.~~ Demétrio é um digno fidalgo

HÉRMIA – Também o é Lisandro.

TESEU – Pessoalmente, sim. Mas neste caso, faltando-lhe a aprovação de teu pai, o outro deve ser considerado mais merecedor.

HÉRMIA – Quisera que meu pai visse com meus olhos.

TESEU – São teus olhos que devem guiar-se pelo seu julgamento.

HÉRMIA – Imploro o perdão de Vossa Graça. Não sei que impulso me torna tão ousada, ~~nem sei se comprometo a minha fama ao defender meu pensamento perante uma tal assembleia.~~ Mas peço a Vossa Graça que me informe: se me nego a desposar Demétrio que pode acontecer-me de pior?

TESEU – Ou afrontar a morte, ou para sempre dizer adeus ao mundo. Por isso, bela Hérmia, examina os teus sentimentos. Considera que és moça; interroga a natureza. Se acaso não acata a decisão paterna, poderás suportar o hábito de monja, ~~viver eternamente em sombria clausura uma existência estéril, cantando hinos dolentes à lua árida e fria? Bem aventuradas são as que, dominando os sentidos, empreendem a virginal romaria. Mas na terra é mais feliz a rosa que destila o perfume e não aquela que, murchando no espinho intacto, cresce, vive e morre em solitária beatitude.~~

HÉRMIA – ~~Assim eu cresça, viva e morra, meu senhor, antes que entregue os meus privilégios de donzela ao importuno jugo que a minha alma repele.~~

TESEU – Reflete com calma. E quando vier a lua nova, nesse dia que selará os laços duma eterna união entre mim e minha amada, prepara-te então ou a morrer por desobediência a teu pai, ou como é seu

prudente, bela jovem.

Pra ti teu pai deveria ser como um Deus: Alguém que criou a tua beleza, sim, alguém

Para quem tu és apenas uma figura em forma em cera

Por ele moldada, e está em seu poder

Criar ou destruir a figura.

Demétrio é um nobre cavalheiro.

HÉRMIA – Mas Lisandro também é.

TESEU – Em si mesmo ele é;

Mas não tem a aprovação de teu pai

Portanto debes considerar o outro como melhor.

HÉRMIA – Mas eu gostaria que meu pai olhasse com meus olhos

TESEU – Tu é que debes olhar com os olhos da razão do teu pai.

HÉRMIA – Não!

Peço desculpa senhor

Eu não sei que força me dá tamanha ousadia,

Mas peço ao senhor que revele

O pior que pode acontecer

Caso eu me recuse a casar com Demétrio.

TESEU – Ou morrer ou abjurar

Para sempre da companhia dos homens

Sendo assim, Hérmia, questiona teus desejos

Considera tua juventude, examina bem teu sangue,

Se não obedece a ordem do teu pai

Poderás suportar a vida de freira,

Viver encerrada em um mosteiro sombrio,

Crescer, viver e morrer em abençoada solidão.

HÉRMIA – Assim irei viver, crescer e morrer, meu senhor,

Antes de me entregar a um homem que não desejo.

TESEU –

Ora, pense bem; e no dia da lua nova,

No dia do meu casamento com meu amor

Nesse dia te prepare para morrer,

Ou para casar com Demétrio,

desejo, a desposar Demétrio. Ou então, a professar no altar de Diana eternos votos de vida austera e solitária.

DEMÉTRIO – Cede, Hérnia ~~gentil~~, e tu Lisandro, desiste de tuas ~~vãs~~ pretensões diante do meu ~~claro~~ direito.

LISANDRO – Tens a afeição do pai, Demétrio; deixa a Hérnia para mim e casa-te com ele.

EGEU – Insolente! É verdade, ele tem a minha afeição, hei de dar-lhe o que é meu. A minha filha é minha. Meus direitos sobre ela, entrego-os a Demétrio.

LISANDRO – (A Teseu) Senhor, eu sou de tão boa linhagem quanto ele e a minha fortuna é igual a sua. Meu amor é maior. ~~Meu destino é tão alto quanto o dele e pode ser até que ultrapasse.~~ E - o que vale mais que todas as ~~vãs~~ glórias – sou amado ~~pela formosa~~ por Hérnia. Porque não hei de então prosseguir meu direito? Demétrio face a face o declaro – pretendeu já Helena, a filha de Nédar, e conquistou-lhe o afeto. E ela, ~~pobre menina~~, ama, adora, idolatra este homem corrompido e volúvel.

TESEU – Confesso que já tinha ouvido dizer isso e tencionava até falar com Demétrio. Mas, mergulhado em meus próprios assuntos passou-me do espírito. Ora vinde, Egeu, e tu também Demétrio; tenho instruções a dar-vos em particular. Quanto a ti Hérnia ~~gentil~~, prepara-te a submeter os teus devaneios à vontade paterna; senão a lei de Atenas, ~~que de forma alguma podemos mitigar~~, à morte ou a clausura te condena. – Minha Hipólita, vamos. ~~Que tens meu amor?~~ – Vinde, Demétrio e Egeu. Quero ~~encarregá-los de aprestos para a boda e~~ falar-vos dum assunto que vos toca de perto.

EGEU – Por dever e por gosto vos seguimos.

(Saem Teseu, Hipólita, Egeu, Demétrio, e a comitiva.)

LISANDRO – (Os dois para frente) Então, meu amor, porque estás tão pálida; Porque murcharam as rosas tão depressa em teu

Ou fazer os votos de celibato eterno.

DEMÉTRIO –

Desiste, doce Hérnia; e tu Lisandro, deixa Dessa loucura de te opores aos meus direitos.

LISANDRO –

Tu tens o amor do pai, Demétrio;

Eu fico com Hérnia; tu casas com ele.

EGEU – Sarcástico Lisandro, é verdade, ele tem meu amor,

E o que é meu, meu amor entregará a ele;

E ela é minha.

LISANDRO –

Meu senhor! Eu sou tão nobre quanto ele

Tão rico quanto; meu amor é ainda maior;

Minhas qualidade em nada perdem,

Se é que não ganham de Demétrio;

E, mais do que isso tudo pode significar,

Eu sou amado pela linda Hérnia.

Por que não deveria reclamar meu direito?

Demétrio, digo isso na cara dele,

Fez amor com a filha de Nedar, Helena,

E ganhou seu coração: ela doce menina, adora,

Devotadamente adora, idolatra,

Esse homem corrupto e volúvel.

TESEU –

Devo confessar que já ouvi essa história

Pensei em falar com Demétrio

Mas andei ocupado e esqueci. Mas por favor Demétrio,

E senhor Egeu, me acompanhem

Tenho um assunto particular com vocês dois.

E tu, bela Hérnia, te prepara

Para ceder teus caprichos às ordens de teu pai,

Ou te submeter à lei de Atenas:

Morte ou castidade.

Vamos Hipólita? Hipólita!

(Saem Teseu, Hipólita, Egeu e Demétrio.)

LISANDRO – E agora meu amor? Por que está tão pálida?

Como as rosas podem murchar tão

rosto?

HÉRMIA – Talvez por falta de chuva...
Que a tempestade de meus olhos bem
poderia dar-lhes.

LISANDRO – Ai de mim! Por tudo que li
e ouvi contar em histórias ou romances,
nunca o amor verdadeiro tem curso sereno
na vida. ~~Um~~ ~~as~~ ~~vezes~~ ~~é~~ ~~desigualdade~~ ~~no~~
~~nascimento...~~

HÉRMIA – ~~Oh, tristeza! Estar alto demais~~
~~para se curvar ao amor.~~

LISANDRO – ~~Outras vezes são as idades~~
~~que não combinam...~~

HÉRMIA – ~~Oh, despeito! Ser demasiado~~
~~velho para ligar-se a juventude.~~

LISANDRO – ~~Ou a escolha é feita por~~
~~terceiros...~~

HÉRMIA – ~~Oh, inferno! Eleger o amado~~
~~pelos olhos de outrem.~~

LISANDRO – ~~Ou então, quando há~~
~~concordância na escolha, logo vem a~~
~~guerra, a morte, a doença assediar o amor,~~
~~tornando o breve como o som, fugidivo~~
~~como a sombra, efêmero como um sonho;~~
~~veloz como o relâmpago no negrume da~~
~~noite que subitamente desvendar o céu e a~~
~~terra e antes que haja tempo de se dizer:~~
~~“Olhai” já as trevas vorazes o tragaram.~~
~~Que assim fugaz é tudo quanto brilha.~~

HÉRMIA – Se os amantes fiéis sempre
foram contrariados, então é lei do destino.
Aprendamos a ser pacientes em nossa
provação, já que é mal comum e tão
inseparável do amor quanto os desvelos, os
sonhos, os suspiros, os anseios e as
lágrimas, triste cortejo da paixão.

LISANDRO – ~~Argumentas bem.~~ Mas
escuta Hércia. Tenho eu uma tia, viúva de
grandes haveres, que me considera como
seu filho e único herdeiro. Sua casa dista
sete léguas de Atenas. Lá poderei
desposar-te, ~~meiga~~ Hércia, pois tão longe
não alcança o rigor da lei. Se é verdade
que me tens amor, amanhã à noite foge
da casa do teu pai, que a uma légua aqui
te esperarei: naquele bosque onde fomos
com Helena, uma certa manhã, para

depressa?

HÉRMIA –
Talvez por falta de chuva, mas eu poderia
Molhá-las com a tempestade dos meus
olhos.

LISANDRO –
Ai de mim. Por tudo que pude ler
Todas as lendas e histórias que escutei
O caminho do verdadeiro amor nunca foi
tranquilo;
Ou a diferença de sangue era muito
grande...

HÉRMIA – Oh, cruz! Alto demais para
estar com alguém de baixo.

LISANDRO – Ou era um problema a
diferença de idade...

HÉRMIA – Oh, inferno! Muito velha para
namorar um jovem.

LISANDRO – Ou então dependia da
escolha de outros...

HÉRMIA – Oh, desgraça! Ter o amor
escolhido pelos olhos de outros.

LISANDRO –
Ou então, a escolha era boa,
Guerra morte ou doença atrapalhavam
tudo

HÉRMIA – Se o caminho dos verdadeiros
amantes é sempre contrariado,
Então temos que ser pacientes
Porque esse é o destino
E é costume carregar essa cruz.

LISANDRO –
Bom argumento Hércia; escuta
Eu tenho uma tia, viúva rica, sem filhos
Sua casa está a sete milhas de Atenas
Ela me considera como um filho.
Lá eu quero casar contigo,
É um lugar onde a dura lei de Atenas
Não pode nos alcançar. Se me amas,
Foge da casa do teu pai amanhã de noite,
E na floresta, uma milha longe da cidade,
Lá eu vou te esperar.

prestarmos culto ao mês de Maio.

HÉRMIA – Oh, Lisandro, ~~eu te juro pelo mais potente arco do Cupido, pela sua seta mais aguda e dourada e pelas cândidas pombas de Vênus; por tudo que nos une as almas e nos alimenta o amor; pelo fogo que abraçou a soberana Dido quando viu fazer-se a vela o perjuro troiano; pelos mil juramentos que os homens violaram — tantos que ultrapassam até os das mulheres — eu te juro em verdade, esperar-te amanhã no lugar que me indicas.~~

LISANDRO – Não faltes a promessa, meu amor. Olha, aí vem Helena. (na platéia).

Entra Helena

HÉRMIA – Salve, formosa Helena. Aonde vais?

HELENA – Formosa, disseste? Tal formosa desdize. É a tua beleza que Demétrio ama. Oh, beleza ditosa! ~~Teus olhos são estrelas polares; o meigo som da voz é para ele mais harmonioso do que para o zagal o cantar da eotóvia quando os trigais são verdes e os silvados estão em flor.~~ Ah, fosse a beleza contagiosa como a peste, quisera, Hércia, que a tua me pegasse! Meus ouvidos pegariam tua voz, os meus olhos teu olhar, os meus lábios a doce melodia dos teus. Se o mundo me pertencesse, com exceção de Demétrio, eu o daria inteiro para me transformar em ti. Ah, dize-me com que olhares, com que artes, tu consegues mover seu coração!

HÉRMIA – Olho-o carrancuda, e o seu amor aumenta.

HELENA – Tivessem meus sorrisos tal poder. (vira-se e vai para o chão)

HÉRMIA – Rogo-lhe pragas, ele dize-me madrigais.

HELENA – Pudessem minhas súplicas assim o comover!

HÉRMIA – Quanto mais eu desdenho mais êle me persegue.

HELENA – Quanto mais o adoro mais ele me desdenha.

HÉRMIA – Não sou culpada, Helena, da sua loucura.

HELENA – A culpa é da tua beleza. Quem

HÉRMIA – Meu doce Lisandro, Juro por todo amor

Eu juro pela seta do cupido

Por todos os juramentos já quebrados por homens - que são muito mais numerosos que os quebrados pelas mulheres -

Amanhã irei te encontrar lá.

LISANDRO –

Cumpra a promessa. Olha, aí vem Helena.

HÉRMIA – Aonde vai com tanta pressa, Helena bonita?

HELENA – Eu, bonita? Não diga isso Demétrio ama a tua beleza: ah beleza feliz!

Doença pega; se beleza pegasse

Eu queria pegar a tua, Hércia, tua face

Se o mundo fosse meu, tirando Demétrio, O resto seria teu.

HÉRMIA –

Eu faço cara feia e ele ainda me ama.

HELENA –

Ai se meu sorriso tivesse essa chama!

HÉRMIA –

Eu xingo, eu escorraço e ele fala de amor.

HELENA –

Ai se minhas preces provocassem esse ardor!

HÉRMIA –

Quanto mais odeio mais ele me persegue.

HELENA –

E quanto mais eu amo mais ele se despede.

HÉRMIA –

Sua loucura não é culpa minha.

HELENA –

me dera que essa culpa fosse minha!
 HÉRMIA – Descansa que Demétrio não mais verá meu rosto. Lisandro e eu vamos fugir daqui. ~~Antes de conhecer Lisandro, Atenas era pra mim um paraíso. Não sei então que feitiço tem o meu amor, que assim transformou o céu em inferno.~~

LISANDRO – Helena, nosso intuito te revelaremos. Na noite de amanhã, ~~quando a lua contemplar no líquido espelho o seu rosto de prata, e de pérolas translúcidas enguirlandar os prados,~~ nessa hora propícia a ocultar a fuga dos amantes, transporemos furtivamente os muros da cidade.

HÉRMIA – E no bosque ~~onde tantas vezes nós duas reclinadas em leito de esmaecidas flores, trocamos suaves confidências,~~ lá me irei encontrar com meu Lisandro. Nossos olhos estão desviando de Atenas, iremos além procurar outros amigos, outra pátria. Adeus, ~~doce companheira de folguedos!~~ Roga por nós. E a ti, que a fortuna te conceda Demétrio. – Mantém tua promessa Lisandro. Até amanhã à meia-noite ~~nossos olhos jejuarão privados do alimento do amor.~~

LISANDRO – ~~Assim farei~~ Hérnia (Hérnia sai). Helena, adeus. Possa Demétrio amar-te como tu o amas. (Lisandro sai).

HELENA – Ah, como a sorte favorece a uns e a outros não! Toda a Atenas me julga tão formosa quanto ela. Mas de que me vale? Demétrio é doutra opinião. Só ele não quer ver o que todos percebem. ~~E assim como ele está cego pelos olhos de Hérnia, cega estou eu também em admirá-lo. É que o amor tudo transforma, e infunde dignidade até ao que é baixo e vil e sem valor real. Ele vê com a mente, não vê com os olhos; por isso o representam cego, o alado cupido. Mas nem com a mente é capaz de julgar. As asas e a venda figuram o ímpeto estouvado, bem dizem: é uma criança que na escolha se deixa iludir. Como os rapazes travessos que mentem a brincar, assim se perjura o menino amor.~~ Antes que Demétrio reparasse em Hérnia,

É da tua beleza, ah se fosse minha!

HÉRMIA –

Fica calma: ele não irá mais me ver

Nós vamos fugir desse lugar.

Antes de conhecer Lisandro,

Atenas era um paraíso pra mim,

Estranho que um amor tão terno

Transforme um paraíso em inferno.

LISANDRO – Helena, esse é o plano:

Amanhã de noite, quando a lua estiver alta,

Já teremos fugido de Atenas.

HÉRMIA – Na floresta, onde juntas onde juntas nos encontrávamos

Para deitar entre as flores e conversar da vida,

Lá Lisandro e eu temos encontro marcado

Para afastar nossos olhos de Atenas.

Adeus, minha amiga: reza por nós

E boa sorte com teu Demétrio!

Lisandro, cumpre a promessa; não nos veremos

Até a madrugada de amanhã.

LISANDRO – Eu vou cumprir, minha Hérnia. Adeus Helena,

Que Demétrio te ame tanto quanto tu a ele. (Saem Hérnia e Lisandro)

HELENA –

Como algumas pessoas são felizes!

Em toda a Atenas eu sou considerada tão linda quanto ela.

Mas de que adianta Demétrio não pensa assim.

Ele não vê o que não quer ver.

Como ele erra ao amar os olhos de Hérnia,

Eu também erro ao amar quem não me ama

Ah, o amor!

Empresta a beleza e dignidade

Às coisas sem nenhuma qualidade

Ah, o amor!

Não vê com os olhos, mas com a mente

Por isso o cupido é alado, cego e tão

seus juramentos de fidelidade choviam sobre mim como granizo, que ao calor dela logo se derreteu. – Irei informá-lo da fuga e, decerto, amanhã ele a seguirá até o bosque. Se me agradecer o aviso, pago caro a sua gratidão; cultivo a minha dor mas dela terei fruto, pois que pretendo ir na companhia dele e junto com ele regressar. (Sai pela direita)

potente.

O amor!

Não tem bom gosto nem razão

Essa coisa louca que se chama paixão

Dizem que o amor é uma criança

Não sabe escolher e cai na dança

Ah, o amor!

Como um menino, ele mente

Às vezes o amor engana a gente.

Antes de Demétrio olhar nos olhos de Hérnia,

Ele jurava que era todo meu.

Mas as juras derreteram, ele desapareceu.

Eu vou contar a Demétrio sobre essa fuga na floresta:

Ele irá atrás dela e eu também; por essa informação

Terei sua gratidão...

Mesmo que isso aumente minha dor,

Terei sua atenção por um momento. (Sai)

Cena II

Cena II

(Atenas. Um quarto em casa de Pedro Pinho. Entram Pedro Pinho Esmerado, Zé Bobina, Chico Flauta, João Caldeira e ~~Esgalgado~~.)

(Os artistas entram, cantando.)

P. PINHO – Estão aqui todos os da nossa companhia?

ARTISTAS - *Nós somos os artista e as luzes da ribalta nos espera.*

SARRAFO – Está aqui todo o grupo?

BOBINA – O melhor é chamar todos promiscuamente um por “inspecificando” bem o papel de cada qual.

PROFUNDO – É melhor chamar um por um, de acordo com a lista.

P. PINHO – Aqui está o rol com nome dos que se acharam em Atenas capazes de representar a nossa peça ~~e nosso auto~~, diante do duque e da duquesa, na noite da suas bodas.

SARRAFO - Aqui está a lista de todos os que em Atenas foram considerados capazes de representar em nossa peça na noite do dia do casamento do Duque.

BOBINA – Antes de mais nada, meu caro Pedro Pinho, diga lá de que trata a peça; depois lê a relação dos atores, para então dar ponto e remate. (Bobina vai para P. Pinho, os outros bebem lá atrás).

PROFUNDO – Atenção companheiro Pedro Sarrafo, diga o tema da peça, chame os atores pelo nome, e vamos direto ao ponto.

P. PINHO – Ora bem a nossa peça é “A mui lamentável comédia e mui cruel morte de Píramo e Tisbe”. (Todos aplaudem).

SARRAFO – Muito bem, a nossa peça vai se chamar “A mais lamentável comédia e muito cruel morte de Píramo e Tisbe”.

BOBINA – É uma obra de primeira, podem crer, e bem divertida. Pois então, meu caro Pedro Pinho, faz a chamada dos

PROFUNDO – Boa, muito boa, eu garanto, e divertida. Agora, bom Pedro Sarrafo, chame os atores pelo nome.

atores segundo o rol. Vamos parceiros, em fila.

P. PINHO – Respondam à medida que eu chamar. Zé Bobina Tecelão

BOBINA – Pronto! Dize lá qual é o meu papel e passa adiante. (A fila gira).

P. PINHO – Tu Zé Bobina, estás aqui assentado para o papel de Píramo.

BOBINA – Píramo quem é? Um galã ou um tirano?

P. PINHO – É um galã, que se mata por amor com muita galhardia.

BOBINA – Isso pede lágrimas para ser representado a preceito. Se me encarrego do papel, ai dos olhos do público! Descadearei tempestades de pranto com as minhas lamúrias. Adiante, adiante. Mas a minha verdadeira queda é para tirano. Ai que Hércules eu faria! Dava cabo de todos, rachava com tudo!

(Todos choram ruidosamente)

Os rochedos raivosos
Em embates furiosos
Quebram vitoriosos
As portas da prisão
E o carro de Apolo
Erguendo-se do solo
Espalha a luz e consolo
Dissipa a escuridão!

Isto sim que é sublime! – Chama os outros atores. Isto é que é têmpera dum “Hercules”!-Um galã é mais choramingão.

P. PINHO – Francisco Flauta, remenda-foles. (Todos jogam pausinho)

FLAUTA – Aqui estou, Pedro Pinho.

P. PINHO – Tu, Chico Flauta, vais ficar com o papel de Tisbe.

FLAUTA – Quem é Tisbe? Um cavaleiro andante?

P. PINHO – É a donzela que Píramo namora.

FLAUTA – Ah, isso não; não me dêem um papel de mulher: está me a—naseer nascendo barba.

P. PINHO – Não faz mal: representarás de máscara e falarás tão fininho quanto quiseres.

BOBINA – Se posso tapar a cara, então deixe-me também fazer Tisbe. Falarei com uma vozinha espantosa: “Tisbe,

SARRAFO – Respondam quando eu chamar. Zé Profundo

PROFUNDO – Eu, presente. Diga qual é o meu papel, e continua.

SARRAFO – O senhor, Zé Profundo, está escalado para o papel de Píramo.

PROFUNDO – Quem é Píramo? Um amante ou um bandido?

SARRAFO – Um amante, que se mata galantemente por amor.

PROFUNDO – Isso merece algumas lágrimas para uma atuação verdadeira. Se eu fizer o papel, que a platéia cuide de seus olhos: provocarei tempestades, saberei lamentar. Continue com os outros – de qualquer forma gostaria de fazer um bandido, tão mau, tão mau, que seria capaz de partir um tigre no meio, ou destruir com tudo.

As pedras em fúria

Irão tremer as cúrias

Irão romper os cadeados

Dos portões das prisões...

Muito bom! Vamos, continue com o resto do elenco. Na verdade esse é o meu talento como um bandido: como um amante seria mais terno, mais suave.

SARRAFO – Francisco Flauta.

FLAUTA – Aqui, Pedro Sarrafo.

SARRAFO – Flauta, tu vai representar Tisbe.

FLAUTA – Quem é Tisbe? Um cavaleiro andante?

SARRAFO – É a amante por quem Píramo se apaixona.

FLAUTA – Não! Não quero fazer papel de mulher.

SARRAFO – Não importa, você vai usar máscara e falar bem fininho.

PROFUNDO – Se pode usar máscara, eu gostaria de fazer a Tisbe também. Irei falar em uma voz extraordinariamente

Tisbezina!” “Ah, Píramo, meu amor adorado! Sou tua adorada Tisbe, a tua dama adorada!” (Na frente com Flauta).

P. PINHO – Não, não; tens de representar Píramo. E tu, Flauta, ficarás com Tisbe.

BOBINA – Está bem. Continua.

P. PINHO – ~~Esgalgado, alfaiate.~~

~~ESGALGADO – Presente, Pedro Pinho.~~

P. PINHO – ~~Tu, Esgalgado, representará a mãe de Tisbe.~~ – João Caldeira, Caldeireiro.

CALD. – Aqui estou, Pedro Pinho. (Fazendo continência).

P. PINHO – Tu fazes o pai de Píramo, e eu pai de Tisbe. Esmerado, marceneiro; tu farás de leão. E aqui temos nós uma peça bem distribuída.

ESMERADO – O papel de leão está por escrito? Se o tens dá-me cá, faz favor. Sou lento para aprender.

P. PINHO – Podes improvisar, são só rugidos.

BOBINA – Deixem-me fazer de leão; rugirei de jeito que todos ficarão encantados. Rugirei de tal forma que o duque há de pedir: “mais um rugidozinho, mais um rugidozinho!”

P. PINHO – Se fosses tão feroz, a duquesa e as damas assustavam-se e punham-se a gritar; tanto bastava para nos enforcarem a todos.

~~TODOS~~ CALDEIRA – Enforcavam-nos mesmo, não escapava um.

BOBINA – Concordo amigos, se vocês fizessem as damas perder a razão com medo, elas logo achavam razão para nos enforcar. Mas eu assanharei a voz de tal jeito que os meus rugidos serão como arrulhos; rugirei que nem uma pombinha de leite, rugirei que fosse um rouxinol.

P. PINHO – Só podes representar Píramo; porque Píramo é um mancebo bem apessoado e de semblante ameno, como só se vêem nos dias de verão; um homem afidalgado e encantador; por conseguinte tens por força que ser Píramo.

BOBINA – Bem encarrego-me do papel. Com que barba hei de representar?

fina: “Tisne, Tisne! Ah, Píramo meu amor! Sou tua Tisne querida, a mulher da tua vida!”

SARRAFO – Não, não, tu faz Píramo e Flauta, a Tisbe.

PROFUNDO – Está bem, continua.

SARRAFO – Roberto Faminto, o alfaiate?

FAMINTO – Aqui, Pedro Sarrafo.

SARRAFO – Tu faz o leão. Eu o pai da Tisbe. Acho que assim a comédia está arranjada.

FAMINTO – Já tem a parte do leão escrita? Se tiver, por favor me dá logo, sou devagar para aprender.

SARRAFO – Pode fazer de improviso, só tem que rugir.

PROFUNDO – Eu gostaria de fazer o leão também. Vou rugir tão bem, tão bem que vou comover o coração dos presentes. Vou rugir tão bem que o próprio duque vai dizer “que ele ruja mais, que ele ruja mais!”.

SARRAFO – Se vocês rugirem muito terrivelmente, vão assustar a Duquesa e as damas, elas vão gritar de medo: e isso seria o suficiente para que nos enforcuem.

TODOS – É verdade enforcariam a todos, todos os filhos da mãe.

PROFUNDO – Meus amigos se vocês enlouquecerem as damas de medo, o nosso destino será a força, mas eu vou amaciar minha voz de tal maneira, que vou parecer uma pombinha rugindo, vou parecer um rouxinol.

SARRAFO – Não! Tu tens que fazer Píramo, porque Píramo é um homem bonito, um homem que ninguém bota defeito, é um cavalheiro de primeira: só tu pode fazer Píramo.

PROFUNDO – Bem, então eu faço Píramo. Agora me diga que peruca devo usar na atuação?

P. PINHO – Ora, com a que quiseres.

BOBINA – Vou representar com uma barba cor de estopa, ou castanho alaranjado, ou dum belo ruivo, ou então loura e dourada que nem uma coroz francesa.

P. PINHO – ~~Mas certas coroas francesas, são coroas peladas e representarás sem cabelo...~~ Bem parceiros, aqui estão os papéis. Peço, rogo, suplico que o decorem até amanhã a noite. Vamos encontrar-nos na mata do palácio, a uma légua da cidade, para ensaiarmos ao luar. ~~Porque se a gente se reúne aqui seremos perseguidos pelos curiosos e lá se vai a nossa surpresa por água abaixo. Entretanto, vou fazer uma lista dos adereços precisos para a peça..~~ Façam favor não faltem.

BOBINA – Lá estaremos; que lá a gente pode ensaiar com toda a “inconveniência” e liberdade. Esmerem-se. Tragam o papel na ponta da língua. Adeus.

P. PINHO – Encontramo-nos junto ao carvalho do duque.

~~BOBINA~~ ESMERADO – Está dito. Lá estaremos firmes, ou desiste-se de tudo.

ATO II

Cena I

(Um bosque perto de Atenas. Entram Puck, por um lado, e uma fada, por outro)

PUCK – Olá fadazinha, aonde corres assim?

FADA – Sobre as colinas e os prados,
Pelo ermo e pelo jardim,
Sobre os bosques e os silvados
Percorro o mundo sem fim,
Atravesso o fogo e o ar
Para além da esfera lunar.

Nos círculos da relva espalho,
À noite, gotas de orvalho
Para a rainha das fadas
Dançar em rondas aladas.
Vês os íris resplandecentes?
São os seus pajens amados.
Têm os mantos salpicados
De rubis resplandecentes.
Vou pendurar-lhes na orelha
Pérolas finas, de orvalho.
Adeus, duende, tenho que ir. Nossa rainha

SARRAFO – Qualquer uma.

PROFUNDO – Uma vermelho bombeiro, amarelo hepatite, um verde lagarto...

SARRAFO – Acho melhor sem peruca. Mas, senhores, aí estão seus papéis, eu peço, imploro, solicito que vocês decorem tudo até amanhã de noite, e me encontrem na floresta, uma milha da cidade, ao luar. Lá será o nosso ensaio, pois em Atenas não faltaria gente para nos espionar. Enquanto isso eu vou escrever uma lista de materiais de cena para a peça. Não faltem.

PROFUNDO – Combinado. Decorem tudo e não poupem esforços. Vamos nos encontrar amanhã.

SARRAFO – Nos encontramos no carvalho do duque.

PROFUNDO – Faça chuva ou faça sol.

ATO II

Cena I

(Entram Puck e Fada.)

PUCK – Oi espírito! Aonde vai?

FADA –
Por montanhas e mares
Por campos, no fogo
Em florestas e bares
Ando por todo o lugar
Mais depressa que o luar.
Eu sirvo a Rainha das Fadas.
E agora vou embora,
A rainha já está chegando, já é hora.

e sua corte estão a chegar.

PUCK – E o rei vem esta noite para aqui folgar. Cautela, não vão eles encontrar-se, pois Oberon está grandemente irado com a rainha. Titânia tem por pajem um donairoso infante, raptado a um rei da Índia. Nunca ela criou menino tão gentil e Oberon, invejoso quisera fazê-lo donsel da sua corte para com ele percorrer a floresta profunda. Mas ela não larga o seu amado menino, que coroa de flores e que é todo o seu encanto. E agora eles não podem encontrar-se na mata ou na clareira, à beira da fonte clara ou sob o trêmulo resplendor das estrelas, sem brigar; a tal ponto que os elfos, cheios de medo, correm a esconder-se dentro das bolotas.

FADA – Se não me enganam o teu ar e feição, tu és aquele duende travesso e matreiro a quem chamam Robin Brincalhão. Não és tu que metes medo às moças da aldeia? Que travas a mó, ou desnatas o leite, enquanto a caseira se esfalfa em vão para fazer a manteiga? E que outras vezes impede a cerveja de fermentar? Não és tu que de noite desencaminhas os viandantes para rir do seu mal? E só àqueles que te tratam de gentil diabrete ou duendezinho concedes ajuda e boa sorte? Não és tu?

PUCK – Acertaste, fadazinha. Sim, sou o alegre noctâmbulo. Sou eu que divirto Oberon e o faço sorrir quando, com relinchos de poldra, iludo algum cavalo pacato e pesadão. Outras vezes, meto-me na tigela duma comadre e quando ela bebe salto-lhe aos lábios, derramando-lhe a cerveja sobre a papada murcha. Acontece também que uma velhota sisuda, contando uma história tristíssima, me toma por uma tripeça. Deslizo-lhe e do assento, ela bumba! Vai ao chão a gritar e a sufocar com a tosse. E então toda a companhia põe as mãos nas ilhargas, engasga-se de tanto rir e jura que nunca passou um serão mais alegre. – Mas afasta-te. Eis que chega Oberon.

(Entram Oberon, por um lado, e Titânia, por outro, com os respectivos séqüitos).

PUCK – O rei vem aqui esta noite
Cuida para que a rainha não apareça
Oberon está furioso, não esqueça
Ela tem sempre ao seu lado
O lindo menino indiano roubado
O ciumento Oberon quer a criança
Mas ela recusa entregar o garoto
O cobre de flores, sempre em festa.
Agora eles não brincam mais ao luar
Mas brigam e gritam sem parar.

FADA – Ou estou enganada
Ou você é o doce Puck.. Não é você
Que assusta as moças
Faz a manteiga estragar
O vinho avinagrar
E gargalha sem dó
De quem se perde na estrada e come pó?
Mas se te chamam doce Puck, com carinho
Você ajuda bem mansinho...
Não é você?

PUCK – Sou eu
Esse alegre vagabundo da noite.
Eu divirto Oberon, como ele ri
Quando engano um cavalo gordo
Relinchando como uma égua no cio.
Muitas vezes eu só faço engano e confusão
Mas também invento risos em profusão.
Silêncio, lá vem Oberon.

(Entra Oberon.)

FADA –

OBERON – Mau encontro ao luar, orgulhosa Titânia.

TITÂNIA – (...) leito e a sua companhia.³¹

OBERON – Pára, ~~estouvada~~, leviana! Acaso não sou o teu rei?

TITÂNIA - E eu, não sou tua rainha? ~~E, no entanto, eu sei que furtivamente abandonaste o país das fadas e fostes, disfarçado em pastor, soar na flauta agreste canções de amor para langorosa Éilis. E agora, porque acorreste aqui, dos mais remotos píncaros da Índia? Não foi talvez porque a ferosa amazona, a tua amada Hipólita altas botas, a tua querida guerreira vai casar com Teseu e tu queres augurar ao seu casamento fecundidade e alegria?~~

OBERON – Não te envergonhas, Titânia, de fazer reparos à minha amizade com Hipólita? Quando não ignoro a tua predileção por Teseu? ~~Não foste acaso tu que o conduziste através da noite cintilante de estrelas, para longa de Perigênia seduzida e abandonada? E que fizeste trair a fé jurada à loura Egléia e a Antíona, a Ariana?~~

TITÂNIA – Tais são as fantasias do ciúme. Já desde o solstício de verão que tu e eu não podemos encontrar-nos por montes ou vales, em mata ou em prado, à beira das nascentes; ~~empedrada de coisas,~~ ou por entre os juncos dos ribeiros; ~~ou então no areal marinho onde dançamos nossas rondas ao som do vento~~ sem que tu venhas turbar ~~os nossos jogos~~ com as tuas contendias. E assim os ventos, ~~que em vão tocaram flautas para nós~~ aspiraram dos mares, por vingança, nevoeiros insalubres, os quais caindo sobre a terra, de tal forma

E agora com vocês: minha rainha.

(Entra Titânia)

TITÂNIA -

*Eu venho quente como um vulcão
A noite sempre está na minha mão
Num simples toque eu posso desvendar
Segredos entre a terra e o mar.*

OBERON –

Que azar esse encontro ao luar, orgulhosa Titânia.

TITÂNIA – O quê, ciumento Oberon? Fadas vamos embora. Eu rejeitei sua cama e companhia.

OBERON – Espera, rebelde mimada, não sou teu senhor?

TITÂNIA – Então eu devo ser a tua senhora; mas pelo que eu soube Quando deixaste as nossas terras, Andaste por aí a cantar para as camponesas

E por que vieste de tão longe

Se não pela amazonas

A tua amante de botas

Que vai casar com Teseu

E vieste abençoar sua cama?

OBERON – Tu não tens vergonha,

De insinuar coisas sobre Hipólita

Sabendo que eu sei do teu amor por Teseu?

De tudo que aconteceu entre vocês?

TITÂNIA –

Isso são mentiras que ciúme inventa.

Nunca mais desde a primavera,

Nós fizemos as nossas danças ao vento

Com teus gritos tu acaba com a nossa diversão

Os ventos, chamando sem resposta,

Batendo em nossa porta e nem sequer bom dia lhes demos

E foram se vingar de seus humores

Lançando suas dores

Na terra e no ar.

³¹ Esta fala está incompleta porque foi prejudicada na fotocopiagem do original.

engrandecem os regatos mais humildes que eles transbordam do leito. ~~Por isso os bois inutilmente puxaram pela ganga; e o lavrador perdeu sua labuta e o milho apodreceu ainda imberbe. Nos campos inundados, os redís estão desertos e os corvos cevam-se nos rebanhos mortos; o jogo da malha está recoberto de lama, e os intrincados labirintos nos jardins, que ninguém mais percorre, foram invadidos pela erva exuberante. Os humanos mortais já querem as roupas de inverno, e nenhuma noite é agora santificada pelos hinos e as loas. E assim a Lua, que governa as águas, pálida de cólera, lava o ar com a chuva, suscitando defluxos maleitas. E tal é a desordem dos elementos, que as estações se alteram, a gente cai no fresco regaço da rosa vermelha e na gélida e calva frente do encanecido inverno, pausa, como por irrisão, uma perfumada grinalda de rebentos viçosos. A primavera, o Verão, o Outono fecundo e o Inverno raivoso trocam suas roupagens habituais, de forma que o mundo, desorientado, não os reconhece pelos seus frutos costumeiros. Ora, esta prole de calamidades provém tão só das nossas discórdias. Nós as geramos, somos seus autores.~~

OBERON –

*Os rios orgulhosos transbordaram
As estações mudaram
Trazendo o fogo e dor
Amores se acabando em ciúmes
Promessas sem perfume
Promessas sem valor*

TITÂNIA E OBERON –

*Noite sem música
Tão tristes as noites assim
E agora o jardim cheio de lama
Casais partindo a cama
Por culpa de nós dois*

TITÂNIA – Tudo isso Oberon,
Parte de nossas brigas
Nós somos seus pais e autores.

OBERON –

Então concerta tudo: a culpa não é tua.
Por que Titânia tem sempre que contrariar
Oberon?

OBERON – Põe-lhe então remédio, pois de ti depende: porque há de Titânia contrariar o seu Oberon? Peço apenas o menino roubado, para meu pajem.

TITÂNIA – Fica descansado. Nem por todo o reino das fadas. – Sua mãe era uma devota de minha seita: ~~quantas vezes nas noites indianas carregadas de aromas, sentadas sobre as areias de ouro de Netuno, conversamos e nos divertimos: Olhávamos os navios mercantes sobre as ondas e ríamos de ver as velas incharem, prenhas ao vento atrevido. E ela que então tinha o ventre pejado do meu escudeirinho, procurava imitá-las, e, com meneios graciosos, vogava pela praia para ir buscar-me pequenos mimos, voltando, como duma viagem carregadinha de mercadorias. Mas era mortal. E pereceu, dando a luz ao menino, que, por amor a ela eu crio e de quem, por amor a ela, nunca me separarei.~~

OBERON – Quanto tempo pretendes ficar neste bosque?

TITÂNIA – Penso que até depois das núpcias de Teseu. Se queres pacificamente dançar nas nossas rondas e assistir os nossos jogos ao luar, vem conosco. Senão evita-me, como eu te evitarei.

OBERON – Entrega-me o menino e eu irei contigo.

TITÂNIA – Nem por todo o teu mágico reino. Fada, vamo-nos embora! Acabaremos por brigar, se me demoro aqui. (Saem Titânia e Séqüito)

OBERON – Segue, segue teu caminho! Mas não sairás deste bosque sem que me pagues o ultraje. – ~~Meu querido Puck, vem cá. Lembras-te de quando, do alto dum promotório, eu vi vagar no dorso de um golfinho uma sereia, cantando com voz tão meiga e harmoniosa que, ao escutá-la, o ar embravecido se aplacou? E que até algumas estrelas se atiraram impetuosamente das órbitas para melhor ouvir a ninfa do mar?~~

PUCK – Bem me lembro.

OBERON – ~~Naquela altura eu vi aos teus olhos oculto~~ – Certa vez eu vi Cupido todo armado, que voava entre a Lua fria e a Terra. Tomou por mira uma jovem elara

Tudo o que eu peço é o menino como pajem.

TITÂNIA – Nem todo o teu reino seria capaz de pagar por essa criança.

A sua mãe era devota ao meu culto
Só que, sendo mortal, morreu no parto,
E por isso eu cuido dessa criança
E dela não vou me separar

OBERON –

Quanto tempo pensa ficar na floresta?

TITÂNIA –

Até depois do casamento de Teseu.

Se queres em paz dançar na nossa roda,
Ver nossas festas ao luar, vem comigo;
Caso contrário fica longe de mim, como eu ficarei de ti.

OBERON –

Dá o menino e eu vou contigo.

TITÂNIA – Nem por todo o reino das fadas. Fada, vamos embora.

Vou acabar brigando feio se ficar mais.
(Saem Titânia e Fadas)

OBERON – Vai, segue teu caminho,

Mas não vais deixar esta floresta
Sem que eu te castigue pelo desaforo.
Meu querido Puck, chega mais próximo.
Lembra

De uma vez que sentei em um monte
Ouvindo sereias cavalgando golfinhos?

PUCK - Lembro.

OBERON –

Naquela vez eu vi, tu não pudeste ver,
Voando entre a lua e a terra
Cupido todo armado: ele mirou

~~vestal que reina em terras do Ocidente~~ e lançou com tal ímpeto uma flecha do arco, como se quisesse trespassar mil corações. Mas o ardente dardo de Cupido extingue-se na luz líquida e casta da Lua, e a ~~imperial sacerdotisa~~ jovem continuou seu caminho, ~~indone mergulhada em virginal meditação~~. No entanto eu notei onde a seta desceu. Foi cair sobre uma flor daqueles reinos, branca de leite até então, mas que a ferida amorosa manchou toda de púrpura. Amor-perfeito chamam-lhe as donzelas. Traze-me essa flor; ~~já um dia te mostrei~~. O seu suco destilado sobre as pálpebras fechadas dum pessoa adormecida, seja homem ou mulher, a fará loucamente apaixonar-se pela primeira criatura que vir ao despertar. Vai buscar-me essa planta e regressa aqui ~~em menos tempo do que o~~ ~~que o leviatã emprega em nadar em léguas~~.
PUCK – Num abrir e fechar de olhos porei uma cintura em redor do globo.

(Sai pela rampa)

OBERON – (Para o público) Logo que tiver a flor, espiarei o sono de Titânia e deitarei o suco nos seus olhos. O primeiro ser vivo que lhe aparecer quando acordar, seja touro, leão, urso, lobo ou macaco ~~intrometido e turbulento~~, ela o perseguirá do mais ardente amor. E então, antes que a liberte do feitiço com o suco doutra erva, hei de obrigá-la a entregar-me o pajem. Mas aproxima-se gente. Invisível escutarei. (Entra Demétrio seguido por Helena, encima do praticável)

DEMÉTRIO – Já sabes que não te amo; deixa de perseguir-me.

DEMÉTRIO – Onde estão Lisandro e a ~~bela~~ Hérnia? Quero assassiná-lo porque ela me assassina. Disseste-me que os encontraria aqui. E ando eu vagueando nesta selva, feito mesmo um selvagem, porque não encontro a minha Hérnia. Vamos, vai te embora, larga-me.

Em uma virgem que passava e lançou a flecha do amor com tamanha força
Como se quisesse atravessar mil corações
Mas a flecha ardente se perdeu nos raios da lua

Foi cair numa florzinha

Antes branca, agora púrpura como a ferida do amor,

Traz essa flor, seu sumo, despejado sobre os olhos de quem adormece,

Faz com que qualquer homem ou mulher se apaixone perdidamente

Pela primeira criatura viva que veja ao despertar.

Encontra essa flor e volta mais rápido que leviatã.

PUCK – Em quarenta minutos eu dou a volta ao mundo

OBERON –

Eu vou esperar que Titânia durma

E colocar o suco do amor em seus olhos:

A primeira coisa que ela veja ao despertar; seja homem, leão, urso, lobo, touro, macaco;

Vai perseguir com toda paixão.

Antes que eu desfaça o encanto, usando outra erva,

Vou fazer com que entregue o menino a mim.

DEMÉTRIO –

Eu não te amo, me deixa em paz.

OBERON –

Mas quem vem aí? Vou escutar a conversa.

E estou invisível.

(Entram Demétrio e Helena)

DEMÉTRIO –

Onde está Lisandro e a linda Hérnia?

Um irei matar, a outra está me matando.

Tu disseste que eles fugiram pra essa floresta

E aqui estou, feito um louco na floresta,

Porque não consigo encontrar a minha Hérnia.

HELENA – (Agarra-se à perna dele) És tu que me arrasta, ~~imã de coração adamantino. E no entanto não é ferro o que atraís, mas o aço fino da minha constância.~~ Renuncia a tua força de atração e eu não terei força para seguir-te.

DEMÉTRIO – Acaso procuro conquistar-te? Faço-te galanteios? Não te digo, ao contrário, que não te amo e nem te posso amar?

HELENA – E assim aumentas ainda o meu amor. Sou o teu cão fiel, Demétrio, e quanto mais me bates, mais submissa hei de ser. Faz de conta que eu sou teu cão de guarda, enxota-me, bate-me, despreza-me, larga-me. Mas deixa-me, ainda que o não mereça, ir atrás de ti. ~~Que posto mais humilde posso mendigar em teu coração posto que, no entanto, estimo grandemente que pedir-te para ser tratada como tratas o teu cão?~~

DEMÉTRIO – Não excites assim o meu rancor. Até me sinto mal só de te ver.

HELENA – Mal sinto-me eu, se não te vejo.

DEMÉTRIO – Compromete demasiado teu recato; sais da cidade, pondo-te à mercê dum homem que não te estima e confiando ~~o tesouro da~~ tua virgindade às oportunidades da noite e aos maus conselhos da solidão.

HELENA – Teus predicados me protegem: nunca é noite para mim quando vejo teu rosto, por isso não parece estar na escuridão; nem neste bosque me falta companhia, porque tu és o mundo todo para mim. Como se pode então dizer que estou sozinha, quando o mundo inteiro tem o olhar posto em mim?

DEMÉTRIO – Vou fugir de ti, esconder-me na mata e deixar-te a mercê dos animais selvagens.

HELENA – ~~A fera mais selvagem não tem o coração igual como o teu. Corre, corre à vontade e mudarás a história; é Apolo a fugir perseguido por Dafne; é a pomba que~~

Adeus

HELENA – Você me atrai como um imã de coração endurecido

Mas meu coração não é de ferro, é fiel como o aço

Deixa teu poder de atrair

E eu não terei o poder de te seguir.

DEMÉTRIO –

Eu te atraio? Eu digo coisas bonitas?

Ou pelo contrário, eu te digo

Que não te amo e não vou te amar?

HELENA –

Até por isso te amo ainda mais.

Eu sou teu cachorrinho, Demétrio.

Quanto mais tu bates, mais eu faço carinho.

Trata-me como cachorro, me xinga, me bate,

Rejeita, maltrata; mas me deixa ir atrás de ti

Eu não to pedindo muito

Pra mim é uma honra ser tratada como teu cachorro.

DEMÉTRIO – Não provoca minha raiva

Fico doente só de olhar pra você.

HELENA –

Eu fico doente quando não te vejo.

DEMÉTRIO –

Tu arriskas demais tua pureza

Deixando a cidade e te entregando nas mãos de quem não te ama

Sozinha, no escuro da noite, em lugar deserto.

HELENA –

Tua virtude é a minha garantia

Não é escuro nem noite quando vejo seu rosto

Então não estou sozinha na noite.

E esta floresta também não está deserta

Porque você é todo mundo.

Como dizer que estou sozinha

Se o mundo todo agora me olha?

DEMÉTRIO –

Eu vou fugir, me esconder no mato

Abandonar-te com as feras selvagens.

HELENA – Nem a mais selvagem tem o coração duro com o teu.

Foge então, a história tem que mudar

O homem foge e a mulher corre atrás

~~se atira ao grifo, é a tímida gazela que corre atrás do tigre: inútil fuga quando é a eobardia que ataca e a coragem que foge.~~

DEMÉTRIO – ~~Não vou escutar mais os teus discursos. Deixa-me ir.~~ E se teimares em seguir-me, podes ter a certeza de que no bosque te farei ultraje. (Sai)

HELENA – ~~Ultraje sempre me tens feito; na cidade, no campo e até no templo. Ah, Demétrio, que vergonha. Tuas afrontas são uma ofensa para todas as mulheres. Nós não podemos disputar o amor, como fazem os homens; devemos ser cortejadas e não cortejar.~~ (Demétrio sai). Irei atrás de ti e deste inferno farei um paraíso se conseguir morrer nas mãos de quem tanto amo.

OBERON – Adeus, ninfa. Antes que saia desse bosque ainda há de fugir-lhe e ele há de buscar o teu amor. (Entra Puck pela corda) – Bem vindo gira-mundo. Trouxeste a flor?

PUCK – Tenho-a aqui. Trouxe. (Música)
OBERON – ~~Dá cá peço-te. – Há no bosque um recanto perfumado a tomilho; onde crescem as boninas e as trêmulas violetas. E lá, sob um fresco dossel de madressilvas suaves e rosas trepadeiras de lânguido perfume,~~ Titânia vai dormir uma parte das noites, embalada entre as flores ~~por danças e deleites. E lá que a cobra solta a pele pintalgada, manta que chega e sobra para cobrir uma fada.~~ É lá que irei esfregar-lhe nos olhos o suco desta flor, que os povoará de visões monstruosas. Toma um pouco também. Anda no bosque uma donzela de Atenas enamorada dum jovem desdenhoso. Vê se o encontras e deita-lhe o suco nas pálpebras, mas de forma que a primeira pessoa a aparecer-lhe seja ela. Reconhecerás o moço pelo traje ateniense. Presta bem atenção: ele deve passar a ter ainda mais amor do que ela tem por ele agora. E volta aqui a encontrar-te comigo antes que cante o galo

A pomba perseguindo a águia, a gazela atrás do tigre

Corrida inútil, a covardia insistindo e a coragem fugindo.

DEMÉTRIO –

Eu não vou ficar aqui te escutando. Me deixa!

Se fores atrás de mim vais te arrepender.

HELENA – Sabes, Demétrio,

Tuas maldades são um escândalo para as mulheres.

Não pudemos lutar por amor, como os homens podem fazer

Devemos ser cortejadas, não nascemos para cortejar.

(Demétrio sai).

Eu vou segui-lo, e fazer paraíso do inferno,

Nem que seja para morrer nas mãos de quem amo tanto.

OBERON – Vai minha ninfa, antes que ele deixe essa floresta.

Você vai fugir e ele perseguir.

(Entra Puck)

Encontrou a flor? Seja bem vindo, andante. Onde está a flor?

PUCK – Aqui.

OBERON –

Eu sei de um lugar onde Titânia dorme parte da noite,

Embalada entre as flores, dança e deleites,

Com o sumo da flor vou molhar os seus olhos.

Pegue um pouco e procure pela floresta

Uma doce jovem de Atenas que está apaixonada

Por um rapaz que a despreza; coloque o sumo nos olhos

Mas tenha certeza que a primeira coisa que ele irá olhar

Será a moça. Você reconhecerá o rapaz

Pelas roupas ateniense que está vestindo.

Faça isso com cuidado

Que ele ame mais do que hoje é amado.

da alvorada.

PUCK – Não temas, meu senhor; o vosso servo fará tal qual. (Retira-se)

Cena II

(Outra parte do bosque. Entra Titânia com sua corte.)

~~TITÂNIA – Vamos, agora uma dança de roda, uma canção de fada. Depois, por um terço de minuto, irão todas. Um a matar escaravelhos nos botões da rosa silvestre; outras a dar caça aos moreegos; para com as asas membranosas fazer as capaz dos seus elfos; outras a afugentar o ruidoso mocho que todas as noites pia de assombro ao ver os nossos pequenos espíritos. Cantem agora para eu adormecer; depois cada qual vá a sua obrigação, deixando-me repousar.~~

FADAS –

~~Serpentes Sarapintadas,
Ouriços, sapos, lieranças
De línguas envenenadas,
Quedai vos agora mansos.
Fugi das nossas moradas.
Filomena com teu canto
Vem embalar a rainha.
Ao som do doce acalanto
Dorme senhora minha
Dorme senhora minha~~

~~Que os nossos ritos propícios
Afugentem da rainha
Sortilégios, malefícios
E toda a coisa daninha.
Dorme, senhora minha.~~

~~Aranhas de longas patas,
Escaravelhos, baratas
E salamandras, fugi!
Fora daqui, fora daqui!~~

~~Filomena com teu canto
Vem embalar a rainha.
Ao som do doce acalanto
Dorme senhora minha,
Dorme senhora minha.~~

~~-Vamos, já está a dormir dormindo. Fadas, uma de nós fique de sentinela.~~

PUCK – Fique tranqüilo senhor, farei tudo como mandas.

Cena II

(Entram Titânia e Fadas)

TITÂNIA – Chega! Agora um pouco de dança e música,
E depois desapareçam
Voltem ao trabalho
Me deixem descansar.

FADAS –

*Corram serpentes de língua dobrada
Fujam aranhas de patas peludas
Sumam besouros, sapos nojentos
Para que durma nossa rainha.
Dorme Titânia um sono profundo
Fora feitiço
Dorme em paz
Sumam besouros, sapos nojentos
Enquanto dorme nossa rainha
Cantamos essa doce canção.*

SEMENTE DE MOSTARDA – Hora de ir

(Saem fadas. Titânia dorme. Entra Oberon e espreme o suco da flor nos olhos de Titânia)

OBERON –

O que tu vires ao despertar
Penas de amor te fará penar.
Seja ele urso ou jaguar,
Leopardo ou lince, hás de o amar.
Quando tiveres de ti bem vizinha
A criatura mais vil e mesquinha
Acorda só então, teimosa rainha.

(Sai Oberon) (Entram Lisandro e Hérnia)

LISANDRO – Doce amor, estás exausta de vaguear no bosque e, a dizer verdade, eu perdi o caminho. Se te parece bem, repousemos aqui ~~esperando o reconforto da luz matinal.~~

HÉRMIA – Pois seja assim, Lisandro. Busca aonde dormir, que eu descansarei a cabeça aqui nesse barranco.

LISANDRO – Um travesseiro de erva servirá para os dois. No peito de nós ambos um só coração, para uma só fé um único leito.

HÉRMIA – Não, querido Lisandro. Se me tens amor, estende-te mais além, não fiques assim perto.

LISANDRO – Oh, compreende a inocência das minhas palavras! Quem ama deva entender a linguagem do amor! Quero dizer que o meu coração está tão entrelaçado ao teu que os dois formam um só, ~~e que unidos por um juramento, no peito de ambos palpita a mesma fé.~~ Não disse falsidade nem sou falso a Hérnia, se peço um lugar em seu peito.

HÉRMIA – Lisandro joga com as palavras lindamente. ~~Mas aí de minha compostura e dignidade se eu pretendesse que Lisandro me é falso.~~ No entanto, ~~doe amigo,~~ por cortesia e amor, estende-te mais além. Pede a humana decência que um rapaz virtuoso e uma donzela se mantenham a

embora.

FLOR DE ERVILHA – Está tudo bem.

TEIA DE ARANHA – Quem fica de sentinela?

(Saem as Fadas e entra Oberon)

OBERON – *O que você ver ao despertar*

É o que com paixão vai amar

Seja onça, gato ou urso

Ou bicho feio de dar susto

Aos seus olhos vai parecer

Alguém lindo de doer.

Acorde quando um monstrengo aparecer.

(Entram Lisandro e Hérnia)

LISANDRO – Meu amor, estás cansada com esse passeio pela floresta E pra falar a verdade eu não sei bem o caminho.

Vamos fazer o seguinte, vamos descansar, esperar a luz do dia.

HÉRMIA – Que assim seja Lisandro – procure uma cama

Que eu vou deitar neste canto.

LISANDRO –

O mesmo canto deve servir para nós dois Um coração, uma cama, duas almas, uma promessa de casamento.

HÉRMIA - Não, meu querido Lisandro, por mim, meu amor,

Não deita tão perto.

Deita um pouquinho mais longe.

LISANDRO – Compreenda a inocência da minha proposta!

O meu coração está preso ao teu

Somos um só, já não sei o que é meu

Duas almas e um só coração

Duas almas, um sonho, um mar de paixão

Não negue um lugar para dormir ao teu

lado da cama, nos braços seus

Não negue a quem tanto lhe ama.

HÉRMIA –

Lisandro joga muito bem com as palavras.

Eu seria injusta e mal educada

Se pensasse que Lisandro mente!

Mas, meu querido, por amor e gentileza

Certa distância é conveniente para um rapaz solteiro e uma moça de respeito,

uma certa distância. E boa noite, amigo:
~~Possa o teu amor durar enquanto perdure a tua vida.~~

LISANDRO – ~~Amém, amém, respondo a tua bela prece. Que a minha vida se me acabe se te for desleal.~~ (Afastam-se pequena distância) – Eis aqui o meu leito. Todo o sono do mundo te dê o seu descanso.

HÉRMIA – ~~Seja metade dele para os queridos olhos de quem tal me deseja.~~

(Adormecem os dois. Entra Puck)

PUCK – Toda floresta corri

Mas ateniense não vi

Sobre que experimentar

A virtude dessa flor.

Noite funda... que silêncio.

Quem está aqui? É o ateniense

Que procuro. E eis a donzela

Adormecida na relva

Como é linda e assim distante

Do rapaz? Fraco é o galante.

Bem dizia o meu senhor

(Espreme a flor nos olhos de Lisandro)

Com a magia desta flor

Vou nos teus olhos deitar

O filtro que faz amar.

Acorda, vilão, que eu vou

Apresentar-me a Oberon. (Sai)

(Entram correndo Demétrio e Helena)

HELENA – Pára, Demétrio, ainda que seja para me matar.

DEMÉTRIO – Vai-te embora, já disse; não me persigas mais.

HELENA – Numa escuridão assim, queres me deixar sozinha? Não faças isso.

DEMÉTRIO – Fica, ou ai de ti. Não quero companhia. (Sai)

HELENA – Esta desvairada perseguição deixou-me sem alento. Pobre de mim!

~~Quanto mais rogo, menos obtenho graça.~~

~~Feliz de Hércia. Abençoados olhos os seus! Porque brilham assim! Não é o sal das lágrimas: mais vezes são os meus banhados pelo pranto. Mas que estou a dizer?~~

Sou feia que nem urso. Não admira que Demétrio me evite como a um mostro, se até as feras fogem de mim quando me encontram.

~~Que espelho perverso e mentiroso me incitou a comparar os meus~~

como eu.

Durma mais longe e boa noite,

Que teu amor seja para toda a vida.

LISANDRO – Amém! E que minha vida dure tanto quanto minha fidelidade!

Dormirei na caminha dura

Dorme bem e descanse muito.

HÉRMIA – Te desejo o mesmo.

(Entra Puck)

PUCK – Pela floresta eu andei

Mas ateniense nenhum encontrei

Nos olhos de quem pingar

O sumo da flor que faz amar.

Noite e silêncio. Quem está aí?

Roupas de Atenas ele veste

E ali está a moça, dormindo sozinha,

Bonita alma, não ousa deitar

Perto do estúpido que não sabe amar.

Em seus olhos eu derramo

Toda a força do feitiço do meu amo

Em seus olhos eu derramo

Toda a força do feitiço do meu amo

Quando acordar irá perder o sono

Por causa do amor não vai fechar o olho

Despertes quando eu sair

A Oberon irei servir.

(Sai Puck entra Demétrio e Helena)

HELENA –

Fica, mesmo que me mate, Demétrio.

DEMÉTRIO – Eu te proíbo, de uma vez, pára de me perseguir!

HELENA – Vai me deixar aqui sozinha?

DEMÉTRIO – Fica, por tua conta e risco. Eu vou sozinho.

HELENA – Ai, já estou sem fôlego nesta caçada.

Quanto mais eu rezo mais assombração me aparece.

Feliz é minha amiga Hércia, onde quer que esteja,

Abençoada com olhos tão lindos

Eu não: eu sou feia como um urso

Até as feras fogem de mim

Não me impressiona que Demétrio

Fuja de mim como de um mostro.

Que estupidez me comparar a Hércia.

~~olhos com os de Hérnia, que são astros radiosos?~~ Mas quem está aqui? Lisandro! E deitado no chão! Estará morto ou adormecido; Não há sangue, não vejo feridas. Lisandro! Acorda, amigo, se estás vivo.

LISANDRO – (Despertando) Sim! E pronto a atravessar o fogo por ti, oh, doce amor! Transparente Helena!~~Que milagre da natureza me faz entrever teu coração dentro do peito?~~ Onde está Demétrio? Ah, esse nome vil é bem dum homem que há de morrer na ponta desta espada!

HELENA – Não digas isso, Lisandro, não digas isso. Que te importa, na verdade, o seu amor pela Hérnia, visto que ela continua a amar-te? Não basta?

LISANDRO – Hérnia bastar-me? Não. Dou por mal empregados os momentos tediosos que passei com ela. Não é Hérnia que eu amo, mas Helena. Quem a um corvo não prefere uma pomba? A vontade do homem guia-se pela razão e a razão diz-me que tu és a mais digna. ~~Tudo aquilo que cresce tem a sua estação e eu, sendo moço, não tinha o entendimento bem maduro. Mas agora que atingi a plenitude de minhas faculdades, a razão é que passa a governar o meu querer. É ela que me conduz aos teus olhos, preciosíssimo livro de amor onde leio uma história de paixão.~~

HELENA – Porque fui destinada a tal zombaria? Em que te mereci semelhante desprezo? Então não basta, ~~jovem~~, que eu não obtenha nunca, nem jamais possa obter um olhar benévolo de Demétrio, sem que tenhas ainda de lançar-me em rosto a minha insignificância? ~~Por minha fé, fazes-me agravo~~, ofendes-me com essa tua corte desprezível. Mas fica em paz. Adeus. Tenho de confessar que te julgava senhor de maior cortesia. ~~Como?~~ Lá por que uma dama foi desdenhada por um homem, é motivo para ser insultada por outro? (Sai)

LISANDRO – Não viu Hérnia. Fica, fica aí dormindo, Hérnia, e que nunca possas chegar junto de Lisandro, ~~pois assim como o enjôo das coisas mais doces é o que a náusea mais profunda, ou assim como as~~

Olha! Quem está aqui? Lisandro, no chão? Morto ou dormindo?

Lisandro, se estás vivo, acorde!

LISANDRO – Atravessarei o fogo em chamas por teu amor!

Helena, posso ver teu coração.

Onde está Demétrio? Esse nome ridículo, não é nada.

Pois agora ele vai morrer sob minha espada.

HELENA – Não digas uma coisa dessas, Lisandro, não diga.

E daí se ele ama Hérnia?

Hérnia te ama, fique contente.

LISANDRO – Contento com Hérnia?

Não Hérnia, mas Helena que amo

Como não trocar um corvo por uma pombinha?

A vontade do homem é governada pela razão

Nada amadurece antes do seu tempo

Eu, sendo jovem, não era maduro o suficiente.

Mas agora que atingi a plenitude de minhas capacidades mentais

A razão se torna senhora dos meus desejos

E me leva aos teus olhos, onde posso ler

Histórias de amor escritos nos livros mais lindos da paixão, Helena.

HELENA –

Eu nasci para ser assim debochada?

O que fiz para merecer esse deboche? Heim Lisandro?

Não é o suficiente, meu caro rapaz

Que Demétrio não me ame, não me queira

Precisa pisar em cima da minha dor?

Que inferno, uma mulher rejeitada

Ser por outro maltratada. (Sai)

LISANDRO – Ela não viu Hérnia.

Hérnia, fica deitada aí,

E nunca mais chega perto de mim!

Como a gente se enjoa de comer muito doce

~~heresias, que um dia nos cegaram, são aquelas que mais odiamos, assim também tu, minha saciedade e minha heresia, sê por todos aborrecida – e por mim mais por ninguém. E agora, coração, põe toda a tua força e todo o teu valor a render preito a Helena e a ser seu servidor. (Sai)~~

HÉRMIA – (Acordando) Socorro, Lisandro, socorro! Arranca esta serpente que se arrasta no meu seio! Ai, senhor, valha-me Deus! Que sonho eu tive! Lisandro, olha como tremo de medo: sonhei que uma serpente devorava meu coração e que tu assistias sorrindo a cena tão cruel. Lisandro? Como? Afastou-se? Lisandro? Não me ouves? Foi embora! Nem uma palavra, nem um som... Ai de mim, onde estás? Responde se me escutas; fala por tudo o que mais queiras! Quase desmaio de pavor. Não respondes... É porque não estás aqui. Vou a tua procura.

ATO III

Cena I

(Entram Pedro Pinho, Esmerado, Bobina, Chico Flauta, Zé Caldeira ~~e Esgalardo~~)

BOBINA – Já chegaram todos?
P. PINHO – Todos certinhos. E aqui temos nós um lugar que convém às mil maravilhas ao nosso ensaio. Este verde relvado será o palco; ~~da sebe de madressilvas fazemos camarim~~ e vamos representar tal como se fosse para o duque. (Centro)

BOBINA – Pedro Pinho? (Leva-o ao praticável, sentam)

P. PINHO – Que é, compadre?

BOBINA – Há certas coisas, nesta comédia de Píramo e Tisbe, que não vão agradar nada. Primeiro, Píramo tem de puxar duma espada para se matar, coisa que as damas não suportam. Que respondes a isso?

P. PINHO – Nossa senhora! Terão um medo pavoroso.

ESMERADO – Afinal de contas, acho que é melhor não matar ninguém.

BOBINA – Nada disso; Encontrei meio de

Como a gente tem raiva da mentira na qual acreditou

Agora tenho nojo e raiva de ti.

Que toda minha força, todo o meu amor

Sejam dedicados à Helena,

Helena, sou teu cavaleiro apaixonado!

(Sai)

HÉRMIA - Me ajude, Lisandro, ajuda!

Arranca essa serpente do meu peito!

Ai, que susto! Que sonho tive!

Sonhei que uma serpente devorava meu coração,

E tu estavas rindo dessa crueldade.

Lisandro! Lisandro! Responde se me escutas? Lisandro! Lisandro!

Foi embora? Nem um som, uma palavra?

Responde pelo nosso amor! Lisandro!

Estou quase com medo.

Não? Agora entendo, não estás aqui.

A morte ou a ti vou encontrar sem demora. E vai se agora.

ATO III

Cena I

(Entram os artistas)

ARTISTAS - *Nós somos os artista e as luzes da ribalta nos espera.*

PROFUNDO – Está todo mundo aqui?

SARRAFO – Na horinha, e aqui temos um lugar maravilhoso para nosso ensaio. Aqui será o palco e ali os bastidores, e vamos fazer com estética, com ação, como vai ser na frente do duque.

PROFUNDO – Pedro Sarrafo! Tem algumas coisas, nessa comédia de Píramo e Tisbe, que não vão agradar. Primeiro, o Píramo saca uma espada para se matar, o que vai assustar as damas. O que me diz disso?

FAMINTO – Eu garanto que isso é perigoso. Eu acho que a gente deve deixar a matança fora da apresentação.

PROFUNDO – Não, não, não. Eu já

arranjar tudo. Façam-me um prólogo, o qual diga assim a modo que a gente não fará mal nenhum com as nossas espadas e que Píramo não morre de verdade. E para maior tranqüilidade explica-se-lhes que eu, Píramo, não sou Píramo, sou Bobina, o tecelão: desta forma passa-lhes o susto.

P. PINHO – Bem; arranja-se um prólogo assim. Vamos fazê-lo em versos ~~alternados de oito e seis pés.~~

BOBINA – ~~Não; botem-lhe mais dois pés, já agora sejam todos de oito.~~

FLAUTA – E as damas não terão medo do leão?

ESMERADO – Vão ver que têm, garantolhes eu.

BOBINA – Parceiros, considerem bem. Olhem que levar um leão - valha-nos Deus - para o meio das damas, é uma coisa terrível; porque não há no mundo uma ave de rapina mais pavorosa do que o leão. É um caso muito para se pensar.

FLAUTA – Faz-se então outro prólogo para dizer que não se trata de um leão.

BOBINA – Não, o melhor é nomeá-lo pelo nome, e deixar ver metade da cara saindo do pescoço do leão. E ele tem de dizer assim, ou seja, qualquer coisa da mesma “insignificação”: “Senhoras”, ou “Gentis damas, quero pedir vos”, ou “tenho que vos requerer”, ou “eu vos suplico que não se assustem, que não temam: a minha vida responde pela vossa. Ai de mim se fossem pensar que eu vim aqui como um leão; não sou nada disso: sou um homem como outro qualquer”. E aqui então ele que se nomeie e lhes diga francamente que é Esmerado, o marceneiro.

P. PINHO – Está dito, mas ainda restam duas dificuldades; sendo que uma é introduzir o luar dentro da sala; porque, como sabem, Píramo e Tisbe encontram-se ao luar.

ESMERADO CALDEIRA – Acorde. Haverá luar na noite em que a gente vai

pensei em tudo para solucionar este problema. Vamos escrever um prólogo. E nesse prólogo vamos dizer que não vamos ferir ninguém com nossas espadas, e que o Píramo não morre de verdade no final e que eu Píramo, não sou Píramo, mas Profundo o tecelão. Daí tudo fica mais tranqüilo.

SARRAFO – Feito. Colocamos o tal prólogo.

FAMINTO – E as damas não terão medo do leão? Eu tenho medo, te digo.

FLAUTA – Eu também.

PROFUNDO – É verdade. Colocar um leão no meio dessas damas será um horror, e não tem fera selvagem que dê mais medo que um leão vivo.

FAMINTO – Então um outro prólogo.

TODOS – Prólogo!

FAMINTO – Explicando que eu não sou um leão.

PROFUNDO – Não, nesse momento você tem que dizer o seu nome, botando a metade da cabeça para fora. E usar alguns efeitos, algumas palavras difíceis. Você deve dizer: “Ilustríssima senhora”, “Inadequada senhora”, “Inadimplente senhora. Eu suplico minha vida pela sua. Eu não estremeço, eu não tenho medo. Eu não sou uma coisa dessas, eu sou um homem como os outros são. Se viesse aqui como um leão, minha vida seria de pena”. E nesse momento você diz seu nome.

FAMINTO – Roberto Faminto, o alfaiate.

SARRAFO – Feito, assim será. Mas ainda tem duas coisas difíceis: uma é trazer o luar para o salão, vocês sabem que Píramo e Tisbe se encontram na lua cheia..

FAMINTO – E terá lua cheia na noite que a gente apresenta nossa apresentação?

representar nosso auto?

BOBINA – Um calendário, um calendário!
Procurem no almanaque! Vejam se há luar.

P. PINHO – Há sim; é noite de luar.

BOBINA – Nesse caso é só deixar aberto
um batente da janela na sala onde
representamos, que a luar entrará.

P. PINHO – Bem; ou então pode vir uma
pessoa com ~~um molho de lenha~~ e uma
lanterna e explicar que vem fazer uma
figuração ou uma representação do luar.
Depois, há ainda outra coisa: precisamos
dum muro no meio da sala; porque Píramo
e Tisbe, diz o auto, conversam pela ~~frincha~~
fresta dum muro.

~~CALDEIRA~~ ESMERADO – Trazer um
muro para a sala é que não se pode, que te
parece, Bobina?

BOBINA – Alguém tem que fazer o muro:
bota-se-lhe em cima barro, ou argamassa,
ou reboco, a querer significar que é um
muro. E então levanta os dedos assim e
pela ~~frincha~~ fresta Píramo e Tisbe podem
cochichar.

P. PINHO – Se a coisa é possível, então
tudo vai bem. Vamos sentem-se todos e
que cada um diga o seu papel. Píramo,
começas tu. Quando tiveres acabado a tua
fala vai para trás das árvores ~~sobe~~ e assim
cada qual segundo a sua vez.

(Entra Puck pelo fundo)

PUCK – E quem são estes campônios que
se pavoneiam tão perto do berço da rainha
das fadas? ~~Como?~~ Representam uma peça?
Vou ser espectador e, se for o caso, talvez
ator também.

P. PINHO – Vamos Píramo, fala. E a
Tisbe que avance.

BOBINA –

Como o perfume de odiosa flor...
(Representam no centro)

P. PINHO – Olorosa, olorosa.

BOBINA –... De olorosa flor,

PROFUNDO – Um calendário, um
almanaque! Olha no almanaque, vê
quando tem lua cheia, lua cheia!

SARRAFO – Sim, a luar brilha esta noite.

PROFUNDO – Então está tudo resolvido,
abrimos uma janela aberta no salão onde
vamos nos apresentar, e o luar entra pela
janela.

SARRAFO – Ou então alguém entra com
uma bandeja, e diz que veio para
desfigurar ou representar a pessoa do
Luar. Mas tem outra coisa: agente precisa
de um muro no salão, porque Píramo e
Tisbe, está na história não fui eu que
disse, conversavam pela rachadura do
muro.

FAMINTO – Não dá pra levar um muro
pro salão. O que tu diz Profundo?

PROFUNDO – Um homem pode fazer o
muro. Argamassa, cimento. Fazer assim
com as mãos está aí a rachadura por onde
Píramo e Tisbe sussurravam.

SARRAFO – Se pudermos fazer assim,
então está tudo certo. Vamos ensaiar o
papel. Píramo, tu começa: quando tiver
falado tua fala entra naquele canto, a
mesma coisa pra todo mundo de acordo
com a deixa.

(Entra Puck)

PUCK –

Quem são essas criaturas gritando
Do lado do leito da rainha?

SARRAFO – Fala Píramo.

PROFUNDO – Calma.

PUCK – Entendi, é uma peça de teatro. Eu
vou ser a diretora. Não, uma atriz, se
houver necessidade.

SARRAFO – Tisbe, um passo a frente.

PROFUNDO – Tisbe, as flores horrorosas
tem doces sabores...

SARRAFO – Olorosas, olorosas!

PROFUNDO –

É o teu hálito, oh Tisbe, meu amor.
 Mas eis que ouço uma voz, querida amante.
 Vou ver o que é e volto num instante. (sai)

PUCK – Nunca se viu um Píramo tão estranho! (Vai atrás dele)

FLAUTA - Falo eu agora?

P. PINHO – Fala, pois então! Precisamos compreender que ele foi só verificar que barulho era aquele e volta já.

FLAUTA –

Oh, meu herói de tez alabastrina,
 Corado como rosa purpurina,
 Jovem ardente e judeu valoroso,
 És fiel e audaz como um corcel brioso.
 Vou ter contigo ao túmulo do negro.³²

Flores olorosas tem doces sabores
 Como teu perfumado hálito, minha doce Tisbe.

Mas pára, vejo uma voz! Espera aqui um momento

Voltarei depressa para estar ao teu lado.

FLAUTA – Tenho que falar agora?

SARRAFO – Sim, tem, e tem que entender que ele saiu só pra checar um barulho que escutou e vai voltar.

FLAUTA – Meu radiante Píramo, tão fiel como o lírio,

Da cor da rosa vermelha em sua triunfante roseira,

Um amado jovem Juvenal

Disposto e fiel como um cavalo que não desanima.

Eu irei te encontrar Píramo, na tumba dos meninos.

SARRAFO – Tumba de Ninos, homem! Mas tu não tinha que falar isso ainda, essa é a resposta para Píramo. Tu tá falando toda a tua parte, sem esperar pelas deixas. Píramo entra! Tua deixa já passou, é “cavalo que não desanima”.

(Entra Profundo com cabeça de asno)

PROFUNDO –

Se eu fosse lindo Tisbe, eu seria só teu.

SARRAFO – Monstro! Criatura estranha! Assombração! Fujam! Socorro!

PUCK – Eu acompanho vocês, eu mostro o caminho

Vão andar em círculos cada um sozinho

Por brejos e arbustos, moitas e sarças,

As vezes serei cavalo, as vezes cão de caça,

Relincho, grito, ladro, zurro

Como porco, urso sem cabeça, ou burro.

PROFUNDO – Rapazes, onde vocês estão indo?

FAMINTO – Profundo, tu estás mudado! O que eu estou vendo em ti?

PROFUNDO – Tu tá vendo a tua própria cabeça de asno, não tá?

SARRAFO – Que Deus te abençoe, Profundo, que Deus te abençoe! Tu está

³² Do manuscrito guardado pelo diretor, Luiz Arthur Nunes, foram perdidas duas páginas, que correspondem ao trecho seguinte.

transformado.

PROFUNDO – Eu estou entendendo a jogada: isso é pra me fazer de burro. Mas eu não vou me mexer daqui, eles que façam o que quiserem, eu vou caminhar por aqui, vou cantar, pra que eles escutem que eu não tenho medo.

O cravo, brigou com a rosa

Debaixo de uma sacada

O cravo saiu ferido

E a rosa despedaçada

TITÂNIA – Quem é esse anjo que me desperta de meu leito de flores?

PROFUNDO – Agora por que um cravo iria brigar com uma rosa debaixo de uma sacada?

TITÂNIA –

Eu imploro, lindo mortal, canta outra vez
Meus ouvidos estão apaixonados por tua voz

Meus olhos estão apaixonados por tua forma

Eu posso jurar assim, a primeira vista, que te amo.

E sei que vou te amar por toda a a minha vida.

PROFUNDO – Senhorita, eu não vejo muita razão pra isso. Afinal de contas a razão e o amor não andam muito juntos. E alguns vizinhos honestos não fazem deles bons amigos. Às vezes, o meu senso de humor é tão inteligente.

TITÂNIA –

Tu és tão inteligente quanto belo.

PROFUNDO – Nenhum dos dois, mas se eu fosse esperto o bastante para sair dessa floresta, já estava muito bom pra mim.

TITÂNIA –

Tu ficarás aqui, quer queira, quer não.

Eu não sou um espírito comum

No meu país é verão sempre

Eu te amo, portanto vem comigo.

Eu te darei fadas para servir

Em teu leito de flores

Te libertarei do peso da mortalidade

E serás leve como um espírito dos ares.

Flor de Ervilha!

FLOR DE ERVILHA – Aqui.

TITÂNIA – Teia de Aranha!

TEIA DE ARANHA – Pronto.

TITÂNIA – Semente de Mostarda!
 SEMENTE DE MOSTARDA – Aqui.
 TITÂNIA – Sejam gentis com esse cavalheiro,
 Saltem e dancem diante de seus olhos
 Dêem-lhe frutas, damasco, cereja,
 Uvas vermelhas, figos e morangos doces.
 Iluminem a noite com velas
 Façam reverência e muitas homenagens.
 PROFUNDO – Cavalheiros, eu peço desculpas do fundo do meu coração. O senhor, como se chama?
 TEIA DE ARANHA – Teia de Aranha.
 PROFUNDO – Monsier Teia de Aranha muito prazer em conhecê-lo. Se eu cortar o dedo, vou ousar fazer uso do senhor. Seu nome, honesto cavalheiro?
 FLOR DE ERVILHA – Flor de Ervilha.
 PROFUNDO – Monsier Flor de Ervilha, mande lembranças a sua mãe, a Dona Vagem, e ao seu pai Seu Ervilha. Caro Flor de Ervilha, quero conhecer o senhor melhor também. E o senhor, como se chama?
 SEMENTE DE MOSTARDA – Semente de Mostarda.
 PROFUNDO – Monsier Semente de Mostarda, conheço muito sua paciência. Os covardes hambúrgueres devoram muito seus parentes, e confesso que alguns dos seus familiares já me fizeram chorar...
 TITÂNIA – Levem esse cavalheiro para meus aposentos.
 Hoje a lua parece chorar
 E quando ela chora choram as flores
 Lamentando a pureza violada.
 Amarrem a língua do meu amor, que ele vá em silêncio. (Saem)

Cena II

(Entram Oberon e Puck.)

OBERON –
 Eu imagino se Titânia já acordou
 E qual foi a primeira coisa que olhou
 Que agora ama apaixonadamente.
 E então, espírito louco?
 O que está acontecendo na noite da floresta encantada?

PUCK - (...) entra na mata. Aproveito logo para enfiar-lhe no toucinho uma cabeça de

PUCK – Minha rainha está apaixonada por um monstro.

burro. Para responder a sua Tisbe avança então o meu cômico. Como patos selvagens ~~que descortinam o caçador furtivo,~~ ou como um bando de gralhas ~~de einzenta plumagem que se erguem grasnando ao sentir um disparo e girando espavoridas se dispersam no céu, assim~~ ao vê-lo fogem seus companheiros. Golpeio o solo com os pés. Um tropeça e cai, outro, outro grita aqui-del-rei ~~e invoca o socorro de Atenas.~~ Aquele forte medo faz-lhes o fraco juízo perder e já lhes parece que as coisas inanimadas os perseguem: silvas e espinhos rasgam-lhes a roupa, a um arrancando o chapéu, a outro a manga, que eles largam na fuga. Assim is arrastei em apavorada correria, deixando lá o belo Píramo transmudado. E aconteceu que Titânia, acordando então, apaixonou-se por um asno.

OBERON – A coisa vai melhor do que eu poderia imaginar. Mas já deitaste o filtro do amor nos olhos do Ateniense, como eu te mandei?

PUCK – É assunto arrumado. Encontrei-o dormindo perto da moça, de forma que, ao despertar, terá forçosamente que vê-la.

(Entram Demétrio e Hérmia)

OBERON – Não te mostres, aí vêm eles.

PUCK – A jovem é a mesma, mas o rapaz é outro.

DEMÉTRIO – Porque repeles assim quem te quer tanto bem? Guarda palavras tão cruéis para o teu mais cruel inimigo.

HÉRMIA – Apenas te repreendo, por agora, mas devia fazer bem pior pois receio que me tenhas motivo para amaldiçoar-te. Se mataste Lisandro enquanto ele dormia e chafurdas no sangue, acaba de afundar-te matando-me também. ~~O sol não era tão fiel à madrugada quanto ele era a mim,~~ como poderia ter abandonado Hérmia adormecida? ~~Mais depressa acreditarei que a lua possa atravessar a espessura da Terra e aparecer nos antípodas ao meio dia, eclipsado seu irmão, o Sol.~~ Mataste-o, na

Perto do seu aposento secreto
Onde ela estava dormindo em paz
Um bando de palhaços, trabalhadores braçais,

Ensaivavam uma peça para apresentar no casamento de Teseu.

O mais boçal do bando fazia Píramo
Quando ele saiu para esperar a deixa
Eu coloquei uma cabeça de asno na sua cabeça.

Quando ele voltou, a todos assustou
Saíram correndo e gritando
Chapéus e roupas pelo caminho deixando
Assim perdidos, tão apavorados
Sentiam-se por tudo ameaçados.

A eles pela floresta levei
Mas o cabeça de asno lá deixei
Quando Titânia acordou
Pelo jumento se apaixonou.

OBERON –

Te saistes melhor do que eu imaginei.
Mas tu colocaste o suco nos olhos do ateniense

Com o sumo do amor como te disse?

PUCK – Eu peguei o rapaz dormindo –
isso está feito também –
E a moça ao seu lado
Quando ele acordar, teria de vê-la.

(Entra Demétrio e Hérmia)

OBERON –

Presta atenção – este é o homem.

PUCK – Não, esse não é o homem, mas a mulher é essa.

DEMÉTRIO –

Por que castigas quem tanto te ama?
Guarda o ódio para teus inimigos.

HÉRMIA – Agora eu só te desprezo, mas vou te tratar ainda pior

Pois temo que tenhas motivos para te amaldiçoar.

Se mataste Lisandro enquanto ele dormia
Já tens os pés sujos de sangue, afunda mais,

Mata-me também.

O sol não era tão fiel ao dia quanto ele a mim.

Ele ia fugir enquanto eu dormia?

Não, tu o mataste.

Tem cara de assassino, sinistro, mortal.

certa; esse teu ar lívido e torvo é bem dum assassino.

DEMÉTRIO – É ~~bem~~ dum assassinado ~~assassino~~ o ar que eu devo ter, já que a tua ~~implacável~~ crueldade me trespassou o coração. E, no entanto, tu que és a assassina, mostras um semblante tão claro e luminoso como a estrela Vênus ~~que resplandece além na sua esfera.~~

HÉRMIA – Que tem tudo isso a ver com meu Lisandro? Onde está ele? Ah, bom Demétrio, não queres me devolver-me?

DEMÉTRIO – Queria era dar a sua carcaça aos meus cães.

HÉRMIA – Fora, cachorro! Fora, vilão! Fazes-me até ultrapassar os limites da paciência ~~feminina~~. Mataste-o, então? Sê para sempre riscado do número dos mortais! Oh, dize a verdade, dize a verdade ao menos uma vez, por amor ~~de~~ a mim. Não ousavas olhá-lo de frente e desperto, e mataste-o então quando dormia? Grande proeza! Uma cobra, uma víbora não faria o mesmo? Foi, foi uma víbora que o matou, pois nenhuma tem língua mais falsa do que a tua, réptil!

DEMÉTRIO – Desperdiças a tua cólera com um equívoco. Estou inocente do sangue de Lisandro e, aliás, que eu saiba, ele não morreu.

HÉRMIA – Então dize-me que está são e salvo, por favor.

DEMÉTRIO – E se pudesse dizer que obteria em troca?

HÉRMIA – O privilégio de não tornar a ver-me. Com isto me vou da tua presença detestada. Esteja ele vivo ou morto, não olhes mais para mim. (Sai).

DEMÉTRIO – Não vale a pena segui-la enquanto estiver numa tal disposição. Vou ficar aqui um momento. ~~As mágoas pesam mais quando o sono faliu; talvez ele agora me pague uma pequena parte da dívida se esperar aqui a sua oferta.~~

(Deita-se e adormece)

OBERON – Mas que fizeste? Não compreendes nada. Deitaste o filtro de amor nos olhos dum amante leal e a forçosa conseqüência do teu erro é que o

DEMÉTRIO –

Pois assim parece o assassinado, como eu Apunhalado no coração pela tua crueldade Mas tu, a assassina, está linda e radiante.

HÉRMIA – O que tem isso a ver com meu Lisandro? Onde ele está?

Demétrio querido, devolve meu Lisandro para mim!

DEMÉTRIO – Prefiro atirar sua carcaça aos meus cachorros.

HÉRMIA –

Fora, cachorro! Eu te odeio seu monstro!

Tu o mataste então?

Tiveste coragem de matá-lo enquanto ele dormia? Serpente!

DEMÉTRIO –

Desperdiças tua paixão em um engano.

Eu não sou culpado da morte de Lisandro

Nem está morto, que eu saiba.

HÉRMIA – Demétrio querido, me garanta que ele está bem.

DEMÉTRIO –

O que eu ganharia com isso?

HÉRMIA –

O prêmio de não me ver nunca mais.

Eu te odeio, e quero estar longe de ti

Com Lisandro vivo ou morto.

DEMÉTRIO – Hérnia. Não tem sentido segui-la nessa fúria toda

Vou ficar aqui sozinho, descansando um pouquinho.

OBERON – O que fizeste? Um engano que não é pequeno

Colocar o sumo do amor em olhos que amam de verdade

fiel se transformou em falso, sem que o falso se tornasse verdadeiro.

PUCK – É a lei do destino: por cada homem fiel, um milhão transgrediu juramento sobre juramento.

OBERON – Vai pelo bosque, mais rápido que o vento, à procura de Helena, a ateniense. ~~Anda enferma e pálida de amor, pois que os ais e os suspiros custam caro ao sangue juvenil.~~ Vê se a trazes aqui com qualquer outro artifício e quando chegar eu enfeitiçarei os olhos do rapaz.

PUCK –

Já vou, já vou voando, veloz parto
Como a seta dispara o arco. (Sai)

OBERON –

Pela seta de amor tocada,
Flor purpúrea, que o teu poder
Ensino estes olhos a ver.
Quando eles pousarem na amada
Lhes pareça resplandecer
Como Vênus de madrugada. (Puck volta)

PUCK – Capitão do bando alado,

Helena está aqui ao lado.
E atrás dela com fervor
Requerendo-a de seu amor
Vem o jovem que enganei.

A comédia assistirei?
Como são loucos, senhor,
Estes mortais!

OBERON – Esconde-te. O ruído que fazem vai despertar Demétrio.

PUCK – Então veremos os dois a namorarem uma: vai ser um espetáculo sem par. Nada me agrada mais que estas situações maliciosas.

LISANDRO – (Entram Helena e Lisandro)
Mas porque imaginas que eu te namoro de troça? A troça e o desprezo nunca se acompanham de lágrimas; olha: choro ao jurar-te o meu amor, ~~e as juras que assim nascem estão a proclamar sua verdade.~~ Como podem parecer-te uma troça se trazes o distintivo da lealdade?

HELENA – Levas cada vez mais longe a tua perfídia. ~~Que lealdade é esse que assassina a outra? Oh, duelo infernal entre coisas sagradas!~~ Essas juras

Transformando paixão em traição.

PUCK –

É o destino: para cada amante sincero
Um milhão mente, quebrando palavras e promessas.

OBERON – Vai pela floresta mais depressa que o vento

Encontre a Helena de Atenas

Ela está doente de amor, pálida e suspirando

Traga-a aqui

Enquanto isso eu vou colocar o feitiço nos olhos do rapaz.

PUCK –

Eu vou, eu vou, olha como eu vou!

Mais rápido que uma flecha.

OBERON –

Flor do amor ferido

Como a flecha do cupido

Quando ele despertar

Vai por Helena se apaixonar.

PUCK – Capitão de nosso lindo bando

Helena está aqui

Acompanhada pelo jovem ali.

Vamos ver que bobagens fazem mais?

Como são tolos os mortais!

OBERON – Te afasta.

PUCK – Os dois apaixonados por Helena

Não é confusão pequena

Pra mim o mais divertido

É aquilo que não tem sentido

LISANDRO – Por que tu pensas que estou debochando?

Deboche nunca vem com lágrimas.

Quando eu te juro amor Helena, eu choro.

Palavras nascidas assim são sempre verdadeiras.

Como pode pensar que é sói brincadeira?

HELENA –

Ele continua com cada vez mais lábia.

Verdades matando verdades

Essas juras de amor são para Hérnia.

pertencem a Hérnia: queres então abandoná-la? Pesa juramento com juramento e não pesarás nada; os que a ela fizeste e os que fazes a mim, postos numa balança pesarão igual: o peso duma fábula.

LISANDRO – Não estava no meu juízo quando amor lhe jurava.

HELENA – É agora que não estás, se a repudias.

LISANDRO – É a ela que Demétrio ama e não a ti.

DEMÉTRIO – (Acordando) Helena! Oh deusa, oh ninfa, oh perfeição divina! A que hei de comparar os teus olhos, meu amor? Junto deles o cristal é lama. Oh, como são tentadores os teus lábios, cerejas maduras que se beijam! ~~Quando ergues a mão, a gélida e imaculada brancura da neve nos eumes do tauro, varrido pelo vento do Este, parece negra como um corvo.~~ Oh, deixa-me beijar essa princesa da alvura, esse penhor de bem-aventurança!

HELENA – Oh que raiva! Oh que inferno! Vejo que se puseram de acordo para rir à minha custa. Se fossem cortesês, se soubessem o que é educação, nunca me fariam uma tal afronta. ~~Não podem me odiar como eu sei que odeiam sem se ligarem para zombar de mim?~~ Se fossem homens de verdade, ~~como o são na aparência,~~ não tratariam assim uma dama. ~~Tantas juras e protestos de amor, lisonjas tão excessivas dos meus méritos, quando tenho a certeza de que me detestam do fundo da alma.~~ Rivais no amor de Hérnia querem agora rivalizar em escarnecer Helena. É uma bela façanha, uma viril empresa, suscitar as lágrimas duma pobre moça com semelhantes gracejos! ~~Ninguém de boa raça poderia ofender assim uma donzela, forçando uma infeliz a perder a paciência e só por divertimento.~~

LISANDRO – Não sejas assim cruel, Demétrio. Amas Hérnia ~~não pretendes que o ignore.~~ Pois bem, da melhor boa vontade, de todo o coração, cedo-te a minha parte em seu amor; mas deixa-me o de Helena, a quem eu amo e amarei até a morte.

Ou tu já desistiu dela?

LISANDRO – Eu estava louco quando disse que amava Hérnia.

HELENA – E está ainda agora, quando desiste dela.

LISANDRO – Demétrio ama Hérnia, ele não te ama.

DEMÉTRIO –

Helena eu te amo, deusa, ninfa, perfeita, divina!

Com o que, meu amor, posso comparar teus olhos?

O cristal é opaco. A tua boca é como cereja madura

A neve das montanhas é impura

Ao teu lado, princesa de linda brancura.

Deixa te dar um beijo, para confirmar minha jura.

HELENA – Que ódio! Que inferno!

Não basta odiar, também tem que debochar?

Vocês são rivais no amor por Hérnia.

E agora rivais para debochar de Helena.

LISANDRO –

Tu és grosseiro Demétrio, não seja assim

Tu amas Hérnia, sabes que sei disso.

Aqui e agora de todo o meu coração

Eu te cedo aparte do amor de Hérnia que cabe a mim

Peço que cedas o amor por Helena

HELENA – Nunca trocistas desperdiçaram tanto palavreado em vão.

DEMÉTRIO – Fica com tua Hérnia, Lisandro; não a quero pra nada. Se algum dia a amei, foi um amor transitório. ~~Meu coração fez-lhe apenas uma visita como um hóspede de passagem, mas agora, regressando a Helena, para sempre regressou ao lar.~~

LISANDRO – Não é verdade, Helena.

DEMÉTRIO – Não calunies um sentimento que ignoras, pois poderia custar-te caro. Olha: lá vem o teu amor; é aquela a tua querida. (Entra Hérnia)

HÉRMIA – ~~A escura noite que priva os olhos do seu ofício torna mais rápida a percepção dos sons; o que rouba a vista, concede duplamente ao ouvido. Não foram os meus olhos que te descobriram, Lisandro; agradeço aos meus ouvidos, que me guiaram para tua voz. Mas porque me deixaste de forma tão cruel?~~

LISANDRO – Porque havia de ficar, quem o amor impelia a partir?

HÉRMIA – Que amor pode ter impelido Lisandro para longe de mim?

LISANDRO – Helena é o amor que arrebatou Lisandro! Helena cuja beleza ilumina a noite, ~~mais que além no céu esse olhos de luz, esses olhos ardentes.~~ Porque me buscas? Não compreendes que foi a aversão a afastar-me de ti?

HÉRMIA – Não pensas o que dizes, não é possível.

HELENA – Vejam; outra que faz parte da conspiração! Agora compreendo que os três se ligaram para tramar contra mim esta pérfida brincadeira. Maldosa Hérnia. Ingrata! Então conspiraste também, maquinaste com eles para vexar-me com esta comédia infame? ~~Os segredos que partilhamos, os nossos votos de amizade fraterna, as horas que passamos juntas quando censurávamos o tempo veloz porque nos separava, tudo esqueceste? Os nossos dias de escola, de infância, de inocência; Nós Hérnia, como deusas laboriosas, criávamos com a agulha a mesma flor, na mesma talagarça, sentadas~~

A quem amo e vou amar até a morte.

HELENA – Eles continuam com a piada.

DEMÉTRIO – Lisandro, pode ficar com Hérnia, eu não quero.

Se antes a amei, não a amo mais.

Meu coração fez uma viagem temporária
Mas agora voltou para casa, para Helena,
para sempre.

LISANDRO – Helena, é mentira.

DEMÉTRIO –

Tu não sabes o que é verdade,

Não provoques minha raiva.

Olha, lá vem teu amor, tua querida.

HÉRMIA –

A escuridão da noite rouba o poder de ver
Mas atíça o sentido dos ouvidos

Não foi pelos meus olhos

Mas pelo som da tua voz que te encontrei.

Porque me deixas-te desse jeito?

LISANDRO – Por que eu iria ficar se o amor me dizia para ir?

HÉRMIA –

Que amor é esse que te tira do meu lado?

LISANDRO –

O amor de Lisandro, que me faz correr

À linda Helena, que brilha mais que todas as estrelas.

Por que me persegue? Não entende que te deixei porque te odeio?

HÉRMIA –

Tu não podes estar falando sério.

HELENA –

Ela também faz parte da conspiração!

Os três se uniram para rir de mim.

Hérnia ingrata, mulher injusta!

Conspirando com os dois para me fazer de idiota!

E tudo que vivemos juntas, lembra?

~~numa só almofada e cantávamos em uníssono a mesma canção, como se nossas mãos, flancos, vozes e almas se tivessem confundido. Assim crescemos juntas, semelhantes a uma sereia dupla, separada na aparência mas unida na sua divisão; dois tenros frutos formados na mesma haste, dois corpos visíveis com um só coração. Ou, como num brasão de armas, dois quartéis iguais enfeitados pelo mesmo timbre. E queres despedaçar esta antiga união, pondo-te ao lado de homens para fazer pouco da tua pobre companheira? Não é de amiga nem de mulher, e se bem que só eu sofrá a injúria, todo o nosso sexo tem o direito de te censurar.~~

HÉRMIA – Espanta-me essas palavras veementes. Não te insulto: quer-me parecer que és tu que me estar a insultar

~~HELENA – Não foste acaso tu que incitaste Lisandro, por troça, a vir atrás de mim gabando os meus olhos e o meu rosto? E o teu outro namorado, Demétrio, que ainda há pouco me repelia com o pé, não o mandaste chamar-me deusa, ninfa, preciosa e celeste, única e divinal? ~~Porque trata assim aquela a quem detesta? E porque há de Lisandro renegar o teu amor tão entranhado e viçoso no seu coração para me oferecer, ora vejam, o seu afeto se não é por tua instigação e com teu~~~~

HELENA E HÉRMIA –

*Lembra, lembra,
nosso tempo de infância,
Quando havia inocência
Nossas confidências e brincadeiras ao sol
Lembra, lembra,
Como crescemos juntas
Lembra,
Quando a gente cantava
Mãos entrelaçadas e nossas vozes
num só coração*

HELENA –

E tu vais destruir todo esse amor
Debochando com estes dois da tua pobre
amiga?

Isso não é amizade, não é gentileza, não é
coisa que mulher faça.

HÉRMIA – Estou surpreendida com tuas
palavras apaixonadas
Não estou debochando de ti Helena, mas
parece que tu estás a debochar de mim.

HELENA –

Tu não mandaste Lisandro, por diversão,
Elogiar meus olhos e meu rosto
Negar seu amor tão profundo
E fizeste teu outro amor, Demétrio,
E que sempre me desprezou
Chamar-me deusa, ninfa, divina, perfeita,
preciosa e celestial?

E daí que eu não sou tão amada quanto tu
Uma miserável que ama e não é amada?
Eu devia inspirar pena e não deboche.

~~consentimento?~~ Por que me trata assim?
É porque eu não sou tão afortunada como tu, tão embandeirada de amores, tão ditosa, mas tenho a desgraça de amar sem ser amada? Isso devia excitar a tua pena e não o teu desprezo.

HÉRMIA – Não compreendo o que queres dizer com tudo isso.

HELENA – Está bem, continua, finge um ar triste, e faze-me gatimanhas, quando volto as costas; pisquem os olhos uns para os outros, persistam nesse lindo gracejo. Uma brincadeira tão bem tramada irá para a crônica. Se tivessem um mínimo de piedade, delicadeza ou cortesia não me teriam feito objeto desta farsa. Mas adeus, em parte é a minha culpa, que a ausência ou a morte em breve vão remediar.

LISANDRO – Espera, meiga Helena, ouve a minha defesa, meu amor, minha vida, minha alma, minha formosa Helena!

HELENA – Oh! Que lindo!

HÉRMIA – Não faça troça dela, querido. (Agarra-o)

DEMÉTRIO – ~~Se não te convencem seus rogos eu sei como obrigar-te.~~

LISANDRO – ~~Nem tu me podes obrigar nem ela convencer. Tuas ameaças não têm mais força que as suas débeis súplicas.~~ Helena, amo-te. Juro-te por minha vida, a qual estou disposto a perder por ti a fim de desmentir quem negue esse amor! (Ajoelha-se)

DEMÉTRIO – E eu afirmo que te amo mais do que ele é capaz. (Ajoelha-se)

LISANDRO – Se tal afirmas vem comigo e prova-o tu também.

DEMÉTRIO – Vem depressa então!

HÉRMIA – (Segurando-o) Lisandro, onde queres chegar com tudo isso?

LISANDRO - Deixa-me, negra, Etíope! (Tenta escapar)

DEMÉTRIO – Não, não. Ele só finge que quer escapar. Esperneias como quisesses vir comigo, mas não vem. ~~Ora, homem, és muito pachorrento!~~

LISANDRO – (Para Hércia) Solta-me, gata, carrapato, inseto vil! Larga-me ou sacudo-te de mim como se fosses uma cobra!

HÉRMIA – Não estou entendendo.

HELENA – Ah, está! Continuem: fiquem com essas caras tristes

E façam caretas quando eu viro as costas.

Se vocês tivessem um pingo de piedade, gentileza ou educação

Não estariam fazendo uma coisa dessas.

Pois passem bem. Isso é um pouco minha culpa

Mas a morte ou a distância podem resolver a questão.

LISANDRO – Fica Helena, me escuta

Meu amor, minha vida, minha alma, Helena linda!

HELENA – Ah, excelente!

HÉRMIA – Meu amor, não debocha dela.

DEMÉTRIO – Se pedir não adianta, eu posso obrigar.

LISANDRO – Não adianta pedir nem ameaçar.

Helena, eu te amo, eu juro por tudo

Eu dou minha vida pra provar que te amo.

DEMÉTRIO – Ele não pode te amar mais do que eu te amo.

LISANDRO –

Se tu dizes isso, vem, prova.

DEMÉTRIO – Agora mesmo.

HÉRMIA – Pra que tudo isso, Lisandro?

LISANDRO – Sai da minha frente Etíope!

DEMÉTRIO – Ele parece furioso, mas não vem! Vamos, vem!

LISANDRO – Sai, gata nojenta, vadia! Que coisa asquerosa, coisa nojenta, me larga.

Sai que te escorraço como uma serpente.

HÉRMIA – Porque te tornaste assim tão grosseiro? Que mudança foi essa, ~~meu amor?~~

LISANDRO – Teu amor! Vai-te, cara tisonada, moura! Fora, remédio nauseabundo e detestado! Some-te peçonhenta!

~~HÉRMIA – Mas não estás a brincar?~~

~~HELENA – Ora se está! E tu também!~~

~~LISANDRO – Demétrio, cumprirei minha palavra.~~

~~DEMÉTRIO – Como podes vincular-me a tua palavra se para deter te basta um vínculo tão fraco? Não me fio em tal palavra.~~

~~LISANDRO – Como? Hei de magoá-la, bater-lhe, matá-la? Se bem que a odeie, não quero fazer-lhe mal.~~

~~HÉRMIA – E que mal maior me podes fazer que odiar-me? Odiar-me. E por que? Que novidade é essa, (meu amor?) Não sou Hércia? Não é tu Lisandro? Se ainda há pouco era bela, também agora o sou. Amavas-me ainda esta noite; mas é verdade que me deixaste desde então. Como? Deixaste-me. Oh! ~~Os deuses não o hão de permitir~~ abandonaste-me deveras?~~

LISANDRO – Sim, ~~por minha fé~~, e não queria mais tornar a ver-te. Por isso põe de lado qualquer esperança, ~~objeção ou dúvida~~; podes estar certa, é a verdade pura; não brinco quando afirmo que te detesto e que amo Helena.

HÉRMIA – Ai de mim... Ah, impostora, parasita, ladra de amor! Então, vieste de noite roubar o coração do meu Lisandro?

HELENA – É admirável, na verdade! Não tens então decência e pudor feminino? Não tens um pouco de recato? ~~Pretendes arrançar de minha boca paciente palavras de cólera?~~ Não te envergonhas? Falsa mulher, boneca!

HÉRMIA – Boneca! Ah, então é isso! Agora percebo que ela andou comparando as nossas alturas; fez valer o seu tamanho; e do alto de sua estatura, das suas culminâncias, dominou Lisandro. E crescestes assim tanto na sua estima só

HÉRMIA – Porque estás tão grosseiro? Que mudança é essa, meu amorzinho?

LISANDRO –

Teu amor? Sai fora negra Tártara, sai fora! Longe de mim, remédio ruim, veneno mau!

HÉRMIA – Estás brincando?

HELENA – Tu também.

LISANDRO – Demétrio, eu mantenho a minha palavra.

DEMÉTRIO – Eu prefiro tua assinatura em contrato,

Parece que a tua palavra não vale muito.

LISANDRO – Queria que eu fizesse o que? Que eu a batesse, estapeasse, machucasse?

Mesmo odiando não quero machucá-la.

HÉRMIA – Pode me machucar mais do que teu ódio? Odeia? O que é isso? Que mudança é essa, meu amor?

E tudo que aconteceu? Está tudo mudado?

Até a noite me amava, e de noite mesmo me deixaste.

Sou tão bonita agora, como era antes, não sou?

Está tudo acabado?

LISANDRO – Sim. Será que tu não entendeu ainda que te odeio

E amo Helena.

HÉRMIA – Ai de mim! Verme! Bruxa! Sua venenosa! Serpente!

Veio a noite e roubou o coração do meu amor!

HELENA – Ótimo, maravilha!

Sua falsa!

Não tens um pingo de vergonha?

Bonequinha!

HÉRMIA –

“Bonequinha” Então é esse o jogo?

Agora eu entendo, ela está comparando

Nossas estaturas, que realça sua altura

Seu porte e sua elegância, veio e roubou o coração de Lisandro

porque eu sou baixinha, anã? Ora dize cá, mastro de feira pintalgado, então sou baixinha? Não sou baixinha, ainda assim, que não possa chegar-te aos olhos com as unhas.

HELENA – Peço-vos, senhores, apesar de troçarem de mim, não deixem que ela me faça mal. ~~Nunca fui de zangas e não tenho jeito para essas fúrias. Sou mulher na eobardia.~~ Não permitam que ela me bata. Talvez pensem que posso defender-me, por ela ser um pouco mais baixa...

HÉRMIA – Mais baixa! Estão vendo? Outra vez!

HELENA – Querida Hérnia, não sejas tão má pra mim. Gostei sempre tanto de ti, Hérnia, ~~sempre guardei os teus segredos, nunca te atraícoei, exceto quando, por amor a Demétrio, lhe revelei a tua fuga para o bosque. Ele seguiu-te e eu a ele; mas repeliu-me, ameaçou bater-me, enxotar-me, disse até que me matava.~~ E agora, se me deixas ir em paz, não vos seguirei mais; voltarei a Atenas com a minha insensatez. Deixa-me ir; bem vês como sou simples e tola.

HÉRMIA – Pois vai. Quem te impede?

HELENA – Um doido coração que deixo atrás de mim.

HÉRMIA – Ah, com Lisandro?

HELENA – Com Demétrio.

LISANDRO – Não tenhas medo, Helena; ela não te há de fazer mal.

Cresceu tanto em sua estima, Helena Por que eu sou, sempre fui um pouquinho Mais baixa que tu, alguns centímetros Sua, sua “girafona desengonçada” Sou tão baixa assim?

Mas não sou tão baixa que minhas unhas não alcancem teus olhos.

HELENA – Cavalheiros, mesmo que vocês debochem de mim

Não deixem que ela me machuque.

Sou simples e doce, uma covarde

Não deixem que ela me bata. Talvez vocês pensem

Porque ela é algo mais baixa que eu

Que eu sou páreo para ela, mas não sou!

Querida Hérnia,

Eu sempre gostei de ti, guardei teus segredos, nunca te traí,

A não ser quando, por amor a Demétrio,

Eu contei da tua fuga para a floresta,

Ele te seguiu, eu fui atrás

Mas ele só me desprezou, ameaçou

Espancar, machucar, me matar.

Agora, se vocês me deixam com minha loucura,

Volto quieta para Atenas, deixo vocês em paz.

Viram, sou simples e doce.

HÉRMIA – Vai embora então! Tem alguma coisa te prendendo?

HELENA – Um louco coração que estou deixando.

HÉRMIA – O que, com Lisandro?

HELENA – Com Demétrio.

LISANDRO – Não tenhas medo, ela não vai te machucar, pode falar.

DEMÉTRIO – Não, senhor, não fará; ainda que tomes tu o seu partido.

HELENA – Ah, é que quando ela se zanga, torna-se má e astuta. Já na escola era uma verdadeira raposa, e apesar de ser tão pequena é uma fera.

HÉRMIA – Pequena! Outra vez! Só me chamam de “pequena” e “baixinha”! Porque permitem que ela faça troça de mim? Deixem-me só chegar ao pé dela.

LISANDRO – Sai daí anã, enguiço! Oh criatura enfezada, bolota, grão de bico!

DEMÉTRIO – És demasiado solícito com quem desdenha os teus serviços. Deixa-a em paz; não te ocupes de Helena, não tomes a sua defesa. Porque se pretendes demonstrar-lhe a mínima aparência de amor, hás de me pagar.

LISANDRO – Agora que Hérnia me soltou, segue-me se ousas, e veremos qual de nós dois tem mais direito a Helena.

DEMÉTRIO – Seguir-te? Não; irei a par contigo e lado a lado.

(Lisandro e Demétrio saem)

HÉRMIA – A senhora é que é a causa de todo esse barulho; não, não se vá embora.

HELENA – Não sou eu que vou confiar em ti nem ficar mais tempo na tua maldita companhia. Se as tuas mãos são mais prontas para brigar, as minhas pernas são mais longas para fugir. (Sai)

HÉRMIA – Estou desnorteada; não sei o que dizer. (Sai)

OBERON – Eis o resultado da tua negligência; enganaste-te outra vez; se é que não fizeste de propósito, uma de tuas velhacarias. (Puxando Puck pela orelha, ponta pé na bunda)

PUCK – Acreditaí, rei dos espíritos, enganei-me. Não me disseste que reconhecerias o rapaz pelo traje ateniense? A minha ação foi irresponsável pois que

DEMÉTRIO – Não, senhor, ela não vai, mesmo que tu estejas do lado dela.

HELENA – Quando ela está furiosa, é uma fera, uma megera
Mesmo sendo baixinha é perigosa.

HÉRMIA – “Baixinha”, outra vez? Nada além de “baixinha” e “nanica”, a “menorzinha de todos”, a “primeira da fila”, a “mirradinha”. Ui, ui, ui.

Cavalheiros, porque permitem que ela me ofenda desse jeito?

O que adianta passar a peça inteira de salto?

Mas agora eu chego nela!

LISANDRO – Sua anã! Nanica, toquinho de amarrar bode!

DEMÉTRIO – Te esforças demais Pela atenção de quem não te quer. Deixe Helena, não fale mais nela Nenhuma só declaração de amor, Ou vai se arrepender.

LISANDRO –

Agora ela não está me segurando Vem atrás se tens coragem Vamos decidir em duelo quem vai ficar com Helena.

DEMÉTRIO – Ir atrás? Eu vou ao teu lado, ombro a ombro.

(Saem)

HÉRMIA – Tudo isso é tua culpa.

Espera, não vai embora.

HELENA – Eu não confio mais em ti, Tuas mãos são mais rápidas pra bater, Mas as minhas pernas são mais longas para correr! (Sai)

HÉRMIA –

Eu estou pasma, não sei o que dizer. Vou sair de cena. (Sai)

OBERON - Isso é tudo negligência tua, ou fizeste essa confusão de propósito.

PUCK – Acredite, rei das sombras, foi engano.

O senhor não mandou que eu procurasse um rapaz com roupas de Atenas?

esfreguei os olhos a um ateniense; e assim sendo, estou até contente com o jeito que a coisa tomou; diverti-me bastante com a briga.

OBERON – Como viste, os dois namorados foram a procura de um lugar para se baterem; depressa, Robim, obscurece a noite; recobre agora mesmo o estrelado céu dum pesado nevoeiro, ~~tenebroso como o aqueronte~~, e desorienta os ~~furibundos~~ rivais de forma que os seus caminhos nunca se encontrem. Umaz vezes imita a voz de Lisandro e incita Demétrio com insultos cruéis; outras vezes injuria Lisandro como se fosses Demétrio. Afastas assim um do outro até que um sono semelhante à morte, com passos de chumbo e asas de morcego lhes pese sobre a fronte; espreme então nos olhos de Lisandro esta planta, cujo suco tem a propriedade de dissipar todo o engano e devolver aos olhos a visão natural. Quando acordarem, toda essa comédia lhes parecerá um sonho, uma vã ilusão e assim os namorados voltarão a Atenas em perfeita concórdia, ~~a qual durará até a morte~~. Enquanto te ocupas dessa missão, irei ter com a rainha para pedir-lhe o menino indiano. Libertarei os seus olhos enfeitiçados da vista do monstro e a paz voltará a reinar.

~~PUCK – Temos que nos apressar, rei dos elfos, pois que os velozes dragões da noite fendem as nuvens e rápidos se afastam e já a mensageira da aurora resplandece além. Quando ela se acerca, os fantasmas errantes acorrem daqui e de acolá e reúnem-se para voltar aos cemitérios; e as almas penadas dos suicidas, sepultados nas eneruzilhadas, e a dos afogados, voltam ao seu leito de vermes; com medo que o dia eontemple sua vergonha. Voluntariamente se exilaram da luz ligando-se eternamente à noite carraneuda.~~

OBERON – ~~Mas nós somos espíritos duma outra raça. Muitas vezes brinquei com a própria aurora e posso percorrer os bosques, tal um guarda-caça, até mesmo quando as portas do Oriente, incendiadas de vermelho, se abrem e a benigna~~

Isso prova minha inocência - ele veste roupas de Atenas.

Mas não posso negar que tem razão
Essa confusão é pura diversão.

OBERON –

Vai, deixa a noite escura, apaga o luar
Os deixe perdidos, que não se encontrem
Imita a voz de um e de outro, provocando e implicando

Os deixe cansados

Que o sono seja pesado demais

Depois esprema essa erva nos olhos de Lisandro

Ela tem o poder de acabar com o encanto
Quando acordarem, vão pensar que tudo não passou de ilusão

Voltarão para Atenas ligados por uma eterna paixão.

Enquanto isso, vou procurar a rainha e fazer com que me entregue o menino.

PUCK – Meu senhor, tudo tem que ser muito rápido

Porque a aurora está se aproximando
E os espíritos malditos, os mortos errantes
Aos leitos de vermes estão voltando
Para que o dia não veja suas desgraças.

OBERON – Mas nós somos de outro tipo.
Eu sou amante da manhã e do dia.

Mas faça tudo depressa

Vamos terminar tudo antes de raiar o sol.

~~claridade transforma em ouro as glaucas e salgadas águas de Netuno. No entanto, apressa-te, não percas tempo, pois podemos resolver este caso antes que seja dia. (Sai Oberon)~~

PUCK – Pra cá e pra lá.
Por aqui e acolá,
Duende, fá-los girar.
Todos têm que te acatar.
Aqui vem um a chegar.
(Entra Lisandro)

LISANDRO – Onde estás, arrogante Demétrio? Então responde!

PUCK – Aqui, vilão! Pronto e de espada em riste. Onde estás?

LISANDRO – Vou ter contigo neste instante.

DEMÉTRIO PUCK – Segue-me então para um terreno mais plano.

(Sai Lisandro, como atraído pela voz. Entra Demétrio).

PUCK – Lisandro! Fala, poltrão, desertor! Fugiste? Estás escondido ~~na algum silvado?~~ Cobarde! ~~Vanglorias-te diante das estrelas, conta as silvas que queres pelejar~~ lutar e não apareces? Vem poltrão, vem ~~menino~~ que te quero dar uma ~~vergasta~~ paulada, tirar a espada contra ti é uma desonra.

DEMÉTRIO – Mas onde estás?

PUCK – Segue a minha voz; vamos lá provar a tua valentia.

LISANDRO – Ele vai na minha frente a provocar-me sempre, mas quando chego ao lugar donde me chama já desapareceu. O velhaco é mais ligeiro do que eu; corro atrás dele, mas ele foge ainda mais depressa. Vou descansar aqui. (Deita-se) ~~Vem, manhã compassiva, pois apenas me mostrares a tua luz alvaenta,~~ eu acharei Demétrio e vingarei a afronta. (Adormece) (Votam Puck e Demétrio)

PUCK – Oh, oh, por que não vens, cobarde?

DEMÉTRIO – Espere por mim se ousas; percebo que vai sempre fugindo e mudando de lugar sem coragem para

PUCK –

Pra cima e pra baixo

Eu levo pra cima e pra baixo

Eu sou temido em cima embaixo

Eu levo pra cima e pra baixo,

Pra cima e pra baixo.

Aí vem um.

LISANDRO – Onde estás, Demétrio? Fale.

PUCK – Aqui, cretino, pronto pra briga. Onde estás?

LISANDRO – Eu já estou chegando.

PUCK – Então vem.

DEMÉTRIO – Lisandro, fala outra vez! Tu está fugindo, covarde? Fala!

Onde te escondes?

PUCK –

Covarde, tu estás gritando com as estrelas, Dizendo que quer guerra mas não vem, vem menininho!

Eu vou te dar uma surra de vara de marmelo!

DEMÉTRIO – Vou, onde estás?

PUCK – Segue a minha voz.

LISANDRO – Ele está na minha frente, e continua me desafiando.

Quando chego onde chamou, não está mais no lugar.

Estou correndo mas ele é mais rápido

Vem dia, mostra tua luz para que eu encontre Demétrio e possa me vingar.

Preciso descansar.

PUCK – Ei, ei, ei! Covarde, por que não aparece?

combater nem defrontar-me. Onde estás agora?

PUCK – Aqui, aqui! Vem cá.

DEMÉTRIO – Não, estás a ~~brincar~~ brincando comigo. Vais pagá-lo caro se tornar a ver-te à luz do dia. Anda, segue o teu caminho. O cansaço obriga-me a ~~medir a todo comprimento esta cama fria~~ descansar. Mas espera por mim quando for madrugada.

(Estende-se e adormece. Entra Helena)

HELENA – Oh noite ~~fastidiosa~~ noite interminável e ~~enfadonha~~, abrevia o teu curso! Que brilhe no Oriente o sol consolador e que a luz do dia eu possa regressar a Atenas, longe daqueles que detestam a minha triste companhia. E tu, sono, que às vezes cerras as pálpebras à dor, leva-me um momento para longe de mim mesma. (Deita-se e adormece)

PUCK – Três já estão aqui; falta uma ainda;

Dois a dois, aos pares, farão conta certa
Mas aqui vem ela, tristonha e mofina;
Cupido malvado, com tua seta
Já enlouqueceste a pobre menina.

(Entra Hérmia)

HÉRMIA – Tão cansada, tão aflita, nunca me vi; molhada pelo orvalho, rasgada pelas silvas, já não posso arrastar-me nem dar mais nem um passo. ~~As minhas pernas não podem seguir meu desejo.~~ Vou repousar aqui, até que rompa o dia. Se eles vão bater-se em duelo, que o céu proteja Lisandro. (Deita-se e adormece)

PUCK –

Este rapaz
Que já aqui jaz
Este amante
Inconstante,
Num instante
Do encanto
Vou livrar.

(Espreme o suco nos olhos de Lisandro)

Ao despertar
Do seu torpor
Volte a reinar
O antigo amor.
Como lá diz o refrão:

DEMÉTRIO –

Espera por mim se tem coragem
Ficas todo tempo mudando de lugar e não me enfrentas.

Tu estás de brincadeira, segue teu caminho.

Espere o dia que eu vou te encontrar.

Preciso descansar.

HELENA – Ah, noite escura, longa e tediosa!

Termina logo para que eu volte a Atenas
Longe da companhia desses que me detestam.

Preciso descansar.

PUCK – Só três! Falta um

Lá vem ela, acabada e cansada

Cupido é tão sacana

Enlouquece a mulher que ama.

HÉRMIA –

Nunca tão cansada, nunca tão humilhada

Não consigo mais caminhar

Que os céus protejam Lisandro se ele lutar!

Antes do dia clarear

Preciso descansar.

PUCK –

Dorme

No teu olhar

A cura para essa loucura.

A cada homem o que é seu

Para cada João sua Maria

E já se acaba a histeria.

Cada homem com sua égua

E o que era guerra vira trégua.

A Maria com João
E com seu burro o vilão.
Cada qual volte ao seu par
Que tudo se há de arranjar.
(Sai)

ATO IV

(No bosque, Lisandro, Demétrio, Helena e Hérnia adormecidos. Oberon escondido ao fundo. Entram Titânia e Bobina, com o séquito dos elfos)

TITÂNIA – Vem; repousa nessa cama de flores, enquanto acaricio a tua face formosa e ponho rosas almiscaradas nessa tua cabeça lustrosa e macia e beijo as tuas longas e belas orelhas, meu doce encanto.

BOBINA – Onde está ~~Flor de Ervilha~~ Grão de Mostarda?

GRÃO DE MOSTARDA – Aqui estou.

BOBINA – Coça-me a cabeça, ~~Flor de Ervilha~~ Grão de Mostarda. Onde está ~~“monsiú” Teia de Aranha?~~

~~TEIA DE ARANHA – Eis-me aqui.~~

~~(BOBINA – “Monsiú” Teia de Aranha, meu caro “Monsiú”, empunhai as vossas armas e matai-me aquele abelhão de barriga vermelha lá no topo do cardo; e trazei-me o saco de mel, meu bom “Monsiú”. Não vos agiteis demasiado no fogo da ação, “Monsiú”, e tomai cuidado, não vá romper-se o saco, não gostaria de vos ver afogado em mel, “signior”. Onde está “Monsiú” Grão de Mostarda?~~

~~GRÃO DE MOSTARDA – Presente.~~

~~BOBINA – Dai-me cá a mão “Monsiú” Grão de Mostarda. Por favor, deixai-vos de tanta referênciã, meu caro senhor.~~

~~GRÃO DE MOSTARDA – Que ordenais?~~

BOBINA – ~~Nada meu caro “Monsiú”; só que ajudeis o ‘caballero’. Teia de Aranha a coçar-me. Preciso de ir ao barbeiro, “Monsiú”, pois parece que estou com a cara prodigiosamente peluda, e sou tão melindroso e tão asno que mal a barba me faz comichão tenho de coçar-me.~~

TITÂNIA – Não gostarias de escutar um pouco de música, meu doce amor.

~~BOBINA – Tenho um ouvido bastante~~

ATO IV

Cena I

(Entram Titânia, Profundo e Fadas)

TITÂNIA –

Vem e senta nesta cama florida

Na tua cabeça coloco uma flor

Te beijo te afago, amor da minha vida

Beijo tuas orelhas com muito amor.

PROFUNDO - Onde está Flor de Ervilha?

FLOR DE ERVILHA – Aqui.

PROFUNDO - Monsier Flor de Ervilha, por favor, coça minha cabeça. Onde está monsieur Teia de Aranha?

TEIA DE ARANHA – Pronto.

PROFUNDO - Monsier Teia de Aranha, prepare suas armas, mata uma abelha e me trás o seu saco de mel. Mas muito cuidado, não se agite demais na operação, e cuida para que o saco não estoure, te ver inundado de mel seria horrível. Onde está Monsier Semente de Mostarda?

SEMENTE DE MOSTARDA – Aqui.

PROFUNDO – Meu bom Monsier, me dê a sua mão. Sem tanta cerimônia, bom monsieur.

SEMENTE DE MOSTARDA –

Qual teu desejo?

PROFUNDO – Meu desejo é que se junte a Flor de Ervilha e coce minhas cabeça. Preciso ir ao barbeiro, me sinto incrivelmente peludo. Eu sou um asno tão delicado que cada cabelinho que incomoda me dá uma vontade de coçar.

TITÂNIA – Quer ouvir um pouquinho de música, meu bem?

PROFUNDO – Música. Meus ouvidos

~~afinado para a música; ora venham lá as eastanholas e os ferrinhos.~~

TITÂNIA – Ou então, meu amor, dize-me o que desejas comer.

BOBINA – Sinceramente, uma ração de forragem; apetecia-me mastigar uma boa aveia seca. Palavra, sinto uma dessas vontades dum molho de feno! Ah, não há nada como um bom feno bem cheiroso.

TITÂNIA – Tenho uma fada ~~aventurosa~~ que irá descobrir o celeiro do esquilo e te trará nozes frescas.

BOBINA – Preferia um punhado ou dois de ervilhas secas. Mas peço-vos, não deixais que a vossa gente venha incomodar-me; sinto chegar uma certa “indisposição” para o sono.

~~TITÂNIA – Dorme, que eu te enlaçarei em meus braços. Vai-te fada. Ide-vos, fadas, debandai. (Saem os elfos e as fadas). Assim a verdizela e a madressilva perfumada meigamente se eíngem ao olmo; ; assim a hera feminina enfia anéis nos seus longos dedos rugosos. Oh, como te amo, como te adoro!(Adormecem)~~

(Entra Puck)

OBERON – (Avançando) Bem-vindo, querido ~~Robin~~ Puck. Já viste que delicioso espetáculo? Mas começo a ter pena da sua loucura porque, encontrando-a há pouco atrás no bosque, onde andava a procura de miminhos para este horrendo imbecil, zanguei-me com ela e censurei-a; pois ela tinha-lhe coroado a peluda cabeça com grinaldas de flores frescas e perfumadas, e ~~o orvalho que costumava pousar-lhes nas corolas em gotas perfumadas, tal pérolas de cintilante oriente, tremia nos olhos daquelas florinhas como lágrimas que lhes lamentassem a desonra.~~ Depois de a ter envergonhado bastante e ela me ter brandamente implorado paciência, pedi-lhe que me desse o menino roubado; e ela logo me concedeu, ordenando a um de seus elfos que o levasse ~~ao meu earramanchão~~ no país das fadas. E agora, que obtive o que queria, vou apagar dos seus olhos a odiosa mácula. E tu, querido Puck, retira a carcaça encantada desse

entendem muito de música. Gostaria de ouvir a grande sinfonia em “mi menor” para triângulo

TITÂNIA – E para comer o que gostaria?

PROFUNDO – Forragem e aveia seca. Não, não, pensando bem, um bom pacote de feno, docinho. Não tem nada no mundo mais gostoso que feno

TITÂNIA –

Eu posso conseguir nozes frescas.

PROFUNDO – Não, ervilhas secas pra mim tá bom. Agora peça para o pessoal não me incomodar, eu gostaria de dormir um pouquinho.

TITÂNIA – Então vem cá, vem cá que eu te acalento nos meus braços

Fadas, silêncio! E fiquem longe daqui.

Como eu te amo, como eu te adoro! (Dormem)

(Entram Puck e Oberon)

OBERON – Está vendo que bonito?

Começo a ter pena da tua loucura

Antes encontrei Titânia na floresta

Buscando presentes para esse idiota

Fiquei irritado e acabamos discutindo

Eu disse o que bem queria e ela implorou paciência

Então eu pedi o menino indiano e

Ela concedeu na hora.

Agora que tenho o menino, vou acabar

Com a ilusão que tem nos olhos.

E querido Puck, tire a cabeça de asno

Do escalpo desse pobre ateniense

Quando ele acordar, como os outros,

Vai pensar que as loucuras dessa noite

Não foram mais que um sonho.

Seja como sempre foi

Veja como sempre viu

A flor do Cupido

Seu castigo já cumpriu.

Agora acorda minha rainha.

rústico ateniense, de forma que, ao acordar junto com os outros, possam todos regressar a Atenas e recordar as peripécias desta noite apenas como um sonho penoso. Mas, antes de mais nada, vou libertar do feitiço a rainha das fadas. (Toca-lhe os olhos com uma erva).

Sê como costumava ser,

Vê como costumava ver,

~~Pois Diana vencerá Cupido.~~

~~Neste combate remido.~~

E agora, meiga Titânia, desperta, senhora minha.

TITÂNIA – Meu Oberon! Que visões eu tive! Parecia-me estar enamorada de um burro.

OBERON – Aí tens o teu amor.

TITÂNIA – Como pôde tal coisa acontecer? Oh, os meus olhos agora abominam o seu rosto.

OBERON – Silêncio, agora, um momento. ~~Robim~~ Puck, retira-lhe a caraça. Titânia, chama pela música e que um sono mais profundo que o normal acometa o sentido de todos os cinco.

TITÂNIA – Música, olá, música! Que por sortilégio induza o sono.

~~PUCK – Quando acordares torna a olhar
Com os olhos do luar.~~

OBERON – Música, soai. (Soa a música) Vem, minha soberana, dá-me as mãos e embalemos o solo onde eles dormem. Visto que a nossa amizade renasceu, amanhã à meia noite triunfalmente dançaremos no palácio ducal de Teseu; e com a nossa benção lhe asseguraremos a prosperidade. E lá os dois pares de leais amantes serão unidos, ao mesmo tempo que o duque, na alegria geral.

PUCK – Rei das fadas, já é hora;

Escutai, ouve-se além

A cotovia da aurora.

OBERON – E assim em grave silêncio, senhora minha, iremos atrás das sombras noturnas; rápidos como a Lua errante circundaremos o mundo.

TITÂNIA – Vamos, senhor, e voando, dize-me porque razão esta noite me

TITÂNIA –

Meu Oberon! Que visões eu tive!

Sonhei que estava apaixonada por um asno.

OBERON – Aqui está teu amor.

TITÂNIA – Como isso é possível?

Eu odeio a simples visão dessa criatura agora!

OBERON –

Silêncio. Puck, tire a cabeça de asno.

Titânia, mande que toquem música. E que os cinco durmam mais do que um sono comum.

TITÂNIA – Música para encantar o sono!

PUCK – Quando acordar, olha o mundo com teus olhos de bobo.

OBERON –

Vêm, minha rainha, me dê a mão

Vamos sacudir o chão.

Agora que somos amigos outra vez,

Vamos dançar no casamento de Teseu

E abençoar todos estes amantes fiéis.

PUCK – A manhã está chegando.

OBERON –

Então, minha rainha, em silêncio

Damos a volta ao mundo em um instante

Acompanhando a sombra da noite,

Mais rápido que a lua errante.

TITÂNIA – No caminho conte o que aconteceu.

encontraste com estes mortais dormindo estendida aqui no chão.

(Saem)

(Saem Titânia, Oberon e Puck)

PROFUNDO (Despertando) - Quando chegar minha deixa, me chamem e eu respondo. A próxima deixa é “belíssimo Píramo”. Pedro Sarrafo! Flauta? Faminto? Meu Deus! Fugiram e me deixaram dormindo! Eu tive a mais fantástica das visões. Eu tive um sonho, e nenhum homem pode dizer que sonho foi. Seria um homem, mas um asno se tentasse explicar esse sonho. Parecia que eu era – nenhum homem pode dizer o que eu era – e parecia que eu tinha – mas um homem é um palhaço se quiser explicar o que eu tinha. O olho do homem não escutou, o ouvido do homem não viu, as mãos do homem não são capazes de saborear, a língua de entender, o coração de contar, que sonho foi o meu. Vou mandar Pedro Sarrafo escrever uma balada desse sonho: vai se chamar “O sonho de Profundo”, porque não tem fundo, e eu vou cantar no final da peça, na frente do duque. Talvez, pra ficar mais bonito, eu cante na hora da morte dela. (Sai)

(Entram Teseu, Hipólita e Egeu)

(Ouve-se dentro o som das trompas de caça. Entram Teseu, Hipólita, Egeu e a comitiva).

TESEU – ~~Vamos, que um de vós me traga aqui o guarda caça. E,~~ minha Hipólita, visto que já cumprimos os nossos ritos e estamos ainda na vanguarda do dia, quero que ~~o meu amor~~ ouças o concerto da minha matilha. ~~Soltai a no vale ocidente, apressem-se, repito, tragam-me aqui o guarda caça.~~ Vamos, bela rainha, até o cimo da montanha para de lá escutar a confusa harmonia da matilha e do eco em conjugação.

HIPÓLITA – ~~Estava certa vez com Hércules e Cadmo num bosque de Creta, andando eles no encaço dum urso com cães de Esparta. Jamais escutei tão soberbo elamor; pois as matas, os céus, as fontes e todas as regiões vizinhas pareciam ressoar dum mútuo grito. Nunca se viu uma tão musical dissonância, um trovão mais harmonioso.~~

TESEU – Vamos começar a caçada.

Já terminamos os rituais e o dia está começando.

Meu amor, vais ouvir a música dos meus cães.

Soltem as matilhas, deixem que corram.

HIPÓLITA – Uma vez eu estava com Hércules e Cadmo

Em uma caçada em Creta com cães de Esparta

Nunca ouvi uma orquestra tão impressionante

~~TESEU — Os cães também são de raça espartana, com largas queixadas, pêlo acinzentado e orelhas pendentes que varrem o orvalho matutino; Têm as pernas arqueadas e uma papada como os touros da Tessália. São lentos para acossar, mas os seus latidos combinam, graves ou agudos, como sinos. Em Creta, em Esparta ou na Tessália, nunca matilha mais afinada respondeu ao grito dos caçadores e ao apelo das tropas; julga quando a ouvires. Mas, silêncio, que ninfas são estas?~~

~~EGEU HIPÓLITA — Senhor, é minha filha Hérnia adormecida; e mais além, Lisandro e aqui lá Demétrio; e aqui está Helena, a Helena do velho Nédar. Espanta-me que estejam aqui todos juntos.~~

~~TESEU — Sem dúvida levantaram-se de madrugada a fim de celebrar os ritos de Maio e, sabendo da nossa intenção, vieram ter aqui para abrilhantar os nossos festejos. Mas diz-me, Egeu, não é hoje que Hérnia deve comunicar-nos sua decisão?~~

~~EGEU — É hoje, senhor.~~

~~TESEU — Ide; ordenai aos caçadores então que despertem ao som das trompas. (Trompas de caça e aclamações. Lisandro, Demétrio, Hérnia e Helena acordam e erguem-se em sobressalto). Bom dia, amigos. A Festa de São Valentim já passou, só agora começam a acasalar-se os pássaros do bosque?~~

~~LISANDRO — Perdão, senhor. (Ajoelham-se os quatro)~~

~~EGEU — Vamos, erguei-vos todos. Sei que vós ambos são rivais e inimigos. Donde vem então gentil concórdia, em que o ódio tanto se apartou do ciúme que dorme ao lado do ódio sem medo nem suspeita?~~

~~LISANDRO — Senhor, responderei todo confuso, meio adormecido e meio acordado, não posso ainda afirmar, juro,~~

~~TESEU —~~

~~Meus cães tem sangue de Esparta.~~

~~Um pouco lentos para correr, mas maravilhosos pára latir.~~

~~Julgue por si mesma quando ouvir. Mas que ninfas são essas?~~

~~EGEU — Senhor, esse é Lisandro, o outro é Demétrio, e essa é Helena,~~

~~E essa aqui dormindo, minha filha!~~

~~Não imagino o que estariam fazendo aqui juntos.~~

~~TESEU — Não tenho dúvidas que acordaram mais cedo para realizar os rituais de maio~~

~~Como souberam do nosso passeio~~

~~Vieram aqui para prestar uma homenagem.~~

~~Mas não é hoje que Hérnia tem que dar uma resposta?~~

~~EGEU — Sim, milorde, é hoje.~~

~~TESEU — Toquem as cornetas de caça, que despertem.~~

~~EGEU — Filha?~~

~~HÉRMIA — Pai?~~

~~TESEU — Bom dia amigos. O dia dos namorados já passou, os pombinhos estão atrasados para acasalar.~~

~~LISANDRO — Perdão, senhor.~~

~~TESEU — Por favor, levantem-se.~~

~~Eu sei que vocês são inimigos~~

~~Então como podem estar juntos em harmonia?~~

~~LISANDRO —~~

~~Meu senhor, eu não sei muito bem,~~

~~Meio dormindo, meio acordado, eu juro~~

~~como vim aqui ter, mas tenho a impressão — pois desejo falar a verdade — sim, lembro-me agora, é isso, que vim com Hérnia para cá; nossa intenção era fugir de Atenas para onde, fora do alcance de suas leis pudéssemos...~~

EGEU – Basta, basta, senhor, ouviste quanto basta, apelo para a lei, invoco a lei contra ele. Demétrio, eles queriam fugir, sim, queriam defraudar-nos a ti e a mim; a ti da prometida esposa e a mim do meu ~~consentimento, do meu consentimento e que ela fosse tua.~~ (Vai para Demétrio)

DEMÉTRIO – Senhor, ~~a formosa~~ Helena contou-me a secreta fuga deles e a intenção que tinham de vir para este bosque; e eu, levado pela fúria segui-os, seguido por Helena que o amor impelia. Mas, meu bom duque, não sei por que feitiço, pois feitiço houve – o meu amor por Hérnia, tal neve, derreteu-se, ~~afigura-se me agora como a recordação de algum fútil brinquedo amado em minha infância e toda a minha crença, a virtude do meu eração~~ o objeto e o prazer dos meus olhos é unicamente Helena. Foi a ela que me prometi antes de conhecer Hérnia; ~~ela era um alimento, que enfermo, eu repelia; mas a saúde devolveu-me o gosto natural~~ e agora amo-a, desejo-a, suspiro por ela e ser-lhe-ei fiel até a morte. (Helena vem para ele)

TESEU – ~~Feliz foi tal encontro, amáveis namorados;~~ Egeu, domarei a vossa vontade e em breve, no templo, junto conosco, estes casais serão unidos para sempre; ~~e visto que amanhã já começa a esgarçar-se; desistiremos da caçada.~~ Regressamos todos a Atenas. Três mais três: que bela festa nós celebraremos!

(Saem Teseu, Hipólita, Egeu e a comitiva)

DEMÉTRIO – Tudo que aconteceu me parece indistinto e tênue, como longínquas montanhas que no horizonte se confundem com nuvens.

HÉRMIA – E eu tenho a impressão de ver tudo deformado como se os meus olhos

Que não sei bem como vim parar aqui.

Eu penso – quero dizer a verdade-

Se não me engano foi o seguinte:

Eu vim com Hérnia,

Nossa idéia era fugir de Atenas,

Ir para um lugar longe das suas leis...

EGEU – Basta milorde, basta!

Eu conclamo a lei sobre sua cabeça!

Demétrio, estão roubando ela de nós!

De ti, a esposa, de mim, a autoridade sobre ela!

DEMÉTRIO – Senhor, a bela Helena me contou do plano de fuga,

Eu segui os dois em fúria

E ela me seguiu por paixão.

Mas, meu senhor, não sei por que poder –

Por algum poder foi – meu amor por Hérnia

Derreteu como a neve, e agora parece uma lembrança de infância.

Toda minha fé, a força do meu coração,

O desejo e o prazer dos meus olhos

São agora de Helena. Com ela, senhor,

Eu estava envolvido antes de conhecer Hérnia

Como um doente eu rejeitei a comida

Mas com saúde recuperei o gosto,

E agora eu quero, amo, desejo, adoro

E serei fiel para sempre. Helena.

TESEU – Bonitos amantes, esse é um encontro feliz

Depois ouviremos dessa história.

Egeu, vou contrariar tua vontade,

Porque no templo, junto conosco,

Esses dois belos casais, amantes irão se unir pela eternidade.

E, como a manhã já está quase acabando,

Deixemos a caçada para outro dia

Vamos todos para Atenas, três e três

Uma grande festa de uma só vez.

(Saem Teseu, Hipólita e Egeu)

DEMÉTRIO – Todas essas coisas parecem pequenas e difusas

HÉRMIA – Sim, eu vejo tudo confuso, embaçado e duplo.

enxergassem duplo.

HELENA – Eu também; e Demétrio, encontrei-o como se fosse um diamante perdido a que não sei se posso chamar meu.

DEMÉTRIO – Têm a certeza de que já acordamos? Eu sinto como se ainda estivéssemos dormindo ~~a dormir, a sonhar~~, sonhando. Não vos parece que o duque estava aqui e nos convidou a segui-lo?

HÉRMIA – Estava; e o meu pai também.

HELENA – E Hipólita.

LISANDRO – E o duque pediu-nos que fôssemos ter com ele ao templo.

DEMÉTRIO – Mas então, estamos acordados. Vamos atrás deles e pelo caminho contaremos os nossos sonhos (Saem)

BOBINA – (Acordando) Quando for minha vez chamem por mim que eu responderei logo. A minha próxima deixa é “Querido Píramo”. Olá Pedro Pinho! O Chico Flauta! Caldeira! ~~Esgalgado!~~ Deus acuda! Foram-se embora sorrateiramente e deixaram-me aqui dormindo. Tive uma visão das mais estranhas. Foi um sonho, ~~mas um sonho que não há entendimento humano capaz de dizer o que era; seria bem burro quem fosse contar um o tal sonho. Imaginei que eu era~~ sabe-se lá o que, imaginei que era, e pensei que tinha - mas só um louco ~~ou um bufão~~ se proporia explicar o que eu pensei que tinha. Olhos humanos jamais escutaram, orelhas de homem jamais enxergaram, mãos de homem jamais provaram, nem sua língua jamais concebeu ou o seu coração foi capaz de expressar o que era meu sonho. Vou pedir a Pedro Pinho que faça balada com este sonho, que se há de chamar o “sonho de Bobina” ~~porque é todo embobinado~~ e hei de cantá-la no final da peça para o duque ouvir, ou talvez, para maior realce, na morte de Tisbe. (Sai)

Cena II

(Em casa de Pedro estão Pedro Pinho, Chico Flauta, João Caldeira e Esgalgado)

P. PINHO – Mandaram recado a Bobina?

HELENA – Eu também.

Demétrio parece uma jóia que é e não é minha.

DEMÉTRIO – Vocês tem certeza De que estamos acordados? Parece Que o duque esteve aqui e nos convidou para ir com ele?

HÉRMIA – Sim, e o meu pai.

HELENA – E Hipólita.

LISANDRO – E ele nos convidou para ir ao templo.

DEMÉTRIO – Estamos acordados, então. Vamos para o templo E no caminho contamos de nossos sonhos. (Saem)

Cena II

(Entram Flauta, Sarrafo e Faminto.)

ARTISTAS – Nós somos os artista e as luzes da ribalta nos espera.

SARRAFO – Tu mandou alguém na casa

Êle já voltou para casa?

ESGALGADO – Ninguém sabe onde pára. Na certa foi enfeitado.

FLAUTA – Se ele não aparecer, lá se vai a nossa peça por água abaixo. Já não se pode representar, não é?

P. PINHO – Impossível! Em Atenas, tirando ele, não há quem possa dar conta do Píramo.

FLAUTA – Não há, não. Ele é simplesmente o mais talentoso dos artesãos de Atenas.

P. PINHO – E o mais apessoado. Com a sua vozinha doce é um verdadeiro Adonis Apolo.

FLAUTA – Deves é dizer um verdadeiro Fênix. Um ~~Adonis, valha-me~~ Apolo, meu Deus, não é coisíssima nenhuma. (Entra Esmerado)

ESMERADO – Senhores, o duque está de volta do templo e, a par com ele, casaram-se também mais dois ou três cavalheiros e damas. Se tivéssemos levado a peça por adiante tínhamos nossa fortuna feita.

FLAUTA – Oh, o pobre Bobina! Assim foi ele perder uma renda de seis tostões por dia para o resto da vida; não lhe podiam escapar. Que me enforcem se o duque não lhe dava seis tostões de renda pelo seu desempenho de Píramo; e ele bem que os merecia; seis tostões por dia pelo papel de Píramo ou nada. (Entra Bobina)

BOBINA - Onde está a bela rapaziada? Por onde andam esses amigões ~~amigalhões?~~

P. PINHO – Bobina! Oh, dia glorioso! Oh, momento feliz!

BOBINA – Parceiros, tenho maravilhas para contar; mas não me perguntem quais, porque se as digo passo por mentiroso. Vou contar tudo, tal qual aconteceu.

de Profundo? Ele já chegou em casa?

FAMINTO – Ninguém tem notícia dele. Sem dúvida ele foi transportado.

FLAUTA - Se ele não aparecer, a peça está acabada, não é?

SARRAFO – Não vai dar. Não existe um homem em toda Atenas que possa fazer um Píramo como ele.

FAMINTO – Não, ele tem a melhor cabeça de todos os trabalhadores de Atenas.

SARRAFO – Um grande homem, e tinha a voz doce de um enrolador.

FAMINTO – Um cantor, você quer dizer. Um enrolador, deus nos abençoe, é meio nojento.

FLAUTA – Mestres, o duque está vindo do templo, e tem mais duas ou três senhoras e ladies que vão casar. Se a gente tivesse continuado, a gente tava feito.

FAMINTO – Ah Profundo querido! Ele perdeu seis centavos.

SARRAFO – Seis centavos.

FAMINTO – Pelo resto da vida, eu queria ser enforcado se o duque não desse seis centavos.

SARRAFO – Seis centavos.

FAMINTO – Por dia para ele fazer Píramo. Ele ia merecer: seis centavos, ou nada.

SARRAFO – Seis centavos.

PROFUNDO - E aí rapazes? Onde estão esses corações?

SARRAFO – Profundo!

PROFUNDO – Mestres, eu tenho maravilhas para contar. Mas se eu contasse não seria um ateniense de verdade. Não se preocupem, vou contar o

P. PINHO – Ora, conta, lá, Bobina.

BOBINA – Não, ninguém me tira uma palavra. Só lhes digo é que o duque já jantou. Arrumem as roupas, arranjam bons cordéis para as barbas postiças e laços novos para os sapatos e vamos já para o palácio; que cada qual repasse o seu papel, enfim, para encurtar razões, a nossa peça teve a preferência. A Tisbe que não deixe de pôr uma camisa limpa, e o que faz de leão não apare as unhas para que finjam de garras. E, queridos atores do meu coração, não comam cebolas nem alhos, para terem o hálito fresco. Tenho a certeza de que todos vão dizer: oh, mas que comédia deliciosa! Basta de palavreado. Vamos, vamos todos. (Saem)

ATO V
Cena I

(Atenas. Uma sala do palácio de Teseu. Entram Teseu, Hipólita, Fidalgos e a comitiva.)

~~HIPÓLITA TESEU – Estranho caso Hipólita Teseu, é o que contam esses namorados. Mais estranho que verídico. Nunca pude dar crédito a essas fábulas absurdas, essas histórias de fadas. É que os amantes e os loucos têm um cérebro tão efervescente, uma fantasia tão fecunda, que (idear) imaginar muito mais coisas do que a fria razão poderá aprender. O louco, o amante, e o poeta, são constituídos só de imaginação: um vê mais demônios do que possa conter o vasto inferno, e esse é louco; tão louco quanto ele é o namorado, que no rosto duma cigana descobre a beleza da lendária Helena; e o poeta, em sublime delírio, vai rolando os olhos, da terra ao céu e do céu a terra. E a medida que a imaginação concebe coisas desconhecidas, a pena do poeta reveste-se dum corpo, e consegue conferir a um aéreo nada um nome e uma terrestre moradia.~~

que aconteceu.

SARRAFO – Deixa a gente ouvir, Profundo.

PROFUNDO – Não. De mim, nem uma palavra. É que o duque já jantou. Preparem as roupas, bons elásticos nas barbas, cadarço novo no sapato, que cada homem repasse seu papel, vamos nos encontrar no palácio, porque, tenho certeza: nossa peça é a preferida. Que Tisbe tenha roupas limpas, e o homem que faz o leão não corte as unhas, para parecer garras afiadas. Queridos atores, não comam alho nem cebola, precisamos ter o hálito doce, não tenho dúvida de que eles vão dizer que nossa peça é uma doce comédia. Sem mais palavras.

PROFUNDO, SARRAFO, FLAUTA E FAMINTO – *Nós somos os artista e as luzes da ribalta nos espera.*

ATO V
Cena I

HIPÓLITA – É estranho, meu Teseu, o que estes amantes nos contam.

TESEU – Mais estranho do que verdadeiro. Eu nunca acreditei Em histórias de fábulas ou conto de fadas. Amantes e loucos tem a mente tão ardente Que fabricam fantasias e vêem mais Do que a razão fria pode compreender. Os amantes, os loucos e os poetas São feitos de imaginação. A imaginação é poderosa Na noite escura, imaginando o medo, Como é fácil confundir um arbusto com um urso!

~~Tem tais recursos a imaginação que, ao figurar-se uma alegria, logo forja o portador que há de trazê-la; e, de noite, basta cismar num perigo para facilmente transformar uma sarça num urso.~~

HIPÓLITA – Mas toda a história dessa noite, tal como eles a contam, com a simultânea transformação dos seus espíritos, testemunham alguma coisa mais que simples divagações da fantasia e adquire uma grande consistência, apesar de ser tão estranha e maravilhosa.

TESEU – Aqui vêm os nossos namorados cheios de contentamento e alegria. (Entram Demétrio, Lisandro, Hércia, Helena) Que a felicidade, amigos, e o amor sempre renovado, façam pouso em vossos corações!

LISANDRO – Que eles acompanhem, ainda mais do que a nós, os vossos passos, a vossa mesa, o vosso leito real.

TESEU – Ora vamos ver, que danças, que mascaradas nos ajudarão a passar estas eternas três horas que vão da ceia ao momento de deitar? Onde está nosso fiel intendente das festas? Que folguedos temos em vista? Não haverá uma representação, para acalmar a ânsia destas horas de tortura? Chamem ~~Filóstrato~~ Egeu.

~~FILÓSTRATO~~ EGEU – Aqui estou, poderoso senhor.

TESEU – Ora dizei, que diversão tendes para esta noite? Que mascarada, que música? Como enganarmos o tempo preguiçoso a não ser com algum recreio?

~~FILÓSTRATO~~ EGEU – Aqui está a lista de divertimentos preparados. Que vossa Graça escolha o que deseja ver primeiro. (Entrega-lhe um papel)

TESEU – “A batalha contra os Centauros, cantada ao som de harpa por um eunuco ateniense”. Não, esta não: já a relatei à minha amada, em louvor de Hércules, meu parente. “A revolta das bacantes e de como em seu furor dilaceraram a vate da Trácia”. Esta já é velha, e cantaram-na a última vez que voltei de Tebas vitorioso. “As nove musas chorando a morte do

HIPÓLITA – Mas a história dessa noite foi contada tantas vezes

A mente de todos alterada da mesma maneira

Parece mais do que apenas ilusões.

DEMÉTRIO – Feliz seja Teseu!

TODOS – Salve!

TESEU – Aí vem os apaixonados, cheios de prazer e alegria.

Alegria meus amigos, que a alegria e o amor acompanhem nossos corações!

LISANDRO – Mais que para nós

Que esteja em teu caminho, tua mesa, tua cama!

TESEU – Vamos, que músicas, que danças teremos

Para nos divertir entre o jantar e a hora da cama?

EGEU – Aqui está o programa; escolha o que vossa alteza quer ver primeiro.

TESEU – “A batalha com Centauro, cantada por um eunuco ateniense, ao som de harpa”.

Não quero escutar, já contei essa história para o meu amor, em louvor a meu parente Hércules.

“A orgia das bêbadas bacantes, estraçalhando Orfeu em sua fúria”.

Essa é uma história antiga e foi contada

Saber, recentemente falecido na miséria”. Deve ser alguma sátira cáustica e incisiva que não convém a uma cerimônia nupcial. “O breve e tedioso auto do jovem Píramo e da sua amante Tisbe; farsa mui trágica”. Farsa e trágica! Breve e tediosa! Tanto vale dizer gelo ardente, neve prodigiosa e chamejante. Como poremos de acordo semelhante discórdia?

~~FILÓSTRATO~~ EGEU – Senhor, trata-se de uma peça de dez palavras ao todo não sei nenhuma tão breve - e, no entanto, são dez palavras a mais – o que torna tediosa, e em toda ela não há uma que seja certa nem ator adequado ao papel. É trágica, meu nobre senhor, sem dúvida o é, pois que nela Píramo se mata. Devo confessar que quando vi o ensaio, os meus olhos se emudeceram de lágrimas e, contudo um acesso de riso as fez derramar mais alegres.

TESEU – E quem são os atores?

~~FILÓSTRATO~~ EGEU – Homens de mãos calosas, meu senhor, artesãos de Atenas, que até agora nunca tinham trabalhado com o cérebro e que nada, nesta peça em honra das vossas núpcias, puseram laboriosamente a funcionar as mentes enferrujadas.

TESEU – Vamos então escutá-las.

~~FILÓSTRATO~~ EGEU – Não, meu senhor, não é digna de vós. Ouvi-a de ponta a ponta e não vale nada, absolutamente nada; a não ser que possam divertir-nos os esforços desmedidos que empregaram para aprender a cruel fadiga que puseram ao vosso serviço.

TESEU – Quero ouvir a peça; pois o que é oferecido com simplicidade e por acatamento nunca pode ser levado a mal, vamos. Trazei-os aqui; e vós, senhores, tomai os vossos lugares.

(Sai ~~Filóstrato~~ Egeu)

HIPÓLITA – Não gosto de ver a miséria sobrecarregada nem o respeito sucumbir

quando eu voltei de Tebas como vencedor.

“A tediosa e breve cena do jovem Píramo e sua amada Tisbe, uma muito trágica comédia”.

Cômica e trágica? Tediosa e breve? Isso é como gelo quente ou neve preta!

EGEU – É uma peça, milorde, curta e de poucas palavras

Mas mesmo com poucas palavras é muito longa e tediosa

Pois não há em toda peça palavra inteligente ou ator adequado. É trágica, meu nobre senhor, porque Píramo mata a si mesmo

O que confesso que me provocou lágrimas no ensaio

Mas lágrimas mais alegres nunca vi, tal a força de minhas gargalhadas.

TESEU – Quem são os atores?

EGEU – Os atores são trabalhadores de Atenas, gente que nunca usou o cérebro na vida.

Agora resolveram fazer uma pecinha para homenagear o casamento do duque

TESEU – Então vamos assistir.

EGEU – Não, não é para vossa alteza.

HÉRMIA – Mas, pai!

EGEU – Não, eu assisti ao ensaio filha, e a peça é nada, nada,

TESEU – Pois, eu quero assistir.

Pois nada pode ser nunca tão errado Quando humildade e simplicidade são guias.

Que entrem os atores, por favor senhoras e senhores ocupem seus lugares.

HIPÓLITA –

Eu não gosto de ver esforço desperdiçado,

ao peso do tributo.

TESEU – Mas, doce amor, nada disso verás.

HIPÓLITA – Disseram-me que eles não servem para essas coisas.

TESEU – Tanto mais gentis seremos agradecendo-lhes por nada. O nosso entretenimento consistirá em tomar como certos os seus desacertos. Perante as falhas de um pobre zelo, uma alma nobre não deve olhar ao mérito, mas à intenção. Deu-se em minhas viagens, que homens de grande saber viessem acolher-me com estudadas boas-vindas; e eu vi-os então tremer e tornarem-se pálidos, fazer ponto final em meio a uma frase, o medo a sufocar-lhes as ensaiadas falas e, finalmente, talhar curto sem ter-me saudado. E acredita, meu amor, que daquele silêncio eu extraía as boas vindas e, no acanhamento dum respeito timorado, lia tanto a mais do que na volubilidade dum eloquência petulante e audaz. A meu ver, o afeto e a simplicidade, na sua balbúcia, dizendo menos significa mais.

(Entra Filóstrato Egeu)

FILÓSTRATO EGEU – Se vos apraz, senhor, o prólogo está pronto.

TESEU – Que se aproxime então.

(Toque de trombetas. Entra P. Pinho para dizer o prólogo).

~~P. PINHO — É da melhor vontade que viemos de mau grado.~~

~~Meus senhores, não viemos mas sim de boamente;~~

~~Fazer gala das nossas fracas habilidades;~~

~~Tal é o verdadeiro princípio do nosso fim~~

~~É cheios de boas intenções que aqui estamos~~

~~Para enfadar vos não viemos, só para contentar vos~~

~~Pois que tal era precisamente o nosso intento.~~

~~Já lá estão os atores à espera da licença;~~

~~Eles com seu mister vão demonstrar vos já~~

~~O que se faz mister que conheçais da história.~~

TESEU — Este homem está de ponta com a

E o dever mal cumprido.

TESEU –

Não verás nada disso, meu amor.

HIPÓLITA – Ele disse que eles não sabem fazer arte.

TESEU – Mais generosos seremos nós, agradecendo.

Veremos beleza nos seus erros.

Amor e simplicidade,

Quanto menos falam, mais dizem.

SARRAFO – O prólogo está preparado, senhor.

TESEU – Que entre, por favor.

PRÓLOGO (SARRAFO) –

Se ofendemos, é com nossa boa vontade.

Vocês devem pensar que não viemos para ofender,

Mas com boa vontade. Para mostrar nossas simples habilidades,

Esse é o verdadeiro princípio do nosso fim.

Considerem então, estamos aqui com desprezo.

Não viemos para agradar,

Nossa verdadeira intenção, é proporcionar o seu prazer

Não estamos aqui para. Para que vocês se arrependam,

Ao atores estão aqui, senhor, pela apresentação

Vão saber tudo o que vão saber.

TESEU – Esse camarada não se preocupa

pontuação.

~~LISANDRO — Desembestou pelo prólogo como se fosse um potro selvagem que não para no ponto final. Moralidade, meu nobre senhor: não basta uma pessoa falar; é preciso que seja medida.~~

~~HIPÓLITA — Na verdade, ele tocou o Prólogo para a frente como um menino toca o flautim: sons sem compasso.~~

~~TESEU — O seu discurso parecia uma eadeia emaranhada; não falta nenhum elo mas estão todos em desordem. E agora, quem se segue?~~

(Entram Píramo e Tisbe, o Muro, o Luar, e o Leão, como para uma pantomima).

P. PINHO - Senhores, talvez que a pantomima vos surpreenda;
Espantai-vos, então, espantai-vos à vontade.

Breve cairá dos olhos essa venda

E já se vos patenteará toda a verdade.

Este homem é Píramo, se quereis saber.

Esta é Tisbe, dama de formosura rara.

Este aqui com reboco, o Muro vem a ser,

O Muro vil e mau que os amantes separa.

E através duma ~~frieira~~ fresta no Muro, coitadinhos,

Tinham que contentar-se em falar em segredo.

~~Este esta homem com a lanterna e o molho de espinhos~~

Representa o Luar; porque era muito a medo

E de noite, que esse pobres amantes iam ter

Ao túmulo de Nero para lá namorar.

~~Este bicho feroz é o leão. Eis de saber~~

~~Que uma noite em que Tisbe veio para encontrar~~

~~A Píramo, o malvado leão a assustou.~~

~~Corre, voa, e na fuga deixa cair o manto,~~

~~E o leão, com as fauces sangrentas o manchou.~~

~~Vem o mancebo, alto e airoso, um verdadeiro encanto,~~

~~E da sua Tisbe o véu encontra assassinado~~

~~Alevanta a lacerante lâmina cruel,~~

~~O peito transpassado, de tanto transtornado.~~

em nada com a pontuação.

(Entram os quatro artistas)

ARTISTAS – *Nós somos os artistas e as luzes da ribalta nos espera.*

PRÓLOGO (SARRAFO) – Senhores e senhores, talvez vocês se impressionem com essa peça,

Impressionem-se, até que a verdade deixe tudo claro.

Esse homem é Píramo, se vocês querem saber

Essa linda dama é Tisbe com certeza.

Esse homem de cal e reboco, é o Muro

O malvado Muro que separou os dois amantes

Que através de uma racha no muro já eram contentes

Em sussurrar.

~~E ao descobrir assim seu Píramo fiel
Mata-se a Tisbe, e morre, à sombra da
amoreira.~~

O Leão, o Luar, o Muro e os dois amantes
Vão contar-vos a história de melhor
maneira.

(Saem P. Pinho, Píramo, Tisbe, o Leão e o
Luar.)

PROFUNDO –

Esse homem que falou agora, é o Luar
E como vocês sabem, esses apaixonados
amantes

Não temiam se encontrar na tumba de
Ninus para namorar.

Essa malvada fera, que é chamada leão,
Afugentou para longe, ou melhor,
assustou

A fiel Tisbe, que chegou muito cedo ao
encontro,

E quando fugiu deixou cair o manto,

Que o malvado leão abocanhou com sua
boca suja de sangue.

Depois chega Píramo, jovem doce e alto,

E encontra o manto da sua fiel amada
ensangüentado.

PRÓLOGO – Então com um punhal, um
sangrento maldito punhal,

Ele bravamente espeta o peito
incandescente

E Tisbe, escondida que estava em uma
moita,

Empunha o punhal, e morre. Para todo o
resto,

Deixo que o Leão, Luar e Muro, e os
amantes

Continuem o discurso, já que estão aqui
para isso.

TESEU – Será que o leão fala?

~~TESEU~~ LISANDRO – Estou em dúvida se
o leão vai falar.

DEMÉTRIO – Que dúvida, ~~meu senhor!~~
Bem pode um leão falar quando tantos
burros o fazem!

O MURO – Acontece, senhores, que neste
entremez,

Eu, um certo caldeira que nunca tal fez,

Vou fazer um muro. Ora esse era um tal

Onde havia uma brecha, ou frincha, pela
qual

Píramo e Tisbe às vezes iam cochichar,

A argamassa e a cal estão a demonstrar

DEMÉTRIO – Não seria surpresa, um
leão falar se vários asnos falam.

O MURO –

Nesse mesmo interlúdio está bem

Que eu, Faminto por nome, represente um
muro,

E tal muro vou fazer que vocês pensem

Que tem uma fresta ou rachadura

Através do qual Píramo e Tisbe,

Sussurravam muitas vezes, em segredo.

Que eu sou o Muro. E esta é a brecha cúmplice
Onde os amantes vão falar, como eu já disse.

TESEU HÉRMIA - Como discorre bem, um semelhante emplastro!

DEMÉTRIO - É o tabique mais bem falante que já se ouviu.

TESEU LISANDRO - Píramo aproxima-se do muro. Silêncio!

(Entra Píramo)

PÍRAMO - Oh noite horrenda e escura! Noite negra, sem fim!

Oh noite, que vens sempre quando o dia está pra ir,

Oh noite, oh noite! Ai de mim, ai de mim, ai de mim,

Temo que a Tisbe falte a promessa de vir.

Oh muro, querido muro! Muro gentil, cortês,

Que separa o meu do jardim do pai dela,

Oh muro sempre amável! Ainda mais uma vez

Mostra-me a tua frincha pra eu dar uma espiadela.

(O muro levanta os dedos apartados)

Os deuses te protejam, gentil muro; obrigado.

Mas que vejo eu? A Tisbe não vejo no jardim

Através de ti não enxergo o céu, muro malvado!

Maldito sejas, muro, por me enganares assim.

TESEU DEMÉTRIO - Parece-me que o muro, sendo sensível, deveria replicar.

PÍRAMO - Não devia não, meu senhor. "Por me enganares assim" é a deixa de Tisbe. Ela vai entrar agora e eu vou espreitá-la pela brecha. Vossa graça já vai ver; como acontecerá tudo tal qual eu disse.

(Entra Tisbe)

TISBE - Oh muro! Quantas vezes escutaste o gemido

De Tisbe, saudosa de seu Píramo querido.

Quantas vezes, oh muro, meus lábios de rubim

Beijaram tuas pedras que o apertam de mim.

Este reboco, essa cal mostram que eu sou verdadeiramente um muro,

Este é o buraco, no lado direito e esquerdo

TESEU - Lá vem Píramo pra perto do muro.

(Entra Píramo)

PÍRAMO - *Não negue um lugar pra dormir ao teu lado...*

Oh noite horrenda! Oh escura noite negra!

Oh noite, que sempre vem quando o dia se vai!

Oh noite, oh noite! Ai, ai, ai!

Eu temo que Tisbe não venha ao meu encontro!

E tu, doce e amado muro,

Que separa o jardim do pai dela e do meu,

Mostra tua fresta, para que eu possa espiar Obrigado, deus te proteja.

Mas que eu vejo? Não. Tisbe eu não vejo.

Oh maldito muro, que não mostra o que eu quero

Malditas sejam tuas pedras por me enganar!

TESEU - Penso que o muro, sendo sensível, deveria dizer algumas palavras.

PÍRAMO - Não, ele não deve dizer nada, senhor. "Me enganar" é a deixa para Tisbe entrar. Nesse momento, eu vou espiar através do muro. O senhor vai ver que é como estou lhe contando. Aí vem ela.

(Entra Tisbe)

TISBE - *Ah, o amor, o amor engana a gente...*

Oh muro, que sempre escuta meus gemidos,

Por separar meu lindo Píramo de mim!

Meus lábios de cereja tantas vezes beijam tuas pedras

PÍRAMO – Entrevejo uma voz: é Tisbe para o muro

Vou ver se auscuto ao longe o seu rosto puro, Tisbe!

TISBE – Meu amor! És tu o meu amor, segundo penso.

PÍRAMO – Pensa o que te aprouver, pois este amor imenso

É todo teu. Como Lisandro eu sou contente.

TISBE – E eu, tão fiel quanto Helena, a Troiana amante.

PÍRAMO – Nem Xéfalo amou tanto a sua Prócus bela.

TISBE – A tua Prócus, amorosa como ela.

PÍRAMO – Ah, beija-me pela brecha deste muro cruel.

TISBE – Beijo a brecha, ai de mim, não teus lábios de mel.

PÍRAMO – Ao túmulo de Nero irás ter à uma hora?

TISBE – Lá estarei, viva ou morta, e para lá vou agora. (Saem)

O MURO – O muro já cumpriu sua obrigação,

E retira-se agora, com a vossa permissão. (Sai)

~~TESEU – Como! Abateram o muro entre dois vizinhos!~~

~~DEMÉTRIO – E que remédio, senhor, quando os muros têm ouvidos.~~

~~HIPÓLITA – Nunca vi peça tão absurda.~~

~~TESEU – As melhores coisas neste gênero são apenas sombras e as piores, não o serão tanto se a imaginação as emenda.~~

~~HIPÓLITA – Nesse caso terá que ser a nossa imaginação e não a deles.~~

~~TESEU – Se os imaginarmos como eles se imaginam poderão passar por muito bons.~~

~~Aí vêm dois nobres animais, um homem e um leão.~~

~~(Entram o leão e o luar.)~~

LEÃO – Senhores, se vos bate o coração medroso

A vista do menor ratinho monstruoso,

Quanto mais não haveis agora de tremer

Vendo um leão feroz rugir no seu furor.

Sabei que eu sou um tal Esmerado, de

Unidas e lima e cal.

PÍRAMO – Eu vejo uma voz, agora vou para a fresta

Para espiar e escutar o rosto da minha doce amada. Tisbe?

TISBE – Meu amor, é você?

PÍRAMO – Sim, sou eu. Pense o que pensar, eu sempre vou te amar

Como Romeu eu te amo Tisbe.

TISBE – E eu como Julieta, até que o destino mate-me.

PÍRAMO – Oh beija-me pelo buraco desse muro malvado.

TISBE – Eu beijo o buraco, não os teus lábios.

PÍRAMO – Vamos nos encontrar agora mesmo na tumba de Ninus?

TISBE – Viva ou morta, lá estarei.

(Saem)

O MURO – Minha parte de muro eu já fiz Agora saio de cena bem feliz.

(Sai)

TESEU –

Já caiu o muro que separava os vizinhos.

DEMÉTRIO –

Também, um muro assim...

HIPÓLITA – Essa é a coisa mais boba que já vi.

TESEU – As melhores do tipo são apenas sombras, e as piores não são tão ruins, se a imaginação completar o vôo.

HIPÓLITA – Mas aí é a sua imaginação e não a deles.

TESEU – Se não imaginarmos pior do que eles imaginam deles mesmos, serão bons atores.

LEÃO – Vocês damas cujos doces corações tremem quando

Um monstruoso ratinho aparece pelo chão

Talvez se assustem e tremam agora

Quando o leão rugir o seu selvagem e furioso rugido.

~~profissão mareeneiro; não sou leoa nem leão.~~

Porque se aqui viesse com más intenções
Minha vida não valia sequer dois tostões.

(Avança)

~~TESEU — É uma fera muito mansa e conscienciosa.~~

~~DEMÉTRIO — É a fera menos fera que eu já vi.~~

~~LISANDRO — Este leão é uma raposa, quente a coragem.~~

~~TESEU — Sim, e um ganso, quanto ao juízo.~~

~~DEMÉTRIO — Não, meu senhor, porque a raposa porta um ganso, ao passo que a sua coragem não comporta juízo.~~

~~TESEU — E tenho a certeza de que o seu juízo não comporta coragem porque o ganso não porta a raposa. Mas deixemo-lo com o seu juízo e vamos escutar a lua.~~

~~O LUAR — Esta lanterna figura o astro lunar~~

~~Com seus cornos, chifres, pontas.~~

~~DEMÉTRIO — Os cornos deviam tê-los na cabeça.~~

~~TESEU — Não está um quarto crescente, por isso não se vêem.~~

O LUAR — Esta lanterna figura o astro lunar

Com seus cornos; e eu, senhores, venho a ser

O homem que na lua se costuma ver.

~~TESEU — Este é o erro maior de todos. O homem devia estar dentro da lanterna, senão como há de ser o homem da lua?~~

~~DEMÉTRIO — Não ousa meter-se dentro, por causa da chama; vejam, já está a ficar queimado...~~

~~HIPÓLITA — E eu estou a ficar cansada: se ao menos houvesse mudança de lua!~~

~~TESEU — A julgar pelas poucas luzes está pelo quarto minguante; mas, por dever de cortesia, temos de esperar que acabe sua revolução.~~

LISANDRO — Prossegue, lua.

O LUAR — O que tenho para dizer é que esta lanterna é a lua, este molho de espinhos é o meu molho de espinhos e este eão é o meu cão.

DEMÉTRIO — Neste caso tudo isso devia

Mas saibam que sou eu Faminto, um homem comum

Se viesse aqui como verdadeiro leão
De ninguém mereceria o perdão.

TESEU — Um leão gentil e consciente.

LUA — Esta bandeja é a lua...

DEMÉTRIO — Não parece uma lua.

LUA — Esta bandeja é a lua
E eu sou o homem da lua.

TESEU — Esse é o maior erro, o homem tinha que estar dentro da bandeja.

LUA — Tudo que eu tenho para dizer é: a bandeja é a lua, eu sou o homem na lua.

~~estar na lanterna, porque tudo está na lua.
Mas silêncio, vem Tisbe.~~

HELENA – Mas, silêncio, aí vem Tisbe.
(Entra Tisbe)

TISBE –
Ora aqui está o túmulo do velho Nero.
(P.Pinho faz de túmulo)
Onde anda agora meu amado ardente e feroz?

O LEÃO – (Rugindo) Ooh. (Tisbe foge)

~~DEMÉTRIO LISANDRO~~ - Bem rugido, leão.

~~TESEU HÉRMIA~~ – Bem corrido, Tisbe.

~~HIPÓLITA HELENA~~ - Bem luzido, Lua. Realmente, a lua brilhou muito.

(O leão rasga o manto de Tisbe e sai)

~~TESEU~~ – Bem tratado, Leão.

~~DEMÉTRIO~~ – E então veio Píramo.

~~LISANDRO~~ – E o leão sumiu-se.

(Entra Píramo)

~~PÍRAMO~~ – Meiga Lua, agradeço-te os teus raios solares;

~~Agradeço-te, Lua, por tão clara brilhares,~~

~~Pois aos teus raios dourados, luminosos,~~

Espero olhar de Tisbe os olhos radiosos.

Que vejo, Senhor?

Oh deuses, oh dor,

O que é este horror?

Olhos estais a ver?

Como pode isto ser?

Oh bichaninha amada!

A tua veste melhor

Aqui toda ensangüentada!

Vinde fado algoz!

O fio da vida cortai,

Parcas de espécie feroz,

Amassai, massacrai, concluí e matai!

(Cena dramática no chão)

~~TESEU~~ – Um tal arrebatamento e a morte de uma querida amiga já quase que bastava para entristecer uma pessoa.

~~HIPÓLITA~~ – Ora este meu coração! Estou até com pena do homem.

~~PÍRAMO~~ – Oh natureza, porque criaste uma tal fera,

DEMÉTRIO – Aí vem Tisbe.

TISBE –

Eu venho quente como um vulcão

A noite vem beijar a minha mão

Num simples toque eu posso desvendar

Segredos entre a terra e o mar

Essa é a velha tumba de meninos?

SARRAFO – De Ninus!

TISBE – Ninus, aonde está o meu amor?
(O Leão dá rugidos)

TISBE - Píramo, é você?

(Leão ruge. Tisbe foge e deixa cair o manto)

(Leão sai. Entra Píramo)

PÍRAMO –

Doce Lua, obrigada por teu brilho solar!

Por brilhar tão claro e dourado

Me deixando ver a linda Tisbe.

Mas para! Oh desgraça!

Isso não tem graça!

Não quero crer

Naquilo que posso ver!

Meu deus, minha bela amada, fiel Tisbe

Teu manto ensangüentado

Assim no chão atirado!

Oh, fúria, vem me matar!

Destino, acaba comigo!

TESEU – Essa paixão, e a morte de alguém querido pode deixar um homem triste.

HIPÓLITA – Parte meu coração, eu tenho pena desse homem.

PÍRAMO –

Natureza, porque fizeste leões,

~~Este leão que ceifou minha Tisbe formosa?
Ela que é... não; ai de mim, ai de mim, ela
que era~~

~~A loura mais louçã, a mais viçosa rosa.~~

Lágrimas correi

Espada fendei

De Píramo o seio,

Do lado canhoto,

Do lado onde a trote

Bate o coração

Morre sem mais não.

(Apunhala-se)

~~Assim morri, assim fugi~~

~~Para o empíreo céu.~~

~~Minha alma o corroe~~

Língua cegai

Lua voai,

Coração parai.

(O Luar retira-se)

Morre, more, morre, morre duma vez.

(Morre).

DEMÉTRIO HÉRMIA – Este Píramo é realmente um ás no morrer.

LISANDRO HELENA – Um asno realmente. Mas ~~nem isso, porque está morto não é nada.~~

TESEU ~~Com a ajuda de um cirurgião ainda pode ressuscitar e voltar a sua asnice.~~

HIPÓLITA ~~Como foi o Luar desaparecer antes da Tisbe vir e encontrar seu amado?~~

TESEU ~~Vai descobri-lo à luz das estrelas. Cá vem ela. O seu desespero terminará a peça.~~

HIPÓLITA ~~Para um tal Píramo o desespero não deve ser muito: espero é que seja breve.~~

DEMÉTRIO ~~Um átomo faria pender a balança. Qual será melhor. Se Píramo se Tisbe; ele como homem — Deus me livre — ela como mulher — Deus nos acuda!~~

LISANDRO ~~Ela já o enxergou com aqueles seus olhinhos doces.~~

DEMÉTRIO ~~E aqui vem ela com as suas queixas “videlicet”.~~

(Entra Tisbe)

TISBE – Dormindo minha flor? (aproxima-se)

Oh morto, meu amor?

Oh Píramo, de pé!

Se foi um leão que destruiu minha doce amada

Que viveu, amou e foi amada

Venham lágrimas, me afoguem!

Vem e destrói adaga

No meu peito o coração

Que é um pote até aqui de mágoa!

Eu morro, eu morro, eu morro, morri!

Agora estou morto

Agora estou voando

Agora estou indo para o céu.

Olhos apaguem o brilho

Lua, cai fora

É chegada minha hora,

Morro, morro, morro, fui.

DEMÉTRIO – Esse não é um homem, mas um gato pra morrer tantas vezes.

LISANDRO – Menos que um gato, porque agora está morto. Não é nada.

(Entra Tisbe)

TISBE – Píramo no chão, Morto ou dormindo?

O que, morto, minha pomba?

Oh Píramo, levanta!

Fala, fala, estás surdo? (sacudindo Píramo)
 Morto, morto, é que é.
 Um túmulo mudo.
 Vai esconder teus olhos.
 - Oh lágrimas e abrolhos -
 Teus lábio líliais
 - Oh suspiros e ais -
 Teus nariz de cereja,
 Teu rosto de limão.
 Amantes, que assim seja
 Não corta o coração?
 Chorai, que ele está morto.
 Tinha as faces viçosas
 Como a couve do horto.
 Que as três irmãs irosas,
 As sangrentas harpias
 Que cortaram por fim
 A trama dos seus dias,
 Venham agora a mim.
 Língua, nem um gemido!
 Oh punhais, transpassai
 Este meu peito fido! (apunhala-se)
 Assim Tisbe se vai.
 E vós, ficai com Deus.

Adeus, adeus, adeus. (morre)
 TESEU DEMÉTRIO – Restam o Luar e o
 Leão para enterrar os mortos.
 DEMÉTRIO LISANDRO – E o muro
 também.

BOBINA – Não, garanto-lhes que não: o
 Muro que separava as duas famílias foi-se
 abaixo. Apraz a Vossa Graça escutar o
 Epílogo, ou ver dançar ~~uma bergamosea~~
~~por dois~~ da nossa companhia?

TESEU LISANDRO – Nada de epílogos,
 por favor; o vosso alto não carece de
 justificação. E nada de desculpas; quando
 os atores morrem todos não há ninguém a
 censurar. ~~Por minha fé, se o autor da peça~~
~~tivesse feito o papel de Píramo e se~~
~~enforecasse com a liga de Tisbe, teria sido~~
~~uma bela tragédia: e assim foi, na verdade,~~
~~notável.~~ Mas vamos à (~~bergamosea~~) dança
 e deixemos o epílogo em paz. (Dançam).
 A língua de bronze da meia-noite bateu
 doze badaladas, ~~para a cama é namorados,~~
 já é quase hora das fadas (Trecho ~~illegível~~).
 Quinze dias hão de durar as
 comemorações, com festinhas noturnas e
 prazeres sempre renovados. (Saem todos)

Fala, fala! Quietos?
 Morto, morto? Uma tumba
 Deve cobrir teus doces olhos
 Esses lábios de lírio
 Esse nariz de cereja
 Essa face amarela cor de primavera
 Se foram, se foram!
 Seus olhos eram verdes como a alface.
 Destino, vem pra mim
 Com as mãos brancas como o leite
 Mancha-as de sangue
 Já que cortaste sua pele de seda.
 Adaga, vem pros meus peitos
 Adeus, amigos
 Esse é o final de Tisbe:
 Adieu, adieu, adieu!

TESEU – Luar e Leão sobraram para
 enterrar os mortos.

DEMÉTRIO – E o muro.

PROFUNDO – Não senhor, na verdade, o
 Muro que separava a casa dos amantes foi
 demolido. O senhor Duque gostaria de ver
 o epílogo, ou escutar uma música?

TESEU – Por favor, sem epílogo. Foi um
 belo espetáculo. Vamos à música!

PROFUNDO –

*Eu hoje tive a mais fantástica visão
Eu tive um sonho
Que ninguém pode explicar
As mãos não são capazes de enxergar
A língua não pode entender
O olho não pode escutar
Parecia que eu era
Já não sei o que eu via
Há mais coisas entre o céu e a terra
Do que sonho nossa vã filosofia
O louco, o poeta, e amante.
São feitos de imaginação
E o sonho renasce a cada instante
E assim termina essa canção.*

Cena II

(Entra Puck)

PUCK – Ruge o leão a cada passo,
Uiva o lobo para a lua,
Ressona o campônio lasso,
Deslembrando da charrua.
Consumem-se na lareira
As últimas acendalhas;
O pio da ave agoureira
Fala ao doente em mortalhas.
Nesta hora da noite escura
As pobres almas andejas
Se esgueiram da sepultura
Rumando para as igrejas.
Nós, os elfos, que a parelha
De Hécate sempre seguimos,
E da luz do sol, vermelha,
Como num sonho, fugimos,
De guarda estamos agora.
Nenhum rato, em qualquer hora,
A paz deixe perturbada
Desta casa abençoada.
Com vassouras eu vim na frente
Para limpar o batente
E jogar nesta hora morta
Todo o pó atrás da porta
(Entram Oberon, Titânia e Séquito)
OBERON – Por tudo a luz espalhai
Do quase extinto carvão.
Elfos e fadas, dançai,
Aproveitando o clarão,
Cantai comigo baixinho.
TITÂNIA – Aprendei primeiro, a toada
Com letra bem cadenciada;
Depois, com graça, dancemos

E esta casa abençoemos
 (Cantam e dançam)
 OBERON – Enquanto a aurora se atrasa,
 Rondai todos esta casa,
 Que ao tálamo principal
 Vou lançar a bênção real.
 Sua prole numerosa
 Será sempre venturosa.
 Os três casais que aqui estão
 Em concórdia viverão;
 Seus filhos não serão presa
 Das manchas da natureza.
 Beiço de lebre, sinais
 E outros defeitos que tais,
 Que deixam triste o aleijão,
 Seus filhos nunca terão
 Com o orvalho consagrado
 Cada elfo cumpra o recado,
 Este palácio abençoado
 E paz por tudo espalhado
 Jamais caia em abandono,
 Feliz seja sempre o dono.
 Não a obra, agora,
 Sem mais demora!

Ide ver-me antes da aurora.
 (Saem Oberon, Titânia e o Séqüito)
 PUCK – Se vos causam enfado
 Por sermos sombras, ~~azade~~ um outro
 Plano sugiro: é pensar
 Que estivesse a sonhar;
 É tudo mera visão
 No correr desta sessão.

~~Senhoras e cavalheiros
 Não vos mostreis zombeteiros;
 Se me quiserdes perdoar,
 Melhor coisa hei de vos dar.~~

~~Puck eu sou, honesto e bravo;
 Se eu puder fugir do agravo
 Da língua má da serpente,
 Vereis que Puck não mente.~~

~~Liberto, assim, dos apodos,
 Eu digo boa noite a todos.
 Se a mão me derdes, agora,
 Vai Róbim alegre, embora. (Sai)~~

FIM

PUCK – Se nós, sombras, ofendemos,
 Pensem nisso, e tudo estará bem
 Vocês estiveram dormindo
 Enquanto essas visões pareciam.
 E esse fraco e humilde tema
 Nada mais que um sonho.
 Público, não repreenda
 Se nos desculpam, nós vamos melhorar.
 E, como sou um Puck honesto,
 Se tivermos sorte
 Para escapar das línguas de serpentes
 Nós vamos melhorar
 Ou então, chamem Puck de mentiroso.
 Então, boa noite a todos.
 Aplaudam, se somos amigos,
 E Puck será bom também.
 (O elenco canta a música de Profundo
 mais uma vez)

FIM

**ANEXO C – MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE A
MONTAGEM DE 1971**

ARTES

LUIZ CARLOS LISBOA

shakespeare veste macacões

Shakespeare entrará mais uma vez no mundo moderno. Os personagens de "Sonho de uma Noite de Verão" vestirão uniformes e macacões da Shell, Otis, outras empresas de serviços e, também, de times de futebol. "Isto, se tudo sair conforme o que planejamos", é o que diz a produtora da peça, Adela Marcovici.

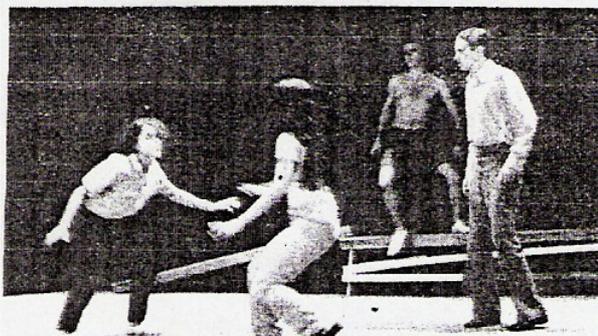
MACACÕES

A idéia dos uniformes partiu, em primeiro lugar, da necessidade financeira. Como a peça é uma adaptação moderna do clássico, os personagens que representavam funcionários da época, passarão a ser os ascensoristas, mecânicos, jogadores de futebol de hoje. Nada melhor do que colocar um nome nesses macacões: o nome de uma empresa, de uma sociedade. Isso dá atualização ao personagem e também faz propaganda. Quem lucra é o grupo teatral, que já tem muitas dificuldades financeiras. É o diálogo entre o comércio. Este diálogo abre pers-

para a construção de pontes e viadutos. Plástico e outros materiais darão o acabamento. Os atores vão saltar de uma estrutura a outra, através de cordas e balanços.

PROIBIDO

A Produção de "Sonho de uma Noite de Verão" procura associar a peça à mesma imagem jovem conseguida por "Romeu e Julieta". Como não há muito dinheiro para promoções, introduzimos no roteiro músicas de iê-iê-iê e outras coisas que atraem o público jovem, continua Adélia. A renda da estréia está destinada ao hospital Santo Antônio e as patronesses serão as 52 debutantes do Jôquei Clube. A entrada, na primeira apresentação, será proibida para maiores de 25 anos. Dêsse modo, pretendemos atingir o público jovem, mas jovem mesmo, que infelizmente não está muito acostumado ao teatro. Atualmente, os frequentadores são, na maioria, indivíduos da classe supe-



Graça Nunes, Susana Saldanha, Roberto Luiz e José Carlos Han em pleno ensaio de "Sonho de uma noite de verão"

pectivas para futuras produções, além de trazer publicidade para as firmas envolvidas. Ora — diz Adélia — não é sempre que uma firma tem a possibilidade de se apresentar num palco ao lado de personagens shakespearianos". O programa da peça será patrocinado pela Krás. É uma fôlha de abacateiro, fazendo a propaganda das vendas de inverno da loja e, ao mesmo tempo, dando a programação do espetáculo. O cenário será inédito: haverá uma rampa de aço e estruturas tubulares metálicas, do mesmo tipo utilizado

rior e a gente de 15, 16 anos quase não vai ao teatro. Com as novidades introduzidas, vamos atrair muita gente moça". A peça será realizada no Teatro de Câmara, considerado pelo grupo como o que oferece melhores condições, devido à aparelhagem moderna e instalações adequadas. A estréia é no dia 20 de março e é bom lembrar que é proibida para maiores de 25 anos.

(MARIA LÚCIA)

"Shakespeare" está chegando numa montagem bem moderna

Debutantes de 1970 do Jôquei Clube é que serão as "patronesses" da estréia de "Sonhos de uma Noite de Verão", sábado próximo, no Teatro de Câmara da Prefeitura Municipal, Rua da República, 575. Marta Sirey lidera as jovens, que pretendem "proibir a entrada de maiores de 25 anos na estréia". Luís Artur Nunes é quem dirige esta versão 71 da peça de Shakespeare. O cenário de Paulo Renato D'Almeida está sendo montado com estruturas metálicas Mills, e rampas ligarão o palco à platéia.

Durante o tempo em que Luís Artur estudou na Europa, teve oportunidade de assistir a duas montagens de "Sonhos de uma Noite de Verão". Na Inglaterra, a peça foi apresentada seguindo os moldes tradicionais. A um espetáculo moderno e cheio de vida ele assistiu na França:

— Minha montagem segue os moldes dos franceses. Na tradicional, a peça parece algo inconsequente com personagens fantásticos. Eu considero o texto explosivo e cheio de vitalidade. Tudo isto procuro colocar em cena.

O próprio Luís Artur encarregou-se de escolher as músicas para a peça. Basicamente, as músicas são "pop". Os figurinos de Arines Ibias obedecem à concepção moderna. "Sonhos de uma Noite de Verão" era um texto que Luís Artur tentava montar desde que regressou da Europa. Somente agora, em função da nova política

do Grupo Província, é que a idéia se tornou realidade.

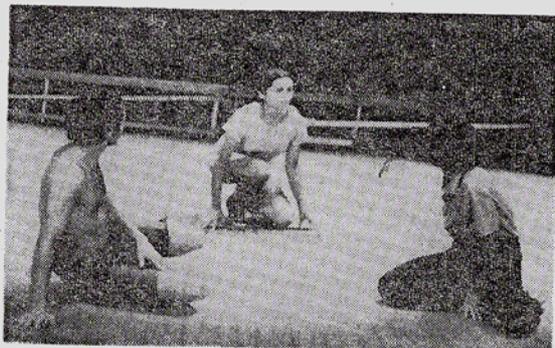
O Província surgiu ano passado, com "A Celestina", dirigido pelo próprio Luís Artur. Depois, o Grupo apresentou "Olho Vivo, Língua Prêsa" e "O Amante". Este ano, contando com o auxílio da Divisão de Cultura da SMEC, o Província ainda pretende montar: "O Baile dos Ladrões", de Jean Anouilh, "Ubu Rei", de Alfred Jarry, e uma peça brasileira que deverá ser escolhida em breve. Todos os espetáculos pretendem um envolvimento do público, estabelecendo comunicação imediata.

"Sonhos de uma Noite de Verão" tem 22 personagens. Na montagem do Província, alguns atores viverão mais de um personagem, numa medida de economia. Os 12 atores que compõem o elenco são: Susana Saldanha, José Carlos Henn, Graça Nunes, Arines Ibias, Alberto Luís, Maria Luísa Martini, Leila Kieseling, José Gonçalves, Nara Kaiserman, José Falleiro, Francisco Aron e Cecília Niesembiat.

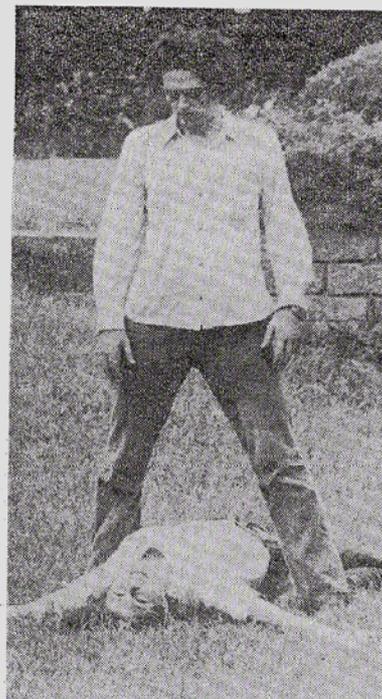
A produção é de Adela Maicovici e a renda da estréia reverterá em benefício do Hospital Santo Antônio. Os ensaios estão em sua reta final. No próximo sábado, às 21 horas, esta versão 71 de Shakespeare estará estreando no Teatro de Câmara. A peça deverá ficar em cartaz durante dois meses, com apresentações de quintas até domingo.

«Sonhos de Uma Noite de Verão», de Shakespeare, vai estreiar no próximo sábado, no Teatro de Câmara. A renda reverterá em benefício do Hospital Santo Antônio. O espetáculo é dirigido por Luís Artur Nunes.

ARTES E



Alberto Luís, Susana Saldanha e Graça Nunes estão nos ensaios finais de "Sonhos de uma Noite de Verão".



José Carlos Henn e Graça Nunes, dois jovens atores para este Shakespeare-71.

Vá conhecer Shakespeare-71, quem convida é o Província

Despido do cenário e figurinos habituais, o Grupo Província vai estrear amanhã uma montagem muito moderna de "Sonho de uma Noite de Verão", de Shakespeare. A apresentação de amanhã terá caráter beneficente, com renda pró-Hospital Santo Antônio. No Teatro de Câmara, a peça terá nova encenação domingo, às 21 horas. Na próxima quinta-feira, o espetáculo iniciará sua carreira normal, que se prolongará durante dois meses.

Há muito tempo, Luís Artur Nunes tinha intenção de montar este texto de Shakespeare. Somente agora, com o auxílio da Divisão de Cultura da SMEC, a intenção tornou-se realidade. O cenário feito de estruturas metálicas foi concebido por Paulo Renato D'Almeida, também responsável pelos figurinos. A produção é de Adela Maicovici.

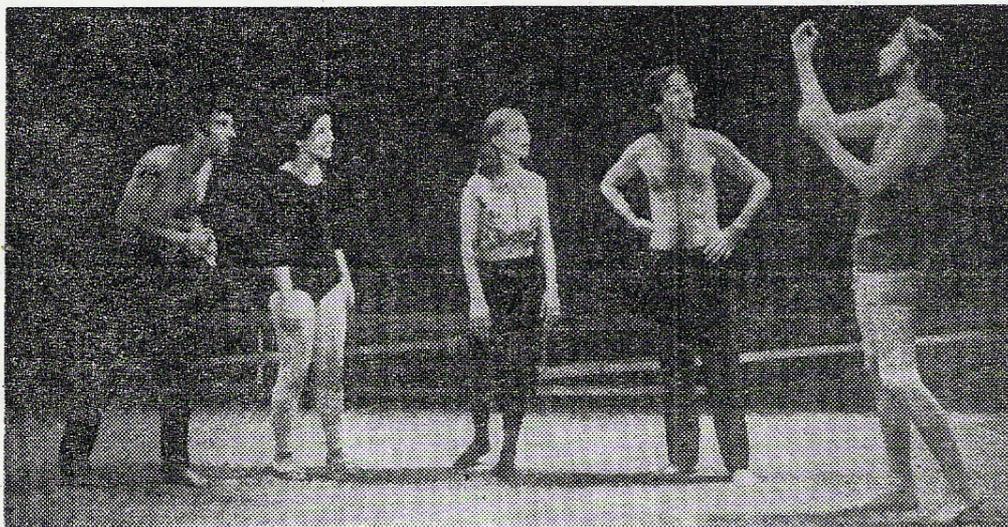
Doze dos melhores elementos do teatro gaúcho foram reunidos para interpretar os 22 personagens de "Sonho de Uma Noite de Verão": Susana Saldanha, José Carlos Henn, Graça Nunes, Arines Ibias, Alberto Luís, Maria Luísa Martini, Leila Kieseling, José Gonçalves, Nara

Kaiserman, José Faleiro, Cecília Niesemlat e Francisco Aron. É teatro gaúcho que merece ser prestigiado.

OUTRAS ATRAÇÕES

No Teatro de Arena, prosseguem as apresentações de "Um Dois Três de Oliveira Quatro", texto de Lafayette Galvão, que alguns críticos consideraram como o melhor de 1970. A montagem é dirigida por Ana Maria Taborada e tem como intérpretes Jesus Tubalcaim, Alba Rosa e a revelação de Miguel Ramos. Haverá espetáculos hoje, amanhã e domingo, sempre às 21 horas.

"Show de Variedades de Amsterdam" chega ao fim de suas apresentações neste fim-de-semana, depois de uma temporada de êxito popular. O espetáculo reúne diversas atrações: mágicos, acróbatas, marionetes e bailarinos. A companhia fará apresentações até domingo, no Teatro Leopoldina, às 21 horas. Sábado, haverá vespéral às 16 horas, promovido pela Divisão de Cultura da SMEC. Domingo, serão realizadas três sessões: às 10, 16 e 21 horas.



Roberto Nara, Leila, Faleiro e Arines ensaiam "Sonho de uma Noite de Verão"

o velho shakespeare interpretado por muita gente m^oça

Muito se espalha de «Sonho de uma noite de verão», obra de Shakespeare que o Teatro de Província estréia, hoje à noite, no Teatro de Câmara. Peça feita por gente jovem, que sabe muito bem o que quer, que trabalha com a força de toda sua juventude e que deseja dar um bom teatro a Porto Alegre. Entre seus planos está em conseguir um novo público, gente jovem que não está acostumada aos espetáculos teatrais, mas que é inteligente e que certamente tem tudo para gostar de teatro e saber valorizar o trabalho dos nossos jovens atores. A estréia se-



rá das mais movimentadas, pois é patrocinada por um grupo de garotas; todos os presentes (menores de 25 anos) deverão se vestir como «hippies», para estar de acordo com o moderninho, como a peça de Shakespeare está sendo encenada. Isso prova que existe gente «prá frente» em nossa cidade. A apresentação de «Sonho de uma noite de verão» é um dos grandes momentos teatrais deste ano em Porto Alegre ao lado de «Ascensão e Queda de Arturo Ui», de Bertold Brecht, que será uma das próximas apresentações do Teatro de Arena, outro grupo batalhador em prol dos bons espetáculos.

TODOS FALANDO

Neila Kiesling (Hipólita): «Estou tranqüilíssima. Não estou me preocupando com a peça. Gosto de fazer Hipólita, pois me sinto por cima. Olho todos lá de cima. Até que um dia conseguirei um papel assim».

José Ronaldo Falleiro (Egeu): «O que me interessa é fazer o Comediante, pois como Egeu (o pai autoritário) interpreto uma pessoa antipática por excelência. Sobre o Comediante: me diverte fazer Tisbie que, segundo as palavras de Shakespeare, é uma dama de formosura rara».

Maria Luísa Martini (Titânia): «A Titânia é tri-louca e eu adoro ser tri-louca no palco, pois não posso ser tri-louca na vida real».

José Gonçalves (Bobino, um dos Comediantes): «Fui o mais observado no ensaio de hoje: o campeão da observação, pelo diretor. Estou todo embobinado para o papel».

Susana Saldanha (Helena): «Essa é minha primeira experiência como profissional. Foge de todo o meu estilo, mas estou me botando à prova. PT Saudações. S. S. ataca novamente».

Roberto Luiz (Lisandro): «Sou o a-

mante fiel e inconstante. Também essa é a minha primeira experiência como profissional, sendo a minha primeira concepção de espetáculo que vem realmente ao encontro daquilo que eu sempre quis fazer».

Grça Nunes (Hércia): «Sou a Namorada do Lisandro. Estou contente com o rumo que as coisas estão tomando, pois minha obrigação é adquirir técnica e estou trabalhando com um bom diretor, desenvolvendo minhas qualidades de atriz».

Cecília Nisemblatt (Puck, o Geniozinho): «Esse trabalho, para mim, marca um espírito de renovação, no sentido de me divertir com o que faço: gritar, pular, saltar... O único senão, se não tomo cuidado, é ficar com o pé luxado, como já estou nos ensaios».

Francisco Aron (Oberon): «Meu grande problema ao fazer uma peça é, depois de tê-la feita, apagar tudo o que fiz. Só tomo conhecimento do sucesso para enfrentar, o que vier, com soluções novas e não enfrentar essa coisa nova com o conhecimento velho; não resolver coisas de hoje com soluções de ontem».

Isabel Iblis (Teseu): «Faço dois papéis totalmente diferentes, além dos figurinos. Explorei nos trajes quatro linhas básicas. Os personagens do mundo da Luz tem uma linha clássica, em branco e amarelo, muita nobreza e classe. Os Fantásticos fazem o Mundo das Trevas: cores quentes, linhas arrojadas, dinâmicos. Aos Namorados, personagens vacilantes, procurei identificar com os jovens de hoje, mais vacilantes que os de Shakespeare. E ainda os Comediantes: gente grotesca, bem chão, com quêz d estelenovela».

Nara Keesermann (Grão de Mostarda, a Fada): «Exatamente o tipo de personagem que eu gosto de fazer, que me está agradando. Muita movimentação e vivacidade. Essas coisas assim...»



José Carlos Henn (Demétrio): «A primeira coisa importante é fazer Shakespeare, o que todo ator quer. Outro fato importante é trabalhar com Luiz Artur, pois além de dirigir o espetáculo ele sabe também dirigir o ator».

Maria Helena Lopes (Coreógrafa de uma das danças): «Confiança no velho Shakespeare e no jovem Luiz Artur».

Luiz Artur Nunes (o Diretor): «Devo dizer que Shakespeare não é mole, não. Mas, como diz Lella Diniz, o bom diretor tem que ser duro. O Bill me armou uma série de armadilhas, mas espero não ter caído em nenhuma».

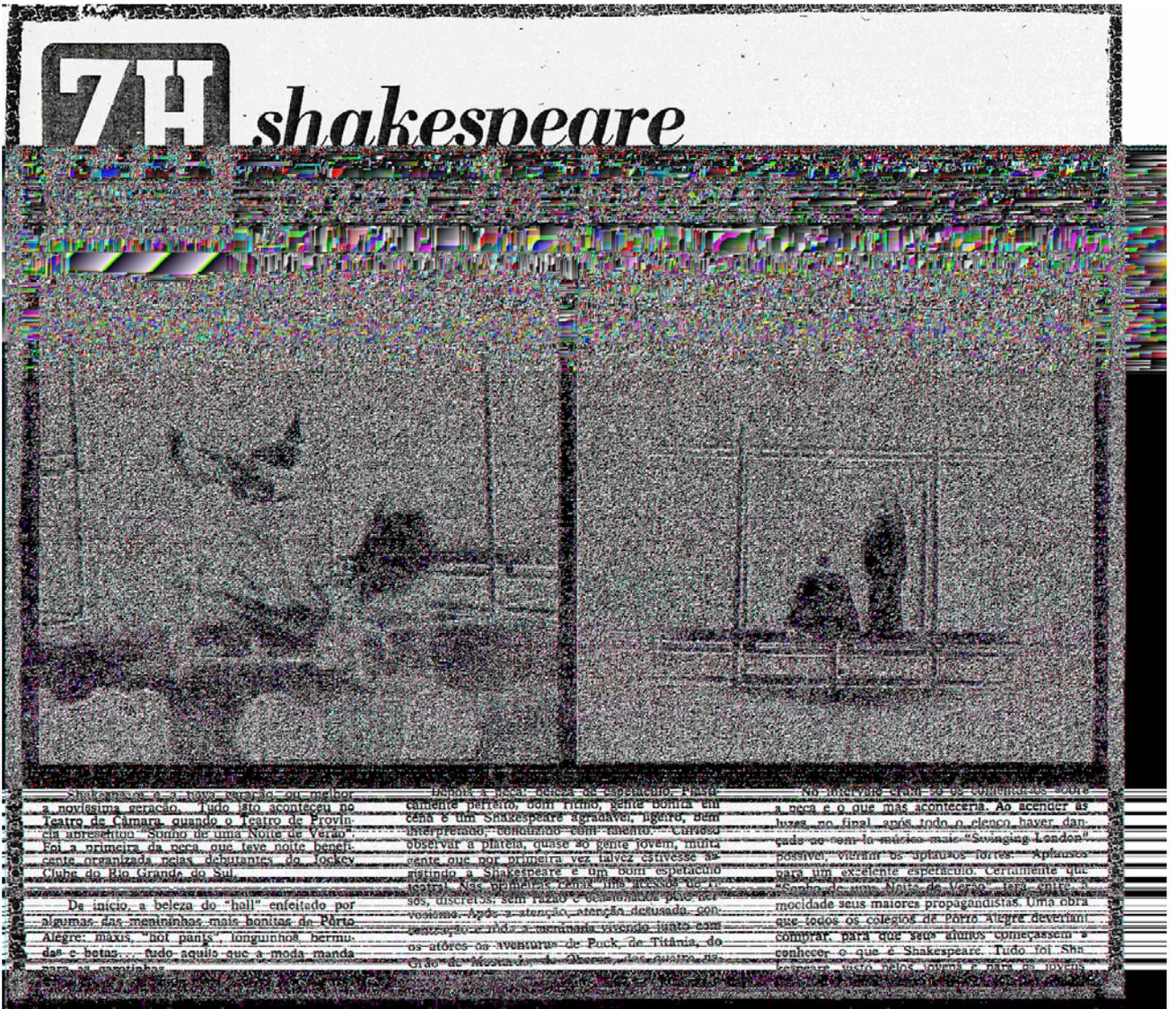
Isabel Iblis (Relações Públicas): «Fazer Relações Públicas do «Sonho» é fabuloso. Não posso me badalar. Chegal».

Antônio Augusto Uffacher (o Iluminador): «Tento igualar o trabalho de iluminação com a direção. É um trabalho diferente e espero que funcione. Não vou ser eu a julgar e sim o público».

E AGORA, TEATRO DE PROVÍNCIA?

Que a turma é talentosa, não resta a menor dúvida. É só esperar pela estréia e que o público goste do espetáculo. Certamente que tudo sairá bem.





7H shakespeare

Shakespeare e a nova geração ou melhor a novíssima geração. Tudo isto aconteceu no Teatro de Câmara quando o Teatro de Provença apresentou "Sonho de uma Noite de Verão". Foi a primeira da peça que teve noite beneficente organizada pelas debutantes do Jockey Club do Rio Grande do Sul.

De início, a beleza do "hall" enfeitado por algumas das mentinhas mais bonitas de Porto Alegre: máx, "hot pants", longuinhas bermudas e betas... tudo aquilo que a moda manda para as raparigas.

Dennis a peça: beleza de espetáculo. Pasadamente perfeito, bom ritmo, gente bonita em cena e um Shakespeare agradável, ligeiro, bem interpretado. Envolvendo bem o espectador, observar a platéia, quase ao ponto jovem, muita gente que por primeira vez talvez estivesse assistindo a Shakespeare e um bom espetáculo. Nas plateias havia uma presença de pessoas discretas, sem ruído e desconforto para os vizinhos. Após a atuação, atenção dedicada com generosidade e não a mercurialidade vivida com os atores as aventuras de Puck, de Titânia, do Grao do Mostarda e Obacem, das quatro as

No intervalo eram só as comentários sobre a peça e o que mais aconteceria. Ao acender as luzes no final após todo o elenco haver dançado ao som da música mais "Swinging London" possível, viraram os aplausos fortes. Aplausos para um excelente espetáculo. Certamente que a peça foi muito bem recebida e que a juventude seus maiores propagandistas. Uma obra que todos os colegas de Porto Alegre deveriam comprar, para que seus alunos começassem a conhecer o que é Shakespeare. Tudo foi Shakespeare, tudo pelos jovens e para os jovens.

Matéria jornalística 5: Zero Hora, Porto Alegre, 22 mar. 1971, ZH Variedades, capa. .



PÚBLICO RECORDE PARA NOITE DE SHAKESPEARE



Batendo recordes de bilheteria — em dez espetáculos mais de mil e quinhentas pessoas — o Grupo Província continua apresentando no Teatro de Câmara de Pôrto Alegre uma versão moderna de

«Sonho de Uma Noite de Verão», de Shakespeare.

Na foto, um aspecto da cena final do espetáculo, que é dirigido por Luiz Arthur Nunes.

TEATRO



Um Sonho de sucesso

«Sonho de Uma Noite de Verão» tem tido casa lotada a cada apresentação. O Teatro de Câmara não consegue acomodar todo pessoal que quer ver a Luís Artur Nunes de William Shakespeare. Depois de 10 apresentações mais de 1.500 pessoas já tinham assistido ao «Sonho». E o interesse do público é o atestado de que o trabalho do Teatro da Província é bom mesmo. Tem tudo para agradar. Além de um bom elenco — reúne atôres que estão entre os nossos melhores — é um espetáculo de vanguarda, uma visão toda nova da velha peça.

Um dos responsáveis pelo sucesso do «Sonho» é Francisco Aron, que dá conta do recado à altura de Shakespeare e do diretor Luís Artur. Chico Aron já mostrou várias vezes o seu talento. Agora bota pra quebrar e prova que o teatro gaúcho atingiu um nível que não fica devendo nada para ninguém. «Sonho de Uma Noite de Verão» está no Teatro de Câmara — Rua da República — de quintas a domin-

ARTES

LUIZ CARLOS LISBOA

MINI-NOTAS

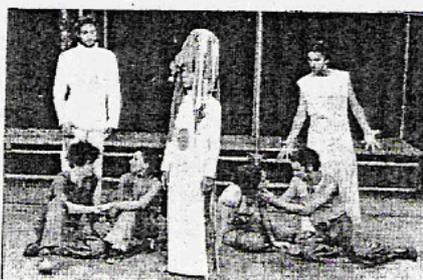
- * Tânia Carvalho está se revelando uma excelente «marchand de Tableaux», em seu trabalho na «Esphera Galeria».
- * Apesar do sucesso (sucesso mesmo) que está fazendo «Sonho de uma noite de verão», no Teatro de Câmara da Prefeitura, o Teatro de Província já começou os ensaios de «O Baile dos Ladrões», de Jean Anouilh. A direção é de Carlos Camargo a estréia será, talvez, no dia 20 de maio. No elenco muita gente conhecida como Susana Saldanha, José Carlos Henn, Haidée Pôrto, Nara Keisermann, Roberto Luiz, a pintora Magliani, José Ronaldo Faleiro, Francisco Aron, Luiz Carlos Magalhães e Raul Machado.
- * Lara Pascal De Kraft foi a Caxias a fim de organizar a mostra que fará naquela cidade, tendo o patrocínio da Universidade local e da Escola de Artes. Trabalhando para a realização, e também como futuro «marchand de tableaux», o colunista Paulo Gargioni.
- * O gaúcho Milton Persson, tradutor de «Sete Minutos» e «Aeroporto», entre outros «best-sellers», está trabalhando na tradução de «Islands in the Stream», o livro póstumo de Ernest Hemingway. Milton reside aqui mesmo, em Pôrto Alegre, e faz traduções para a «Nova Fronteira», do Rio de Janeiro.



Maria Luísa Martini e Francisco Aron,
«Sonho de uma noite de verão».

- * No final de abril a estréia, no auditório do Círculo Social Israelita, da peça «Flicts», baseado no livro de Ziraldo. Uma produção de Luiz Francisco Fabretti, com direção de Maria Helena Lopes.
- * Lygia Vianna Barbosa está como representante da revista «Palco + Platéia», de São Paulo, especializada em assuntos teatrais, como bem diz o nome. Por isso Lygia está pedindo que os produtores dos espetáculos teatrais em nossa capital (em cena ou prontos para estrearem) enviem fotos, dados, datas e teatros que as peças estejam sendo encenadas. O endereço é o seguinte: Andradas 1049, 2º andar — Caixa Postal 76 — Pôrto Alegre.
- * O Conselho Regional da Ordem dos Músicos do Brasil, no Rio Grande do Sul, tem nova diretoria, formada por J. C. Paixão Cortes (presidente), Salvador Campanella (vice-presidente), Nicolau Kersting (1º secretário), Ethevaldo Zlotowski (2º secretário) e Hilda Peterson Forti (tesoureira).

*mais de 1.500 espectadores
aplaudiram já “o sonho...”*



O Teatro de Câmara está apresentando a peça de Shakespeare «Sonho de uma noite de verão», que está se constituindo no maior sucesso de teatro neste ano, que recém principiou. O êxito tem sido tão grande que, num pequeno auditório de 210 pessoas, a peça foi assistida, em dez representações, por mais de mil e quinhentas pessoas. O espetáculo está em cartaz de quinta a domingo. Na fotografia parte do elenco do Teatro de Província, formado por gente jovem e talentosa, aparecendo José Carlos Henn, Susana Saldanha, Neila Kiesling, Graça Nunes e Roberto Luiz; de pé, no fundo, Arines Ibias e José Falleiro. Bravos para toda essa juventude!

ANEXO D – FOTOGRAFIAS DA MONTAGEM DE 2006



Fotografia 1: O espaço cênico e a proximidade entre atores e espectadores, Cena I, Ato I.
Porto Alegre, 2006
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Ilustração 2: a atriz Marina Mendo , os atores Tadeu Liesenfeld e Álvaro Vilaverde executam trilha sonora ao vivo. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 3: Hérnia (Renata de Lélis) e Lisandro (Leonardo Machado), cena I, Ato I.
Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 4: Helena (Marina Mendo) é iluminada por Roberta Savian, cena I, Ato I.
Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 5: os artesãos Profundo (Heinz Limaverde), Sarrafo (Lisandro Bellotto), Flauta (Marcelo Bulgarelli), Faminto (Álvaro Vilaverde) e, ao fundo, Marima Mendo. Cena II, Ato I. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 6: Profundo (Heinz Limaverde) na cena II do Ato I.
Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 7: Titânia (Luciana Kunst), Oberon (Sergio Etchichury) e as Fadas, cena I, Ato II. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 8: As fadas Teia de Aranha (Álvaro Vilaverde), Flor de Ervilha (Lisandro Bellotto) e Semente de Mostarda (Marcelo Bulgarelli), cena II, Ato II. Porto Alegre, 2006. Fotografia de Luciana Mena Barreto



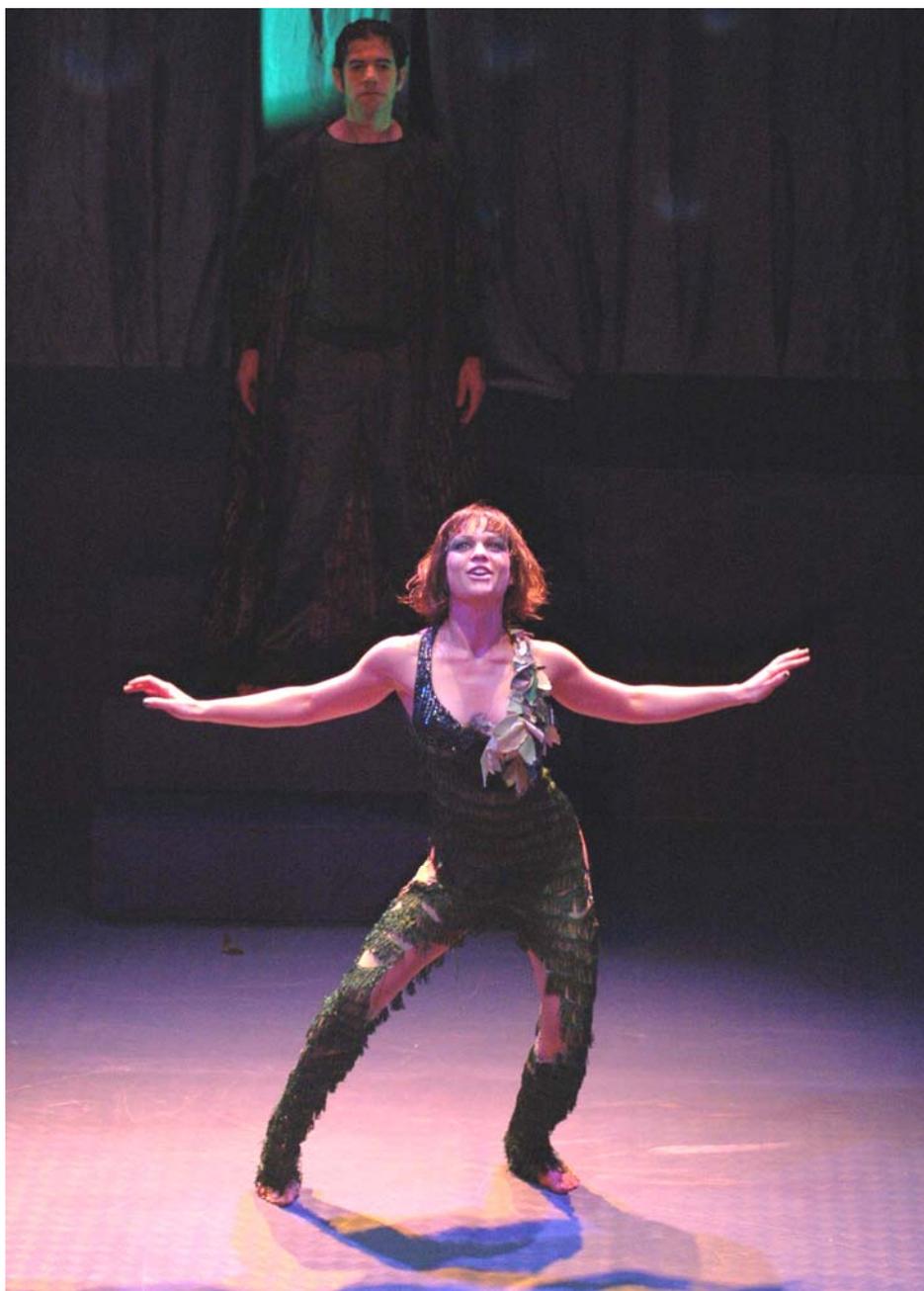
Fotografia 9: Titânia (Luciana Kunst) e seu séquito (Álvaro Vilaverde, Lisandro Bellotto e Marcelo Bulgarelli), cena II, Ato II. Porto Alegre, 2006. Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 10: Demétrio (Tadeu Liesenfeld) e Hércia (Renata de Lélis) na cena II do Ato II.
Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 81: Helena (Marina Mendo), Lisandro (Leonardo Machado) e Hérnia (Renata de Lélis), cena II do Ato II. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 92: Puck (Roberta Savian) e Oberon (Sergio Etchichury), cena II, Ato III.
Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



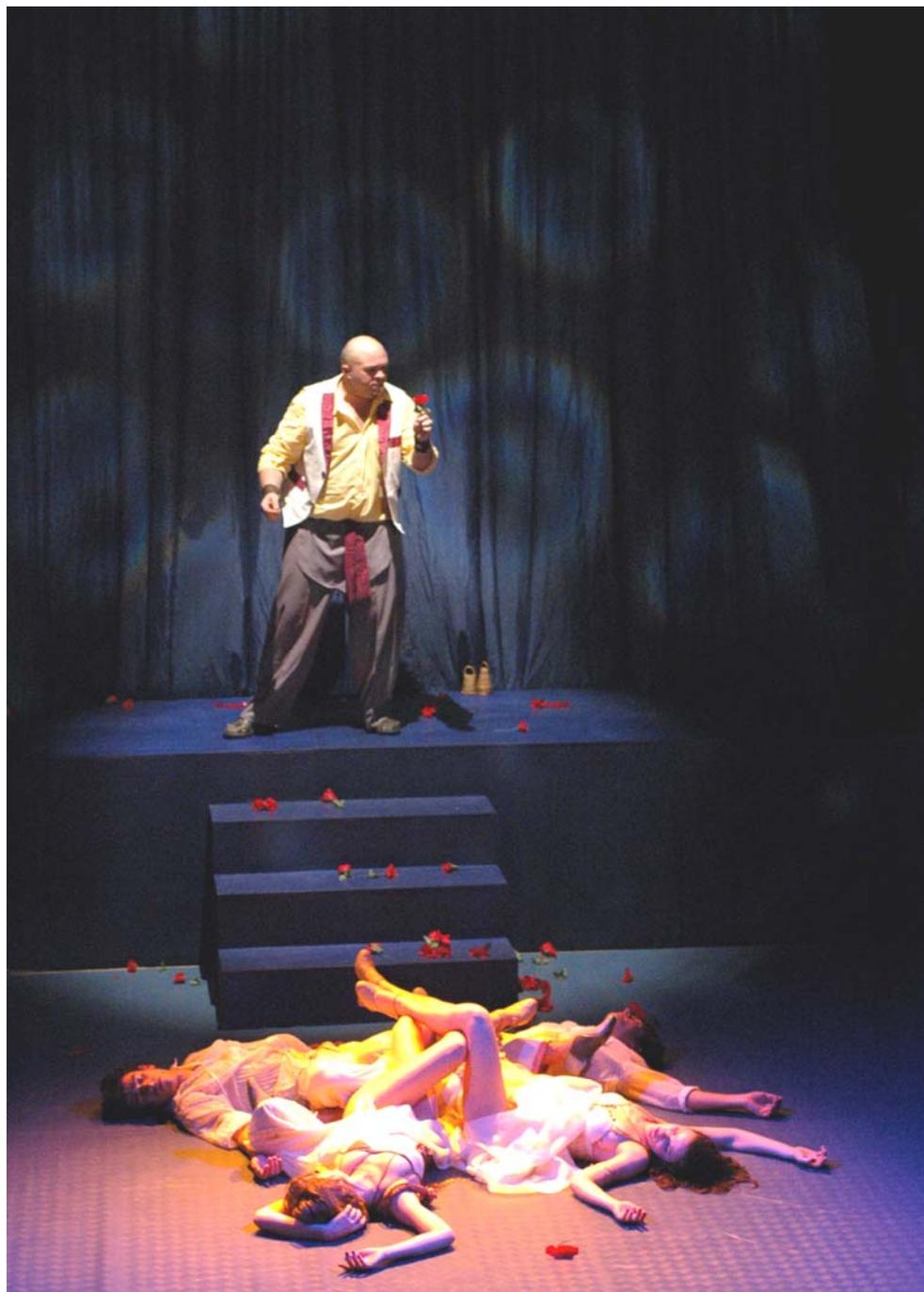
Fotografia 103: Helena (Marina Mendo), Lisandro (Leonardo Machado), Demétrio (Tadeu Liesenfeld) e Hérnia (Renata de Lélis) na cena II do Ato III. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 114: Puck (Roberta Savian) e Lisandro (Leonardo Machado) no final do Ato III. Porto Alegre, 2006. Fotografia de Luciana Mena Barreto.



Fotografia 125: Titânia (Luciana Kunst) e Profundo (Heinz Limaverde) na cena I do Ato IV. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 136: Profundo (Heinz Limaverde) e os amantes (Renata de Lélis, Marina Mendo, Tadeu Liesenfeld e Leonardo Machado) na cena I do Ato IV. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 147: Flauta/Tisbe (Marcelo Bulgarelli), Faminto (Álvaro Vilaverde) e Sarrafo (Lisandro Bellotto) na cena I do Ato V. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 158: Tisbe (Marcelo Bulgarelli) e Píramo (Heinz Limaverde) na cena I do Ato V.
Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto



Fotografia 19: o elenco recebe os aplausos. Porto Alegre, 2006.
Fotografia de Luciana Mena Barreto